

Volume 1

Educação no Lar



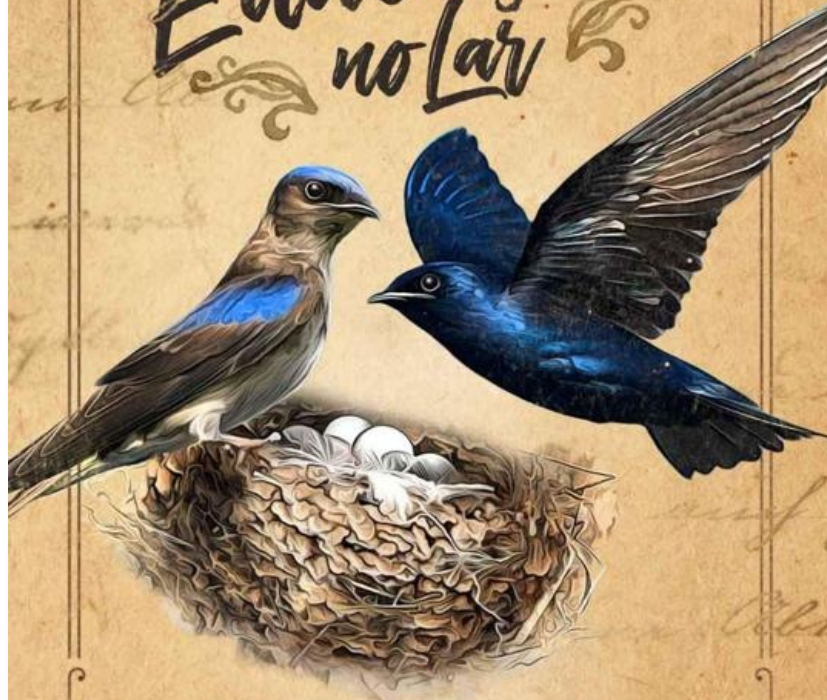
Charlotte M. Mason

Tradução: Arielle Pedrosa



Volume 1

Educação no Lar



Charlotte M. Mason

Tradução: Arielle Pedrosa

Educação No Lar por Charlotte Mason

Volume 1

Tradução de Arielle Pedrosa

Contents

Title Page
Copyright
Apresentação
Prefácio à Edição Brasileira
Prefácio à Série Educação no Lar
Prefácio à Quarta Edição
PARTE I
Introdução
Capítulo I - Um Método de Educação
Capítulo II - As Posses da Criança
Capítulo III - Ofendendo a Criança
Capítulo IV - Desprezando a Criança
Capítulo V - Impedindo a Criança
Capítulo VI - Condições de Atividade Cerebral Saudável
Capítulo VII - 'O Reino da Lei' na Educação
PARTE II
Capítulo I - Um Tempo de Crescimento
Capítulo II - Saídas de Campo
Capítulo III - Pintando Cenários
Capítulo IV - Flores e Árvores
Capítulo V - "Criaturas Vivas"
Capítulo VI - Guias de Campo e Livros de Naturalistas
Capítulo VII - A Criança Obtém Conhecimento por meio dos Seus Sentidos
Capítulo VIII - A Criança Deve se Familiarizar Com os Objetos Naturais
Capítulo IX - Geografia ao Ar Livre
Capítulo X - A Criança e a Mãe-Natureza
Capítulo XI - Brincadeiras ao Ar Livre, Etc.
Capítulo XII - Passeios Em Más Condições Climáticas
Capítulo XIII - Vida de "Índio Pele Vermelha"
Capítulo XIV - As Crianças Precisam do Ar Campestre
PARTE III
Capítulo I - Educação Baseada na Lei Natural
Capítulo II - As Crianças Não Têm Poder de Se Obrigar
Capítulo III - O que é "Natureza"?
Capítulo IV - O Hábito Pode Suplantar a 'Natureza'
Capítulo V - O Estabelecimento dos Trilhos do Hábito
Capítulo VI - A Fisiologia do Hábito
Capítulo VII - A Formação De Um Hábito - "Feche a porta Atrás de Si"
Capítulo VIII - 'Hábitos' Infantis
Capítulo IX - Exercícios Físicos
Parte IV
Introdução
Capítulo I - O Hábito da Atenção
Capítulo II - Os Hábitos da Aplicação, etc.
Capítulo III - O Hábito do Raciocínio
Capítulo IV - O Hábito da Imaginação
Capítulo V - O Hábito de Guardar na Memória
Capítulo VI - O Hábito da Execução Perfeita
Capítulo VII - Alguns Hábitos Morais: Obediência
Capítulo VIII - Autenticidade
PARTE V
Capítulo I - O Conteúdo e o Método das Lições
Capítulo II - O Jardim de Infância Como Um Lugar de Educação
Capítulo III - Considerações Adicionais Sobre o Jardim de Infância
Capítulo IV - Leitura[45]
Capítulo V - A Primeira Lição de Leitura
Capítulo VI - Leitura à Vista e ao Som

[Capítulo VII - Recitação](#)
[Capítulo VIII - Leitura Para Crianças Mais Velhas](#)
[Capítulo IX - A Arte da Narração](#)
[Capítulo X - Escrita](#)
[Capítulo XI - Transcrição](#)
[Capítulo XII - Ortografia e Ditado](#)
[Capítulo XIII - Redação](#)
[Capítulo XIV - Lições Bíblicas\[148\]](#)
[Capítulo XV - Aritmética](#)
[Capítulo XVI - Filosofia Natural](#)
[Capítulo XVII - Geografia](#)
[Capítulo XVIII - História](#)
[Capítulo XIX - Gramática](#)
[Capítulo XX - Francês](#)
[Capítulo XXI - Arte Pictórica](#)
[PARTE VI](#)
[Capítulo I - A Vontade](#)
[Capítulo II - A Consciência](#)
[Capítulo III - A Vida Divina na Criança](#)
[Apêndices](#)
[A. A Avaliação de Uma Criança de Sete Anos](#)
[B. A Avaliação de Uma Criança de Nove Anos](#)

Direitos Autorais

Public Domain, by Charlotte M. Mason
Título Original: Home Education, Volume 1
Traduzido da Quinta Edição publicada em 1906



Copyright © 2018 Editora Educação no Lar
1a Edição em Português: 2018



Todos os direitos desta tradução reservados por
Arielle Pedrosa, Editora Educação no Lar.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTA LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO
ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Tradução: Arielle Pedrosa
Revisão: Karis Anglada e Anna Layse Davis
Diagramação: Marcos Jundurian
Capa: Walison Borges de Eça

Apresentação

Andorinhas azuis são lindas. A aparência do macho se distingue bastante da aparência da fêmea. Sua coloração se destaca enquanto voam pelo ar capturando uma grande variedade de insetos. Elas se servem de um verdadeiro banquete. Estas aves são características da América e são migratórias. Elas se agrupam em bandos e se estabelecem na América do Norte desde a primavera até a chegada do inverno. Lá as andorinhas azuis fazem seus ninhos, chocam seus ovos e alimentam seus filhotes. As fêmeas chocam os ovos mas, então, macho e fêmea, ambos se revezam para alimentar seus filhotes até que estejam prontos para deixar o ninho, para que os filhotes se desenvolvam em um ritmo rigoroso e estejam preparados para uma longa viagem rumo ao Sul. Com a chegada do inverno no Norte eles, então, migram para a América do Sul anunciando, com sua chegada, o verão.

Andorinhas azuis nos ensinam algo sobre este livro. Já no início desta obra, Charlotte faz distinção entre mães e pais, dizendo que “é das mães do presente que o futuro do mundo depende em grau muito maior do que dos pais, porque as mães possuem a total direção dos primeiros anos da criança, os anos mais impressionáveis”. Contudo, não podemos parar por aí, pois a formação de uma criança depende de que ela seja devidamente alimentada ao longo de toda a sua infância, o que vai muito além de seus primeiros anos e, para o sucesso desta tarefa, tanto o pai quanto a mãe devem estar empenhados.

E qual é a função dos pais senão servir aos seus filhos um verdadeiro banquete tanto de comida física quanto de comida espiritual? Este alimento de qualidade será responsável pelo desenvolvimento apropriado das crianças que rapidamente se tornarão capazes de agir por si mesmas, não negligenciando ou descartando seus pais, mas seguindo seu exemplo, aprendendo com sua maturidade e alçando voos “em bando” até estarem, enfim, preparadas para a grande missão de estabelecerem suas próprias famílias.

Charlotte Mason é inglesa e não Norte Americana, mas seus ensinamentos chegaram até nós a partir de grandes mentes que resgataram ali sua rica filosofia e seus ensinamentos preciosos. Como uma andorinha que migra para terras brasileiras buscando um clima quente com novas oportunidades, os escritos de Charlotte alçaram voo e migraram para nossas terras para anunciar a chegada do nosso verão. Um verão que não tem exatamente uma relação com a estação vigente. Você consegue ver? Há um verão espiritual aquecendo nossas terras e despertando amor pelo conhecimento, pelos livros, pela aprendizagem.

Meu desejo é que este livro seja capaz de te despertar para a chegada do verão. Que, então, você possa sentir o sol do conhecimento aquecendo sua vida e te despertando cedo a cada dia para obter um pouco mais, para viver um pouco mais, e para compartilhar este calor com seus familiares, seus amigos e seus filhos.

Arielle Pedrosa Eça,
A Tradutora.

Prefácio à Edição Brasileira

Charlotte Mason escreve: “Dizemos sobre uma ideia que ela nos atinge, nos impressiona, nos captura, toma posse de nós, nos governa; (...) Não exageramos em atribuir esse tipo de ação e poder a uma ideia” (volume 2, p. 34). Estas ideias que nos atingem, nos impressionam, nos capturam são chamadas de “idéias vivas”. As melhores ideias vivas nos inspiram à reflexão e à ação; elas “crescem e dão frutos na forma de uma sucessão de ideias análogas” (volume 1, p. 173 do original).

Aonde podemos encontrar ideias vivas? Certamente na natureza, no melhor da música e da poesia, e nas grandes obras de arte. Mas talvez, durante a maior parte do tempo, recebemos nossas ideias vivas de livros especiais que são chamados de “livros vivos”. Como encontramos esses livros vivos? A senhorita Mason nos dá uma dica: “Um livro pode ser longo ou curto, velho ou novo, fácil ou difícil, escrito por um grande homem ou um homem inferior, e ainda assim ser o livro vivo que encontra o caminho para a mente” (volume 3, p. 228). Em outras palavras, o único teste real é se o livro realmente atinge e captura a mente do leitor. Podemos reconhecer um livro vivo quando o vemos envolvido no “abrir ou fechar das portas da mente”.

Eu sei o que acontece quando uma ideia viva atinge alguém: homem, mulher ou criança. Eu tenho visto o brilho em seus olhos e ouvido o tom em sua voz. Quando uma pessoa é cativada por uma ideia viva, o impacto é refletido até na expressão de seu rosto. Posso dizer-lhe por experiência que encontrei seis livros vivos. Eles foram escritos por Charlotte Mason, e são chamados de pelo nome da Série Educação no Lar.

Você deseja aprender o método de Charlotte Mason? Asseguro-lhe que “nenhum simples resumo seco dos fatos servirá” (volume 2, p. 277). Você precisa de um pensamento vivo. Por muito tempo esses seis livros vivos só estiveram disponíveis para o mundo de língua inglesa. Algumas ideias vitalizantes são boas demais para isso. Graças ao trabalho de Charlotte Mason Brasil, posso convidá-lo a sentar, ler este maravilhoso livro e observar as ideias vivas respingarem sucessivamente em sua mente.

Art Middlekauff
Charlotte Mason Poetry
Michigan, 2018

Prefácio à Série Educação no Lar

O cenário educacional se encontra demasiadamente nebuloso e deprimente, tanto no lar como fora dele. Diz-se que a ciência deve ser um elemento básico da educação; que o ensino do latim, das línguas modernas e da matemática deve ser reformado; que a natureza e o artesanato devem ser utilizados para o treinamento dos olhos e das mãos; que meninos e meninas devem aprender a escrever em inglês e, para isso, devem conhecer algo de história e literatura; e, por outro lado, que a educação deve ser mais técnica e utilitária — estes e outros são os gritos da conveniência com os quais entramos em contato quando adentramos o campo educacional. Mas não temos um princípio unificador, nem um alvo definido; de fato, nenhuma filosofia de educação. Da mesma forma que um riacho não pode elevar-se além da sua fonte, é provável que nenhum esforço educativo possa elevar-se além de todo o esquema de pensamento que lhe dá origem; e, talvez, esta seja a razão de todas as falhas, desvanecimentos, fracassos e decepções que marcam os nossos registros educacionais.

Aqueles de nós que passaram tantos anos buscando uma visão benigna e elusiva da Educação percebem que as suas abordagens são reguladas por uma lei, e que esta lei ainda precisa ser evocada. Podemos discernir os seus contornos, mas não mais do que isso. Sabemos que é pervasiva: não há qualquer parte da vida familiar ou do trabalho escolar de uma criança em que a lei não penetre. É elucidativa também, esclarecendo o valor, ou a falta de valor, de mil sistemas e recursos. Não é apenas uma luz, mas uma medida, fornecendo um padrão pelo qual todas as coisas, pequenas e grandes, pertencentes ao trabalho educacional, devem ser testadas. A lei é liberal, levando em conta tudo o que é verdadeiro, honesto e de boa fama, e não oferecendo qualquer limitação ou impedimento, exceto quando o excesso pode prejudicar. E o caminho indicado pela lei é contínuo e progressivo, sem qualquer transição desde o berço até a sepultura, exceto quando a maturidade assume a autodireção regular para qual a imaturidade foi treinada. Sem dúvida veremos, quando apreendermos esta lei, que certos pensadores alemães — Kant, Herbart, Lotze, Froebel — estão justificados, pois, como eles dizem, é necessário crer em Deus; e portanto, o conhecimento de Deus é o principal conhecimento e o principal fim da educação. Seremos capazes de reconhecer esta perfeita lei da liberdade educacional quando ela se tornar evidente por uma característica a mais: tem-se afirmado que a melhor ideia que podemos formar da verdade absoluta é que ela é viável para satisfazer todas as condições pelas quais pode ser testada. Isso devemos esperar de nossa lei — que ela satisfaça todos os testes empíricos e todos os testes da investigação racional.

Não tendo recebido as tábuas de nossa lei, recorremos a Froebel ou a Herbart; ou, se pertencermos a outra Escola, a Locke ou a Spencer; mas não estamos satisfeitos, há um descontentamento. Será esse um descontentamento divino? Paira sobre nós; e seguramente devemos elogiar uma filosofia educacional viável e eficaz como um livramento de grande perplexidade. Antes que esse grande livramento venha sobre nós, é provável que muito esforço preliminar seja dedicado, tendo mais ou menos as características de uma filosofia; particularmente, tendo uma ideia central, um corpo de pensamento com vários membros trabalhando em harmonia vital.

Tal teoria da educação, que não precisa temer chamar-se de sistema psicológico, deve estar em harmonia com os movimentos de pensamento de sua época; deve considerar a educação não como um compartimento fechado, mas como sendo uma parte da vida, tanto quanto o nascimento ou o crescimento, o casamento ou o trabalho; e deve deixar o aluno ligado ao mundo em muitos pontos de contato. É verdade que os educadores já estão ansiosos para estabelecer este contato em várias direções, mas seus esforços repousam sobre um axioma aqui e uma ideia acolá, e não há uma ampla base unificadora de pensamento para apoiar o todo.

Os tolos correm para lugares onde os anjos temem pisar; e a esperança de que hajam esforços preliminares em direção a uma filosofia da educação, e de que todos eles nos aproximem da *magnum opus*^[1], me encoraja a lançar uma tal tentativa. O pensamento central, ou melhor, o corpo do pensamento que eu encontrei é o fato um tanto óbvio de que a criança é uma pessoa, com todas as possibilidades e poderes incluídos em uma personalidade. Alguns dos membros que se desenvolvem a partir deste núcleo têm sido explorados de tempos em tempos por pensadores educacionais, e existe vagamente, no senso comum geral, uma noção aqui, outra ali. Uma tese, que talvez seja nova, de que *a Educação é a Ciência das Relações*,

parece-me resolver a questão dos currículos, já que mostra que o objetivo da educação é colocar a criança, tanto quanto possível, em vivo contato com a vida da Natureza e do pensamento. Acrescente-se a isto uma ou duas chaves para o autodidatismo e o jovem educado avançará com alguma ideia de autogestão, com algumas buscas e muitos interesses vitais. A minha desculpa para aventurar-me a oferecer uma solução, embora preliminar e passageira, para o problema da educação é dupla. Primeiramente, entre trinta e quarenta anos, trabalhei sem parar para estabelecer uma teoria filosófica e eficiente da educação; e, em segundo lugar, cada um dos artigos da fé educacional que ofereço foram alcançados por meio de processos indutivos; e foram, penso eu, verificados por uma longa e ampla série de experimentos. É, no entanto, com sincera desconfiança que me arrisco a oferecer os resultados desse longo trabalho; porque sei que neste campo há vários trabalhadores muito mais capazes e experientes do que eu — os anjos que temem pisar, tão precário é o fundamento!

Mas, se puder apenas *pour encourager les autres*^[2], acrescento aqui um breve resumo da teoria de educação apresentada nos volumes da série Educação no Lar. O tratamento não é metódico, mas incidental; um pouco aqui, um pouco ali, como me pareceu mais apropriado para atender às necessidades dos pais e professores. Devo acrescentar que, no decurso de uma série de anos, vários ensaios foram preparados para uso da União Nacional de Pais Educadores, na esperança de que essa Sociedade possa testemunhar um corpo de pensamento educacional mais ou menos coerente.

"Grande é a consequência da verdade, portanto o seu julgamento não deve ser negligente." - Whichcote

1. As crianças nascem *peçoas*.
2. Elas não nascem boas ou más, mas com possibilidades para o bem ou para o mal.
3. Os princípios da autoridade, por um lado, e da obediência, por outro, são naturais, necessários e fundamentais; mas
4. Esses princípios são limitados pelo respeito devido à personalidade das crianças, a qual não deve ser usurpada, seja por medo ou amor, sugestão ou influência, ou por jogo indevido sobre qualquer desejo natural.
5. Portanto, estamos limitados a três instrumentos educacionais — a atmosfera do ambiente, a disciplina do hábito e a apresentação de ideias vivas.
6. Declarar que "Educação é uma Atmosfera", não significa dizer que uma criança deve ser isolada no que pode ser chamado de "ambiente infantil" especialmente adaptado e preparado; mas que devemos levar em conta o valor educacional da atmosfera natural de seu lar, tanto em relação às pessoas quanto às coisas, e devemos deixá-la viver livremente em meio às suas condições particulares. Rebaixar o mundo de uma criança a um nível "infantil" a faz definhar.
7. Por "Educação é uma Disciplina", refiro-me à disciplina de hábitos formados definitiva e conscientemente, quer sejam hábitos da mente ou do corpo. Os fisiologistas nos falam da adaptação da estrutura cerebral às linhas habituais de pensamento — isto é, aos nossos hábitos.
8. Ao dizer que a "Educação é uma Vida", a necessidade de sustento intelectual e moral, tanto quanto físico, está implícita. A mente se alimenta de ideias e, portanto, as crianças devem ter um currículo generoso.
9. Mas a mente não é um receptáculo em que ideias devem ser lançadas; cada ideia sendo acrescentada a uma "massa aperceptiva" de seus semelhantes, conforme a teoria em que repousa a doutrina Herbartiana do interesse.
10. Pelo contrário, a mente de uma criança não é um mero saco de guardar ideias; mas sim, se me permitem usar esta figura, um *organismo* espiritual, com um apetite por todo conhecimento. Essa é a sua dieta apropriada, com a qual está preparada para lidar, e a qual pode digerir e assimilar, tal como o corpo faz com os alimentos.
11. Esta diferença não é uma trivialidade verbal. A doutrina Herbartiana lança sobre o professor o estresse da educação — a preparação do conhecimento em pedaços atraentes, apresentados na devida ordem. Crianças ensinadas segundo este princípio correm o risco de receber muito ensino com pouco conhecimento; e o axioma do professor é: "O que uma criança aprende importa menos do que a forma como ela aprende".
12. Mas, acreditando que a criança normal tem os poderes mentais apropriados para lidar com todo o conhecimento que lhe é apropriado, devemos dar a ela um currículo completo e generoso; cuidando apenas para que o conhecimento que lhe é oferecido seja vital — ou seja, que os fatos não sejam apresentados sem suas ideias esclarecedoras. Além dessa concepção, vem o princípio de que:

13. A Educação é a Ciência das Relações; isto é, uma criança tem relações naturais com um grande número de coisas e pensamentos, por isso devemos treiná-la em exercícios físicos, natureza, artesanato, ciência e arte e em *muitos livros vivos*; pois sabemos que nossa tarefa não é ensiná-la tudo sobre qualquer coisa, mas ajudá-la a tornar válidas, tanto quanto possível:

"Aqueles afinidades primogênicas,

Que ajustam nossa nova existência às coisas existentes".

14. Há também dois segredos de autogestão moral e intelectual que devem ser oferecidos às crianças; podemos chamá-los de "Caminho da Vontade" e "Caminho da Razão".

15. *O Caminho da Vontade*. As crianças devem ser ensinadas (a) a distinguir entre 'eu quero' e 'eu vou'. (b) que o caminho da vontade se trata, efetivamente, de desviar nossos pensamentos daquilo que queremos, mas não determinamos. (c) que a melhor maneira de desviar nossos pensamentos é pensar ou fazer algo muito diferente, divertido ou interessante. (d) que, depois de um pouco de descanso desta maneira, a vontade volta a atuar com novo vigor.

Nota: Esse suplemento à vontade nos é familiar na forma da diversão, cuja função é aliviar-nos por um tempo do esforço da vontade, para que possamos voltar a determinar com poder acrescentado. O uso de sugestão — incluindo a auto-sugestão — como um auxílio à vontade, deve ser depreciado, pois visa estultificar e estereotipar o caráter. Aparentemente, a espontaneidade é uma condição do desenvolvimento, e a natureza humana precisa da disciplina do fracasso tanto quanto do sucesso.

16. *O Caminho da Razão*. Também devemos ensinar as crianças a não "se apoiarem" (com muita confiança) "em seu próprio entendimento", porque a função da razão é dar uma demonstração lógica (a) da verdade matemática; e (b) de uma ideia inicial, aceita pela vontade. No primeiro caso, a razão é, talvez, um guia infalível, mas, no segundo, ela não é sempre segura, pois, quer a ideia inicial esteja certa ou errada, a razão a confirmará por meio de provas que não podem ser contestadas.

17. Portanto, à medida em que amadurecem o suficiente, as crianças devem ser ensinadas a entender tal ensinamento de que a principal responsabilidade que repousa sobre elas como pessoas é a aceitação ou rejeição de ideias iniciais. Para ajudá-las nessa escolha, devemos dar-lhes princípios de conduta e uma ampla gama de conhecimentos que lhes sejam apropriados.

Esses três princípios (15, 16 e 17) devem salvar as crianças de alguns pensamentos vagos e ações descuidadas, que fazem com que a maioria de nós viva em um nível inferior àquilo que precisamos.

18. Não devemos permitir o surgimento de qualquer separação entre a vida intelectual e "espiritual" das crianças; mas devemos ensiná-las que o Espírito divino tem acesso constante aos seus espíritos, e é um contínuo Ajudador em todos os seus interesses, deveres e deleites da vida.

A Série Educação no Lar é assim chamada devido ao título do primeiro volume, e não porque lida, total ou principalmente, com a educação no "Lar" em oposição à educação "Escolar".

Prefácio à Quarta Edição

Meu esforço, no presente volume, é propor aos pais e professores um método de educação que esteja fundamentado na lei natural; e abordar, neste sentido, os deveres da mãe para com seus filhos. Ao me aventurar a falar sobre esse último assunto, faço-o com a mais sincera deferência às mães, acreditando que, nas palavras de um sábio mestre dos homens: "a mulher recebe do próprio Espírito de Deus as intuições com respeito ao caráter da criança — a capacidade de apreciar sua força e sua fraqueza, a faculdade de trazer a primeira à tona e prestar auxílio em relação à segunda —, nas quais reside o mistério da educação, sem as quais todas as regras e medidas são completamente vãs e ineficazes". Mas, na medida em que uma mãe tem essa peculiar percepção em relação a seus próprios filhos, penso que sentirá a necessidade de conhecer os princípios gerais da educação, baseados na natureza e nas necessidades de todas as crianças. E este conhecimento da *ciência da educação* nem a melhor das mães receberá do céu, visto que normalmente não recebemos como presente aquilo que temos meios para obter por nossos próprios esforços.

Eu me arrisco a esperar que professores de crianças pequenas também possam achar esse volume útil. Esse período da vida de uma criança, entre o sexto e o nono ano, deve ser usado para estabelecer as bases de uma educação liberal, e do hábito da leitura como meio de instrução. Durante esses anos, a criança deve entrar no domínio do conhecimento, em muitas direções, de maneira serena e *consecutiva*, o que não será alcançado mediante o recurso tão pouco empolgante das aulas orais. Espero que os professores possam achar tal abordagem (que parte de um novo ponto de vista) para as chamadas "áreas de instrução" próprias às crianças pequenas de algum modo interessantes e estimulantes; e, possivelmente, os métodos que este novo ponto de vista menciona poderão revelar-se sugestivos e úteis.

O alvo específico deste volume, como membro da série 'Educação no Lar', é mostrar a influência da fisiologia do hábito sobre a educação: por que certos hábitos físicos, intelectuais e morais são um bem valioso para uma criança, e o que pode ser feito para a formação de tais hábitos. Reconheço minha dívida para com a *Fisiologia Mental* do Dr. Carpenter, por ensinamentos valiosos sobre os hábitos, contidos em dois ou três capítulos dessa obra. Além disso, gostaria de renovar os meus agradecimentos àqueles médicos amigos, que fizeram uma revisão cuidadosa e hábil das partes desta obra escritas sobre uma base fisiológica.

Devo acrescentar que, há vinte anos (1885), a maior parte deste volume foi oferecida como "Palestras para Senhoras", e posteriormente transformaram-se em artigos, originalmente publicados (1886) sob o título Educação no Lar que ainda é mantido.

As Palestras VII e VIII, e o Apêndice do volume original, foram transferidos deste para outros volumes da Série. O conjunto foi cuidadosamente revisto e vários assuntos novos foram introduzidos, especialmente na Parte V — "Lições como Instrumentos da Educação" —, que agora oferece uma introdução bastante completa aos métodos de ensino de assuntos adequados às crianças entre as idades de seis e nove anos.

O restante do volume visa lidar com toda a educação, desde o nascimento até o nono ano de vida.

C. M. MASON
Scale How, Ambleside.
1905

PARTE I

Algumas Considerações Preliminares

Introdução

Não entre os menores sinais de um status mais elevado que elas têm adquirido, está o crescente desejo pelo trabalho, que se observa entre as mulheres educadas. O mundo deseja o trabalho dessas mulheres; e atualmente, conforme a educação vai se tornando mais generalizada, vemos todas as mulheres com capacidade de trabalhar reduzindo-se à posição de mulheres trabalhadoras, com tarefas definidas, horas fixas, e tendo como pagamento o prazer e a honra de fazer um trabalho útil, caso não tenham necessidade de ganhar dinheiro.

Crianças são um Encargo Público

Ora, aquele trabalho que é de suma importância para a sociedade é a educação e instrução das crianças — na escola, certamente, mas muito mais em casa, porque, mais do que qualquer outra coisa, são as influências familiares exercidas sobre a criança que determinam seu caráter e sua carreira como futuro homem ou mulher. Ser progenitor é uma coisa grandiosa: não há promoção nem dignidade que se possa comparar a isso. Os pais de uma única criança podem estar apreciando alguém que provará ser uma bênção para o mundo. Mas, então, incumbidos de tal responsabilidade, eles não estão livres para dizer: "Eu posso fazer o que quero com o meu próprio filho". Crianças devem ser, na verdade, consideradas menos como propriedade particular do que como encargos públicos, colocados nas mãos de seus pais a fim de darem o melhor de si para o bem da sociedade. E esta responsabilidade não é dividida igualmente entre os progenitores: é das mães do presente que o futuro do mundo depende em grau muito maior do que dos pais, porque as mães possuem a total direção dos primeiros anos da criança, os anos mais impressionáveis. É por isso que ouvimos falar tão frequentemente de grandes homens que tiveram boas mães — isto é, mães que criaram seus filhos por si mesmas e não delegaram seu mais importante dever a pessoas indiferentes.

Mães Têm o Dever de Oferecer um "Amor Pensante" aos Seus Filhos

"A mãe é qualificada", diz Pestalozzi, "e é qualificada pelo próprio Criador, para se tornar o principal agente no desenvolvimento de seu filho; ...e o que se exige dela é *um amor pensante*... Deus deu à criança todas as faculdades de nossa natureza, mas a grande questão permanece indefinida — como esse coração, essa cabeça e essas mãos serão empregadas? A que serviço serão dedicadas? Uma pergunta cuja resposta envolve um futuro de felicidade ou miséria para uma vida que lhe é tão querida. O amor materno é o primeiro agente na educação".

Estamos despertando para os nossos deveres e, à medida que as mães se tornarem mais educadas e eficientes, irão, sem dúvida, sentir mais fortemente que a educação de seus filhos durante os seis primeiros anos de vida é uma obrigação difícil de ser confiada a quaisquer mãos além das suas. E irão abraçá-la como sua profissão — isto é, com a diligência, a regularidade e a pontualidade que os homens conferem ao seu trabalho profissional.

Para que a mãe possa saber o que lhe espera, e se apresentar totalmente equipada para este trabalho, ela deve ter mais do que ouvido falar sobre uma teoria da educação e sobre as condições da natureza da criança em que essa teoria repousa.

A Formação das Crianças é "Terrivelmente Defeituosa"

"A formação das crianças — física, moral e intelectual —", diz o senhor Herbert Spencer, "é terrivelmente defeituosa. E, em grande medida, é assim porque os pais carecem do conhecimento por meio do qual esta formação pode ser corretamente orientada. O que devemos esperar quando um dos problemas mais complexos é assumido por aqueles que não dedicaram qualquer pensamento ao princípio do qual depende a sua solução? Para a fabricação de calçados ou casas, para a gestão de um navio ou de uma locomotiva, é necessário um longo aprendizado. Será, então, que o desabrochar de um ser humano, no corpo e na mente, é um processo tão comparativamente simples, que qualquer um pode supervisioná-lo e regulá-lo sem qualquer preparação? Se não — se o processo é, com uma

única exceção, mais complexo do que qualquer outro na Natureza, e a tarefa de ministrá-lo, uma das dificuldades mais insuperáveis — não seria loucura não tomar providências para tal tarefa? É melhor sacrificar muitas conquistas do que omitir essa instrução totalmente essencial.... Alguma familiaridade com os princípios básicos da fisiologia e com as verdades elementares da psicologia são indispensáveis para a educação correta dos filhos.... Aqui residem fatos indiscutíveis: que o desenvolvimento das crianças, na mente e no corpo, segue certas leis; que, a menos que estas leis sejam, em alguma medida, respeitadas pelos pais, a morte é inevitável; que, a menos que sejam, em grande medida, respeitadas, e somente quando são completamente respeitadas, pode-se alcançar uma perfeita maturidade. Julgue, então, se todos os que podem ser pais algum dia não deveriam se esforçar com alguma ansiedade para aprender que leis são essas". (Herbert Spencer, *Educação*)

Como os Pais Geralmente Procedem

O pai começa, instintivamente, considerando seu filho uma tábua em branco, e é tomado por grandes resoluções a respeito do que deve escrever nela. Às vezes, aparecem traços de disposição, a criança faz pequenos avanços por conta própria; e, no início, cada nova exibição de sua personalidade é uma surpresa deliciosa. Sempre deve ser algo maravilhoso para nós que o bebê demonstre alegria quando vê seu pai, e seu rosto se cubra de compaixão por sua mãe. Mas, o encanto desvanece; seus pais já estarão habituados ao filho no momento em que ele se mostrar como um ser humano tão completo quanto eles, com afeições, desejos, capacidades; e os pais talvez o conduzam aos seus livros prediletos, como um pato conduz seus filhotes para a água; ou aos jogos que farão dele um homem. A ideia de fazer tudo pela criança, com a qual os pais começaram a jornada, gradualmente se desfaz. Tão logo o filho mostra que possui seu próprio caminho, já é encorajado a seguir por ele. O pai e a mãe não têm maior prazer do que observar a individualidade de seu filho desabrochar como uma flor. Mas Otelo torna-se desinteressante. Quanto mais a criança molda seu próprio caminho, menos os pais encontram para fazer, além de alimentá-la com a comida adequada, seja de amor, ou de pensamentos, ou de carne e bebida para o corpo. E aqui, como podemos notar, os pais precisam apenas prover; a criança sabe como se apropriar dela bem o suficiente. O principal cuidado dos pais é fornecer alimento que seja saudável e nutritivo, quer seja na forma de livros ilustrados, lições, brincadeiras, pão e leite, ou o amor da mãe. Isso é educação, como a maioria dos pais a compreende, com um pouco mais de carne, de amor, de cultivo, de acordo com sua espécie e grau. Eles deixam seus filhos em paz, permitindo que a natureza humana se desenvolva em seus próprios contornos, modificada por circunstâncias do ambiente e por questões de hereditariedade.

Nada poderia ser melhor para a criança do que essa "inatividade magistral", até certo ponto. É ótimo permitir que a criança cresça e ajudá-la a crescer de acordo com sua natureza; e, contanto que os pais não comecem a mimá-la, muito bem e nenhum dano muito evidente resultará de deixá-la em paz. Mas, essa filosofia de "deixe-a assim", apesar de cobrir uma parte, não cobre a parte mais importante da vocação dos pais; não toca os esforços incessantes e árduos executados sobre as linhas da lei que conduzem à produção de um ser humano em seu melhor.

Nada é trivial no que diz respeito a uma criança; suas palavras e caminhos aparentemente tolos estão prenhes de significado para os sábios. É nas coisas infinitamente pequenas que devemos estudar as infinitamente grandiosas; e as vastas possibilidades, e a direção correta da educação são indicadas no livro aberto dos pensamentos de uma criança.

Na geração passada, um grande mestre entre nós nunca se cansou de reiterar que no plano divino "a família é a unidade da nação": não o indivíduo, mas a família. Há uma grande quantidade de ensinamentos na frase, mas essa ideia está na superfície: o todo é maior do que as partes, o todo contém as partes, possui as partes, ordena as partes; e, sendo assim, os filhos são propriedade da nação, para serem educados para a nação, como é melhor para a nação, e não de acordo com o capricho de pais individuais. A lei é para o castigo dos malfetores e para o louvor daqueles que fazem o bem; assim, de forma prática, os pais têm muita liberdade; mas é bom lembrar que as crianças são um encargo nacional, cuja educação é preocupação de todos — mesmo daquelas pessoas solteiras e sem filhos, cuja parte no jogo é a monótona tarefa de "observar".

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que as crianças são um encargo público. Quais as consequências disso?
2. Que perguntas Pestalozzi faz às mães?
3. Qual é o argumento do Sr. Herbert Spencer para o estudo da educação?
4. Como os pais costumam proceder?
5. Qual é a parte árdua do trabalho de um pai?

Capítulo I - Um Método de Educação

Métodos Tradicionais de Educação

Nunca foi mais necessário que os pais enfrentassem por si mesmos esta questão da educação em todos os seus desdobramentos. Até agora, as crianças têm sido educadas principalmente por meio de métodos tradicionais. A experiência de nossos antepassados, flutuando em um grande número de máximas educacionais, é transmitida de lábio a lábio; e poucas ou muitas dessas máximas formam o código educacional de cada família.

Mas dificilmente compreendemos que grande revolução a ciência avançada está produzindo na teoria da educação. As tradições dos anciãos foram julgadas e consideradas insuficientes; muito tempo será necessário antes de os axiomas da nova escola passarem à condição de moeda comum; e, nesse meio tempo, os pais estão abandonados a seus próprios recursos, e devem, com toda certeza, pesar princípios e adotar um método de educação para si.

Por exemplo, de acordo com o código anterior, uma mãe poderia usar seu chinelo de vez em quando, com bom resultado e sem culpa; mas agora, a pessoa da criança é, com ou sem razão, considerada sagrada e a inflição de dor para propósitos morais é comumente desautorizada.

Novamente, a antiga regra de preparo de alimentos para as crianças era "quanto mais simples melhor, e deixe que a fome seja o tempero"; agora, a dieta das crianças deve ser pelo menos tão nutritiva e tão variada quanto a dos mais velhos. E o apetite e o desejo por certos tipos de alimentos, anteriormente visto como uma tendência viciosa a ser reprimida, agora, dentro de certas limitações, é o guia mais confiável dos pais na hora de preparar a dieta de seus filhos.

Que as crianças deveriam ser treinadas para suportar a dureza, era um princípio do antigo regime. "Eu nunca me tornarei um marinheiro se não conseguir enfrentar o vento e a chuva", disse um rapazinho de cinco anos que foi tirado de casa, em uma noite de frio cruel, para ver um desfile de tochas; e, embora tremesse de frio, recusou-se ficar abrigado em um galpão. Hoje em dia, o galpão é tudo; os pais não devem permitir que as crianças sofram fadiga ou exposição.

A velha teoria consistia em que as crianças fizessem o que lhes era proposto, se ocupassem de seus livros e desfrutassem somente do prazer que lhes fosse oferecido, quando nada o impedisse; agora, os prazeres das crianças são mais propensos a serem levados em conta do que seus deveres.

Anteriormente, as crianças eram criadas em sujeição; agora, os anciãos dão lugar, e o mundo é tomado por elas.

Os ingleses raramente vão tão longe quanto os pais daquela história narrada em *Vida Francesa no Lar*, que chegaram uma hora atrasados em um jantar porque sua filha de três anos desejou que se trocassem e fossem dormir com ela, e só conseguiram sair quando a criança estava dormindo. Nós não vamos tão longe, mas essa é a direção em que estamos nos movendo agora; e, até que ponto as novas teorias da educação são sábias e humanas, o resultado de um conhecimento fisiológico e psicológico mais amplamente difundido, e até que ponto elas apenas idolatram as crianças (ao que todos estamos sucumbindo), não é uma questão a ser decidida levemente.

De qualquer forma, não é demais dizer que um pai que não segue razoavelmente um método de educação, totalmente pensado, falha — agora, mais do que nunca — em responder às necessidades de seus filhos.

Método, um Caminho para um Fim

Método implica duas coisas: um caminho para um fim, e um progresso passo a passo por esse caminho. Além disso, seguir um método implica uma ideia, uma imagem mental, do objetivo final a ser alcançado. O que você propõe que a educação deve resultar em e para seu filho? Novamente, o método é natural, fácil, flexível, discreto, simples como os caminhos da própria Natureza; contudo, vigilante, cuidadoso, penetrante, totalmente atraente. O método, com o *propósito* do ensino em vista, põe as questões mais improváveis a serviço do alcance

deste *propósito*; mas com um mecanismo não menos cansativo do que o que o sol emprega para fazer os ventos soprarem e as águas fluírem apenas brilhando. O pai que *enxerga seu caminho* — ou seja, a força exata do método — ao educar o seu filho, fará uso de todas as circunstâncias da vida da criança quase sem intenção de sua parte, tão simples e espontâneo é um método de educação baseado na Lei Natural. Quer a criança coma ou beba, quer ela venha ou vá, ou brinque — a todo momento ela está sendo educada, embora esteja tão pouco consciente disso quanto está do ato de respirar. Existe sempre o perigo de que um método, um *bona fide*^[3] método, degenere em um mero sistema. O *Método do Jardim de Infância*, por exemplo, é digno do nome, visto ter sido concebido e aperfeiçoado por educadores de grande coração, para auxiliar a evolução multifacetada do mais complexo ser humano vivo e em crescimento; mas se torna um miserável sistema oco nas mãos de praticantes ignorantes!

Um Sistema é Mais Simples que Um Método

Um "sistema de educação" é uma fantasia sedutora; muito mais, em alguns aspectos, do que um método, porque está comprometido a resultados calculáveis mais definidos. Por meio de um sistema, certos desenvolvimentos podem ser obtidos através da observação de determinadas regras. Taquigrafia, dança, como passar em provas, como se tornar um bom contador ou uma mulher da sociedade — tudo isso pode ser aprendido por meio de sistemas.

Um sistema (a observação das regras até o hábito de fazer certas coisas, de se comportar de certa forma, é confirmada e, assim, a arte é apreendida) é tão bem-sucedido em alcançar resultados precisos, que não é de se admirar haver infindáveis tentativas de restringir todo o campo da educação aos limites de um sistema.

Se um ser humano fosse uma máquina, a educação não poderia fazer mais por ele do que colocá-lo em atividade de maneira determinada, e o trabalho do educador seria simplesmente adotar um bom sistema operacional ou um conjunto deles.

Contudo, o educador tem que lidar com um ser auto-atuante e auto-desenvolvedor, e sua tarefa é orientar e ajudar na produção do bem latente nesse ser, na dissipação do mal latente, na preparação da criança para que assuma o seu lugar no mundo *em seu melhor*, com cada capacidade para o bem, nele residente, potencializada.

Embora um sistema seja altamente útil como um instrumento de educação, um "sistema de educação" é malicioso, na medida em que produz apenas ações mecânicas em vez do movimento e do crescimento vital de um ser vivo.

Vale a pena destacar os diferentes atributos de um sistema e de um método, porque os pais deixam-se levar com bastante frequência por algum "sistema" plausível, cujo objetivo seja produzir desenvolvimento em uma única direção — dos músculos, da memória, da capacidade de raciocínio — e descansam satisfeitos, como se um desenvolvimento unidirecional fosse uma educação integral. Esta satisfação fácil resulta da lentidão da natureza humana, para a qual qualquer esquema definido é mais agradável do que a vigilância constante e a ação imprevista, exigidas quando toda a existência da criança precisa ser usada como meio de sua educação. Mas, quem é suficiente para uma educação tão abrangente, tão incessante? Um pai pode estar disposto a submeter-se a qualquer trabalho definido para o bem de seu filho, mas estar sempre buscando seu benefício, sempre planejando que as circunstâncias operem sobre ele para o seu bem, é a parte que cabe a um deus e não a um homem! Essa é uma objeção bastante razoável, se considerarmos a educação como uma série interminável de esforços independentes, cada um devendo ser pensado e realizado no impulso do momento; mas o fato é que alguns amplos princípios essenciais cobrem todo o campo, e estes, quando totalmente assegurados, tornam a ação tão fácil e natural quanto aquelas baseadas em nosso conhecimento de como o fogo queima e a água flui. O meu empenho neste e nos próximos capítulos será colocar estes poucos princípios fundamentais diante de vocês em sua forma prática. Entretanto, devemos considerar uma ou duas questões preliminares.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Contraste quatro ou cinco teorias mais antigas com noções posteriores e talvez mais sólidas.
2. Aponte as características opostas de um sistema e de um método.
3. Por que um sistema é tentador para os pais?

Capítulo II - As Posses da Criança

A Criança Entre o Céu e a Terra

E, em primeiro lugar, devemos considerar o que é e de onde vem este pequeno ser que está confiado ao cuidado de pais humanos. Uma tábua em branco que devemos preencher? Um ramo que devemos dobrar? Cera que devemos modelar? Muito semelhante; mas uma criança é muito mais: um ser com posses completamente mais elevadas que as nossas; por assim dizer, um príncipe submetido ao cuidado encorajador de camponeses. Veja como Wordsworth estima as posses da criança:

"Nosso nascimento é nada além de sono e esquecimento:

*A alma que surge conosco, a estrela de nossa vida,
Teve em qualquer outro lugar seu estabelecimento,
E veio de uma região afastada;
Não totalmente esquecidos,
E nem absolutamente despidos,
Mas, percorrendo nuvens de glória, viemos
de Deus, com quem habitamos:
O céu repousa sobre nós em nossa infância!*

*Tu, cuja aparência exterior esconde
de tua alma a imensidade;
Tu, melhor filósofo, que preservas ainda
Sua herança; tu, que entre os cegos tens enxergado
Que, surdo e mudo, melhor compreendes a profundidade eterna,
Sempre mais, pela mente eterna, assombrado
Poderoso profeta! Abençoado vidente!
Repousam essas verdades em ti,
As quais labutamos toda a vida procurando
Tu, sobre quem, delas, a imortalidade
Paira como um dia, um mestre sobre um escravo,
Uma presença que, ser deixada de lado, não pode;
Tu, pequena criança, contudo, gloriosa pelo poder
Do céu porta liberdade, em teu elevado ser"*

E assim por diante, por meio de toda esta grande ode que, depois da Bíblia, mostra a percepção mais profunda sobre o que é peculiar às crianças em sua natureza e posses. "Dos tais é o reino dos céus". "Se não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". "Quem é o maior no reino dos céus?" "E Ele, chamando uma criança, colocou-a no meio deles". Aqui está a estima divina pelas posses da criança. Vale a pena para os pais ponderar cada enunciado nos Evangelhos sobre as crianças, despojando-se da noção de que estas citações dizem respeito, em primeiro lugar, a pessoas crescidas que se tornaram como crianças. O que são estas profundas palavras, e o quanto elas podem significar, está além da nossa discussão; aqui, contudo, elas parecem cobrir muito mais do que Wordsworth reivindica para as crianças em sua sublime chegada

*"Percorrendo nuvens de glória, viemos
de Deus, com quem habitamos".*

Código de Educação nos Evangelhos

Pode surpreender os pais que não têm dado muita atenção ao tema descobrir igualmente um código de educação nos Evangelhos, expressamente estabelecido por Cristo. Ele é resumido em três mandamentos, e todos os três têm um caráter negativo, como se a coisa mais necessária exigida das pessoas adultas é que elas não causem nenhum tipo de prejuízo às crianças:

Guardai-vos de não OFENDER — não DESPREZAR — não IMPEDIR — um destes

pequeninos.

Então, corramos às três leis educacionais do Novo Testamento, que, quando analisadas isoladamente, parecem-me cobrir toda a ajuda que podemos dar às crianças e todo o mal de que podemos salvá-las — isto é, tudo o que está incluído na formação da criança no caminho em que deve andar. Olhemos para essas três grandes leis enquanto proibitivas, a fim de limpar o terreno para a consideração de um método de educação; pois uma vez que tenhamos decidido o que *não* podemos fazer, estaremos prontos para descobrir o que *podemos* fazer, e *devemos* fazer. Mas, na realidade, o positivo está incluso no negativo: o que estamos obrigados a fazer em benefício da criança está incluso no que estamos proibidos de fazer em seu malefício.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. O que as declarações do Evangelho sobre as crianças indicam?
2. Quais são os três mandamentos do código de educação dos Evangelhos?

Capítulo III - Ofendendo a Criança

Ofensas

O primeiro e segundo decretos divinos parecem incluir os nossos pecados de comissão e de omissão contra os filhos: nós ofendemos nossos filhos quando fazemos por eles aquilo que não deveríamos ter feito; nós os desprezamos quando deixamos de fazer as coisas que, por causa deles, deveríamos ter feito. Uma ofensa, como sabemos, é, literalmente, uma pedra de tropeço que se põe no caminho, fazendo com que alguém caia. As mães sabem o que é tirar do chão todos os obstáculos quando um bebê começa a dar seus pequenos passos instáveis de cadeira em cadeira, de um par de braços amorosos para outro. A perna da mesa, o brinquedo no chão, que causou uma queda e um terrível choro, é uma coisa lamentável. Por que ninguém tirou aquilo do caminho, para que o bebê não tropeçasse? Mas, a criança chega ao mundo com passos vacilantes e incertos em muitos sentidos. Há motivos de queda que não são tão fáceis de remover como um banquinho; e aí daquele que faz com que a criança caia!

Crianças Nascem Conscientes da Lei

“Bebê levado!”, diz a mãe; e a criança abaixa os olhos, e um rubor toma conta de seu rosto. É totalmente maravilhoso; muito “engraçado”, algumas pessoas pensam, e dizem “bebê levado!” mesmo quando o bebê é docemente bondoso, só para se divertirem com a visão da alma infantil se revelando diante de seus olhos. Mas, o que significa essa demonstração de sentimento e de consciência na criança, antes que qualquer ensinamento humano o tenha atingido? Nada menos do que isso: que ela nasce um ser consciente da lei, com um senso de *pode* e *não deve*, de certo e errado. É assim que as crianças são enviadas para o mundo com o alerta: “Guardai-vos de não escandalizar nem um destes pequeninos”. E, assim sendo, quem não conhece meninas e meninos já crescidos, filhos de pais sensatos, que ainda não sabem o que o *dever* significa, que não são movidos pela *necessidade*, cujos corações não sentem nenhuma comoção ao ouvir o solene nome da *Obrigação*, que não conhecem maior regra de vida do que “eu quero”, e “eu não quero”, “eu gosto” e “eu não gosto”? Que os céus ajudem pais e filhos quando se trata disso!

Mas, como ocorre que o bebê, com um agudo senso de certo e errado, mesmo quando compreende pouco da fala humana, se torne um menino ou menina que já tem provado “a maldição do coração sem lei”? De forma gradual — um pouco aqui e um pouco ali —, como tudo o que é bom ou ruim se estabelece no caráter. “Levado!”, diz a mãe mais uma vez, quando uma mãozinha é posta dentro da vasilha de açúcar; e, então, um par de olhos malandros procuram os dela furtivamente para medir, como fazem infalivelmente, qual o seu limite. É muito divertido; a mãe “não pode deixar de rir”; e a pequena transgressão é permitida: e, o que a pobre mãe não tinha ideia, uma ofensa, uma causa de tropeço, foi lançada no caminho de seu filho de dois anos. Ele acabou de aprender que o que é “levado” ainda pode ser feito com alguma impunidade, e ele prossegue aperfeiçoando seu conhecimento. Nem é preciso prosseguir; todo mundo conhece os passos pelos quais o “não” da mãe passa a ser desconsiderado e sua recusa zombada como consentimento. A criança está aprendendo a acreditar que não tem nada além da relutância de sua mãe para vencer; se a mãe *escolheu* deixá-la fazer isso e aquilo, não há nenhuma razão para que a mãe não a deixe; ela pode fazer a mãe *escolher* deixá-la fazer a próxima coisa proibida. O próximo passo na disputa não é muito grande para a inteligência infantil: se sua mãe faz o que escolhe fazer, é claro que a criança também fará o que escolhe, se puder; e daí em diante a vida da criança torna-se uma luta sem fim para fazer tudo do seu próprio jeito; uma luta em que os pais, com suas muitas coisas para pensar, quase certamente serão mal-sucedidos, enquanto a criança se manterá persistente no objeto que detém sua atenção naquele momento.

Elas Devem Perceber Que Seus Governantes Estão Obrigados Pela Lei

Onde está o início deste emaranhado que arruína a vida tanto de pais como de filhos? Aqui: a mãe começou sem senso de *dever* suficiente; pensou-se livre para permitir e impedir, para dizer e desdizer, a seu próprio gosto, como se a criança fosse dela para fazer o que lhe agradasse. A criança nunca descobriu um fundo de *necessidade* por trás das decisões da mãe; ela não sabe que a mãe *não deve* deixá-la quebrar os brinquedos de sua irmã, encher a barriga com bolo, estragar o prazer de outras pessoas, porque estas coisas não são *corretas*. Que a criança perceba que seus pais estão obrigados pela lei, assim como ela, e que eles simplesmente não podem permitir que ela faça coisas que foram proibidas, e ela se submeterá com uma doce mansidão pertencente à sua idade. Dar razões a uma criança é geralmente desnecessário, e é um sacrifício da dignidade dos pais; mas ela será rápida o suficiente para ler o "*deve*" e o "*necessita*" que a rege, no rosto e no comportamento da mãe, e no fato de que a mãe não será convencida a mudar uma resolução sobre qualquer questão de certo e errado.

Os Pais Podem Ofender Seus Filhos ao Desconsiderar as Leis da Saúde

Isso, de dar-lhe permissão no que é errado, é apenas uma das muitas maneiras pelas quais a mãe amorosa pode ofender seu filho. Por ignorância ou intencionalmente, o que é pior, ela não somente pode permitir que seu filho faça o que é errado, mas ela mesma pode fazer o errado por ele. Ela pode lançar um obstáculo no caminho de sua vida física, ao dar-lhe alimentos prejudiciais ou deixar-lhe dormir e viver em cômodos mal ventilados, desconsiderando qualquer ou todas as leis simples de saúde — ignorância difícil de ser perdoada em face do árduo trabalho feito pelos cientistas para colocar este conhecimento necessário ao alcance de todos.

Os Pais Podem Ofender Seus Filhos ao Desconsiderar as Leis da Vida Intelectual

Quase tão ruim é a maneira como a vida intelectual da criança pode ser destruída desde o início por uma rodada de lições monótonas e inúteis, em que o progresso definido é a última coisa realizada ou esperada, e que, longe de educar em qualquer sentido verdadeiro, debilita sua inteligência de maneira irrecuperável. Muitas meninas, especialmente, deixam o quarto de estudos em suas casas com um desgosto por todo o tipo de conhecimento, uma aversão ao esforço mental, que perdura por toda a sua vida, e esse é o motivo porque elas crescem lendo pouco além de alguns romances vulgares e conversando o dia inteiro sobre suas roupas.

Os Pais Podem Ofender Seus Filhos ao Desconsiderar as Leis da Vida Moral

E suas afeições — os movimentos do expansivo e terno coração infantil —, como elas são tratadas? São raras as mães que não se esforçam para valorizar os afetos familiares; mas, quando a criança passa a ter contato com outras pessoas, não é uma máxima mundana cortar o amor infantil pela raiz? Muito pior do que isso acontece quando o amor da criança não encontra saídas naturais dentro de sua casa: quando ela é a criança chata ou sem graça da família, e é friamente deixada de lado, enquanto o afeto dos pais é derramado sobre os demais. É claro que esta criança não ama seus irmãos e irmãs, que monopolizam o que deveria ser dela também. E como ela conseguiria amar seus pais? Ninguém sabe a verdadeira angústia que muitos infantes sofrem por esta causa, nem quantas vidas são amargadas e arruinadas devido à supressão dessas afeições infantis. "Minha infância tornou-se miserável", uma senhora me disse um tempo atrás, "devido ao constante carinho de minha mãe para com o meu irmão mais novo; não houve um dia em que ela não me tenha feito infeliz por entrar no berçário para acariciar e brincar com ele e, durante todo o tempo, não dirigir sequer uma palavra, um olhar ou um sorriso para mim, como se eu não estivesse ali. Eu nunca superei isso; ela é muito bondosa comigo agora, mas eu nunca me sinto muito natural perto dela. E, como nós dois, irmão e irmã, poderíamos nos sentir como se tivéssemos crescido juntos em amor durante a primeira infância?"

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Faça distinção entre “ofender” e “desprezar” os filhos.
2. O que dizer dos pais cujos filhos não têm “senso do dever”?
3. Trace os passos pelos quais o “não” de uma mãe passa a ser desconsiderado.
4. Por que os próprios pais precisam estar obrigados pela lei?
5. Mostre que os pais podem ofender seus filhos por desconsiderar as leis de saúde.
6. Mostre que os pais podem ofender seus filhos por desconsiderar as leis da vida intelectual.
7. Mostre que os pais podem ofender seus filhos por desconsiderar a vida moral.

Capítulo IV - Desprezando a Criança

As Crianças Deveriam Receber o Melhor de Suas Mães

Suponha que uma mãe *pudesse* ofender seu filho, como seria possível que ela não o desprezasse? "Desprezar: ter uma baixa opinião de, subestimar" — assim diz o dicionário; e, como uma questão de fato, por mais que possamos nos deleitar nelas, nós crescemos pessoas que têm uma opinião extremamente baixa das crianças. Se a mãe não sub-estimasse seu filho, será que ela o deixaria sob tutela de uma cuidadora ignorante durante os seus primeiros anos, quando toda a sua natureza é como a placa sensível do fotógrafo, recebendo impressões indeléveis a cada momento? De forma alguma! Não, a não ser que essa babá fosse boa para a criança. Muito provavelmente, ter seus filhos sempre ao seu redor também não seria a solução para as pessoas educadas. A constante presença dos pais pode ser muito estimulante para a criança; e uma frequente mudança de foco, juntamente com a relação com outras pessoas, faz com que a mãe fique totalmente renovada para seus filhos. Mas, eles deveriam ter o *melhor* de sua mãe, suas horas mais vigorosas e iluminadas; enquanto que, ao mesmo tempo, ela tem o cuidado de escolher sabiamente suas cuidadoras, treiná-las com diligência, e manter um olhar atento sobre tudo o que se passa no berçário.

“Cuidadora”

Uma cuidadora rude e grosseira causa dano permanente à terna criança. Muitas crianças saem do berçário com seu senso moral embotado, e alienadas de seu Pai Celestial — condição que muitas carregam para toda a vida. Pois o senso moral da criança é extremamente rápido; ela está de olhos e ouvidos atentos para o menor ato ou palavra de injustiça, engano, instabilidade. Sua cuidadora diz: "Se você for um bom menino, eu não vou contar", e a criança aprende que as coisas *podem* ser encobertas de sua mãe, que deveria ser como Deus para ela, conhecendo todo o bem e o mal que pratica. E não é como se a criança notasse os deslizes de seus superiores com aversão. Ela *sabe* o que é certo, é verdade, contudo, ela ainda não confia em suas próprias intuições; ela molda sua vida a qualquer padrão que lhe é proposto, e com a sombra fatal da natureza humana sobre ela, ela está mais disposta a imitar um mau padrão do que um bom. Dê-lhe uma cuidadora grosseira, violenta, e falsa e antes que a criança seja capaz de falar claramente já terá apreendido essas disposições.

Os Erros das Crianças São Sérios

Uma das muitas maneiras pelas quais os pais são capazes de ter uma opinião muito baixa de seus filhos é em relação aos seus erros. Uma criança pequena mostra algum traço ofensivo — ela é gananciosa e devora as guloseimas que sua irmã compartilha, bem como as suas próprias; ela é vingativa, pronta para morder ou lutar contra a mão que a ofende; ela mente ("não, ele não tocou no açucareiro ou no pote de compota"). A mãe evita o dia mau: ela sabe que algum dia deverá responsabilizar a criança por essas ofensas, mas, por enquanto, ela diz: "Oh, não importa dessa vez, ela ainda é muito pequena, e, aos poucos ficará mais sensata". Para pôr as coisas de forma clara, que dias felizes essa mãe traria para si mesma e para seus filhos se mantivesse sua vigilância ao invés de deixar as águas correrem! Se a mãe concluísse em sua própria mente que a criança nunca faz o mal sem estar ciente de seu malfeito, ela veria que não é muito cedo para corrigir ou impedir sua falha. Lide com uma criança em sua *primeira ofensa*, e um olhar de tristeza será suficiente para condenar o pequeno transgressor; mas, deixe-a prosseguir até que um hábito de mal-fazer se estabeleça, e a cura será lenta; então, a mãe não terá descanso até que tenha formado nela um hábito contrário de bem-fazer. Rir de um temperamento ofensivo e deixá-lo passar porque a criança é pequena é como semear vento.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Mostre que as crianças podem ser desprezadas na escolha de uma cuidadora.
2. Mostre que as crianças podem ser desprezadas quando suas falhas não são levadas a sério.

Capítulo V - Impedindo a Criança

A relação de Uma Criança com o Deus Todo-Poderoso

A maneira mais fatal de desprezar uma criança recai sobre a terceira lei educacional dos Evangelhos: é ignorar e minimizar sua relação natural com o Deus Todo-Poderoso. "Não impeçam as crianças de virem a Mim", diz o Salvador, como se isso fosse algo que as crianças fazem naturalmente, algo que elas fazem quando não são impedidas por seus superiores. E, talvez, não seja um exagero acreditar neste mundo redimido em que, como o bebê se volta para sua mãe, embora não tenha poder para dizer o seu nome, como as flores se voltam para o sol, assim os corações das crianças se voltam para o seu Salvador e Deus com prazer e confiança inconscientes.^[4]

Teologia do Berçário

Agora, escute o que se passa em muitos berçários: "Deus não ama você, seu menino terrível e levado!" "Ele o enviará para um lugar terrível e mau!", e assim por diante. E este é todo o ensinamento prático sobre os caminhos de seu "Amado Todo-Poderoso" que a criança recebe! — Durante todo o dia, sequer uma palavra de como Deus ama e valoriza os pequeninos preenche as suas horas com deleite. Acrescente-se a isso as orações indiferentes e superficiais, ou discussões ociosas sobre as coisas divinas em sua presença, o uso leviano de palavras sagradas, e poucos sinais por meio dos quais a criança possa compreender que as coisas de Deus são mais importantes para seus pais do que qualquer outra coisa no mundo; e a criança está impedida, implicitamente proibida de "vir a Mim" — e isto, muitas vezes, por pais que no fundo de seus corações não desejam nada em comparação à Deus. Este mal tem raiz na mesma tola subestimação das crianças, na noção de que a criança não pode ter vida espiritual até que agrade aos seus superiores acender a chama em seus corações.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. De que maneiras os pais podem impedir o acesso de seus filhos a Deus?

Capítulo VI - Condições de Atividade Cerebral Saudável

Tendo lançado o olhar para a vasta região do terreno proibido, estamos preparados para considerar o que é, definitiva e positivamente, que a mãe deve a seu filho sob o nome de Educação.

Todo Trabalho Mental Significa Uso do Cérebro

E antes de tudo, os poderes mais educáveis da criança — sua inteligência, sua vontade, seus sentimentos morais — têm sua sede no cérebro; ou seja, como o olho é o órgão da visão, assim o cérebro, ou parte dele, é o órgão do pensamento e da vontade, do amor e da adoração. As autoridades diferem sobre o quanto é possível localizar as funções do cérebro; porém, pelo menos uma coisa parece bastante clara: que nenhuma das funções da mente são realizadas sem uma atividade real dessa massa nervosa branca e cinzenta, chamada de "cérebro". Ora, isso não é uma questão apenas para o fisiologista, mas para cada mãe e pai de uma família; porque se se pretende que esse maravilhoso cérebro, por meio do qual operamos o nosso pensamento, atue de forma saudável e em harmonia com a ação saudável dos membros, então ele deve agir apenas sob tais condições de exercício, descanso e nutrição que garantam a saúde de todas as outras partes do corpo.

Exercício

A maioria de nós conhece algumas pessoas excêntricas e vários tolos, que forçam o surgimento da questão: será que essas pessoas nasceram com menos poder cerebral que outras? Provavelmente não; mas se os demais fossem deixados para crescer sem o hábito diário de um *trabalho* moral e mental apropriado, se fossem deixados vagar ao longo da juventude sem esforços seguros e regulares de pensamento ou de vontade, o resultado seria o mesmo e o cérebro, que deveria ter sido revigorado pelo exercício diário, se tornaria flácido e débil, assim como um braço saudável ficaria depois de anos sendo carregado em uma tipoia. O grande cérebro ativo não se conforma com a ociosidade total; ele apaga suas próprias linhas e trabalha de forma irregular, e o homem ou a mulher se torna excêntrico, porque o esforço mental saudável, assim como o esforço moral, deve ser levado a cabo sob a disciplina de regras. Um escritor perspicaz sugere que a indolência mental pode ter sido, em certa medida, a causa daqueles lamentáveis ataques de desarranjo e depressão de que o pobre Cowper sofreu; mesmo com a elaboração de versos graciosos, a sua "mente um pouco excêntrica" não lhe proporcionou a quantidade de *trabalho* mental necessário para o seu bem-estar.

A conclusão disso é: não permita que as crianças passem um dia sequer sem distintos *esforços* intelectuais, morais e volitivos; faça com que se preparem para entender; faça com que se forcem a executar e suportar; e faça com que sejam prontos a sacrificar a facilidade e o prazer; e isto por diversas razões de valor elevado, mas, em primeiro e último lugar, para que o mero órgão físico da mente e da vontade cresça vigorosamente com o trabalho.

Descanso

Tão importante quanto isso é que o cérebro obtenha o devido repouso; isto é, que ele descanse e trabalhe alternadamente. E, aqui, duas considerações entram em jogo. Em primeiro lugar, quando o cérebro está trabalhando ativamente, é tratado como qualquer órgão do corpo nas mesmas circunstâncias; isso quer dizer que um grande suprimento adicional de sangue é direcionado à cabeça para a nutrição do órgão que está gastando sua substância em trabalho árduo. Ora, não há uma quantidade indefinida do que chamaremos de sangue excedente nos vasos. O suprimento é regulado pelo princípio de que apenas um conjunto de órgãos deve estar excessivamente ativo ao mesmo tempo — os membros, ou os órgãos digestivos, ou o cérebro; e todo o sangue no corpo que pode ser poupado é direcionado para o suporte dos órgãos que, naquele momento, estão em estado de trabalho.

Descanso após as Refeições

A criança acaba de almoçar — a refeição que mais exige de seus órgãos digestivos; por um período de duas ou três horas subsequentes, muito trabalho será realizado nesses órgãos, e o sangue que puder ser poupado de qualquer outro lugar estará presente para ajudar. Ora, envie a criança para uma longa caminhada *imediatamente* após o almoço: o sangue irá para as extremidades ativas, e a comida será deixada parcialmente indigesta; dê à criança um curso regular de tais almoços e caminhadas e ela crescerá dispéptica. Coloque-a diante dos livros depois de uma refeição pesada, e o caso será igualmente ruim; o sangue que deveria estar ajudando na digestão será encaminhado para o cérebro ativo.

Segue-se que as horas apropriadas para as lições devem ser cuidadosamente escolhidas, após períodos de repouso mental — sono ou brincadeira, por exemplo —, e quando não há atividade excessiva em nenhuma outra parte do sistema. Portanto, a parte da manhã, logo após o desjejum (cuja digestão, por ser uma refeição mais leve, não é uma tarefa difícil), é seguramente o melhor momento para as lições e para todo tipo de trabalho mental; se a tarde inteira não puder ser disponibilizada para recreação ao ar livre, pode ser um bom momento para tarefas mecânicas, como bordado, desenho, exercícios físicos; a inteligência das crianças é brilhante o suficiente à noite, mas a desvantagem do trabalho noturno é que o cérebro, uma vez excitado, está inclinado a continuar seus trabalhos além do tempo de dormir, e os sonhos, a insônia e o sono inquieto perturbarão a pobre criança que permaneceu em seu labor até o último minuto. Se os filhos mais velhos *precisarem* estudar à noite, devem dispor de, pelo menos, uma ou duas horas sociais agradáveis antes de ir para a cama; mas, de fato, devemos às crianças a extinção de “planejamentos” noturnos.

Mudança de Ocupação

"Não há," diz Huxley, "no presente, nenhuma prova satisfatória de que a manifestação de qualquer tipo particular de faculdade mental seja especialmente atribuída ou conectada com a atividade de qualquer região ou hemisférios cerebrais em particular" — uma máxima contra os frenólogos, mas que chega até nós por meio de uma autoridade muito elevada para ser disputada. Não é possível localizar as "faculdades" — dizer que você é cauteloso com esta porção de seu cérebro, e amante da música com aquela; mas isso é tão certo quanto importantíssimo para o educador: o cérebro, ou parte do cérebro, fica exausto quando exercita uma determinada função por muito tempo. A criança está fazendo somas há algum tempo e está ficando inexplicavelmente tola: encerre esta atividade e deixe-a ler uma história, e você verá sua inteligência revigorada. A imaginação, que não teve parte nas somas, entra em cena com a lição de história, e a criança manifesta um poder vivo e descansado para a realização de sua nova tarefa. Os horários escolares são geralmente elaborados com vista a dar ao cérebro da criança uma variedade de trabalhos; contudo, o motivo do cansaço que as crianças frequentemente demonstram em seu local de estudo é que nenhuma mudança de lições é planejada de forma muito judiciosa.

Nutrição

Novamente, o cérebro não pode fazer bem o seu trabalho a menos que seja abundante e adequadamente nutrido; alguém fez um cálculo de quantas gramas de cérebro eram gastas para executar o trabalho de dizer “Paraíso Perdido”, quantas gramas para outra tarefa, e assim por diante. Sem entrar em aritmética mental dessa natureza, podemos dizer com segurança que todo tipo de atividade intelectual desperdiça os tecidos do cérebro; uma rede de vasos fornece uma enorme quantidade de sangue ao órgão para compensar esse desperdício de material; e o vigor e a saúde do cérebro dependem da qualidade e quantidade deste suprimento de sangue.

Algumas Causas Afetam a Qualidade do Sangue

Ora, a qualidade do sangue é afetada por três ou quatro causas. Em primeiro lugar, o sangue é elaborado a partir do alimento; quanto mais nutritivo e fácil de digestão for o alimento, mais *vitais* serão as propriedades do sangue. A comida também deve ser variada, uma dieta diversificada, porque vários ingredientes são necessários para compensar as várias perdas teciduais.

As crianças são surpreendentemente gastadoras; suas incessantes idas e vindas, sua inquietação, sua energia, o trabalho constante de suas línguas, tudo equivale ao consumo de substâncias: a perda não é apreciável, mas elas perdem algo a cada investida repentina, dentro ou fora de casa. Sem dúvida, o ganho de poder que resulta do exercício é mais do que uma compensação pela perda de substância; mas, mesmo assim, essa perda deve ser prontamente compensada. E não apenas o corpo da criança é proporcionalmente mais ativo que o do adulto: o cérebro da criança, em comparação com o de um adulto, está em um contínuo movimento de esforço. Calcula-se que, embora o cérebro de um homem não pese mais do que uma quadragésima parte de seu corpo, no entanto, um quinto ou um sexto de todo o seu complemento sanguíneo se direciona à nutrição deste órgão delicado e intensamente ativo; no entanto, no caso da criança, uma proporção consideravelmente maior de todo o seu sangue é dedicada ao sustento do cérebro. E todo o tempo, sob essas excessivas exigências, a criança tem de crescer — não apenas compensar o desperdício, mas ainda produzir novas substâncias no cérebro e no corpo!

Quanto às Refeições

Qual é a conclusão óbvia? Que a criança deve estar bem alimentada. Metade das pessoas com baixa vitalidade que encontramos foram vítimas de alimentação com baixo teor nutricional durante a infância; e isso, mais frequentemente, porque seus pais não estavam conscientes de seu dever a este respeito do que por não estarem em posição de custear a dieta necessária para o desenvolvimento físico e mental satisfatório de seus filhos. Refeições regulares geralmente em intervalos contínuos — o almoço nunca passando de cinco horas após o desjejum; lanche, desnecessário; cereais, proteína animal uma vez por dia, certamente, e, sob alguma forma mais leve, duas vezes por dia — são as sugestões do bom senso seguidas na maioria das famílias bem regulamentadas.

Contudo, não é o alimento que se come, e sim o alimento que é *digerido*, que nutre o corpo e o cérebro. E aqui fazem-se necessárias muitas considerações, mas só poderemos lançar o olhar para duas ou três das mais óbvias. Todo mundo sabe que as crianças não devem comer massas, ou carne de porco, ou carnes fritas, ou queijo, ou comida enriquecida com aromatizantes de qualquer tipo; e que pimenta, mostarda e vinagre, molhos e temperos fortes devem ser proibidos, bem como o pão fresco, bolos recheados e compotas, como ameixa ou groselha, em que a dura casca da fruta é conservada; que o leite, ou leite e água não muito quente, ou o cacau, é a melhor bebida para as crianças, e que elas devem ser treinadas para não beber até que tenham terminado de comer; que frutas frescas são inestimáveis no desjejum; que, servindo ao mesmo objetivo, o mingau de aveia e o melão, e a gordura do bacon frito, são alimentos valiosos para o desjejum; e que um copo de água, também, sendo a última coisa ingerida durante a noite e a primeira coisa pela manhã, é útil na promoção de hábitos regulares dos quais depende muito do conforto da vida.

Conversas Durante as Refeições

É desnecessário insistir em tudo isto e muito mais; mas, novamente, deixe-me dizer, é o alimento digerido que nutre o sistema, e as pessoas facilmente se esquecem do quanto as condições mentais e morais afetam os processos digestivos. O fato é que os sucos gástricos que atuam como solventes para os alimentos só são secretados livremente quando a mente está em estado de alegria e contentamento. Se a criança não gosta do seu jantar, ele o engole, mas a digestão daquela refeição desagradável é um processo laborioso, bastante dificultado: se a refeição for consumida em silêncio, sem ser aliviada por uma conversa agradável, a criança perde muitos dos "benefícios" de seu jantar.

Consequentemente, não estamos falando sobre mimar crianças, mas sobre uma questão de saúde e nutrição, ao dizermos que as crianças deveriam desfrutar da comida e que as refeições deveriam ser comidas com alegria; no entanto, a propósito, uma alegria exagerada pode ser tão propensa quanto o seu oposto a destruir aquele animado e equilibrado senso da mente, favorável aos processos de digestão.

Nenhuma dor deve ser poupada para fazer das horas de reunião ao redor da mesa da família as horas mais brilhantes do dia. Isto supõe que as crianças devem sentar-se à mesma mesa com seus pais — caso seja possível — e isso deve ser feito em cada refeição, exceto em

um jantar tardio — a vantagem para essas pequenas pessoas é incalculável. E aí está a oportunidade para que os pais possam treiná-las nas boas maneiras e na moral, possam cimentar o amor familiar e acostumá-las a hábitos como o da mastigação completa, por exemplo, tão importante para a saúde quanto o hábito da decência.

Variedade nas Refeições

Mas, mesmo em um ambiente agradável e com uma excelente comida, os requisitos dessas pequenas pessoas exigentes não estão totalmente preenchidos: por mais simples que a sua comida deva ser, ainda assim ela precisa ter variedade. Uma coxa de carneiro toda terça-feira, requentada na quarta-feira, e misturada na quinta-feira, pode ser uma comida muito saudável; mas, a criança que tem essa dieta semana após semana estará inadequadamente alimentada, simplesmente porque ela se cansa disso.

A mãe deve planejar um cardápio para seus filhos que dure pelo menos quinze dias, sem que o mesmo almoço se repita. O peixe, especialmente se as crianças terminam de jantar e não comem carne em seguida, é excelente como uma mudança, principalmente por ser rico em fósforo — um valioso alimento cerebral. O mingau das crianças merece uma boa consideração, porque elas geralmente não dão valor para alimentos gordurosos, mas preferem derivar o calor de seus corpos do amido e açúcar do mingau. Mas, dê-lhes variedade; não deixe que isto se torne uma "eterna tapioca". Mesmo para o chá e para o café da manhã, a mãe sábia não diz: "Eu sempre dou isso aos meus filhos". As crianças não deveriam comer nada "sempre"; toda refeição deveria ter alguma pequena surpresa. Mas, será que este é o caminho para fazê-las pensar além do que convém sobre o que devem comer e beber? Vemos, ao contrário, que as crianças subnutridas é que são gananciosas e impróprias para se confiar qualquer delicadeza incomum.

O Ar é tão Importante Quanto o Alimento

A qualidade do sangue depende quase tanto do ar que respiramos quanto dos alimentos que comemos. No decorrer de cada dois ou três minutos, todo o sangue presente no corpo passa através das intermináveis ramificações dos pulmões, sem qualquer outro propósito a não ser o de que, durante o instante de sua passagem, sofra a ação do oxigênio contido no ar que, por sua vez, é atraído para dentro dos pulmões no ato de respirar.

Mas, o que pode acontecer com o sangue no decurso de uma exposição de tão curta duração? Somente que toda a sua natureza, até a própria cor do sangue, é alterada: ele entra nos pulmões prejudicado, incapaz de manter o sustento da vida; e deixa os pulmões como um puro fluido vital. Ora, observe que o sangue é totalmente oxigenado quando o ar contém a sua proporção total de oxigênio, e cada objeto que respira e se aquece retira algum oxigênio da atmosfera. Daí a importância de dar às crianças uma ventilação diária e um abundante exercício dos membros e dos pulmões em ares não viciados e não empobrecidos.

O Passeio Diário das Crianças

"As crianças passeiam todos os dias. Elas nunca saem por menos de uma hora quando o clima está bom". Isso é melhor do que nada, bem como neste caso: uma professora da escola East London percebeu a aparência pálida de uma de suas melhores alunas. "Você almoçou, Nellie?" "S-sim" (respondeu a menina hesitante). "O que você comeu?" "Mamãe deu a Jessie e a mim um dinheiro para comprar nosso almoço, e nós compramos um pacote de balas de anis; elas são melhores do que pão" — concluiu a menina, com um apelo em seus olhos contra uma possível censura por sua extravagância. As crianças não se desenvolvem da melhor forma comendo balas de anis durante o almoço, nem tampouco em uma hora "estabelecida" diariamente.

Possivelmente, a ciência vai nos aproximar cada vez mais do fato de que a vida animal, reprimida sob uma cobertura, precisa ser mantida sob condições artificiais, assim como a vida vegetal em estufas. É neste ponto que a maioria das nações continentais tem vantagem sobre nós; elas mantêm o hábito da vida ao ar livre e, como consequência, a média da população francesa, alemã, italiana, búlgara, é mais alegre, mais simples e mais resistente do que a

média da população inglesa. Não foi Carlos II — e ele sabia sobre o que falava — quem exaltou o clima da Inglaterra, porque era possível estar fora de casa "mais horas do dia e mais dias do ano" na Inglaterra do que "em qualquer outro país"? Perdemos de vista o fato de que não somos como este personagem histórico que "vivía somente com alimentos e bebida". "Você não pode viver de ar!" — dizemos ao inválido que não pode comer. Não, não podemos viver de ar; mas, se precisarmos escolher entre os três sustentadores da vida, é o ar que nos sustentará por mais tempo. Nós sabemos tudo sobre isso; estamos cansados do assunto; basta que você, de canto de olho, capte a palavra "oxigenação" em uma página, e este órgão bem treinado já irá, por iniciativa própria, ignorar todo o resto do parágrafo.

Não é necessário dizer ao colega de classe de Macaulay, ou a qualquer outra pessoa, como o sangue do corpo é conduzido aos pulmões e espalha-se em uma grande extensão de inúmeras "tubulações" para que possa, por instantes, ser exposto ao oxigênio do ar; como o ar é colocado em contato com o sangue, espalhando-se por ele e tornando-se disponível, por meio da ação da respiração como que através de foles; como o ar penetra nas finíssimas paredes dos tubos; e então, pasme, uma transmutação mágica (ou química); o resíduo sem valor do sistema torna-se, em um instante, o mais rico fluido vivificante, cuja função é construir os tecidos musculares e nervosos. E quem é o Próspero que veste esse manto? Oxigênio é o seu nome! E a maravilha que ele produz dentro de nós umas quinze vezes no decurso de um único minuto é, possivelmente, sem paralelos em todo o conjunto de maravilhas com as quais "topamos" com fácil familiaridade, estabelecendo a "vida" e mantendo-a — uma banalidade!

A Oxigenação Tem Suas Limitações

Sabemos tudo sobre o assunto; o que nós esquecemos, talvez, é que mesmo o oxigênio tem suas limitações: nada pode agir onde ele não está presente, e o gasto associado ao trabalho permanece tão real em relação a este gás vital como o é em relação a outros assuntos. O fogo e a lâmpada e os seres que respiram são todos consumidores do oxigênio que os sustenta. Qual a consequência disso? Que esse elemento, que está presente no ar puro na proporção de 23%, está sujeito a um enorme esgotamento nas quatro paredes de uma casa, onde o ar é mais ou menos estático.

Não estou falando agora da viciação do ar, estou me referindo apenas ao esgotamento deste elemento de sustentação da vida. Pense, novamente, no pesado esgotamento do oxigênio do ar que deve suportar múltiplas combustões e muitos seres que respiram reunidos em uma grande cidade! "Qual o problema?" É uma questão estritamente vital. O homem só pode desfrutar da medida completa de uma existência alegremente vigorosa quando o seu sangue é integralmente arejado, e isso acontece quando o ar que ele respira contém o seu complemento total de oxigênio. Seria exagero dizer que a vitalidade se reduz, mantendo as outras variáveis, devido ao fato de as pessoas morarem em casas em vez de morarem ao ar livre?

Um ar empobrecido mantém a vida em um nível baixo e débil, por isso, nas grandes cidades, a estatura diminui, o peito se contrai, e os homens dificilmente vivem para ver os filhos de seus filhos. É verdade que precisamos ter casas para nos abrigar do clima durante o dia e para repousarmos à noite; mas, na medida em que deixamos de tornar nossas casas "confortáveis", em que as consideramos meramente como abrigos necessários para os momentos em que não pudermos estar ao ar livre, desfrutamos ao máximo a vigorosa vitalidade que nos é possível.

Ar Estagnado

Pais de crianças pálidas que moram em cidades, pensem nessas coisas! Os filhos da sarjeta que se alimentam das migalhas das ruas estão em melhor situação (e visualmente mais saudáveis) a este respeito do que os seus queridos amados, porque eles possuem mais do primeiro elemento essencial à vida — o ar. Há alguma circulação de ar até mesmo nas favelas da cidade, e a criança que passa seus dias nas ruas é melhor provida de oxigênio do que a que passa a maior parte de suas horas no ar estagnado de um ambiente espaçoso.

Contudo, não é o ar das ruas que as crianças querem. É o delicioso ar vivificante do campo. O gasto que as crianças fazem para viver é extremamente superior ao gasto de um adulto. A incessante atividade da criança, enquanto desenvolve músculos, é mantida à custa de um desperdício de tecido muito grande. É o sangue que carrega material para a reparação dessa

perda. A criança deve crescer, em todas as suas partes, e é o sangue que traz material para a construção dos novos tecidos. Mais uma vez, sabemos que o cérebro é, desproporcionalmente ao seu tamanho, o grande consumidor do suprimento do sangue, mas o cérebro da criança, com sua atividade ansiosa, e seu duplo crescimento, é insaciável em suas demandas!

"Eu Alimento Alice Com Caldo de Carne"

"Eu alimento Alice com caldo de carne, óleo de fígado de bacalhau e todo tipo de coisas nutritivas, mas é muito desanimador que ela não engorde!" É provável que Alice respire por vinte e duas das vinte e quatro horas do dia o ar empobrecido e mais ou menos viciado existente entre as quatro paredes de uma casa. A criança está praticamente faminta, pois a comida que ela come é muito imperfeita e inadequadamente convertida em sangue arejado que alimente os tecidos do corpo.

E se a menina está sofrendo de inanição corporal, o que dizer de sua mente ansiosa, ativa, curiosa e faminta? "Oh, ela faz suas lições regularmente, todos os dias". Provavelmente. Mas lições que lidam com palavras, apenas com os *sinais* das coisas, não são o que a criança deseja. Não há conhecimento tão apropriado para os primeiros anos de uma criança como o do nome, e da aparência, e do comportamento *in situ*^[5] de cada objeto natural a que ela possa ter acesso. "Ele fez de tal forma Suas maravilhosas obras, que elas devem ser mantidas na memória".

"Três anos ela, em sol e banho, cresceu
Então a Natureza disse: "Flor mais adorável
Na terra jamais foi semeada:
Esta criança para mim tomarei:
Ela será minha, e far-lhe-ei
Minha possessão amada.
* * *

"Ela deve ser, como o corço, esportiva,
Correndo selvagem, com alegria, pela relva
Ou saltando pelas montanhas;
E dela deve ser o bálsamo respiratório,
E dela, também, a calma e o silêncio
Das coisas impassíveis e mudas.
* * *

"As estrelas da meia-noite, queridas devem ser
a ela; e ela deve seus ouvidos propender
a todo lugar secreto
Onde os riachos que dançam suas voltas inconstantes,
E a beleza que nasce dos sons murmurantes
Transformarão seu rosto."

Arejamento do Ambiente Interno

Sobre o arejamento do ambiente externo, teremos outra ocasião para tratar de forma mais completa. Contudo, a ventilação do ambiente interno é, de fato, de igual importância, porque se os tecidos forem alimentados com sangue impuro durante todas as horas que a criança passa dentro de casa, o prejuízo não será reparado durante os curtos intervalos passados do lado de fora. Coloque dois ou três corpos que respiram, bem como fogo e gás, em uma sala, e perceberá como é incrível o quanto o ar se torna viciado, a menos que seja constantemente renovado, isto é, a menos que a sala esteja bem ventilada. Sabemos o que é deixar o ar fresco e reclamar que uma sala se encontra abafada, mas permaneça neste ambiente por alguns minutos e você irá se acostumar com a falta de ar; os sentidos já não serão um guia seguro.

Ventilação

Portanto, deve-se providenciar uma ventilação regular dos cômodos da casa independentemente das sensações dos seus habitantes, visto que se pelo menos dois

centímetros e meio da janela permanecerem abertos dia e noite, isso tornará um cômodo suficientemente seguro, porque permitirá a evasão do ar viciado que, sendo leve, sobe, deixando espaço para o afluxo de ar mais frio e mais fresco através de fendas e brechas nas portas e pisos. Uma chaminé aberta é um ventilador útil, embora não seja o suficiente. É desnecessário dizer que tapar as chaminés nos dormitórios é uma atitude suicida. É particularmente importante acostumar as crianças a dormir com alguns centímetros ou mais de janela aberta durante todo o ano — tanto mais do que você gosta durante o verão.

Ar Noturno Saudável

Há uma ideia popular de que o ar noturno é insalubre, mas se você compreende que ar saudável é aquele que contém o seu complemento completo de oxigênio, e não mais do que seu complemento mínimo de gás carbônico, e que todos os objetos combustíveis — fogo, forno, lâmpada de gás — produzem gás carbônico e consomem oxigênio, você verá que o ar noturno é, em circunstâncias normais, mais saudável do que o ar diurno, simplesmente porque há uma drenagem menos exaustiva de seu gás vital. Quando as crianças estão fora de um ambiente que costumam ocupar — o quarto ou a sala do café da manhã —, aí está a oportunidade de fazer com que o ar circule, abrindo completamente as portas e janelas e produzindo uma ampla corrente de ar.

Sol

Mas não é somente de ar, e ar puro, que as crianças precisam para que o seu sangue esteja em sua "mais fina qualidade", como as propagandas alegam. O sangue bastante saudável é extremamente rico em diminutos corpos vermelhos em formato de disco, conhecidos como glóbulos vermelhos, que, em circunstâncias favoráveis, são produzidos livremente no próprio sangue.

Ora, observa-se que as pessoas que vivem muito sob a luz do sol possuem um semblante corado — isto é, muitos desses glóbulos vermelhos estão presentes no sangue delas, enquanto as pobres almas que vivem em porões e vielas carentes de sol têm a pele da cor de um papel pardo. Consequentemente, conclui-se que a luz e o sol são favoráveis à produção de glóbulos vermelhos no sangue, e, portanto — este "portanto" é apenas uma aplicação para as mãos —, os quartos das crianças devem estar no lado ensolarado da casa, com uma vertente meridional, se possível. Na verdade, toda a casa deveria ser mantida iluminada e brilhante por causa delas. Árvores e dependências que obstruem o sol e tornam os quartos das crianças escuros deveriam ser removidos.

Transpiração livre

Outro ponto deve ser observado, a fim de garantir que o cérebro seja nutrido por sangue saudável. O sangue recebe e elimina os resíduos liberados pelos tecidos, e um dos agentes mais importantes por meio do qual ele faz esse necessário trabalho é a pele. Milhões de poros invisíveis perfuram a pele, sendo a abertura de minúsculos tubos inter cruzados, e cada um desses poros é utilizado, sem qualquer momento de interrupção, enquanto o corpo está em estado de saúde, na liberação da transpiração — isto é, do resíduo dos tecidos — sobre a pele.

Transpiração Inconsciente

Quando a transpiração é excessiva, temos consciência da umidade sobre a pele, mas, conscientes disso ou não, essa transpiração está sempre acontecendo; e, mais do que isso, se uma porção considerável de pele fosse envernizada, de modo que se tornasse impermeável, a consequência seria a morte. É por isso que as pessoas morrem em consequência de escaldos ou queimaduras que prejudicam uma grande área da pele, embora não toquem nenhum órgão vital. Milhares de minúsculos tubos que deveriam eliminar do sangue materiais prejudiciais são fechados e, embora a superfície restante da pele e os outros órgãos excretórios executem

trabalho extra para eliminá-los, é impossível compensar a perda do que pode ser chamado de drenagem eficiente sobre uma área considerável. Portanto, se o cérebro deve ser devidamente nutrido, é importante manter toda a superfície da pele em condições de descartar livremente a excreção do sangue.

Banho Diário e Vestuário Poroso

Seguem-se duas considerações: sobre a primeira, isto é, sobre a necessidade de banho diário seguido de fricção vigorosa da pele, é desnecessário acrescentar palavra aqui. Mas, possivelmente, não é tão bem entendido que as crianças devem se vestir de roupas porosas que permitam a passagem instantânea das expirações da pele.

Por que mulheres delicadas desmaiavam, ou, de alguma forma, "se sentiam fracas", quando era costume ir à igreja com casacos de pele de foca? Por que as pessoas que dormem no subsolo, ou mesmo sob colchas de seda ou de algodão, frequentemente se levantam sem se sentirem renovadas? Por uma única causa: suas cobertas impediram a passagem da transpiração inconsciente e, assim, prejudicaram a pele em sua função de aliviar o sangue das impurezas. É surpreendente a constante perda de vitalidade que as pessoas experimentam por nenhuma outra causa a não ser o caráter inadequado de suas roupas.

As crianças não podem ser melhor vestidas do que em roupas de lã, flanelas e sarjas, de espessuras apropriadas para o uso no verão e no inverno. Os tecidos de lã têm outras vantagens em relação aos materiais de algodão e linho, além do fato de serem porosos. A lã é um mau condutor e, portanto, não permite uma grande dissipação de calor animal; e ela é absorvente, portanto alivia a pele das sensações úmidas que seguem à transpiração consciente. Seríamos mais saudáveis se pudéssemos tomar a decisão de dormir em tecidos de lã, descartando linho ou algodão em favor de lençóis feitos com algum material de lã tecido com leveza.

Podemos dizer muito sobre esta única questão: a devida nutrição do cérebro, da qual depende toda a possibilidade de uma educação saudável. Mas algo será efetivo se a razão de pelo menos duas ou três regras práticas de saúde tenham ficado tão claras que não possam ser evadidas sem uma sensação de quebra de lei.

Temo que o leitor possa estar inclinado a pensar que estou chamando atenção excessiva para algumas poucas questões fisiológicas — o degrau mais básico da escada educacional. Este pode ser o degrau mais básico, mas mesmo este continua sendo necessário para o resto. Pois não é demais dizer que, no nosso estado atual de ser, a vida e o progresso intelectual, moral, e mesmo espiritual dependem muito das condições físicas. Não quero dizer que a pessoa que possui um bom estado físico será necessariamente boa e inteligente; mas que a pessoa boa e inteligente requer muita substância animal para compensar o gasto de tecido provocado no exercício da sua virtude e do seu intelecto. Por exemplo, é mais fácil ser amável, gentil e sincero, com ou sem dor de cabeça ou ataque de neuralgia?

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Qual é a primeira condição da educação bem-sucedida?
2. Mostre que os esforços intelectuais, morais e físicos diários são necessários para as crianças.
3. Em que princípio o suprimento de sangue é regulado?
4. Mostre a importância do descanso após as refeições.
5. Qual é o melhor momento para as lições? Por quê?
6. Em que princípio os horários escolares devem ser organizados?
7. Mostre que a atividade cerebral é afetada pela nutrição.
8. Em que condições a comida aumenta a qualidade vital do sangue?
9. Por que a comida deve ser variada?
10. Mostre que as crianças são gastadoras de vitalidade.
11. Dê algumas dicas úteis quanto às refeições.
12. Por que deveria haver conversa durante as refeições?
13. Dê algumas regras para garantir a variedade nas refeições.
14. Mostre detalhadamente que o ar é tão importante quanto a comida.

15. O que você tem a dizer sobre o passeio diário das crianças?
16. O que se entende por oxigenação do sangue?
17. Mostre que o oxigênio tem suas limitações.
18. Quais são os perigos do ar estagnado em ambientes espaçosos?
19. "Eu alimento Alice com caldo carne". Por quê?
20. O que é importante sobre Alice?
21. Quais são as alegrias da "Lucy" de Wordsworth?
22. Mostre o perigo de ambientes abafados.
23. Qual princípio deve regular a ventilação?
24. Por que o ar noturno é saudável?
25. De quais fatores físicos a necessidade de sol depende?
26. Mostre que a pele faz um considerável trabalho de limpeza.
27. Por que as pessoas morrem de escaldos ou queimaduras externas?
28. Por que um banho diário é necessário?
29. Dê algumas instruções sobre o vestuário das crianças.

Capítulo VII – ‘O Reino da Lei’ na Educação

Senso Comum e Boas Intenções

Além disso, embora este cultivo físico do cérebro possa ser apenas a base da educação, o seu método indica qual deve ser o método de toda a educação; isto é, um progresso ordenado e regulado sob a orientação da Lei. A razão pela qual a educação impacta tão menos do que deveria é apenas esta: que, em nove a cada dez casos, pais sensíveis e bondosos confiam demais em seu bom senso e em suas boas intenções, esquecendo que o senso comum deve empenhar-se arduamente para instruir-se na natureza do caso, e que esforços bem-intencionados valem pouquíssimo se não forem conduzidos em obediência às leis divinas, que devem ser lidas, em muitos casos, não na Bíblia, mas nos fatos da vida.

Vidas Conscientes da Lei São Frequentemente Mais Irrepreensíveis do que as Devotas

É uma vergonha para pessoas crentes que muitos, cuja maior confissão é que não conhecem e, portanto, *não* creem, apresentem vidas mais irrepreensíveis, mais livres de falhas de temperamento e do vício do egoísmo, do que muitas pessoas sinceramente religiosas. Isso é um fato que vai confrontar as crianças vez por outra, e para o qual elas vão pedir explicação. Ademais, esse fato terá ainda mais peso se isso as confrontar em pessoas que elas não podem senão estimar e amar — mais peso do que todo o ensinamento doutrinário que tiveram em suas vidas. Isso me parece um perigo ameaçador para aquela confessa dependência e lealdade ao Deus Todo-Poderoso que nós reconhecemos como religião: não a maldade, mas a *bondade* de um mestre que se recusa a admitir tal dependência e lealdade a Deus.

Minha percepção desse perigo é meu motivo para oferecer o pouco que tenho a dizer sobre o assunto da educação — meu senso do perigo e a certeza que sinto de que não se trata de um perigo tão grande assim, mas com o qual os pais de classe refinada são competentes para lidar, e são precisamente as únicas pessoas capazes de fazê-lo.

Mente e Matéria São Igualmente Governadas Pela Lei

Quanto a esta moralidade superior de alguns não-crentes, supondo que a admitamos, a que ela equivale? Somente a isso: que o universo da mente, assim como o universo da matéria, é governado por leis divinas não escritas; que a criança não pode soprar bolhas de sabão ou raciocinar em seus pensamentos vacilantes a não ser em obediência às leis divinas; que toda segurança, progresso e sucesso na vida vêm da obediência à lei, às leis da ciência mental, moral ou física, ou daquela ciência espiritual que a Bíblia revela; que é possível averiguar leis e guardá-las sem reconhecer o Legislador; e que aqueles que averiguam e guardam qualquer lei divina herdam a bênção devida à obediência, qualquer que seja a sua atitude para com o Legislador, da mesma forma que o homem que sai ao brilho do sol é aquecido, embora possa fechar os olhos e recusar-se a vê-lo. Por outro lado: que aqueles que não se esforçam para estudar os princípios que governam a ação e o pensamento humano perdem as bênçãos da obediência a certas leis, embora possam herdar as melhores bênçãos que vêm de uma reconhecida relação com o Legislador.

O Antagonismo à Lei Exibido por Algumas Pessoas Religiosas

Essas últimas bênçãos são tão indizivelmente satisfatórias que, frequentemente, o crente que as aprecia não deseja nada além. Ele abre a boca e respira pelo deleite que tem na lei, é verdade, mas somente a lei da vida espiritual. Em relação às outras leis de Deus que governam o universo, ele às vezes adota uma atitude de antagonismo, quase de resistência, digna de um infiel.

Não significa nada para ele ter sido feito de forma assombrosa e maravilhosa, ele não se importa em saber como funciona o cérebro, nem como a essência mais sutil que chamamos de mente se desenvolve e se aprimora em obediência às leis. Há mentes piedosas para as quais um desejo de olhar para estas coisas tem cheiro de incredulidade, como se fosse desonrar o Todo-Poderoso perceber que Ele exerce as suas obras gloriosas por meio de Leis gloriosas. Eles não querem se envolver com outras leis, exceto as leis do reino da graça.

Entretanto, o não-crente, que não procura nenhum auxílio sobrenatural, se põe a descobrir e a se conformar a todas as leis que regulam a vida natural — físicas, mentais, morais — todas as leis de Deus, de fato, exceto aquelas da vida espiritual da qual o crente se apropria como sua herança peculiar. Mas, estas leis que são deixadas a Esaú também são leis de Deus, e a observância delas é atestada com tais bênçãos que os filhos dos crentes dizem: "Veja, como é que aqueles que não reconhecem a Lei como divina são melhores do que nós que a reconhecemos?"

Os pais Devem se Familiarizar com os Princípios da Fisiologia e da Ciência Moral

Ora, os pais crentes não têm o direito de lançar esta dificuldade crucial sobre seus filhos. Eles não têm o direito, por exemplo, de orar para que seus filhos se tornem confiáveis, diligentes e honestos enquanto negligenciam se familiarizar com os princípios da ciência moral, cuja observância guiará na confiabilidade, diligência e honestidade de caráter. Pois isso também é a lei de Deus. Veja, não estou dizendo que os guiará no conhecimento de Deus (a coisa pela qual mais vale a pena viver): nenhuma ciência mental e nenhuma ciência moral se empenha em revelar isso. O que eu defendo é que essas ciências têm o seu papel na educação da raça humana, e que um pai não pode ignorá-las impunemente.

Meu esforço neste e nos próximos volumes da série será esboçar mais ou menos um método de educação que, enquanto repousa sobre uma base da lei natural, pode esperar, sem presunção, herdar a bênção Divina. Qualquer esboço que eu possa oferecer neste curto compasso será muito imperfeito e muito incompleto, mas uma sugestão aqui e ali pode ser suficiente para colocar pais inteligentes em linhas proveitosas de pensamento no que diz respeito à educação de seus filhos.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Qual deve ser o método de toda a educação?
2. Por que o bom senso e as boas intenções não são suficientes?
3. Como podemos responder ao perigo para a religião decorrente da vida irrepreensível de algumas pessoas não religiosas?
4. Explique a moralidade superior de tais não-crentes.
5. Mostre que toda observância da lei traz sua recompensa.
6. Mostre que os pais não devem criar dificuldades cruciais para seus filhos.
7. Por que os pais devem estudar a ciência mental e moral?

PARTE II

Vida ao Ar Livre Para as Crianças

Capítulo I - Um Tempo de Crescimento

Refeições no Quintal

Pessoas que vivem no campo sabem muito bem o valor do ar fresco, e seus filhos vivem ao ar livre, com intervalos dentro de casa apenas para dormir e para comer. Sobre esse último ponto, mesmo as pessoas que vivem no campo não fazem pleno uso das suas oportunidades. Em dias belos, quando está quente o suficiente para sair sem agasalhos, por que não ter o chá e o café da manhã, ou mesmo todas as refeições, exceto um jantar quente, servidos no quintal? Porque nós somos uma geração exausta, que perde a sua força, assim como um repolho perde o vigor; e cada hora gasta ao ar livre é um claro ganho, contribuindo para o aumento do poder cerebral e do vigor físico, e da própria longevidade. Aqueles que sabem o que é sentir a pele fervente e o cérebro pulsante sendo deliciosamente aliviados pelo fresco toque do ar estão inclinados a estabelecer uma nova regra de vida: nunca esteja dentro de casa quando você pode *perfeitamente* estar fora dela.

Além disso, o ganho de uma ou duas horas ao ar livre precisa ser considerado: refeições feitas no quintal são geralmente alegres, e não há nada como a felicidade para converter carne e bebida em sangue e tecidos saudáveis. Além disso, durante todo o tempo as crianças estão armazenando memórias de uma infância feliz. Daqui a cinquenta anos, elas se lembrarão das sombras dos ramos das árvores formando desenhos sobre a toalha da mesa; e da luz do sol, do riso das crianças, do zumbido das abelhas, e do perfume das flores que eram postas nos vasos após as refeições.

Para Quem Mora em Cidades e Periferias

Mas apenas as pessoas que vivem, por assim dizer, em seu próprio jardim, podem ter a prática de dar chá aos seus filhos fora de casa. Para o resto de nós, e a maioria de nós, que vivemos nas cidades ou nas periferias, isso é acrescentado a uma questão mais ampla: Quanto tempo ao ar livre as crianças devem ter diariamente? E como é possível garantir isso a elas? Nesses dias de extraordinária pressão educacional e social, talvez o primeiro dever de uma mãe para com seus filhos seja garantir-lhes um tempo de crescimento tranquilo, seis anos completos de uma acolhedora vida passiva e, a parte acordada desses anos, gasta principalmente ao ar livre. E isso não só para ganho em saúde corporal: corpo e alma, coração e mente, são alimentados com sua comida apropriada quando as crianças são deixadas em paz para viverem sem conflitos e estímulos em meio às alegres influências que as inclinam a serem boas.

Possibilidades de um Dia ao Ar Livre

Tomei a decisão, diz uma mãe judiciosa, de mandar meus filhos para fora de casa, se o clima permitir, por uma hora no inverno e duas horas por dia nos meses de verão. Isso é ótimo; mas não é suficiente. Em primeiro lugar, não os mande; se houver qualquer possibilidade, leve-os; pois, embora as crianças devam ser essencialmente deixadas à vontade, há muito a ser feito e muito a ser evitado durante estas longas horas ao ar livre. E deveriam ser realmente longas horas. Não duas, mas quatro, cinco, ou seis horas, seriam ideais para cada dia belo e suportável, de abril a outubro.

Impossível! Diz a mãe exausta que não enxerga em seu caminho a possibilidade de dar a seus filhos mais do que uma hora diária pelas calçadas das praças da vizinhança de Londres. Deixe-me repetir que estou me aventurando a sugerir não aquilo que é praticável em qualquer lar, mas o que me parece *ser absolutamente melhor para as crianças*, e isso crendo que as mães operam maravilhas uma vez que estejam convencidas de que maravilhas lhes são exigidas. Uma viagem de vinte minutos de trem ou ônibus, e uma cesta com o almoço tornarão um dia no campo possível para a maioria dos habitantes das cidades; e se é possível em um

dia, por que não em muitos, e ainda em todos os dias oportunos?

Supondo que as tenhamos obtido, o que deve ser feito com essas horas douradas, de modo que cada uma seja prazerosa? Elas devem ser gastas por meio de algum método ou a mãe ficará esgotada e as crianças entediadas. Há muito a ser realizado nesta grande fração do dia das crianças. Elas devem permanecer com um temperamento alegre durante todo o tempo ou perderão parte do fortalecimento e frescor mantidos à disposição delas pelo ar abençoado. Elas devem ser deixadas em paz, deixadas a si mesmas por algum tempo, para assimilarem o que puderem da beleza da terra e do céu; pois dos males da educação moderna, poucos são piores do que este: o constante falatório de seus responsáveis não deixa à pobre criança um momento de tempo, nem um centímetro de espaço sequer, para que ela possa se admirar de algo — e crescer. Ao mesmo tempo, aqui está, para a mãe, a oportunidade de treinar a visão e a audição da criança e plantar sementes de veracidade em sua alma aberta, as quais deverão germinar, florescer e dar frutos, sem sua ajuda ou conhecimentos posteriores. Então, há muito a ser obtido ao empoleirar-se em uma árvore ou aninhar-se em uma urze, mas os músculos se desenvolvem por meios mais ativos, e uma ou duas horas devem ser dedicadas a brincadeiras vigorosas; e, por último, e verdadeiramente último, uma ou duas lições devem ser aplicadas.

Nada de Livros de Histórias

Vamos supor que a mãe e os filhos chegaram a um lugar arejado ao ar livre, onde parece sempre dia. Em primeiro lugar, não é de sua responsabilidade entreter os pequenos: não deve haver livros de histórias nem contos, deve haver o mínimo de conversa possível, e isso por alguns propósitos. Quem pensa divertir as crianças com contos ou conversas em um circo ou uma pantomima? E aqui, não há infinitamente mais sendo exibido para o divertimento deles? Nossa sábia mãe, assim que chega neste local, primeiro sugere às crianças que liberem seus espíritos em uma corrida selvagem, com gritos, piruetas, e qualquer extravagância que vier às suas jovens cabeças. Não há distinção entre grande e pequeno; os mais novos amam seguir atrás dos mais velhos, e, em lições ou brincadeiras, observá-los e imitá-los de acordo com a sua pequena habilidade. Quanto ao bebê, ele está em êxtase: despojado de seus cobertores, ele chuta e se arrasta, e agarra a grama, ri com sua suave risada infantil e assimila o seu pequeno conhecimento das formas e propriedades à sua própria maneira maravilhosa — vestido em uma roupa de lã, longa e solta, que é apropriada para qualquer uso possível.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Por que a vida ao ar livre para crianças pequenas é especialmente importante nesses dias?
2. Quais são os ganhos das refeições ao ar livre?
3. O que pode ser realizado por moradores de cidades e periferias?
4. Cite cinco ou seis pontos que deveriam ser lembrados em um dia a céu aberto.
5. O que dizer dos livros de histórias ou contos em tais ocasiões?
6. E quanto ao bebê?

Capítulo II - Saídas de Campo

Veza por outra, as crianças voltarão à sua mãe e, enquanto a inteligência estiver fresca e os olhos interessados, ela os enviará a uma expedição exploratória: quem pode ver mais, e dizer mais, sobre o morro ou o riacho, a sebe ou o matagal mais adiante. Este é um exercício que diverte as crianças, e pode ser infinitamente variado, conduzido em espírito de brincadeira, e mesmo assim, com a exatidão e o cuidado de uma lição.

Como Observar

"Descubram tudo o que puderem sobre o chalé ao pé da colina, mas não se aproximem demais". Logo eles estarão de volta, e haverá uma série expressões animadas, um burburinho de palavras, e suas observações aleatórias serão disparadas em um único fôlego sobre a orelha da mãe. "Há colmeias de abelhas". "Vimos muitas abelhas entrarem em uma delas". "Há um grande jardim". "Sim, e há girassóis nele". "E margaridas e amores perfeitos". "E há uma grande quantidade de flores azuis com folhas ásperas, mãe; o que você acha que são?" "Borragem para as abelhas, muito provavelmente; elas gostam muito disso". "Ah, e há macieiras, e pereiras, e ameixeiras de um dos lados; há uma pequena trilha ao meio, sabe". "De que lado estão as árvores frutíferas?" "Do lado direito — não, do esquerdo; deixe-me ver, qual é a mão com que escrevo? Sim, é do lado direito". "E há batatas e couves, e hortelã e outras coisas do outro lado". "Onde estão as flores, então?" "Oh, elas estão ao redor do jardim, margeando cada lado da trilha". "Mas nós não te contamos sobre a maravilhosa macieira; eu posso pensar que há um milhão de maçãs nela, todas maduras e rosadas!" "Um milhão, Fanny?" "Bem, um grande número, mãe; eu não sei quantas". E assim por diante, indefinidamente; a mãe obterá gradualmente uma descrição completa da casa e do seu jardim.

Usos Educativos da Saída de Campo

Isso tudo é brincadeira para as crianças, mas a mãe está fazendo um trabalho inestimável: ela está treinando seus poderes de observação e expressão, aumentando seu vocabulário e seu repertório de ideias, dando-lhes o nome e os usos de um objeto no momento certo. Quando perguntam: "O que é isso?" e "para que isso serve?" E ela está treinando seus filhos em hábitos de autenticidade ao torná-los cuidadosos em ver os fatos e declará-los com exatidão, sem omitir ou exagerar. A criança que descreve: "Uma árvore alta, que sobe em direção a um determinado ponto, com folhas bastante arredondadas; não é uma árvore agradável para a sombra, porque todos os ramos se elevam", merece aprender o nome da árvore e tudo o que a mãe puder dizer sobre ela. Mas, o pequeno traíçoeiro, que não deixa claro se está descrevendo um olmo ou uma faia, não deve obter nenhum encorajamento; sua mãe não deveria mover sequer um pé para ver esta árvore, nem ser persuadida a falar sobre ela, até que, em desespero, ele saia e retorne com uma observação mais específica — casca áspera ou lisa, folhas ásperas ou lisas — e, então a mãe considera, se pronuncia e, cheio de alegria, ele a leva para ver a árvore por si mesma.

Observação Criteriosa

Pouco a pouco, as crianças aprenderão criteriosamente todas as características das paisagens que lhes são familiares. E, imagine que possuem maravilhosa, para a vida adulta e para a velhice, ter uma série de imagens fotografadas, elemento por elemento, no brilho ensolarado da mente da criança! A coisa mais miserável sobre as lembranças infantis da maioria das pessoas é que elas são borradas, distorcidas, incompletas, não mais agradáveis de se olhar do que um copo quebrado ou uma veste rasgada; e o motivo não é que as cenas antigas tenham sido esquecidas, mas que nunca foram observadas inteiramente. Na época, não havia mais do que uma impressão nebulosa de que tais e tais objetos estavam presentes e, naturalmente, transcorridos alguns anos, essas características, das quais a criança não estava consciente quando as viu diante de si, raramente podem ser relembradas.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Dê um exemplo de "saída de campo".
2. Cite cinco ou seis usos educativos que podem ser feitos das saídas de campo?
3. Mostre o valor da observação criteriosa.

Capítulo III - Pintando Cenários

O Método

Tão extremamente deliciosa é essa capacidade de pintar cenários mentais, imagens exatas das belezas da natureza espalhadas pelo mundo para o estímulo da visão, que vale a pena exercitar as crianças de outra maneira com o mesmo objetivo, tendo em mente, no entanto, que elas enxergam aquilo que está próximo e de forma reduzida, mas só por meio de muito esforço conseguem enxergar aquilo que está distante e de forma ampla. Faça com que as crianças olhem bem para alguma parte da paisagem e, em seguida, fechem os olhos e tentem trazer a imagem à mente. Se alguma coisa estiver embaçada, é melhor que olhem novamente.

Quando tiverem uma imagem perfeita diante de seus olhos fechados, peça que digam o que veem. Assim: "Eu vejo uma lagoa; ela é rasa em um dos lados, mas profunda no outro; as árvores chegam até a orla das águas naquele lado, e você consegue ver suas folhas verdes e seus galhos refletidos na água tão claramente que poderia cogitar haver uma floresta embaixo dela. Quase tocando as árvores, na água, há um pedaço de céu azul com uma macia nuvem branca; e quando você olha para cima, vê essa mesma nuvem, mas com uma grande quantidade de céu em vez de um pedaço, porque não há árvores lá em cima. Há lindos lírios aquáticos contornando a grande orla da lagoa, e duas ou três grandes folhas arredondadas estão apontando para cima, como velas de barco. Perto de onde estava, três vacas vieram para beber água, e uma adentrou tanto na lagoa que quase chegou a cobrir seu pescoço", etc.

Esforço de Atenção

Esse, também, é um exercício em que as crianças se deleitam, mas, como envolve algum esforço de atenção, é cansativo, e só deve ser utilizado de vez em quando. No entanto, vale muito a pena dar às crianças o hábito de memorizar um pouco da paisagem desta maneira, porque o esforço de recordar e reproduzir é fatigante, mas o ato totalmente prazeroso de enxergar *de forma completa e detalhada* provavelmente será repetido de maneira inconsciente até se tornar hábito para aquela criança que vez ou outra é chamada a reproduzir o que vê.

Vendo De Forma Completa e Detalhada

No início, as crianças vão desejar uma pequena ajuda na arte de ver. A mãe vai dizer: "Olhe para o reflexo das árvores! Parece haver uma floresta embaixo da água. Do que aquelas folhas apontando para cima lembram vocês?" E assim por diante, até que as crianças tenham notado os pontos importantes do cenário. A própria mãe aprenderá dois ou três cenários e poderá descrevê-los com os olhos fechados para a diversão das crianças. Como elas são pequenas imitadoras e, ao mesmo tempo, bastante solidárias, qualquer toque fantástico e gracioso que a mãe lançar em suas descrições será reproduzido com variações na descrição das crianças.

As crianças vão se deleitar com este jogo de pintar cenários ainda mais se a mãe o introduzir descrevendo algum cenário grandioso de sua própria galeria — imagens de montanhas, de charnecas, de mares tempestuosos, de campos arados, de criancinhas brincando, de uma velha mulher tricotando —, e prosseguir dizendo que, apesar de não pintar seus cenários em telas e emoldurá-los, ela carrega consigo uma bela galeria de fotos, pois sempre que vê algo adorável ou interessante, fica olhando até que tenha a imagem guardada em sua mente; e então carrega a cena consigo — que se torna sua para sempre —, uma imagem que ela poderá ver sempre que desejar.

Um meio de Consolação Futura e de Refresco

Seria difícil supervalorizar esse hábito de ver e armazenar como um meio de consolação futura e de refresco. Até os mais ocupados entre nós temos períodos de férias, quando tiramos o jugo dos nossos pescoços e ficamos face a face com a natureza, para sermos curados e

abençoados pelo

“... bálsamo respiratório,
... a calma e o silêncio
Das coisas impassíveis e mudas.”

Este refresco instantâneo está aberto a todos de acordo com sua medida, mas é um erro supor que todos possam carregar consigo uma imagem refrescante daquilo que lhes dá prazer. Apenas alguns podem dizer ao lado de Wordsworth, dos cenários que visitaram

"Embora por muito tempo ausentes,
Essas formas de beleza não me têm sido
Como uma paisagem para olhos cegos;
Mas, não raro, a sós, e em meio ao barulho
De vilas e cidades, eu atribuo a elas,
Em horas de cansaço, doces impressões,
Sentidas no sangue e pelo coração;
Penetrando até o mais puro pensamento
Com pacífica renovação”.

E, no entanto, este não é um presente altamente poético que o resto de nós deve se contentar apenas em admirar, mas uma recompensa comum pelo esforço no ato de observar, com o qual os pais podem contribuir grandemente em benefício de seus filhos.

A mãe deve ter cuidado com a forma como estraga a simplicidade, o caráter *objetivo* do deleite da criança, tratando suas pequenas descrições como feitos engenhosos a serem exibidos ao pai ou aos visitantes. Ela deveria fazer um voto a fim de se conter e "não falar nada para ninguém" na presença da criança, de forma alguma, ainda que a criança se revele um poeta nato.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. O que se entende por "pintura de cenário"?
2. Dê um exemplo.
3. Mostre o valor deste exercício.
4. Que cuidado deve-se ter em mente?
5. Que hábito inestimável este exercício visa formar?
6. Qual é a parte da mãe no exercício?
7. Qual é a recompensa pelo esforço no ato de enxergar?

Capítulo IV – Flores e Árvores

As Crianças Devem Conhecer a Cultura Campestre

No decorrer desta "saída de campo" e "pintura de cenário", haverá oportunidades de familiarizar as crianças com elementos e usos rurais. Se houver fazendas ao alcance, elas devem conhecer o prado e a pastagem, os trevos, o nabo e o milho, sob todos os aspectos, desde o arado da terra até o processo de colheita.

Flores do Campo e História das Plantas

Polygala, *Euphrasia*, *Ononis*, *Galium*, *Chamaenerion*, todo gênero de flor selvagem que cresce pela vizinhança, deveria ser-lhes bem conhecido; as crianças deveriam ser capazes de descrever a folha — sua forma, tamanho, crescimento a partir da raiz ou do tronco, seu florescimento —, um ramo de flores, uma única flor, uma espiga, etc. E, tendo se familiarizado com uma flor selvagem, de forma que nunca se esqueçam ou se enganem sobre ela, devem examinar o local onde a encontraram, para que, no futuro, elas saibam em que tipo de solo procurar essa e aquela flor. "Podemos encontrar tomilho selvagem aqui!" "Oh, este é o melhor lugar para as calêndulas; precisamos vir aqui na primavera". Se a mãe não é uma grande botânica, ela pode encontrar ajuda em *Wild Flowers*^[6] da Sra. Ann Pratt, com suas imagens coloridas, similaridade suficiente para que se possa identificar as flores pelos nomes comuns em inglês, e com suas agradáveis narrativas de fatos e fantasias (que são um deleite para as crianças). Fazer coleções de flores selvagens por vários meses, prensá-las e montá-las cuidadosamente em quadros de papel tinteiro, com o nome, o habitat e a data em que cada uma foi encontrada, oferece uma ocupação muito divertida e, ao mesmo tempo, um treinamento muito útil. Melhor ainda é acostumar as crianças a fazerem cuidadosas pinturas com pincel daquelas flores que despertam seu interesse — da planta completa, quando possível.

O Estudo das Árvores

As crianças também devem adquirir intimidade com as árvores precocemente; devem escolher meia dúzia de árvores (carvalhos, olmos, freixos, faias, em sua nudez invernal), e torná-las suas amigas ao longo de um ano. No inverno, observarão os cachos iluminados da bétula, os ramos nodosos do carvalho, o vigoroso crescimento do sicômoro. Elas podem esperar para aprender os nomes das árvores até que apareçam as folhas.

Aos poucos, à medida em que a primavera avança, contemple o amplo enrijecimento e a aparência de vida nos ramos ainda nus; a vida desperta no belo mistério dos brotos de folhas, um agrupamento de delicadas folhas infantis que repousam em local acolhedor debaixo de muitos invólucros impermeáveis; carvalho e olmo, faia e bétula, cada árvore tem sua própria maneira de dobrar e embalar sua folhagem; observe os "brotos avermelhados da limeira" e o freixo, com seu belo broto semelhante ao pé de um veado, não verde, mas preto,

"Mais escuro que os brotos do freixo no início de março".

As Estações Devem ser Seguidas

Mas é difícil acompanhar as maravilhas que se desenrolam na "estação generosa". Há os esporos pendurados e os pequenos pistilos avermelhados visíveis da aveleira — feixes de flores de dois tipos diferentes, ambas as quais, em uma única árvore; e os esporos felpudos do salgueiro; e o festivo irrompimento de todas as árvores em adorável folhagem; há também o

aprendizado dos padrões das folhas à medida que surgem, e a nomeação das árvores a partir deste e de outros sinais. Então, surgem as flores, cada uma firmemente encerrada no delicado porta-jóias que chamamos de botão, tão astutamente envolvidas como as folhas em seus brotos, mas menos cuidadosamente guardadas, pois esses "amáveis cuidadores" postergam sua chegada pela maior parte do tempo, até que a terra tenha uma cama quente e o sol tenha gentis boas-vindas para oferecer.

Leigh Hunt sobre as Flores

"Suponha", diz Leigh Hunt, "que as flores fossem novas! Suponha que elas tivessem acabado de vir ao mundo, uma doce recompensa por alguma nova bondade... Imagine o que deveríamos sentir quando víssemos o primeiro ramo lateral surgindo a partir do ramo principal, e desvendando uma folha. Como deveríamos observar a folha gradualmente desdobrando a sua pequena mão graciosa, depois outra, depois outra; então, o ramo principal subindo e produzindo mais brotos; e então, uma delas dando sinais de uma novidade surpreendente — um botão! Depois, esse botão misterioso se desdobrando gradualmente como a folha, nos deslumbrando, nos encantando, quase nos impressionando com deleite, como se não soubéssemos que encantamento se seguiria, até que por fim, em toda a sua beleza mágica, a voluptuosidade e a misteriosa elaboração de uma escultura delicada e viva fizesse resplandecer a flor avermelhada". As *flores*, é verdade, não são novas; mas as *crianças* são; e é culpa dos mais velhos que cada nova flor que encontram não seja para elas uma *Picciola*, um mistério de beleza a ser observado um dia após o outro, com indescritível admiração e deleite.

Enquanto isso, perdemos de vista aquela meia dúzia de árvores florestais que as crianças haviam adotado em uma espécie de companheirismo durante o ano. Neste momento, elas têm o prazer de descobrir que as grandes árvores também têm flores, muitas vezes flores do mesmo tom de suas folhas, e que algumas árvores adiam a exibição de suas folhas até que suas flores tenham surgido e partido. Aos poucos surge o fruto, e a descoberta de que toda árvore — com exceções que elas ainda não precisam aprender — e toda planta produz frutos, "fruto e semente conforme a sua espécie". Tudo isso é conhecimento ultrapassado para os mais velhos, contudo, um dos segredos do educador é nunca apresentar algo como conhecimento ultrapassado, mas colocar-se na posição da criança, se maravilhar e se admirar com ela; pois todo milagre comum que a criança vê com seus próprios olhos faz dele outro Newton por um momento.

Registros de Datas

É fundamental que as crianças mantenham um registro de datas — a primeira folha de carvalho, o primeiro girino, a primeira primula, o primeiro avelã, as primeiras amoras maduras, onde foram vistos e quando. No próximo ano, elas saberão quando e onde procurar seus favoritos e, a cada ano, estarão em condições de adicionar novas observações. Pense no entusiasmo e interesse, e no *propósito*, que tal prática dará aos passeios diários e pequenas excursões. Dificilmente haverá um dia em que alguma criança não estará ansiosa por realizar o seu primeiro "dever de casa".

Diários da Natureza

Assim que a criança seja capaz de manter, sozinha, um diário da natureza, este será para ela uma fonte de grande prazer. A caminhada diária lhe dará algo para registrar: três esquilos em um lariço, um gaio voando através de tal campo, uma lagarta subindo uma urtiga, um caracol comendo uma folha de repolho, uma aranha caindo de repente no chão; onde encontrou hera rasteira, como ela estava crescendo e quais plantas estavam crescendo com ela; como a trepadeira ou a hera conseguem escalar. Inúmeros assuntos para registrar ocorrem à criança inteligente.

Enquanto a criança ainda é bem nova (cinco ou seis anos), ela já deve começar a ilustrar suas notas livremente com desenhos de pincel; no começo, ela deveria ter um pouco de ajuda para misturar as cores, em forma de princípios, não direcionamentos. Ela não deveria ser instruída a usar agora isso, agora aquilo, mas, "nós obtemos o roxo ao misturar isso e aquilo", e então ela deveria ser deixada a si mesma para obter o tom apropriado. Quanto ao desenho, a instrução tem, sem dúvida, seu tempo e lugar; mas seu diário da natureza deve ser deixado

por sua própria iniciativa. Uma criança de seis anos reproduzirá um dente-de-leão, uma papoula, uma margarida, uma íris, com suas folhas, impelida pelo desejo de representar o que vê, com vigor e correção surpreendentes.

Um livro de exercícios com capa dura servirá como diário da natureza, mas é necessário ter cuidado para escolher um papel apropriado tanto para escrever quanto para desenhar com pincel.

“Eu Não Consigo Me Concentrar”

“Mas, eu não consigo me concentrar; não consigo fazer minha mente se acalmar!”
Pobrezinha! Todas as crianças lhe devem agradecimentos por dar ouvidos a essas tolas aflições. E nós crescemos com tão pouca imaginação que mandamos uma criança com um cérebro hiperativo brincar sozinha no jardim, a fim de escapar do enfado das lições. Pouco sabemos sobre como a mente das pessoas está sempre agitada, com ideias indo e vindo!

"O (cérebro) humano é como uma pedra de moinho, girando e girando;

Se mais nada tiver que moer, acabará a si mesma moendo."

Por todos os meios, estabeleça para a criança um trabalho definido, e dê a ela algo para moer. Mas, imploro, deixe-a trabalhar com *coisas* e não com símbolos — as coisas da natureza em seus lugares particulares, prado e sebe, bosques e litorais.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Com que cultura campestre as crianças podem se familiarizar em sua vizinhança?
2. O que uma criança deve saber sobre qualquer flor silvestre de sua vizinhança?
3. Como as crianças deveriam estudar as árvores?
4. Mostre como as estações deveriam ser seguidas neste estudo.
5. O que Leigh Hunt diz sobre as flores?
6. Que uso deve ser feito de registros e cadernos?
7. O que dizer da criança que afirma "eu não consigo me concentrar"?

Capítulo V – “Criaturas Vivas”

Um Campo de Interesse e Prazer

Então, quanto às "criaturas vivas", este é um campo de interesse e prazer ilimitados. Os animais domésticos são rapidamente levados a uma amável relação pelos pequenos. Talvez eles vivam muito longe do "verdadeiro campo" para que esquilos e coelhos selvagens signifiquem mais para eles do que um sonho de possíveis delícias. Mas certamente há alguma lagoa ao alcance — por estrada ou trilha — onde girinos possam ser capturados e levados para casa em uma garrafa, alimentados e observados durante todo o processo de suas mudanças — nadadeiras desaparecendo, caudas ficando cada vez mais curtas até que, por fim, não haja nenhuma cauda, e uma rã pequena e bonita olhe em seu rosto.

Levante qualquer pedra aleatória e você poderá encontrar uma colônia de formigas. Sempre soubemos que precisamos considerar seus caminhos e ser sábios; mas, por hora, pense em tudo o que Lorde Avebury nos disse para fazer com aquela formiga de doze anos de seu muito conhecido personagem. Depois, há também as abelhas. Alguns de nós podem ter ouvido o falecido Dean Farrar descrever a aula que presenciou sobre "Como age a pequena abelha ocupada" — o professor estava radiante, mas as crianças não reagiam; elas não estavam interessadas por pequenas abelhas ocupadas. Ele suspeitou do motivo e, questionando a turma, descobriu que nenhum deles jamais havia visto uma abelha. "Nunca viram uma abelha! Pensem por um momento", disse ele, "sobre todas as implicações disso"; e então somos conduzidos por uma imagem eloquente da triste vida infantil em que não existem abelhas e pássaros e flores. Mas quantas crianças há por aí que não vivem nas favelas de Londres e, mesmo assim, são incapazes de distinguir uma abelha de uma vespa, ou até mesmo um zangão de uma operária!

As Crianças Devem Ser Encorajadas a Observar

As crianças devem ser encorajadas a observar, pacientemente e em silêncio, até que aprendam algo sobre os hábitos e a história da abelha, da formiga, da vespa, da aranha, da lagarta cabeluda, da libélula e de qualquer outra coisa de maior estatura que apareça em seu caminho. "As criaturas nunca têm qualquer hábito enquanto eu estou olhando!" disse uma garotinha resmungona de algum livro de histórias; mas isso era culpa dela; os olhos brilhantes e atentos com os quais as crianças são abençoadas foram feitos para enxergar, e enxergar com profundidade, os atos de criaturas pequenas demais para a observação a olho nu de pessoas mais velhas.

As formigas podem ser colocadas sob observação domiciliar da seguinte maneira: Pegue dois pedaços de vidro de 30,48 cm², três lâminas de vidro de 29,21 cm de comprimento e uma lâmina de 27,92 cm de comprimento, todas com 0,63 cm de largura. O vidro deve ser cuidadosamente cortado de forma a se ajustar exatamente. Coloque as quatro lâminas de vidro sobre um dos pedaços de vidro, deixando uma abertura de 1,27 cm. e fixe-os com *seccotine* ou qualquer outro bom fixador, formando um quadrado exato. Retire de um formigueiro cerca de doze formigas (as formigas amarelas são melhores, pois as vermelhas podem ser belicosas), alguns ovos e uma rainha. A rainha será consideravelmente maior do que uma formiga comum, e assim poderá ser vista com facilidade. Pegue um pouco da terra do formigueiro. Coloque a terra com suas formigas e ovos sobre o pedaço de vidro e fixe o outro pedaço acima, deixando apenas o pequeno buraco em um canto, feito pela lâmina mais curta, que deve ser bloqueado com um pouco de algodão. As formigas ficarão inquietas por, talvez, quarenta e oito horas, mas então começarão a se estabelecer e organizar a terra. Retire o algodão uma vez por semana e substitua-o depois de colocar duas ou três gotas de mel sobre ele. Uma vez a cada três semanas, remova o algodão para colocar cerca de dez gotas de água com uma seringa. Isso não será necessário no inverno enquanto as formigas estiverem adormecidas. Este 'ninho' durará anos.

Em relação ao horror que algumas crianças têm de besouros, aranhas, minhocas, isso geralmente é um costume aprendido com pessoas adultas. Os filhos de Kingsley devem ter corrido atrás de seu "papai" com uma "deliciosa minhoca", um "adorável sapo", um "doce besouro" carregado com ambas as mãos. Existem antipatias reais, que não devem ser

superadas, como o próprio horror que Kingsley tinha de aranhas; mas, as crianças que estão acostumadas a segurar e admirar lagartas e besouros desde seu nascimento não darão lugar a horrores afetados. A criança que passa horas observando os caminhos de uma nova 'larva' que encontrou, certamente será um adulto de objetivos. Que tudo que ela descobrir sobre aquele ser seja anotado em seu diário (por sua mãe, se ela ainda tiver dificuldades para escrever): onde ela o encontrou, o que está fazendo ou parece estar fazendo; sua cor, forma, pernas. Algum dia ela irá se deparar com o nome da criatura e reconhecerá a descrição de um velho amigo.

A Força da Opinião Pública no Lar

Algumas crianças nascem naturalistas, com uma disposição herdada, talvez, de um ancestral desconhecido; mas toda criança tem um interesse natural pelas coisas vivas ao seu redor, que os pais têm obrigação de encorajar, porque pouquíssimas crianças são capazes de se manter diante da opinião pública; e, se elas perceberem que as coisas que as interessam são indiferentes ou repugnantes para você, o prazer que possuem em tais coisas desaparecerá, e esse capítulo no livro da Natureza estará fechado para elas. É provável que a *Natural History of Selborne*^[7] nunca teria sido escrita não fosse o pai daquele naturalista, que costumava levar seus garotos em expedições de forrageamento diárias, durante as quais nada em movimento ou em crescimento, nenhuma pedra ou rochedo dentro dos quilômetros de Selborne escapava ao seu exame interessado. Audubon, o ornitólogo americano, é outro exemplo do efeito desse tipo de treinamento inicial. "Quando mal tinha aprendido a andar", diz ele, "e a articular aquelas primeiras palavras sempre tão cheias de afeto aos pais, as obras da Natureza espalhadas por toda parte eram constantemente apontadas para mim... Meu pai geralmente acompanhava meus passos, arranjava pássaros e flores para mim, e apontava as formas sempre perfeitas e as esplêndidas vestes destas, e os elegantes movimentos daqueles, bem como a beleza e suavidade de sua plumagem, as manifestações de seu prazer, ou seu senso de perigo. Ele falava da partida e do retorno dos pássaros com a estação, descrevia seus refúgios e, mais maravilhoso de tudo, a sua mudança de plumagem, estimulando-me, assim, a estudá-los e elevar minha mente para o seu grande Criador."

O Que as Crianças da Cidade Podem Fazer

As crianças da cidade podem se deleitar em observar os caminhos dos pardais — passarinhos bastante conhecidos e facilmente domáveis por um punhado de migalhas —, e os dias que passarem ao ar livre irão colocá-las diante de novos conhecimentos. Mas, há muito o que se fazer com pardais. Um amigo escreveu: "Você viu o homem nos jardins das Tulherias alimentando e conversando com dezenas deles? Os pardais se sentam em seu chapéu e em suas mãos e comem de seus dedos. Quando ele levanta os braços, todos se agitam e, em seguida, se acomodam novamente nele e em volta dele. Eu o observei chamando um pardal à distância pelo nome e recusando-se a alimentar a todos os outros até que "petit chou", um lindo pardal, viesse comer sua parte. Outros nomes também foram chamados, mas eu não pude ver nenhuma característica que os distinguísse; e a multidão de pardais no caminho, nos bancos e no corrimão, formavam uma plateia bastante atenta ao brilhante tagarela francês que os mantinha em constante movimento enquanto eles, um aqui e outro ali, eram convidados a vir em busca de uma tentadora refeição. Verdadeiramente, um São Francisco e os pássaros!"

A criança que não conhece a forma corpulenta e o peito manchado do tordo, o vôo gracioso da andorinha, o bico amarelo do melro, a canção torrencial que a cotovia despeja do alto, é quase tão digna de pena quanto aquelas crianças de Londres que "nunca viram uma abelha".

Uma companheira agradável, fácil de se obter, é a lagarta cabeluda. O momento de capturá-la é quando ela é vista arrastando-se pelo chão apressada; ela está à procura de quartos tranquilos para se deitar: coloque-a em uma caixa e cubra a caixa com uma rede, através da qual você possa assistir às ações dela. A comida não importa — ela tem outras coisas com que se preocupar. Aos poucos, ela começará a tecer uma espécie de tenda ou rede branca, na qual dormirá; você poderá ver através da caixa e observá-la, talvez, no exato momento em que sua pele se quebrar em pedaços, deixando-a, pelos meses seguintes, como uma massa em forma de ovo, sem nenhum sinal de vida. Por fim, a coisa viva ali dentro

romperá seu embrulho, e lá estará ela, a bela mariposa, esvoaçando suas frágeis asas contra a malha.

A maioria das crianças de seis anos já provou desta experiência de um naturalista, e isso é digno de ser citado apenas porque, em vez de ser meramente uma diversão inofensiva, trata-se de uma peça valiosa de educação, mais útil para a criança do que a leitura de um livro inteiro de história natural, ou do que uma grande quantidade de geografia e latim. Pois, o perigo é que as crianças adquiram conhecimento da história natural da mesma forma que adquirem todo tipo de conhecimento a que elas têm acesso, isto é, de segunda mão. Elas estão tão saturadas de maravilhas que nada mais as surpreende; e são tão pouco acostumadas a ver por si mesmas, que nada lhes interessa. A cura para essa condição *blasé*^[8] é deixá-las um pouco em paz e, depois, recomeçar em novas linhas. Pobres crianças, não é culpa delas se não são como deveriam ser — pequenas almas avidamente curiosas, completamente ansiosas para explorar o máximo que podem obter deste maravilhoso mundo, como se fosse a tarefa mais importante de suas vidas.

"Ora melhor quem ama melhor
Todas as coisas, grandes e pequenas;
Pois o querido Deus que nos tem amor,
Criou e ama todas as suas obras".

O Conhecimento da Natureza é o Mais Importante Para as Jovens Crianças

Seria muito bom se todos nós, como pessoas em autoridade, tanto pais quanto responsáveis, pudéssemos concluir que não existe nenhum tipo de conhecimento a ser adquirido nos primeiros anos das crianças tão valioso quanto aquele que elas obtêm por si mesmas a partir do mundo em que vivem. Deixe que elas entrem em contato pessoal com a Natureza, e isso formará um hábito que será fonte de deleite para o resto da vida. Todos fomos destinados a ser naturalistas, cada um em seu próprio grau, e é imperdoável que vivamos em um mundo tão cheio de maravilhas de plantas e vida animal e não nos importemos com essas coisas.

Treinamento Mental de uma Criança Naturalista

Considere, também, que treinamento mental incomparável a criança naturalista está obtendo para qualquer estudo ou vocação abaixo do sol — os poderes da atenção, da discriminação, da busca paciente, crescendo na medida em que ela cresce, capazes de equipá-la a qualquer atividade. Além disso, a vida para ela é tão interessante, que ela não tem tempo para as falhas de temperamento que geralmente têm sua origem no *ennui*^[9]; não há razão para que ela seja rabugenta ou mal-humorada ou obstinada enquanto se mantém sempre tão bem distraída.

O Trabalho da Natureza é Especialmente Valioso Para as Garotas

Eu me refiro à "criança" por força do hábito, como falando de maneira representativa, mas o fato de que a *garotinha* deve estar profundamente familiarizada com a Natureza é uma questão de importância infinitamente maior para ela: ela, que é mais tentada a ceder a temperamentos desagradáveis (como criança e como mulher), porque possui muito tempo em suas mãos; ela, cujo ócio resulta em mais hábitos mentais inconscientes, que desejam dominar sobre ocupações mais sérias e interessantes; cuja saúde delicada exige ser apoiada por uma vida ao ar livre, cheia de excitação saudável. Além disso, há para as meninas e mulheres uma bondade muito verdadeira em retirá-las de si mesmas e da rodada de interesses e emulações pessoais mesquinhas, que muitas vezes cercam suas vidas; e então, por quem, senão por elas, essa questão deve ser observada, a fim de moldar as próximas gerações?

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Que parte do deleite em criaturas vivas pode ser assegurada para os moradores da cidade?
2. As crianças podem observar os hábitos de quais "criaturas"?
3. Quais pontos sobre um inseto as crianças devem observar?
4. Como Selborne e Audubon desenvolveram tal disposição em relação à natureza?
5. O que as crianças da cidade podem fazer para obter conhecimento das "criaturas vivas"?
6. Mostre que o conhecimento da natureza é o conhecimento mais importante para as crianças pequenas.
7. Quais poderes intelectuais são treinados na criança naturalista?
8. Mostre que o trabalho da natureza é especialmente valioso para as garotas.

Capítulo VI – Guias de Campo e Livros de Naturalistas

Reverência Pela Vida

É aconselhável, então, ensinar às crianças com menos de nove anos os elementos da ciência natural, da biologia, da botânica, da zoologia? De forma geral, não: a dissecação até mesmo de uma flor é dolorosa para uma criança sensível e, durante os primeiros seis ou oito anos de vida, eu não lhes ensinaria nenhuma botânica que exigisse desfazer as flores em pedacinhos; muito menos daria a elas autorização para ferir ou destruir qualquer forma não nociva de vida animal. Reverência pela vida, como um presente maravilhoso e tremendo, que uma criança insensível pode facilmente destruir, mas nunca poderá restaurar, é uma lição de primeira importância para a criança:

"Que o conhecimento cresça mais e mais;
Entretanto, mais *reverência* em nós habite".

A criança que vê sua mãe, com um toque reverente, erguer um jovem *Galanthus* aos lábios, aprende uma lição mais elevada do que os livros impressos podem ensinar. Anos depois, quando as crianças tiverem idade suficiente para entender que a ciência em si é, em certo sentido, sagrada e exige alguns sacrifícios, toda a "informação comum" que acumularam até então, e os hábitos de observação que adquiriram, somarão um valor fundamental para uma educação científica. Mas, até lá, que elas *considerem* os lírios do campo e as aves do ar.

Classificação Geral em Primeira Mão

Por conveniência, ao descreverem, elas devem ser capazes de nomear e distinguir pétalas, sépalas e assim por diante; e devem ser encorajadas a fazer tais classificações gerais, na medida em que puderem, com seu pequeno conhecimento das formas animais e vegetais. Plantas com folhas em forma de coração ou em forma de colher, com folhas inteiras ou divididas; folhas com veios cruzados e folhas com veios retos; flores em forma de sino e flores em forma de cruz; flores com três pétalas, com quatro, com cinco; árvores que mantêm suas folhas o ano todo, e árvores que as perdem no outono; criaturas com uma coluna vertebral e criaturas sem; criaturas que comem grama e criaturas que comem carne; e assim por diante. Fazer coleções de folhas e flores, prensadas e montadas, e organizadas de acordo com a sua forma, proporciona muito prazer e, melhor, um valioso treinamento na percepção de diferenças e semelhanças. Padrões para este tipo de classificação de folhas e flores serão encontrados em cada pequeno livro de botânica elementar.

O poder de classificar, discriminar, distinguir entre coisas que diferem, está entre as mais altas faculdades do intelecto humano, e nenhuma oportunidade de cultivá-lo deve ser deixada de lado; mas, uma classificação tirada dos livros, que a criança não faz por si mesma, não cultiva nenhum poder além do da memória verbal, e uma frase ou duas de 'tâmil' ou outra língua desconhecida, aprendidas, serviriam igualmente a esse propósito.

Usos dos Livros de "Naturalistas"

O uso real de livros de naturalistas nesse estágio serve para dar à criança vislumbres encantadores do mundo de maravilhas em que vive, revelar o tipo de coisas que podem ser vistas por olhos curiosos, e enchê-la com o desejo de fazer descobertas por si mesma. Há muitas obras a serem adquiridas, todas leituras agradáveis, muitas delas escritas por homens científicos e, mesmo assim, requerem pouco ou nenhum conhecimento científico para que possam ser desfrutadas: *Water Babies*^[10] e *Madam How and Lady Why*^[11]; todos os livros da Sra. Brightwen; a Série *Eyes and no Eyes*^[12], o livro *Life and her Children*^[13], e outros livros da Senhorita Buckley (Sra. Fisher); todos os livros de Seton-Thompson; *The School of the Woods*^[14] e *The Little Brother of the Bear*^[15]; *Wild Nature's Ways*^[16] e *Living Animals of the*

World^[17].

Mães e Professoras Deveriam Saber Sobre a Natureza

É impossível que a mãe se dedique demais a esse tipo de leitura, não apenas para que possa ler aos filhos pequenos bocados sobre os assuntos com os quais eles se depararam, mas também para responder suas perguntas e direcionar suas observações. E não somente a mãe, mas qualquer mulher que possa estar em companhia de crianças por uma ou duas horas deve se tornar amante desse tipo de informação; as crianças vão adorá-la por conhecer o que elas desejam descobrir, e quem sabe ela se torne responsável pelo despertar de uma jovem mente destinada a fazer grandes coisas em favor do mundo.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. As crianças pequenas deveriam aprender os elementos da ciência natural?
2. Mostre o valor das classificações gerais.
3. Contraste tais classificações com aquelas aprendidas a partir de livros.
4. Quais são os usos dos livros de naturalistas?
5. Cite alguns desses livros.
6. Por que mães e professoras deveriam ter algum conhecimento da natureza?

Capítulo VII – A Criança Obtém Conhecimento por meio dos Seus Sentidos

Lições da Natureza

Observe uma criança olhando fixamente para algo novo para ela — um arado em funcionamento, por exemplo —, e você verá que ela está tão naturalmente ocupada quanto um bebê no peito; ela está, de fato, absorvendo o alimento *intelectual* que a faculdade operante de seu cérebro requer nesse período. Em seus primeiros anos de vida, a criança é toda *olhos*; ela observa, ou, mais verdadeiramente, ela *compreende* ao chamar a visão, o tato, o paladar, o olfato e a audição em seu auxílio, para que possa aprender tudo o que é passível de ser descoberto sobre cada nova coisa que surge em seu campo de visão.

Todo mundo sabe como um bebê manuseia a colher ou a boneca que as pessoas crescidas e arrogantes lhe dão para "mantê-lo quieto", de forma desajeitada com seus dedinhos macios, e a leva até a boca, e bate para que produza o som que possui. A criança está fazendo suas lições, e está aprendendo tudo sobre aquilo em uma velocidade absolutamente surpreendente para o fisiologista que considera o quanto está implícito no ato de "ver". Por exemplo, para o bebê, assim como para o adulto cego que teve a sua visão restaurada, não há, a princípio, nenhuma diferença entre um quadro plano e um corpo sólido; pois as ideias de forma e solidez não são obtidas de maneira alguma por meio da visão, e sim por meio dos julgamentos da experiência.

Então, pense nos tapas vagos no ar que a mãozinha dá antes que possa agarrar o objeto de seu desejo, e você entenderá como o bebê aprende o paradeiro das coisas, não tendo ainda nenhuma ideia de direção. E por que ele chora pela lua? Por que ele deseja, igualmente, um cavalo ou uma mosca como um brinquedo apropriado? Porque longe e perto, grande e pequeno, são ideias que ele ainda precisa compreender. A criança realmente tem muito trabalho a fazer antes de estar em condições de "acreditar no que vê"; mas a Natureza ensina tão gentilmente, tão gradualmente, tão persistentemente, que a criança nunca fica sobrecarregada, mas continua acumulando pequenos estoques de conhecimento sobre o que se lhe apresenta.

E é neste processo que a criança deve continuar pelos primeiros anos de sua vida. Este é o tempo de fazer estoques, e deve ser dedicado a armazenar imagens de coisas familiares. De vez em quando, ela terá que conceber coisas que nunca viu; como ela poderá fazer isso, a não ser em comparação com coisas que ela já viu e conhece? De vez em quando, ela será chamada a refletir, entender, raciocinar; que material ela terá, a menos que possua um diário de fatos para consultar? A criança que foi ensinada a observar o quão alto no céu o sol está às doze horas em um dia de verão, quão baixo às doze horas em um dia no meio do inverno, é capaz de conceber o grande calor dos trópicos sob um sol vertical e entender que o clima de um lugar depende muito da altura média que o sol atinge acima do horizonte.

Sobrecarga

Muito se tem falado, ultimamente, sobre o perigo da sobrecarga — de se exigir muito trabalho mental de uma criança de tenra idade. O perigo existe; mas não consiste em dar muito trabalho à criança, e sim, em lhe dar a coisa errada a fazer, o tipo de trabalho para o qual o presente estado de seu desenvolvimento mental não está preparado. Quem espera que um bebê de colo levante uma barra de vinte e cinco quilos? Mas, dê à criança o trabalho que a Natureza lhe designou, e a quantidade de trabalho que ela poderá realizar com facilidade é praticamente ilimitado. Quem jamais viu uma criança cansada de observar, de examinar à sua maneira, coisas desconhecidas? Este é o tipo de nutrição mental para a qual ela tem apetite ilimitado, porque nessa fase, é desse tipo de alimento mental que ela precisa para crescer.

Lições Objetivas

Ora, até que ponto esse anseio pelo sustento natural é satisfeito? Nas escolas infantis e

pré-escolas utiliza-se a lição objetiva, que é boa até certo ponto, mas às vezes é como aquele único feijão diário com o qual o francês alimentava o seu cavalo. Embora de maneira menos metódica, em casa, a criança pode observar uma quantidade maior de novos elementos. Contudo, nem as casas nem as escolas se esforçam como deveriam para colocar diante dos olhos da criança o abundante “banquete” que as suas necessidades exigem.

Uma Criança Aprende Por Meio de “Coisas”

Nós, pessoas mais velhas, em parte por causa de nosso intelecto mais maduro, em parte por causa de nossa educação defeituosa, obtemos a maior parte de nosso conhecimento por meio de palavras. Nós colocamos a criança para aprender da mesma maneira, e consideramos-a estúpida e lenta. Por quê? Porque é apenas com algumas palavras de uso comum que ela associa um significado definido; todo o resto não significa para ela nada além de vocábulos de uma língua estrangeira. Mas, coloque-a cara a cara com uma *coisa*, e ela será vinte vezes mais rápida do que você para adquirir conhecimento sobre aquilo; o conhecimento das coisas é atraído à mente de uma criança como limalhas de aço a um ímã. E, na mesma velocidade em que adquire conhecimento das coisas, o seu vocabulário também cresce; pois é uma lei mental que nos esforçamos para expressar o que sabemos. Este fato explica muitas das perguntas aparentemente sem propósito das crianças; elas estão em busca, não de conhecimento, mas de *palavras* para expressar o conhecimento que possuem. Agora, considere que desperdício culposos de energia intelectual seria calar uma criança — abençoada com essa capacidade desordenada de ver e conhecer — dentro das quatro paredes de uma casa ou das ruas sombrias de uma cidade. Ou, suponha que ela seja deixada solta no campo, onde há muito o que ver — seria quase tão ruim deixar essa grande faculdade da criança se dissipar em observações aleatórias por falta de método e direção.

O Senso do Belo vem do Contato Precoce com a Natureza

Não há limites para o estoque de informações comuns, obtidas de maneira tal que nunca serão esquecidas, com as quais uma criança inteligente pode se guarnecer antes de começar a sua carreira escolar. O garoto que pode dizer de improviso onde encontrar cada uma entre seis das mais graciosas bétulas, ou os três ou quatro freixos mais delicados nos arredores de sua casa, tem doze vezes mais chances na vida do que alguém com inteligência mais lenta e mais pobre, que não distingue um olmo de um carvalho — não meramente chances de sucesso, mas chances de ter uma vida mais ampla e mais feliz —, pois é bastante curioso como certos *sentimentos* estão ligados à mera observação da Natureza e dos objetos naturais. “O senso *estético* do belo, do sublime, do harmonioso, parece, em sua forma mais elementar, conectar-se imediatamente às percepções que surgem do contato de nossas mentes com a Natureza externa”, diz o dr. Carpenter enquanto cita o dr. Morrell, que afirma com ainda maior intensidade que “Todos aqueles que têm demonstrado apreciação excepcional de forma e beleza relacionam as suas primeiras impressões a um período ainda anterior à existência de ideias definidas ou de instruções verbais”.

Muitos Homens Maduros Perdem o Hábito da Observação

Assim, estamos em dívida com o Sr. Evans por levar sua filhinha Mary Ann com ele em suas longas viagens de negócios entre as agradáveis veredas de Warwickshire; a menininha ficava entre os joelhos do pai, vendo muito e falando pouco; e o resultado foram as cenas da vida rural em *Adam Bede* e *The Mill on the Floss*^[18]. Wordsworth, criado entre as montanhas, tornou-se um verdadeiro profeta da natureza; enquanto Tennyson extraiu incontáveis imagens das planícies dos condados do Leste, onde foi criado. O pequeno David Copperfield^[19] era “uma criança muito atenta, no entanto”, diz ele, “creio que a memória da maioria de nós conserva mais impressões daqueles tempos do que supomos; da mesma forma que acredito que o poder da observação, em inúmeras crianças ainda muito pequenas, é maravilhoso por sua semelhança e exatidão. De fato, creio que poderia ser dito, com maior propriedade, de muitos homens maduros que são notáveis a esse respeito, que, ao invés de terem-na adquirido já adultos, de fato, eles conservaram esta capacidade infantil; mais propriamente, como observo em geral, tais homens retêm certo frescor, gentileza e capacidade de satisfação que

também são uma herança preservada desde a infância"; — comentário no qual Dickens faz o seu herói proferir sã filosofia bem como um senso de bondade.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre, a partir do comportamento de um bebê, que uma criança obtém conhecimento por meio de seus sentidos.
2. Caracterize o ensino da natureza.
3. Onde está o perigo da sobrecarga?
4. Por que as lições objetivas são ineficientes?
5. Por que uma criança aprende mais por meio de coisas?
6. Dê alguns exemplos mostrando que um senso de beleza vem do contato precoce com a natureza.
7. O que Dickens diz sobre os poderes de observação de uma criança?

Capítulo VIII – A Criança Deve se Familiarizar Com os Objetos Naturais

Coisas Dignas de Observação

Mas, qual é a utilidade de ser uma “criança muito observadora”, se ela não for colocada no caminho das coisas dignas de observação? E aqui está a diferença entre as ruas de uma cidade e as paisagens e barulhos do campo. Há muito para ser visto em uma cidade e as crianças acostumadas com as ruas tornam-se bastante ágeis. Mas, os pequenos pedaços de informação a serem recolhidos em uma cidade são fragmentos isolados; eles não estão vinculados a mais nada, nem se originam de qualquer outra coisa; a informação pode ser conveniente, mas ninguém é mais sábio por saber de que lado da rua está Smith, e qual entrada leva à loja de Thompson.

Todo Objeto Natural é Membro de uma Série

Agora, pegue um objeto natural, não importa o quê, e você estará estudando algo que pertence a um grupo, o membro de uma série; qualquer conhecimento que você obtenha sobre ele é mais um passo rumo à *ciência* que inclui todos os demais elementos de um mesmo gênero. Quebre um galho mais velho na primavera; você observará um anel de madeira ao redor de uma medula central e, num relance, você perceberá uma característica distintiva de um grande grupo de vegetais. Pegue uma pedrinha. Suas bordas são perfeitamente lisas e arredondadas: “por quê?”, você pergunta. Ela foi desgastada pela água, desgastada pela exposição ao tempo. E essa pequena pedrinha te deixa face a face com a *desintegração*, a força, mais do que qualquer outra, responsável pelos aspectos do mundo que chamamos de *pitorescos* — vales, ravinas, baixadas, colinas. Não é necessário que a criança seja informada sobre desintegração ou sobre dicotiledôneas, ela deve apenas *observar* a madeira e a medula no ramo da aveleira, a agradável rotundidade do seixo; aos poucos, ela aprenderá o significado dos fatos com os quais ela já está familiarizada — uma coisa muito diferente de aprender a razão de fatos que nunca chegaram ao seu conhecimento.

O Poder Passará, Cada Vez Mais, às Mãos dos Cientistas

Vale infinitamente à pena que a mãe tenha certo trabalho diário para assegurar, primeiramente, que seus filhos passem horas diariamente entre os objetos rurais e naturais; e, em segundo lugar, para infundir neles, ou melhor, nutrir neles o amor pela investigação. “Eu digo deliberadamente”, diz Kingsley, “como estudante da sociedade e da história: o poder passará, cada vez mais, às mãos dos cientistas. Eles governarão e agirão com cautela, podemos esperar, e modestamente e caridosamente, porque, ao aprender o verdadeiro conhecimento, terão aprendido também a sua própria ignorância, e a vastidão, a complexidade e o mistério da Natureza. Mas, também serão capazes de governar, serão capazes de agir, porque se deram ao trabalho de aprender os fatos e as leis da Natureza.”

A Intimidade Com a Natureza Contribui Para o Bem-Estar Pessoal

Mas, permitir que as crianças nadem com a correnteza é o menor dos benefícios que esse treinamento precoce deveria conferir às crianças; o amor pela Natureza, implantado tão cedo que lhes parecerá ter nascido nelas, enriquecerá suas vidas com interesses puros, ocupações interessantes, saúde e bom humor. “Tenho visto”, diz o mesmo escritor, “o jovem de paixões

ferozes e ousadia incontrolável gastando saudavelmente aquela energia que ameaçava diariamente mergulhá-lo na imprudência, senão em pecado, em caçar e colecionar, entre rochedos e pântanos, neve e tempestade, cada pássaro e ovo da floresta próxima... Tenho visto a bela jovem londrina, em meio a toda a excitação e tentação de luxúria e lisonja, com o coração puro e a mente ocupada com seu guarda-roupas cheio de conchas e fósseis, flores e algas marinhas, mantendo-se imaculada do mundo, por olhar para os lírios do campo, como eles crescem".

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Compare a cidade e o campo quanto às coisas dignas de observação.
2. Como o fato de que todo objeto natural é membro de uma série afeta a educação?
3. "O poder passará, cada vez mais, às mãos dos cientistas" — como isso deve influenciar pais e professores?
4. De que maneira a intimidade com a natureza contribui para o bem-estar pessoal?

Capítulo IX – Geografia ao Ar Livre

Pequenas Coisas podem ensinar Coisas Grandiosas

Depois dessa longa digressão, feita com o objetivo de incutir nas mães a suprema importância de despertar em seus filhos o amor pela Natureza e pelos objetos naturais — uma fonte profunda a jorrar águas puras aos mais áridos locais de suas futuras vidas —, devemos retornar à mãe que deixamos ao ar livre durante todo esse tempo, aguardando saber o que fará em seguida. Esta nossa agradável Terra não deve ser negligenciada na educação das crianças ao ar livre. “Como você consegue tempo para tudo isso?” “Oh, deixo de fora assuntos sem valor educacional; eu não ensino geografia, por exemplo”, disse um sofisticado jovem teórico com todo tipo de certificados.

Geografia Pictórica

Mas a mãe, que é mais sábia, encontrará centenas de oportunidades para ensinar geografia: uma lagoa de patos poderá ilustrar um lago maior ou uma laguna; qualquer córrego servirá para explicar sobre os grandes rios do mundo; uma pequena colina será como uma montanha — o sistema montanhoso dos Alpes; um bosque de aveleiras apontará para a poderosa floresta Amazônica; um pântano de juncos, para os arrozais da China; uma campina, para as pradarias ilimitadas do Oeste; as lindas flores roxas da malva comum poderão ser relacionadas aos campos de algodão dos estados do Sul: de fato, todo o campo da geografia pictórica — os mapas podem esperar para serem introduzidos aos poucos — pode ser coberto dessa maneira.

A Posição do Sol

E não apenas isso: as crianças devem aprender a observar a posição do sol no céu de hora em hora e, a partir de sua posição, serem capazes de dizer a hora do dia. É claro que elas vão desejar saber por que o sol é um viajante tão incansável, e isso trará à luz uma história maravilhosa sobre os tamanhos relativos do sol e da terra e sobre a natureza e os movimentos dos corpos celestes, que elas podem muito bem aprender enquanto crianças, durante a “idade da fé”.

Nuvens, Chuva, Neve e Granizo

“Nuvens e chuva, neve e granizo, ventos e vapores, cumprindo a Sua Palavra” — são mistérios cotidianos que a mãe será chamada a explicar com fidelidade, ainda que com simplicidade.

Há certas ideias que as crianças devem obter nas imediações de sua própria casa, se quiserem ter uma compreensão real dos mapas e dos termos geográficos. A distância é uma delas, e a primeira noção de distância deve ser adquirida por meio de atividades que as crianças consideram prazerosas. Coloque a criança para caminhar em sua velocidade habitual; meça e diga a ela o comprimento de um passo, e então, compare com os passos de seus irmãos e irmãs. Assim, a criança poderá contar a quantidade de passos durante uma caminhada, ao percorrer certa distância, aqui e ali, e fazer o cálculo: tantos passos equivalem a tantos metros de distância.

Várias distâncias curtas a partir da casa da criança devem ser medidas dessa maneira; e quando a ideia de distância estiver totalmente estabelecida, deve-se introduzir a ideia de tempo como forma de medida. O tempo necessário para andar noventa metros deve ser

anotado. Tendo descoberto que são necessários aproximadamente dois minutos para caminhar noventa metros, as crianças poderão avançar — concluindo que, se andarem por trinta minutos, o percurso deverá medir mil trezentos e cinquenta metros; em trinta e cinco minutos, teriam percorrido uma milha, ou melhor, mil e seiscentos metros, e então poderiam acrescentar os dez metros a mais que completariam uma milha. Quanto mais longas as pernas, maiores os passos e, portanto, as pessoas maiores podem caminhar uma milha em vinte minutos.

Direção

A partir do momento em que elas se familiarizarem com a ideia de distância, a ideia de direção deve ser introduzida. O primeiro passo é fazer com que as crianças observem o progresso do sol. A criança que observa o sol por um ano e registra por si mesma, ou dita (se ainda não souber escrever), os horários e os pontos do nascer e do pôr-do-sol durante a maior parte do ano, terá assegurado uma base para uma grande quantidade de conhecimento definido.

Tal observação deveria incluir o reflexo da luz do sol, a luz noturna refletida pelas janelas à Leste, a luz da manhã pelas janelas à Oeste, a duração e a intensidade variáveis das sombras, a causa das sombras (a ser aprendida pela sombra projetada por uma figura entre a cortina e uma vela). A criança também deve associar as horas quentes do dia com o sol alto e as horas frias da manhã e da noite com um sol baixo; e deve ser lembrada de que, se ficar em pé diante do fogo, sentirá mais seu calor do que se estivesse em um canto da sala. Quando a criança estiver preparada mediante uma pequena observação do curso do sol, ela estará pronta para aceitar a ideia de direção, que é inteiramente dependente dele.

Leste e Oeste

Obviamente, as duas primeiras ideias a serem ensinadas são de que o sol nasce no Leste e se põe no Oeste. A partir desse fato, a criança poderá dizer a direção em que se encontram os lugares próximos de sua própria casa, ou as ruas de sua própria cidade. Peça-lhe que fique de pé de modo que a sua mão direita esteja voltada para o Leste, onde o sol nasce, e a sua esquerda, para o Oeste, onde o sol se põe. Então, ela estará olhando para o Norte e suas costas estarão voltadas para o Sul. Todas as casas, ruas e cidades à sua direita estarão à Leste, e as da esquerda estarão à Oeste. Os lugares que ela precisaria alcançar andando para frente estarão ao Norte, e os lugares atrás dela estarão ao Sul. Se a criança estiver em um lugar novo para ela, onde nunca tenha visto o sol nascer ou se pôr, e desejar saber em que direção uma certa estrada passa, ela deverá observar em que direção a sua própria sombra se projeta às doze horas, porque ao meio-dia as sombras de todos os objetos projetam-se em direção ao Norte. Então, se identificar o Norte, ela terá, como antes, o Sul atrás de si, o Leste à sua direita e o Oeste à sua esquerda; ou se ela ficar de frente para o sol ao meio-dia, estará virada para o Sul.

Praticando Encontrar a Direção

Isso dará à criança uma interessante clareza sobre os nomes de nossas grandes ferrovias. Uma criança pode se tornar apta a perceber as direções dos lugares com apenas um pouco de prática. Peça que ela observe como cada uma das janelas de sua sala de estudos estão dispostas, ou as janelas de cada um dos cômodos de sua casa; as fileiras de casas pelas quais ela passa em suas caminhadas, e quais estão dos lados Norte, Sul, Leste e Oeste em relação às igrejas que ela conhece. Rapidamente, ela estará preparada para notar a direção do vento ao observar a fumaça das chaminés, o movimento dos galhos, do milharal, da grama, etc. Se o vento soprar do Norte, “O vento norte vai soprar e neve poderemos esperar”. Se soprar do Oeste, um vento ocidental, esperamos chuva. Deve-se tomar cuidado neste ponto para deixar claro para a criança que o vento carrega o nome da direção de sua origem, e não da direção para onde sopra — assim como um homem é inglês porque nasceu na Inglaterra, e não francês

porque vai para a França.

As ideias de distância e direção podem, agora, ser combinadas. Tal edifício fica cento e oitenta metros à Leste de um portão, tal aldeia, três quilômetros à Oeste. A criança rapidamente irá se deparar com a dificuldade de que um lugar não fica exatamente no Leste ou Oeste, Norte ou Sul. É bom deixar que ela dê, de maneira aproximada, a direção dos lugares: "mais para Leste do que para Oeste", "muito perto do Leste, mas não exatamente", "a meio caminho entre Leste e Oeste". Ela valorizará muito mais os meios de expressão quando sentir a necessidade de usá-los.

Posteriormente, ela deverá ser introduzida às maravilhas da bússola do marinheiro, deverá possuir uma pequena bússola de bolso, e deverá observar os quatro pontos cardeais e todos os outros pontos. Isso lhe dará os nomes das direções que ela sentia dificuldade em descrever.

Treinamento de Uso da Bússola

Depois, a criança deve fazer algum treinamento de uso da bússola da seguinte forma: Mande-a apontar o N da bússola em direção ao Norte: "Então, com a bússola em sua mão, vire-se para o Leste, e você verá algo extraordinário. A pequena agulha também se move, mas se move de forma totalmente independente, na direção oposta. Vire-se para o Oeste e, novamente, a agulha se move na sua direção oposta. Por menor que seja seu movimento, a agulha te acompanha com um pequeno tremor. E você olha para ela, se perguntando como é que uma coisa tão pequena consegue perceber seu movimento, enquanto você mesmo mal o notou. Ande para frente, em qualquer direção, e a agulha permanecerá razoavelmente estável, apenas razoavelmente estável, porque você estará, certamente, mesmo sem querer, se movimentando um pouco para a direita ou para a esquerda. Dê a volta bem devagar, um pouquinho de cada vez, saindo do Norte e se voltando para o Leste, e você poderá fazer com que a agulha também se mova em círculo. Ela se moverá na sua direção oposta, pois estará buscando apontar de volta para o Norte, do qual você está se distanciando".

Fronteiras

Quando as crianças tiverem obtido a ideia de direção, será muito fácil introduzir a ideia de fronteira — tal campo de nabo, por exemplo, faz fronteira com a estrada ao Sul, com uma plantação de trigo à Sudeste, com uma sebe à Nordeste e assim por diante; as crianças vão adquirir gradualmente a ideia de que as fronteiras de um determinado espaço são simplesmente qualquer coisa que o toque em algum de seus lados. Assim, uma plantação pode tocar outra sem qualquer linha divisória e, portanto, uma plantação faz fronteira com a outra. É bom que as crianças tenham noções claras sobre esse assunto, ou, mais tarde, ficarão confusas quando ouvirem que tal país faz "fronteira" com esse e aquele. Em relação aos espaços entre as fronteiras, quer sejam aldeias, cidades, lagoas, campos, ou outros, as crianças devem ser encorajadas a observar as várias plantações cultivadas na região, por que há pastagens e por que há campos de milho, que tipo de rochas aparecem e quantos tipos de árvores crescem nas proximidades. Para cada campo ou outro espaço examinado, elas devem desenhar uma planta simples na areia, esboçando a forma aproximada e rotulando as direções como N, S, L, O.

Plantas

Aos poucos, quando elas tiverem aprendido a desenhar plantas mais simples, elas ocasionalmente deverão percorrer o comprimento de um campo e desenhar sua planta de acordo com a escala, na proporção de 4,5 m ou 9 m para cada 2,5 cm. E, posteriormente, podem elaborar a planta do jardim, dos estábulos, de sua casa, etc.

Geografia Local

É provável que a própria vizinhança de uma criança lhe dê oportunidades de aprender o significado de monte e vale, lago e riacho, bacia, corrente, leito, barragem, afluentes de um riacho, posições relativas de vilarejos e cidades. E, toda essa geografia local, ela deve ser capaz de ilustrar, em linhas gerais, em uma planta feita com giz em uma rocha, ou com um graveto em um cascalho, distinguindo as distâncias relativas e as posições dos lugares que registra.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que pequenas coisas podem ensinar coisas grandiosas em geografia pictórica.
2. O que as crianças devem aprender a observar em relação à posição do sol?
3. O que você pode dizer sobre nuvens, chuva, neve e granizo?
4. Mostre como, por seus passos, uma criança deve aprender a ideia da distância.
5. Qual é o primeiro passo rumo à ideia de direção?
6. Por meio de que prática as crianças devem aprender a encontrar a direção?
7. Que tipo de treinamento de uso da bússola você deve dar à criança?
8. Como uma criança deve aprender a ideia de fronteira?
9. Quando ela deveria começar a fazer “plantas”?
10. Que ideias geográficas ela deve obter em sua própria vizinhança?

Capítulo X – A Criança e a Mãe-Natureza

A Mãe Deve Abster-se de Falar Demais

Será que esse programa tão vasto assusta a mãe? Será que ela fica desanimada ao se imaginar falando durante aquelas cinco ou seis horas e, mesmo assim, não conseguindo transmitir nem um décimo do que lhe foi designado? Pelo contrário, quanto menos ela falar, melhor; e quanto à quantidade de trabalho educacional a ser realizado, podemos relacioná-lo à antiga fábula do relógio ansioso: é verdade que há incontáveis “checks” a serem assinalados em sua lista de tarefas, mas sempre haverá um minuto para assinalar um “check” e não é necessário mais do que um único “check” para cada minuto.

Adquirindo Um Novo Conhecimento

As ágeis crianças terão desempenhado seu papel, quanto à saída de campo e à pintura de cenários, em aproximadamente um quarto de hora; para o estudo de objetos naturais, um ocasional “Veja!”, uma observação atenciosa do objeto por parte da mãe, um nome dado, um comentário — uma dúzia de palavras, no máximo — feitas no momento certo, e as crianças terão adquirido um novo conhecimento, que deverão processar por si mesmas; e não mais do que uma ou duas dessas apresentações devem ocorrer em um único dia.

Mas, perceba quanto tempo de lazer lhes resta! A verdadeira dificuldade da mãe será evitar falar demais com os filhos ou impedi-los de ocuparem-se com ela. Há poucas coisas mais doces e preciosas para a criança do que as brincadeiras lúdicas com a mãe; mas há algo ainda melhor: a comunhão com a grande Mãe, e, para desfrutar dela, a criança e a mãe devem ser deixadas à vontade. Isso é verdadeiramente algo delicioso de se assistir: a mãe lendo seu livro ou tricotando sua meia, e controlando todas as suas tentativas de falar; enquanto a criança contempla uma árvore ou uma flor, sem fazer nada, sem pensar em nada; ou acompanha a vida de um pássaro entre os galhos, ou saltita sem rumo em puro êxtase. Ações completamente bobas e irracionais, mas, durante todo o tempo algo está sendo *moldado*; a natureza está fazendo a *sua* parte, com o voto:

“Esta criança para mim tomarei:
Ela será minha, e far-lhe-ei
Minha possessão amada.”

Duas Coisas São Permitidas à Mãe

Há algo que a mãe deve se permitir fazer, como intérprete entre a Natureza e a criança, mas isso não mais do que uma vez por semana ou uma vez por mês, e com olhar e gestos de deleite ao invés de uma enxurrada de palavras elaboradas: ela deve indicar para a criança algum toque de graça especial no colorido ou na disposição da paisagem ou dos céus.

Uma outra coisa que ela deverá fazer, mas muito raramente, e com terna reverência filial (muito semelhante à forma como ela faz suas orações, e fala de suas orações, pois pisar nesse solo com palavras *secas* é ferir a alma da criança), é apontar para alguma linda flor ou árvore graciosa, não apenas como algo belo, mas como um belo *pensamento* de Deus, no qual, podemos crer, Ele encontra prazer contínuo, e com o qual Ele se compraz em ver seus filhos humanos se regozijarem. Tal semente de empatia com o pensamento Divino plantada no coração da criança vale mais do que muitos sermões que ela poderá ouvir futuramente, mais do que muita leitura sobre a “divindade”.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Por que a mãe deve abster-se de falar demais?
2. Como um novo conhecimento é adquirido?
3. Quais são as duas coisas permitidas para a mãe?

Capítulo XI – Brincadeiras ao Ar Livre, Etc.

Estas horas iluminadas passam voando; e ainda há pelo menos uma *lição* em nosso cronograma, sem falar de uma ou duas horas para brincadeiras à tarde. A ideia de uma lição não é convidativa depois de discutirmos tantas coisas mais interessantes e, de fato, mais importantes; mas, precisa ser apenas uma pequena lição, com dez minutos de duração, e esta pequena pausa e esforço de atenção darão maior gosto ao prazer e ao lazer que se seguirão.

A Lição de Francês

A lição diária de francês é algo que não deve ser omitido. Que as crianças devem aprender francês *oralmente*, ouvindo e repetindo palavras e frases em francês; que essas lições devem começar bem cedo para que a diferença de sotaque não as atinja, mas pronunciem a nova palavra francesa como se fosse inglesa e a usem livremente; que elas devem aprender algumas (duas ou três, cinco ou seis) novas palavras em francês diariamente e, ao mesmo tempo, manter as antigas palavras em uso, são pontos a serem considerados mais profundamente depois. Nesse meio tempo, é tão importante manter a língua e o ouvido familiarizados com os vocábulos franceses, que nem sequer uma lição deve ser omitida. A lição de francês pode, no entanto, ser elaborada de forma a se adequar ao espírito das outras ocupações ao ar livre; a meia dúzia de palavras pode estar relacionada às folhas, aos ramos, à casca ou tronco de uma árvore, ou às cores das flores, ou aos movimentos do pássaro, à nuvem, ao cordeiro, à criança. De fato, as novas palavras francesas deveriam ser apenas outra forma de expressar as ideias que, naquele momento, ocupam a mente da criança.

Brincadeiras Barulhentas

As brincadeiras vespertinas, após a refeição, são uma parte importante das atividades do dia para os filhos mais velhos, embora os mais novos provavelmente estejam exaustos a essa altura, devido à incessante agitação por meio da qual a Natureza fornece o devido desenvolvimento de seu tecido muscular. Deixe que os pequenos durmam sob o doce ar puro e acordem revigorados. Enquanto isso, os mais velhos brincam. Quanto mais eles correrem, gritarem e movimentarem os braços, mais saudável será a brincadeira. E essa é uma das razões pelas quais as mães devem levar seus filhos para lugares isolados, onde eles possam usar seus pulmões — para a alegria de seus corações — sem o risco de incomodarem alguém.

A estrutura *muscular* dos órgãos vocais é, muitas vezes, negligenciada; as crianças, contudo, gostam de se entregar a clamores e gritos, e essa brincadeira "mal-educada" e "barulhenta", com a qual os adultos não têm muita paciência, é justamente a maneira pela qual a Natureza proporciona o devido exercício dos órgãos internos, e desse poder operante dependem largamente a saúde e a felicidade futuras da criança. As pessoas falam de "pulmões fracos", "peito fraco", "garganta fraca", mas talvez não ocorra a todos que pulmões fortes e garganta forte são constituídos nos mesmos termos que um braço ou pulso fortes — por meio de exercício, treinamento, *uso*, trabalho. Ainda, se as crianças puderem "dar voz" musicalmente e mais ritmicamente ao som de suas próprias vozes, tanto melhor. A esse respeito, as crianças francesas estão em melhor situação do que as inglesas; elas dançam e cantam inúmeras cantigas de roda em sequência — brincadeiras como essas, sem dúvida, imitam casamentos e enterros, da mesma maneira como as crianças brincavam há muito tempo nos mercados de Jerusalém.

Rondós

Antes que as inovações puritanas nos tornassem pessoas sérias e circunspectas, rapazes e moças ingleses de todas as idades dançavam pequenos dramas no gramado das aldeias,

acompanhados de palavras e cantigas, tais como os *rondós* que as crianças francesas cantam hoje em dia. Sobraram algumas delas — que são ouvidas nos intervalos da escola dominical e outras reuniões infantis — e vale a pena preservá-las: “*There came three dukes a-riding, a-riding, a-riding*”^[20]; ““*Oranges and lemons, say the bells of St. Clement's*”^[21]; “*Here we come gathering nuts in May*”^[22]; “*What has my poor prisoner done?*”^[23] e muitas outras, todas elaboradas para serem agradavelmente cantaroladas de forma ritmada a fim de que os pequenos pés sapateiem alegremente, tanto mais pela agradável titilação das palavras — duques, nozes, laranjas, quem poderia não ser levado a cantar tais ideias?

Os promotores do sistema do Jardim de Infância se esforçaram muito para introduzir brincadeiras desse tipo, ou melhor, de um tipo mais educacional; mas não é fato que as “brincadeiras cantadas” do Jardim de Infância tendem a ser um pouco fúteis? Além disso, não sabemos até que ponto as letras mais bonitas aprendidas na escola e por meio de um professor tomarão posse das crianças da mesma forma que aquelas brincadeiras, que não podem ser encontradas nos livros impressos, foram passadas de mão em mão através de uma cadeia interminável de crianças.

Pular Corda e Jogar Peteca

Críquete, tênis e rounders, são os jogos por excelência, caso as crianças já tenham idade suficiente para jogá-los, tanto para dar harmonia aos músculos, como para servir ao mais alto propósito moral dos jogos: criar as crianças sob a disciplina das regras. Mas a pequena família que temos em vista, em que todas as crianças têm menos de nove anos, dificilmente estará à altura desses jogos científicos. Corridas, esconde-esconde, pega-pega, siga o mestre, e qualquer brincadeira agitada que elas possam inventar, serão suficientes para as suas mentes; mas, melhor ainda seria o aro, a bola, a peteca e a preciosa corda. Em relação à corda, o melhor uso é pular com ela, jogando-a para trás ao invés de para frente, de modo que a tendência do movimento seja expandir o peito.

A peteca é um ótimo jogo, oferecendo oportunidade para ambição e competição. O biógrafo da srta. Austen considerou importante dizer que ela conseguia jogar bilboquê com precisão mais de cem vezes seguidas, para a admiração de seus sobrinhos e sobrinhas; da mesma forma, qualquer destreza em manter a peteca pode ser anotada como um acontecimento familiar, de modo que as crianças sejam incentivadas, com ambição, a se sobressair em um jogo que proporciona o movimento gracioso e vigoroso de quase todos os músculos da parte superior do corpo, e é grandemente recomendada, visto que pode ser bem utilizada tanto dentro de casa quanto fora dela. A melhor forma de jogar é manter a peteca com uma raquete em cada mão, para que os músculos de ambos os lados sejam igualmente utilizados. Mas, impor regras às brincadeiras infantis é um desperdício ocioso de palavras, pois nesse ponto, a moda é tão suprema e tão arbitrária quanto em questões de gorro ou crinolina.

Escalada

A escalada é uma diversão não muito apreciada pelas mães; roupas rasgadas, joelhos ensanguentados e botas esburacadas, para não falar de riscos mais sérios, são um forte argumento contra essa forma de prazer. Mas, na verdade, esse exercício é tão excelente — o corpo é lançado em infinitas posturas graciosas, fazendo todos os músculos entrarem em ação — e o treinamento em coragem, ousadia e outras faculdades é tão inestimável, que é uma pena, até para as garotinhas, que árvores, penhascos e muros sejam proibidos.

A mãe pode ajudar a evitar sérios contratempos ao acostumar as crianças menores a pequenas atividades de salto e escalada, de modo que aprendam, ao mesmo tempo, coragem e cautela, a partir de suas próprias experiências, e tenham menor probabilidade de seguir o exemplo de amigos muito ousados. Ademais, seria melhor que a mãe decidisse compartilhar seus sentimentos sobre a galinha que chocou uma ninhada de patinhos do que surpreender a criança com um grito: “Desça instantaneamente!”, “Tommy, você vai quebrar o pescoço!”, pois isso dará à criança um choque nervoso, tirando toda a sua concentração. É bem provável que essa atitude acabe justamente provocando a queda que tencionava impedir.

Até mesmo andar de barco e nadar são atividades que estão ao alcance das crianças criadas na cidade durante os dias de verão em que todos viajam até as proximidades do mar ou dos rios do interior. Além disso, há piscinas em grande parte das cidades. Seria bom que a maioria das crianças de sete anos fossem ensinadas a nadar, não apenas pela possível

utilidade dessa arte, mas como lhes dando um meio adicional de movimento e, portanto, de deleite.

Roupas

A destruição das roupas não precisa ser grande se as crianças estiverem vestidas para suas pequenas excursões como deveriam estar, em roupas feitas de lã (tecidas de forma grosseira), sarja ou flanela. A lã tem muitas vantagens sobre o algodão e mais ainda sobre o linho, como material de vestuário; principalmente por ser um mau condutor, isto é, a lã não permite que a temperatura do corpo se dissipe com facilidade, nem que a temperatura do ambiente seja absorvida com facilidade. Portanto, a criança vestida em roupas de lã, cuja temperatura se elevou por causa das brincadeiras, não sofre um resfriamento pela perda repentina desse calor, como acontece com a criança vestida em roupas de linho. Além disso, a lã é mais fresca sob o sol e mais aquecida na sombra.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Por que a lição de francês não deve ser omitida?
2. Por que as crianças devem se entregar a clamores e gritos ao ar livre?
3. Por que os rondós devem ser preservados?
4. Quais são as melhores maneiras de usar a corda e a peteca?
5. O que dizer da escalada?
6. O que dizer das roupas de lã?

Capítulo XII – Passeios Em Más Condições Climáticas

Passeios de Inverno São Tão Necessários Quanto Passeios de Verão

Tudo o que dissemos até agora se aplica ao clima de verão, que é, lamentavelmente, um período bastante limitado e incerto nessa parte do mundo. A questão do exercício ao ar livre no inverno e no clima chuvoso é realmente mais importante; afinal, quem, tendo condições, não estaria fora de casa durante os dias de verão? Se as crianças devem receber o que é melhor para elas, elas precisam estar ao ar livre por duas ou três horas todos os dias ao longo do inverno, digamos uma hora e meia pela manhã e o máximo possível durante a tarde.

Prazeres Relacionados à Geada e à Neve

Quando a geada e a neve estão no chão, as crianças têm momentos muito divertidos, deslizando, jogando bolas de neve, e construindo na neve. Mas, mesmo durante os dias mais comuns, quando há sujeira sob os pés e monotonia diante dos olhos, as crianças devem permanecer interessadas e atentas, a fim de que o coração faça seu trabalho alegremente, e um grato fulgor se conserve por todo o corpo, apesar das nuvens e do clima frio.

Observações de Inverno

Tudo o que foi dito sobre saídas de campo e pintura de cenários, sobre a curta conversa em Francês e as observações a serem anotadas no diário familiar, pertencem tanto ao clima de inverno quanto ao clima de verão; e não há fim para as coisas a serem vistas e observadas. O grupo se depara com uma grande árvore que eles julgavam, a partir de sua constituição, ser um carvalho — isso é registrado no diário; e quando as folhas tiverem brotado, as crianças devem retornar para conferir se estavam certas. Muitas aves passam a se expor com maior frequência quando são impelidas em busca de comida.

"O gado se lamenta em cantos protegidos pela cerca."

"O sol, em rubra esfera
ao elevar-se, incendeia o horizonte".

"Toda erva e toda folha espiral
estende uma pequena sombra sobre o campo".

"Os pardais espreitam e saem de seus beirais abrigados."

"O pintarroxo gorjeia ainda, mas está satisfeito
com notas tênues e mais da metade suprimida;
Feliz com a sua solidão e voando ligeiro
de ramo em ramo, onde descansa e se agita
entre os muitos galhos, em que pendem gotas de gelo
Que tilintam nas folhas secas abaixo."

Não há razão para que o passeio de inverno da criança não seja tão fértil em observações quanto a do poeta; de fato, de certa forma, é possível ver até mais durante o inverno, porque as coisas a serem vistas não estão amontoadas.

O Hábito de Atenção

Passeios de inverno, sejam na cidade ou no campo, oferecem igualmente grandes oportunidades de cultivo do hábito da atenção. O famoso mágico, Robert Houdin, conta em sua autobiografia que ele e seu filho passavam rapidamente diante de uma vitrine de loja de brinquedos, por exemplo, e cada um olhava atentamente para ela. Alguns passos adiante, eles

retiravam papel e lápis dos bolsos e tentavam enumerar o maior número de objetos vistos enquanto passavam. O menino surpreendia seu pai com a rapidez de sua percepção, sendo frequentemente capaz de registrar quarenta objetos, enquanto seu pai mal chegava a trinta; e, ainda, ao retornarem para conferir as listas, raramente se verificava algum erro cometido. Aqui está uma sugestão de diversão altamente educativa para muitos passeios de inverno.

Caminhadas em Clima Chuvoso

Mas, o que fazer nos dias chuvosos? O fato é que a chuva, a menos que seja uma tempestade, não faz mal às crianças, se estiverem vestidas de forma apropriada. Mas, todo tipo de vestimenta à prova d'água deve ser proibida, porque o tecido que não absorve água não permitirá a evasão da transpiração inconsciente, e um segredo de saúde para pessoas que não têm nenhuma doença orgânica é a imediata eliminação das substâncias deterioradas e nocivas descartadas pela pele.

Vestimentas de Uso Externo

As crianças devem ter vestimentas de chuva feitas de lã — de sarja grosseira, por exemplo —, que sejam trocadas logo que retornarem de um passeio e, então, não haverá risco de pegarem um resfriado. Esta é uma questão de senso comum. Panos molhados são colocados na cabeça de um paciente com febre; aos poucos, os panos vão ficando secos e precisam ser mergulhados na água novamente: o que aconteceu com a água? Evaporou, e, ao evaporar, reduziu a temperatura da cabeça febril. Mas, aquilo que alivia a pele quente por causa da febre é justamente o que deve ser evitado em circunstâncias normais. Ficar com a pele molhada não pode causar a uma criança mais mal do que um banho lhe causaria, mas isso se a roupa molhada não se secar sobre ela — isto é, se a água não evaporar, reduzindo muito a temperatura de seu corpo nesse processo. Os resfriados são resultado da redução de temperatura corporal e não da "umidade" que as mães estão prontas a lamentar. Mantenha uma criança ativa e feliz na chuva, e ela só obterá benefícios desse passeio. O caso é diferente se a criança já estiver resfriada; nessa situação, o exercício ativo poderá agravar qualquer inflamação já estabelecida.

Não sei dizer se a afirmação de Richter de que um banho de chuva de primavera seria uma espécie de banho eletrizante e um meio muito potente de adquirir saúde é mais do que uma bela fantasia; certamente a chuva limpa a atmosfera — um fato de considerável importância em e sobre as grandes cidades. Mas é suficiente para o nosso propósito provar que a chuva não precisa causar nenhum dano; pois o exercício diário abundante ao ar livre é de tal importância vital para as crianças, que realmente nada além de uma doença deve mantê-las dentro de casa. Uma caminhada de tempo e distância curtos é suficientemente alegre para um dia chuvoso, pois, sendo recebido com bom humor, até o bater da chuva é, em si mesmo, estimulante. A "longa corrida" do garotinho, isto é, um trote constante, interrompido de vez em quando, é um exercício essencial; mas é preciso respeitar a energia das crianças evitando que fiquem exaustas.

Precauções

Ao mesmo tempo, as crianças nunca devem ter permissão de permanecer com as roupas molhadas; e aqui entram em cena as roupas à prova de chuva: elas devem ser utilizadas para manter as crianças secas durante o caminho até a igreja, a escola ou a casa do vizinho, onde não se pode trocar a vestimenta de forma apropriada.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Por que as caminhadas de inverno são tão necessárias quanto as caminhadas de verão?
2. Que prazeres estão relacionados à geada e à neve?
3. Como as crianças podem permanecer atentas em dias monótonos?
4. Como o inverno se presta à observação?
5. Por que o clima chuvoso é saudável e necessário?
6. Que tipo de roupas são necessárias para os dias de chuva? Por quê?
7. Quais precauções devem ser consideradas?

Capítulo XIII – Vida de “Índio Pele Vermelha”

Escotismo

O livreto de Baden Powell sobre *escotismo* nos colocou em uma nova trilha. Centenas de famílias fazem agora alegres expedições, muito mais educativas do que sonhavam, em que o escotismo é a ordem do dia.

Por exemplo, um grupo de quatro pessoas ou mais se põe em emboscada — a melhor emboscada possível, que só é obtida após muita consideração. Os inimigos enviam um espião; primeiro ele deve encontrar a emboscada e, então, mostrar sua habilidade em alertar seus companheiros sem ser descoberto. Creio que toda família deveria possuir *Scouting*^[24] na falta de oportunidade de acompanhar um índio de pele vermelha na guerra.

O mal da vida pré-fabricada que levamos é que não discernimos os sinais dos tempos. Uma inteligência alerta em relação ao que acontece no mundo ao ar livre é uma grande possessão e, por mais que concordemos fortemente com os esforços feitos para abolir a caça aos ninhos de pássaros, perderemos, se não tivermos cuidado, uma das poucas oportunidades do que podemos chamar de treinamento de "índio pele vermelha" que ainda temos ao nosso alcance.

“Caça” aos Pássaros

Mas, a “caça” aos pássaros, para adaptar um nome, é uma atividade muito mais excitante e prazerosa do que a caça aos ninhos de pássaros, e obtemos nosso deleite sem nenhum custo de dor para as criaturas vivas. Toda a habilidade de um bom espião entra em jogo. Pense em como pode ser empolgante se arrastar, tão silenciosamente quanto as sombras, por detrás dos arbustos à beira do rio, engatinhando, sem agitar qualquer galho ou seixo até chegar a um metro de distância de um par de maçaricos-das-rochas, e então, deitado, observar suas pequenas corridas delicadas, os belos movimentos de suas cabeças e caudas, e ouvir a melodia de seus cantos.

E aqui reside a verdadeira alegria da “caça” aos pássaros: se, nos meses de inverno, as crianças se tornarem bastante familiarizadas com as vocalizações das aves não-migratórias, elas poderão, no início do verão, “caçar” com algum propósito. As vocalizações e cantos emitidos pelos pássaros ficam bastante tumultuados no verão, mas o plano é verificar os que você conhece e, então, seguir os demais. A chave para o conhecimento das aves é o conhecimento de suas vocalizações, e a única maneira de obtê-las é seguir qualquer vocalização que você desconheça. O deleite em seguir a pista de uma música ou vocalização até sua fonte é o deleite de uma “descoberta”, uma possessão para toda a vida.

Mas, a “caça” aos pássaros só deve ser realizada sob certas condições. Você não deve apenas estar “mais silencioso que um rato”, mas também não deve deixar qualquer pensamento sussurrar em sua mente, pois se você se permitir pensar em qualquer outra coisa, a prazerosa cena da vida dos pássaros passará completamente despercebida por você; pior, nem a própria vocalização dos pássaros será ouvida.

Aqui estão duas experiências narradas por um amante de pássaros:

“Ouvimos uma vocalização parecida com a emitida por um tentilhão, só que mais lenta, e olhamos nos galhos do freixo para tentar seguir o rastro do pássaro por meio da movimentação repentina de um galho aqui, outro ali. Encontramos uma senda íngreme e rochosa que nos deixou quase ao nível das copas das árvores, e então tivemos uma boa visão da pequena e tímida carriça ocupada procurando comida. Uma vocalização ouvida de uma árvore próxima, como um borbulhar, nos atraiu para mais adiante, e então encontramos uma felosa assobiadeira e assistimo-la enquanto proferia seu trilo de cabeça erguida e garganta borbulhante. Uma alegre explosão de vocalizações veio de um arbusto próximo, e nós nos arrastamos para encontrar uma toutinegra com a crista erguida alegremente girando de um lado para o outro no êxtase de seu canto. Esperamos, e o seguimos até sua próxima estação por meio de seu leve toque nos galhos. Um guincho rouco de outra árvore anunciava um verdilhão, e travamos uma longa perseguição para obtermos um vislumbre dele, mas ele passou a um excelente galho e, então, ouvimos sua linda canção, a qual eu jamais imaginaria

que viria dele caso eu não o tivesse visto cantar. Uma curta vocalização rechinante fez com que ficássemos observando os troncos das árvores e, com certeza, aquela vocalização vinha de uma certhia subindo e rodeando um freixo, pronunciando seus sons durante todo o tempo.”

"Outro dia, chegamos por detrás de um muro, do qual pudemos examinar um campo que ficava ao lado do lago. Havia um abibe com sua crista vistosa, correndo e bicando, e, enquanto bicava, nós avistamos o rajado vermelho na parte inferior de sua cauda. Nós aguardamos, esperando por mais, pois os abibes ficam tão parados que se misturam com a paisagem. Mas, então, alguém tossiu, e lá se foram os abibes, uma dúzia deles, emitindo vocalizações que pareciam dizer: “Por que vocês não nos deixam em paz?” A aflição deles despertou outros pássaros, e vimos uma narceja surgir da margem do rio, um lugar pantanoso, com um rápido voo em ziguezague; ela fez uma longa volta e pousou não muito longe de onde havia saído. Os maçaricos-das-rochas levantaram voo, dois deles se aproximaram da beira do rio, assobiando durante todo o tempo. Ao lado de um pequeno barranco, assistimos a uma alvéola amarela e, naquele exato momento, ela fez uma curva ao sol e nos mostrou seu peito amarelo. Um alto 'tis-sic' próximo a nós atraiu nossos olhos para o muro, e lá estava uma alvéola branca com seu bico cheio, esperando para se livrar de nós antes de visitar seu ninho no muro. Nós rastejamos para longe, escondendo-nos atrás de uma árvore, e depois de alguns minutos esperando o vimos entrar em seu buraco. Uma tagarelice furiosa nas proximidades (como uma escova esfregando cortinas de veneziana) dirigiu nossos olhos para uma pequena carriça marrom no muro, com a cauda erguida, mas em um minuto ela desapareceu da nossa vista.”

Estas citações são de outro amante de pássaros:

"Agora, elas (as crianças) estão começando a se importar mais com as aves do que com os ovos, e sua primeira pergunta, em vez de ser: “Como é o ovo?”, é geralmente “Como é o pássaro?” Fazemos muitas pesquisas no livro de Morris, *British Birds*^[25] (O livro *British Birds*^[26] de John é melhor do que o de Morris para iniciantes) para identificar as aves que vimos e para obtermos precisão em pontos de dúvida.

"Mas agora, a respeito dos pássaros. Cartaxos-comuns abundam nas charnecas. Eu fiquei com a parte inferior de minhas pernas totalmente machucadas por ter passado em meio a um arbusto espinhoso para poder observar e escutar o primeiro que encontrei, mas fui devidamente recompensado, pois pude ver pelo menos quatro pares de uma só vez. Você conhece esses pássaros? Os machos são camaradinhas extremamente bonitos, com suas cabeças e faces negras, pescoços brancos, peitos avermelhados e costas negras ou marrons. Eles emitem uma pequena e doce canção, um pouco mais longa que a de um tentilhão, além de um grito de “chit-chat” quando são incomodados. Eles não fazem longos voos, e costumam pairar no ar como um bem-te-vi. As andorinhas fazem um grande número de buracos nos penhascos. Nós tentamos verificar quão profundamente elas se enterravam para construir seus ninhos, mas apesar de colocar meu braço até os cotovelos em vários buracos desertos, não consegui atingir o fim deles. Creio que meus favoritos são os rouxinóis. Encontrei pelo menos quatro pares, e quando consegui convencer as crianças a pararem de falar por alguns minutos, nós fomos capazes de observá-los corajosamente pulando para cima e para baixo nos juncos e cantando à nossa vista.”

Esse é o tipo de coisa que os “caçadores” de pássaros encontram. Em contraposição, aquelas crianças que não são criadas na gentil arte em que o olho fica satisfeito por apenas assistir e não há ganância em colecionar nem qualquer instinto violento de matar, mas ao contrário, uma alegria de posse permanente, têm uma perda muito significativa.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. O que você entende por escotismo? Mostre o valor do escotismo.
2. Descreva uma expedição de “caça” aos pássaros.
3. De que maneiras essas coisas devem oferecer treinamento?

Capítulo XIV – As Crianças Precisam do Ar Campestre

A Proporção Essencial de Oxigênio

Todos sabemos que o ar atmosférico que perdeu pouco de sua devida proporção de oxigênio é condição essencial para uma vida vigorosa e um físico saudável; também, que tudo o que produz calor, seja animal, lareiras, velas ou lâmpadas a gás, produz esse calor à custa do oxigênio da atmosfera — um depósito que é exaurido por cada respiração e objeto combustível; que em situações em que muita respiração e combustão estão acontecendo, há uma drenagem terrível desse gás vital; que a drenagem pode ser tão excessiva que já não reste no ar oxigênio suficiente para sustentar a vida animal, e isso resulte em morte; que onde a drenagem é menos excessiva, mas ainda é grande, a vida animal pode ser preservada, mas as pessoas ficam com vidas frágeis e flácidas, em estado de baixa vitalidade.

Excesso de Gás Ácido de Carbono

Também sabemos que toda respiração e todo objeto combustível expelle um gás prejudicial — o ácido de carbono. Uma proporção muito pequena deste gás está presente no ar atmosférico mais puro, e essa pequena proporção é saudável; mas aumente essa quantidade pela ação de fornalhas, lareiras, seres vivos, lâmpadas a gás, e o ar se torna insalubre, exatamente na mesma proporção da quantidade excessiva de ácido de carbono que ele contém. Se a quantidade for demasiada — como quando muitas pessoas estão amontoadas em uma pequena sala não ventilada —, a consequência será uma morte rápida por sufocamento.

Ar Não Viciado e Não Empobrecido

Por estas razões, não é possível desfrutar plenamente da vida em uma cidade. Para os adultos, o estímulo da vida urbana pode, de certa forma, compensar a impureza do ar; da mesma forma que, por outro lado, as pessoas do campo muitas vezes perdem suas vantagens ao se deixarem levar pelo hábito da lentidão mental: mas, para as crianças — que não apenas respiram, mas crescem; que requerem, proporcionalmente, mais oxigênio do que os adultos precisam para seus processos vitais, é absolutamente cruel não lhes proporcionar, com bastante frequência, senão diariamente, copiosa quantidade de ar não viciado e não empobrecido — o tipo de ar que só pode existir longe das cidades.

Luz Solar

Mas essa é apenas uma das razões, relacionadas à saúde física, pelas quais é de suma importância dar às crianças longos dias em campo aberto. Elas desejam luz, luz solar, tanto quanto ar. As pessoas do campo são mais rosadas do que as pessoas da cidade; os mineiros são pálidos, bem como os moradores de porões e de vales sem sol. O motivo é que, para assegurar o brilho róseo da saúde perfeita, certas mudanças devem ocorrer no sangue — cuja natureza levaria muito tempo para ser explicada aqui —, e que essas mudanças no sangue, indicadas pela livre produção de glóbulos vermelhos, parecem ocorrer mais favoravelmente sob a influência da abundante luz solar. Além disso, os homens da ciência estão começando a suspeitar que não apenas os raios de luz coloridos do espectro solar, mas também os raios escuros de calor e os raios químicos, contribuem para a vitalidade de maneiras ainda não totalmente compreendidas.

Um Ideal Físico Para a Criança

Havia uma foto encantadora em *Punch* há algum tempo, de dois garotinhos propalando seu inglês-francês para a nova criada de sua mãe; dois nobres amiguinhos, eretos como um dardo, sem qualquer gordura supérflua, olhos bem abertos, cabeça erguida, peito expandido, o corpo inteiro cheio de vigor, ainda que em repouso. Aquilo foi digno de nota, no mínimo por sugerir o tipo de físico que nos apraz ver em uma criança. Sem dúvida, o filho herda seu máximo potencial nesse aspecto, assim como nos demais; mas, *isso* é o que a educação pode, com algumas limitações, produzir: a criança nasce com certas tendências naturais e, de acordo com sua educação, cada uma dessas tendências pode resultar em um defeito de pessoa ou de caráter, ou em uma graça cognata. Portanto, vale a pena ter até mesmo um ideal *físico* para uma criança; não, por exemplo, pensar que uma criança gorda é necessariamente uma criança saudável. A criança gorda pode ser produzida com facilidade, mas os olhos brilhantes e atentos, o passo vigoroso, a tonalidade iluminada como a de um sino, os movimentos ágeis e graciosos que caracterizam a criança bem-educada, são o resultado não apenas do bem-estar corporal, mas de uma "mente e alma bem harmonizadas", de uma inteligência rápida e treinada, e de uma natureza moral habituada à "alegria do autocontrole".

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Como a proporção essencial de oxigênio pode ser reduzida?
2. Como o excesso de dióxido de carbono é produzido?
3. Por que as crianças, em especial, precisam de ar não viciado e não empobrecido?
4. Mostre que as crianças precisam de luz solar.
5. Descreva um ideal físico para uma criança e mostre a utilidade de tal ideal.

PARTE III

“Hábito é Dez Naturezas”

Capítulo I – Educação Baseada na Lei Natural

Um Cérebro Saudável

O que eu desejo definir para o leitor é um método de educação baseado na lei natural. Por isso, em primeiro lugar, consideramos algumas das condições a serem observadas com vistas a manter o cérebro em ordem de funcionamento saudável, visto que a possibilidade de uma educação sadia depende de um cérebro ativo e devidamente nutrido.

Vida ao Ar Livre

Considerar *a vida ao ar livre* no desenvolvimento de um método de educação veio em segundo lugar, porque meu objetivo é mostrar que a principal função da criança — seu trabalho no mundo durante os primeiros seis ou sete anos de vida — é descobrir tudo o que pode sobre qualquer coisa que observe por meio de seus cinco sentidos; mostrar que a criança tem um apetite insaciável por todo conhecimento obtido desta maneira; e que, portanto, seus pais devem se esforçar para favorecer o livre conhecimento da Natureza e dos objetos naturais; mostrar que, na verdade, a educação intelectual da jovem criança deve repousar sobre o livre exercício do poder perceptivo, porque os primeiros estágios do esforço mental são marcados pela excessiva atividade desse poder, e a sabedoria do educador consiste em seguir a liderança da Natureza no desenvolvimento do ser humano completo.

O próximo assunto a ser considerado é essencialmente psicofisiológico, mas parece-me, mesmo assim, ser muito digno de atenção, pois capta a essência de um método de educação razoável.

Hábito, o Instrumento Pelo Qual os Pais Trabalham

"Hábito é DEZ naturezas". Ah, se eu pudesse apenas fazer com que os outros vissem com meus olhos o quanto isso significa para o educador! Pois o hábito nas mãos da mãe, é como a roda para o oleiro, o cinzel para o escultor — o instrumento pelo qual ela pode tornar real o projeto que já concebeu em seu cérebro. Observe que o material já está ali para começar a obra; a roda não habilitará o oleiro a produzir uma xícara de porcelana em argila grosseira, mas o instrumento é tão necessário quanto o material ou o projeto.

É desagradável falar sobre si mesmo, mas se o leitor me permitir, gostaria de considerar as etapas pelas quais fui levada a reputar o hábito como o meio pelo qual os pais podem fazer de seus filhos quase tudo o que escolherem. Aquilo que se tornou a ideia dominante da vida de uma pessoa, caso seja lançado repentinamente sobre outra, não transmitirá grande profundidade ou peso de significado a ela — a pessoa desejará obter essa ideia gradualmente, para enxergar as etapas pelas quais a outra viajou. Portanto, eu me arriscarei a mostrar como cheguei à minha posição atual, que posso resumir, de acordo com *um* dos três pontos de vista possíveis, assim: a formação de hábitos é a educação *e a educação é a formação de hábitos*.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que um cérebro saudável e uma vida ao ar livre são condições da educação.
2. Mostre que o hábito é o instrumento pelo qual os pais trabalham.

Capítulo II – As Crianças Não Têm Poder de Se Obrigar

Um Impasse Educacional

Alguns anos atrás, estava acostumada a ouvir que "O hábito é DEZ naturezas" a partir do púlpito, em pelo menos um domingo a cada quatro. Na época, tinha apenas começado a lecionar e era jovem e entusiasmada em meu trabalho. Em minha concepção, ser professora era algo bastante importante; era impossível que a professora não deixasse sua marca nas crianças. A culpa era somente sua se algo desse errado, se alguma criança agisse maldosamente na escola ou fora dela. Não havia um grau de responsabilidade ao qual o ardor juvenil não fosse equivalente.

Mas, não obstante todo esse zelo, a coisa mais decepcionante foi que nada de extraordinário acontecia. As crianças eram boas de forma geral, porque eram filhas de pais que haviam sido criados com algum cuidado; mas estava claro que elas se comportavam essencialmente de acordo com "a sua natureza". Os defeitos que possuíam se mantinham; as virtudes que tinham continuavam sendo exercidas com a mesma força de antes. A boa e dócil garotinha ainda contava mentiras. A criança brilhante e generosa era incuravelmente preguiçosa. A coisa era a mesma em relação às lições; a criança ociosa continuava ociosa, a criança néscia não se tornava mais brilhante. Era muito decepcionante. As crianças, sem dúvida, "progrediam" — um pouco; mas cada uma delas já possuía em si os ingredientes de um caráter nobre, de uma boa mente.

Onde estava a alavanca para elevar cada um desses pequenos mundos? Tal alavanca deveria existir. Esta diligente rodada de geografia e francês, história e matemática não era mais do que brincar de educar; pois quem se lembra dos pedaços de conhecimento sobre os quais se debruçou quando criança? E não é verdade que aplicação de poucas horas na vida posterior é mais efetiva do que um ano de trabalho duro em relação a qualquer assunto durante a infância? Se a educação deve garantir o progresso e a carreira do indivíduo passo a passo, ela precisa significar algo superior ao labor sobre pequenas tarefas diárias, conhecido por este nome.

Amor, Lei e Religião como Forças Educativas

Procurando orientação para a literatura da educação, aprendi muito de várias fontes, embora não conseguisse encontrar o que me parecesse um guia autoritativo, ou seja, aquele cujo pensamento abraçasse as possibilidades contidas na natureza humana de uma criança e, ao mesmo tempo, medisse o escopo da educação.

Eu notei como o ensino religioso ajudava as crianças, dava-lhes poder e motivos para o esforço contínuo, e conduzia seus desejos para as coisas mais elevadas. Eu notei o quanto a lei restringia o mal e o amor impelia para o bem. Mas, mesmo com esses grandes auxílios de fora e de cima, havia a sensação deprimente de trabalhar no escuro em prol da educação; o avanço feito pelos jovens em poder moral, e mesmo intelectual, era como o de uma porta presa às suas dobradiças — um balanço para frente hoje e para trás amanhã, com um pequeno razoável progresso de um ano para o outro, além do progresso relacionado à capacidade de fazer somas mais difíceis e ler livros mais complicados.

As Crianças São Incapazes de Um Esforço Constante

A consideração fez com que o motivo do fracasso ficasse claro: havia um caloroso brilho de piedade no coração de cada uma daquelas crianças, mas eram todas incapazes de um esforço constante, porque não tinham *força de vontade*, nenhum poder para obrigarem-se a fazer o que sabiam que deveriam fazer. Aqui, sem dúvida, entram as funções dos pais e professores;

eles deveriam ser capazes de fazer a criança praticar o que ela não tem poder para se obrigar. Mas, seria um treinamento deficiente aquele que mantivesse a criança dependente de uma influência pessoal. É dever da educação encontrar uma maneira de complementar essa fraqueza da vontade, que é a desgraça da maioria de nós, bem como das crianças.

As Crianças Devem Ser Poupadas do Esforço da Decisão

Foi dito de púlpito várias vezes que o esforço de decisão é o esforço mais cansativo da vida; e, se esta proposição permanece verdadeira em relação a nós, adultos, mesmo quando a decisão é sobre coisas insignificantes como ir ou vir, comprar ou não comprar, certamente não é justo conferir às crianças todo o trabalho de um esforço de vontade sempre que tiverem que escolher entre o certo e o errado.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que a educação é comumente um impasse.
2. Cite três grandes forças educacionais.
3. Por que essas forças não são suficientes?
4. Por que as crianças são incapazes de esforço constante?
5. Por que as crianças pequenas devem, em alguma medida, ser poupadas do esforço de decisão?

Capítulo III – O que é “Natureza”?

A frase "Hábito é DEZ naturezas", continuou sendo proclamada em meus ouvidos; e, finalmente, carreguei-a para casa como um ditado de peso que poderia conter o “Abra-te, sésamo!” educacional que eu estava procurando. Em primeiro lugar, o que é Natureza, e o que, precisamente, é o Hábito?

É surpreendente entender, quando consideramos, o que uma criança é — independentemente de raça, país ou parentesco, mas simplesmente por força de seu nascimento como ser humano.

Todas as Pessoas Nascem Com Os Mesmos Desejos Primários

Estamos preparados para concordar que todos temos os mesmos instintos e apetites, mas é um pouco chocante observar que os princípios de ação que governam todos os homens em todos os lugares são essencialmente os mesmos; que, por exemplo, os mesmos desejos se agitam igualmente no seio do selvagem e do sábio; que a sede do conhecimento, que se mostra na curiosidade da criança sobre as coisas e no uso ansioso que faz de seus olhos, é igualmente ativa em todos os lugares; que o desejo de se socializar, observável em dois bebês apresentados um ao outro, e todo o anseio por demonstrar alegria e simpatia, é a causa tanto das comunidades aldeãs entre tribos selvagens, quanto do encontro filosófico entre aprendizes; que em todos os lugares se sente o desejo de estima — um poder maravilhoso nas mãos do educador, que pode tornar uma palavra, de louvor ou de censura, mais potente como força motivadora do que qualquer medo ou esperança de punição ou recompensa.

Todas As Pessoas Nascem Com As Mesmas Afeições

E não se trata apenas dos mesmos desejos; todas as pessoas, em todos os lugares, têm as mesmas afeições e paixões, as quais agem do mesmo modo sob uma provocação semelhante: alegria e tristeza, amor e ressentimento, benevolência, compaixão, medo e muito mais, são comuns a todos nós. Bem como em relação à consciência, o senso do dever.

O Conteúdo da Concepção Mais Elementar da Natureza Humana

O Dr. Livingstone menciona que a única adição que ele se sentiu chamado a fazer ao código moral de certas tribos Zambesi (por mais que observassem pouco a sua própria lei) era que um homem não deveria ter mais de uma esposa. "A maledicência, a mentira, o ódio, a desobediência aos pais e a negligência deles", eram todos reconhecidos como pecados por esses povos negros a quem os ensinamentos civilizados ou cristãos nunca haviam alcançado. Não se trata apenas de um senso de dever comum para a humanidade, mas de uma consciência mais profunda de Deus, por mais vaga que seja essa consciência. E tudo isso e muitas outras coisas contribuem para a constituição da concepção mais elementar da natureza humana.

Natureza Somada à Hereditariedade

Então, a *hereditariedade* entra em cena, e aqui, se você quiser, há dez naturezas: quem deveria lidar com a criança que é ressentida, ou teimosa, ou imprudente, porque nasceu com a natureza de sua mãe ou de seu avô? Pense no truque do olhar, na ação da mão, repetida de pai para filho; no caráter peculiar da caligrafia, identificado, como a senhorita Power Cobbe nos diz ser o caso em sua família, por exemplo, ao longo de cinco gerações; no temperamento artístico, no gosto pela música ou desenho, presente em determinadas famílias: aqui, você se depara com a Natureza como uma amarra, confirmada, selada, rebitada, totalmente

resistente, você diria, à qualquer tentativa de alteração ou modificação.

Natureza Somada às Condições Físicas

E, mais uma vez, as condições físicas entram em vigor. A criança débil e fraca e o moleque robusto que nunca sente dor devem, necessariamente, diferir um do outro na força de seus desejos e emoções.

A Natureza Humana é a Soma de Certos Atributos

Então, em parte pelos desejos naturais, afeições e emoções comuns a toda a raça, em parte pelas tendências que cada família deriva por descendência e pelas peculiaridades que o indivíduo deve à sua própria constituição corporal e cerebral, a natureza humana — a soma de tudo isso — se distingue como um caso forte; de tal forma que estamos inclinados a pensar que o melhor a fazer é deixá-la em paz, deixar que cada criança se desenvolva desimpedida, de acordo com os elementos de caráter e disposição que possui.

A Criança Não Deve ser Deixada à Sua Natureza Humana

Isso é precisamente o que metade dos pais do mundo e três quartos dos professores se contentam em fazer; e qual é a consequência? É que o mundo está avançando, mas o progresso está, em sua maior parte, nas mãos dos poucos cujos pais levaram sua educação a sério; enquanto que os demais, que foram autorizados a *permanecer onde estavam*, não são nada além e nada melhores do que aquilo que a Natureza, agindo como um pesado empecilho, fez deles: pois, na verdade, o fato é que eles não permaneceram onde estavam; é invariavelmente certo que a criança que não está sendo elevada, de forma constante, a um nível cada vez mais alto, afundará a um nível cada vez mais baixo. Portanto, educar a criança em força e propósito moral e em atividade intelectual, é tanto um dever dos pais quanto alimentá-la e vesti-la; e isso deve ser feito *a despeito de sua natureza*, se preciso for. É verdade que, às vezes, as circunstâncias entram em cena e "fazem um homem" do menino cujos pais falharam em submeter à disciplina; mas este é um auxílio fortuito com o qual o educador não tem permissão de contar.

Eu estava começando a enxergar o caminho — não ainda à parte da dificuldade psicológica que, no que me dizia respeito, bloqueava o caminho para qualquer educação real; mas, agora, eu podia apontar para o problema. Assim: a vontade da criança é lamentavelmente fraca; ainda mais fraca nos filhos dos fracos; um pouco mais forte nos filhos dos fortes; mas dificilmente pode ser contada como um *poder* na educação.

A natureza da criança, sua natureza humana — sendo a soma do que ela é como ser humano, do que ela é em razão de sua descendência, e do que ela é como resultado de sua própria constituição física e mental —, esta natureza é incalculavelmente forte.

O Problema Diante do Educador

O problema diante do educador é fornecer à criança o controle sobre sua própria natureza, capacitá-la a se manter sob controle tanto em relação aos traços que chamamos de bons, quanto àqueles que chamamos de maus: muitos homens naufragam na rocha do que cresceram acreditando ser sua virtude nata — sua liberalidade, por exemplo.

A Graça Divina Corre Nos Trilhos do Esforço Humano

Ao procurar uma solução para este problema, eu não subestimo a graça Divina — muito

pelo contrário; contudo, nem sempre consideramos devidamente o fato de que a graça Divina corre nos trilhos do esforço humano judicioso; que o pai, por exemplo, que se dá ao trabalho de entender o que se espera dele em relação à educação de seu filho, merece e, com certeza, obtém o auxílio divino; e que Rebeca, digamos, não tinha o direito de criar seu filho para ser "tu, verme de Jacó", na confiança de que a graça divina, falo com reverência, viesse fazê-lo bem-sucedido. Sendo um homem piedoso, filho de pais piedosos, foi bem-sucedido, mas, ele se queixa, ao final de sua vida, de que seus dias foram "poucos e maus".

A Confiança dos Pais não Deve ser Indolente

E, de fato, isso é o que uma grande quantidade de pais cristãos esperam: eles deixam seus filhos crescerem livremente, como uma taiúva, cultivando, sem qualquer controle, todas as suas partes — os espinhos, as flores grosseiras, os frutos insípidos —, confiando, eles dirão, que a graça de Deus podará e cavará e sustentará os ramos rebeldes conforme a Sua vontade. E a confiança deles nem sempre é mal-sucedida; mas a pobre criança suporta angústias e é despedaçada no processo de recuperação do qual seus pais poderiam tê-la poupado caso se tivessem ocupado com os primeiros rebentos que deveriam, aos poucos, resultar no caráter de seu filho.

A natureza, então, ainda que forte, não é invencível; e, na melhor das hipóteses, ela não deve ter permissão para correr desenfreada. Freio e rédea, mão e voz, livrarão a criança da força máxima da Natureza se seu treinamento for assumido em tempo; contudo deixe a Natureza correr solta, como os pôneis da floresta, e nenhuma espora ou chicote serão capazes de domá-la.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. O que podemos afirmar sobre a criança como ser humano?
2. Mostre que todas as pessoas nascem com os mesmos desejos primários.
3. Mostre que todas as pessoas nascem com os mesmos afetos.
4. Nomeie alguns afetos comuns a todos nós.
5. O que a concepção mais elementar da natureza humana inclui?
6. O que você tem a dizer sobre a força da natureza somada à hereditariedade?
7. Que tipo de diferenças as condições físicas podem causar?
8. Do que a natureza humana é a soma?
9. Por que a criança não deve ser deixada à mercê de sua natureza humana?
10. Qual é o problema diante do educador?
11. Mostre que a graça divina corre nos trilhos do esforço humano.
12. Por que a confiança dos pais não deve ser indolente?

Capítulo IV – O Hábito Pode Suplantar a ‘Natureza’

“Hábito é Dez Naturezas”

Se isso for verdade, forte como é a natureza, o hábito não é apenas tão forte, mas *dez vezes mais* forte. Aqui, então, temos algo mais forte que esse forte homem armado, e muito capaz de superá-lo.

O Hábito Corre nos Trilhos da Natureza

De fato, o hábito corre nos trilhos da natureza: a criança covarde *habitualmente* mente para escapar da culpa; o filho amoroso tem uma centena de *hábitos* de ternura; a criança bondosa tem o *hábito* de dar; a criança egoísta, o *hábito* de reter. O hábito que opera, assim, de acordo com a natureza, é simplesmente a natureza em ação, fortalecida pelo exercício.

Mas o Hábito Pode Ser Uma Alavanca

Mas o hábito, se quiser ser a alavanca de elevação da criança, deve ser contrário à natureza, ou para todos os efeitos, independente dela.

Imediatamente, quando começamos a olhar para a operação do hábito nesses trilhos, ficamos cheios de exemplos: há crianças treinadas em hábitos cuidadosos que nunca mancham suas roupas; crianças treinadas em hábitos de discrição, que nunca falam do que acontece em suas casas, e respondem a perguntas indiscretas com 'eu não sei'; crianças educadas em hábitos corteses, que abrem caminho para os mais velhos com graça gentil, e mais prontamente para a pobre mulher que carrega um cesto do que para a dama bem vestida; e crianças treinadas em hábitos de má vontade, que nunca se oferecem para ceder, ir ou fazer.

Uma Mãe Forma os Hábitos de Seus Filhos Involuntariamente

Tais hábitos como esses, bons, ruins ou indiferentes, são naturais para as crianças? Não, mas são fruto do ensino dado por suas mães; e, na verdade, não há *nada* que uma mãe não possa ensinar seu filho a fazer, e dificilmente há uma mãe em algum lugar do mundo que não tenha duas ou três manias ou princípios que seus filhos nunca violam. De modo que chegamos a essa conclusão: tenha uma mãe com visões liberais sobre o tema da educação, e ela simplesmente não poderá deixar de trabalhar suas próprias opiniões sobre os hábitos de seus filhos; tenha, por outro lado, uma mãe cuja pergunta essencial é: 'O que as pessoas vão dizer? O que as pessoas vão pensar? Como isso será avaliado?', e as crianças crescerão com hábitos de aparência e não de essência; elas ficarão satisfeitas em parecer bem vestidas, bem educadas e bem intencionadas para os de fora, com muito pouco esforço em relação à beleza, ordem e bondade interiores e aos olhos uns dos outros.

O Hábito Força a Natureza em Direção a Novas Vias

O extraordinário poder do hábito de forçar a natureza em direção a novas vias dificilmente requer ilustração; precisamos apenas assistir um menino de circo montado em dois pôneis sem sela, com um pé nas costas de cada um, ou uma bailarina rodando no ar, ou um palhaço

se comportando como uma bola de borracha, ou qualquer uma das centenas de proezas de habilidade e destreza que pagamos para ver — feitos mentais, bem como corporais, embora, felizmente, aqueles sejam mais raros —, para sermos convencidos de que exatamente qualquer coisa pode ser realizada por meio de treinamento, isto é, do cultivo de hábitos duradouros.

E o poder do hábito não é visto apenas nos seres humanos. A gata sai em busca do jantar sempre no mesmo horário e no mesmo lugar — isto se for costume alimentá-la em um só lugar. De fato, o hábito do lugar é tão importante para a gata, que ela muitas vezes prefere morrer de fome a abandonar a casa com a qual está acostumada. Quanto ao cachorro, ele é um 'pacote de hábitos' ainda maior do que seu mestre. Espalhe migalhas para os pardais às nove horas todas as manhãs, e às nove horas eles virão para o café da manhã, com migalhas ou sem elas. Darwin é propenso a pensar que o fato das aves selvagens e outros pequenos animais sentirem medo e fugirem da presença dos homens é simplesmente uma questão de hábito *transmitido*; ele nos conta de algumas das ilhas do Pacífico por onde passou, em que os pássaros nunca tinham visto o homem antes, e eles pousavam sobre ele e voavam ao seu redor com total destemor. Citando um exemplo mais próximo a nós, que evidência do domínio do hábito é mais triste e mais avassaladora do que os hábitos do bêbado, que persistem, a despeito da razão, consciência, propósito, religião, e qualquer outro motivo que deveria influenciar um ser pensante?

Pais e Professores Devem Estabelecer Trilhos de Hábito

Tudo isso não é novidade; sempre soubemos que "o uso é uma segunda natureza" e que "o homem é um pacote de hábitos". Não o fato, mas a aplicação do fato e a fisiologia do hábito que foram ideias novas e extremamente valiosas para mim, e espero que possam ser de alguma utilidade para o leitor. Para mim, foi novidade, por exemplo, perceber que cabe aos pais e professores estabelecer trilhos de hábito sobre os quais a vida da criança possa correr, com poucos acidentes ou fracassos, e possa avançar na direção certa com o mínimo de esforço.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que o hábito corre nos trilhos da natureza.
2. Como o hábito deve funcionar para ser uma alavanca?
3. Mostre que uma mãe forma os hábitos de seus filhos involuntariamente.
4. Ilustre o fato de que o hábito pode forçar a natureza a em direção a novas vias.
5. Para que fim os pais e professores devem estabelecer os trilhos do hábito?

Capítulo V – O Estabelecimento dos Trilhos do Hábito

"Comece algo e isso se completará!" é infalivelmente verdadeiro em relação a qualquer hábito mental e moral: se completará, não nos trilhos que você prevê e pretende, mas nos trilhos apropriados e necessários a esse hábito específico. Na frase "atividade cerebral inconsciente" somos confrontados com o fato de que, qualquer semente de pensamento ou sentimento que se plante em uma criança — seja por herança ou por treinamento precoce — cresce, se completa e procria de acordo com sua espécie, da mesma forma que ocorre com um organismo corpóreo.

É uma coisa maravilhosa e bela conceber uma ideia, quando a ideia em si é nobre: ela se desenvolve por conta própria em seu íntimo, e você se depara com sua caneta escrevendo sentenças cuja sequência lógica te deleita e, contudo, não houve parte consciente em sua concepção. Quando o escritor experiente "flui" dessa maneira, ele sabe que, no que diz respeito à execução das palavras, à ordenação das ideias, seu trabalho não precisará de revisão. Isso é algo tão excelente, que a persistente falácia da razão infalível se estabeleceu como consequência. O filósofo, que tem prazer em observar os caminhos de sua própria mente, é um pensador de raciocínios elevados, e está pronto a esquecer que o pensamento que contamina um homem se comporta exatamente da mesma maneira que aquele que o purifica: tanto um quanto outro se desenvolve, amadurece e cresce de acordo com sua espécie.

Nós Pensamos da Forma Como Estamos Acostumados a Pensar

Como isso se dá no trabalho prático de educar as crianças? Dessa forma: nós pensamos, *da forma como estamos acostumados a pensar*; as ideias vêm e vão e se movimentam incessantemente dentro do *trajeto* — chamemos assim — que você criou para elas na própria substância nervosa do seu cérebro. Você não pretende pensar nessas coisas deliberadamente; você pode, de fato, opor-se fortemente ao trilho que elas estão tomando (dois 'trens' de pensamento funcionando ao mesmo tempo!), e ao fazer objeção, você pode ser capaz de bloquear a passagem, colocar uma placa escrito "Sem Estrada" em grandes letras, e obrigar os passageiros ocupados do mundo do cérebro a tomarem outro caminho.

Mas, quem é capaz de fazer isso? Não a criança, com sua vontade imatura, fraca em poder moral, desabituada às armas da guerra espiritual. Ela depende de seus pais; cabe a eles dar início aos pensamentos que a criança deve ter, os desejos que ela deve nutrir, os sentimentos que ela deve permitir. Apenas dar início; nada mais lhes é permitido; mas, dessa iniciação resultarão os hábitos de pensamento e sentimento que governam o homem — isto é, seu *caráter*. Entretanto, isso não seria muita presunção, visto que, para resumir tudo o que entendemos por hereditariedade, uma criança nasce com seu futuro em suas mãos? A criança nasce, sem dúvida, com as tendências que devem moldar seu futuro; mas toda tendência tem suas estradas secundárias, seu resultado bom ou mau; e colocar a criança na rota certa para o cumprimento de *suas possibilidades inerentes* é a vocação dos pais.

A Direção dos Trilhos do Hábito

Esta relação do hábito com a vida humana, como se os hábitos fossem os trilhos sob os quais uma locomotiva corre, é, talvez, a mais sugestiva e útil para o educador. Pois do mesmo modo que é mais fácil para a locomotiva seguir o seu caminho sobre os trilhos ao invés de correr desastrosamente fora deles, também é mais fácil para a criança seguir os trilhos do hábito cuidadosamente estabelecidos do que arriscar-se fora deles. Segue-se que essa tarefa de estabelecer trilhos rumo ao país inexplorado do futuro da criança é muito séria e responsabilizadora para os pais. Cabe a eles considerar bem as rotas pelas quais a criança deve viajar com proveito e prazer; e, ao longo dessas rotas, estabelecer trilhos tão convidativamente suaves e confortáveis que o pequeno viajante possa passar por eles a toda velocidade, sem parar para considerar se escolheu ou não aquele caminho.

O Hábito e a Liberdade da Vontade

Mas — supondo que a execução de uma certa ação, uma ou duas vezes, em sequência ininterrupta, forme um hábito tão fácil de manter quanto de deixar de lado; e que a persistência *não negligente* neste hábito o torne uma segunda natureza, bastante difícil de se abandonar; e, finalmente, a preservação deste hábito, no decurso de alguns anos, dê a ele a força de dez naturezas, de forma que você não consiga rompê-lo sem fazer verdadeira guerra a si mesmo; e também que seja possível formar na criança o *hábito* de fazer e dizer, e até mesmo de pensar e sentir tudo o que é desejável que ela faça ou diga, pense ou sinta —, admitir tudo isso não seria como tirar a liberdade da vontade da criança, fazendo dela um mero robô por meio desse cultivo exagerado?

O Hábito Governa 99% de Nossos Pensamentos e Atos

Em primeiro lugar, quer você escolha ou não se incomodar com a formação de hábitos da criança, o hábito, ainda assim, governará 99% da vida dela: ela já é o mero robô que você descreveu. Quanto à criança se transformar em uma criatura de hábito, não cabe ao pai determinar. Somos todos meras criaturas de hábito. Concebemos nossos pensamentos habituais, conservamos nossa conversa fiada costumeira, mantemos nossa rotina trivial, executamos nossas tarefas comuns, sem nenhum esforço autodeterminante da vontade. Se não fosse assim — se tivéssemos que pensar, que decidir sobre cada movimento necessário para se tomar um banho ou fazer uma refeição — a vida não valeria a pena; o esforço de decisão repetido de forma incessante nos levaria à exaustão. Mas — sejamos gratos —, a vida não é assim laboriosa. Pois, a cada cem vezes que agimos ou pensamos, não é necessário escolher, determinar, digamos, mais do que uma vez. E as pequenas emergências, que impelem um ato da vontade, irão abater-se sobre a vida das crianças quase tão frequentemente quanto sobre a nossa. Não podemos resguardá-las disso, nem seria desejável que o fizéssemos. O que podemos fazer por elas é garantir que tenham hábitos que as conduzam a modos de ordem, decoro e virtude, em vez de deixar que as rodas de suas vidas façam vis trajetos em lugares imundos.

O Hábito é Poderoso Mesmo Quando a Vontade Decide

E então, mesmo em emergências, em todas as dificuldades e tentações súbitas que exigem um ato de vontade, de intencionalidade, a conduta ainda é capaz de seguir os trilhos do hábito familiar. O menino que está acostumado a encontrar proveito e prazer em seus livros, não será facilmente atraído a caminhos ociosos ao ser incitado por um colega ocioso. A menina que foi cuidadosamente treinada para falar a verdade exata simplesmente não pensará em uma mentira como uma possível forma de se livrar de uma dificuldade, por mais temerosa que ela possa estar.

Mas, seria essa doutrina do hábito, afinal, mais do que um simples tratamento empírico dos sintomas da criança? Por que a execução de um ato ou a concepção de um pensamento, digamos, uma certa quantidade de vezes em sequência ininterrupta, tem qualquer tendência de fazer com que a execução desse ato ou a concepção desse pensamento se tornem parte da natureza da criança? Podemos aceitar esta doutrina como um ato de fé baseado na experiência; mas, se pudéssemos descobrir a *raison d'être*^[27] dessa enorme força dos hábitos, seria possível trabalhar no estabelecimento de hábitos com propósitos e métodos reais.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre que os pais dão início aos hábitos de pensamento e sentimento de seus filhos por seu próprio comportamento.
2. A educação em hábitos interfere na liberdade da vontade?

3. Mostre como é bom que o hábito governe nossos pensamentos.
4. Mostre que o hábito é poderoso mesmo quando a vontade decide.

Capítulo VI – A Fisiologia do Hábito

Uma obra do Dr. Carpenter foi, talvez, a primeira a me fornecer a pista que eu estava procurando. Em sua *Mental Physiology*^[28] — um livro muito interessante, a propósito —, ele propõe uma analogia entre a atividade física e a atividade mental, e mostra que a correspondência em efeito se deve a uma correspondência em causa.

Tecidos em Crescimento Se Ajustam aos Modos de Ação

Parafraseando a doutrina da escola que o Dr. Carpenter representa, os tecidos, como o tecido muscular, por exemplo, sofrem constante desperdício e constante reparação. Mesmo aqueles modos de ação musculares que consideramos naturais, como andar e ficar de pé, são, na realidade, o resultado de uma laboriosa educação; assim como muitos modos de ação que adquirimos conscientemente, como escrever ou dançar; mas, os modos adquiridos tornam-se perfeitamente fáceis e naturais. Por quê? Porque a lei dos tecidos em constante crescimento assegura que eles se ajustem aos modos de ação que lhes são exigidos.

Em uma situação em que o cérebro envia repetidamente para os músculos, que estão sob controle nervoso, a mensagem de executar uma certa ação, essa ação se tornará automática na zona inferior, e a mais débil instigação externa a produzirá sem a intervenção do cérebro. Desta forma, as articulações e os músculos da mão da criança, por exemplo, acomodam-se muito rapidamente ao modo de ação exigido delas ao segurar e conduzir a caneta. Observe: não é que a criança aprende com sua mente como usar sua caneta a despeito de seus músculos; mas que os próprios músculos em novo crescimento se ajustam de acordo com a ação exigida deles. E esta é a explicação para todas as proezas do palhaço que parecem simplesmente impossíveis para o observador inexperiente, porque suas articulações e músculos não têm os mesmos poderes que foram produzidos no palhaço por meio de um processo de treinamento precoce.

Portanto, as Crianças Devem Aprender a Dançar, Nadar, Etc., Em Uma Idade Precoce

Isto é verdadeiro principalmente em relação às atividades meramente corporais. Eis a razão pela qual as crianças devem aprender a dançar, cavalgar, nadar, praticar calistenia, e toda forma de atividade que requer um treinamento dos músculos, em uma idade precoce: o fato é que os músculos e articulações não têm apenas que se conformar a novos usos, mas eles precisam crescer ajustando-se a um padrão modificado; e esse crescimento e adaptação ocorrem com maior facilidade durante os primeiros anos da criança. Naturalmente, o homem cujos músculos preservaram o hábito da adaptação aprende novos jogos, novos exercícios musculares, sem muito trabalho. Mas, ensine um lavrador a escrever, e você verá a enorme dificuldade física que os músculos desacostumados têm para se ajustar a qualquer novo tipo de esforço. Neste ponto, constatamos a importância de zelar pelos hábitos de enunciação, postura, e assim por diante, que a criança está formando a cada momento. O andar arrastado, os ombros encurvados, a enunciação confusa não são meros costumes a serem rompidos "quando a criança for mais velha e mais sensata", pois eles estão, a todo momento, crescendo nela e se tornando parte dela, à medida em que vão sendo registrados na própria substância de sua medula espinhal. A parte de seu sistema nervoso onde a consciência reside (o cérebro), há muito tempo deu uma ordem permanente, e tais são as complicações dessa administração que retirar a ordem significaria ter de refazer totalmente as partes envolvidas. Consequentemente, para corrigir os maus hábitos de enunciação, por exemplo, não seria suficiente que a criança desejasse e tentasse falar com clareza; ela não seria capaz de fazê-lo de forma habitual até que algum grau de novo crescimento tenha ocorrido nos órgãos da voz na medida em que ela prossegue fazendo esforços para formar o novo hábito.

Os Hábitos Morais e Mentais Deixam Sua Marca Nos Tecidos Físicos

Mas, de forma prática, todos sabemos que o corpo e todas as suas partes se acomodam muito prontamente aos usos a que se destinam: sabemos que se uma criança se acostumar a ficar apoiada em um único pé, deslocando um ombro para cima, o hábito provavelmente resultará em um desvio da coluna; que se ela permitir que seus ombros fiquem encurvados e, conseqüentemente, seu tórax fique contraído, estará abrindo caminho para uma doença pulmonar. As conseqüências físicas de maus hábitos desse tipo são tão evidentes que não podemos nos manter cegos à relação de causa e efeito.

O que estamos menos preparados para admitir é que os hábitos que não aparentam ser, em nenhum sentido, físicos — um hábito de impertinência, um hábito de veracidade, um hábito de ordem — *também deixam sua marca nos tecidos físicos*, e que, provavelmente, a enorme força do hábito deve-se exatamente a esse efeito físico. Ainda, quando consideramos que o cérebro, o cérebro físico, é o órgão excessivamente delicado por meio do qual pensamos, sentimos, desejamos, amamos, odiamos e adoramos, não devemos ficar surpresos com o fato de que esse órgão seja modificado pelo trabalho que precisa executar; em outras palavras, é como se todo 'trem de pensamento' familiar estabelecesse um trajeto na substância nervosa do cérebro por onde os pensamentos pudessem se mover levemente por vontade própria, e do qual eles só pudessem ser retirados por um esforço da vontade.

Trens de Pensamento Persistentes

Assim, a dona de casa sabe que quando seus pensamentos são livres para seguir seu próprio curso, eles se movem em direção aos cuidados da casa ou da despensa, ao jantar de amanhã ou às roupas de inverno; isto é, o pensamento se move sob o trajeto que foi, por assim dizer, pavimentado por meio de constante repetição. Os pensamentos da mãe se movem em direção aos filhos, os do pintor em direção aos quadros, do poeta em direção aos poemas. E os pensamentos do ansioso cabeça do lar se movem em direção aos cuidados financeiros — e, pode acontecer que, até mesmo em tempos de pressão incomum, esses pensamentos insistam em se manter naquele trajeto bem pavimentado, e se recusem a se mover em qualquer outra via, até que o pobre homem perca sua razão, simplesmente porque não consegue retirar seus pensamentos daquela via que foi marcada na substância de seu cérebro. E, de fato, "dessa forma a loucura se apresenta" para cada um de nós, como um persistente desgaste que um trem de pensamento imprime sobre o tecido cerebral. Orgulho, ressentimento, inveja, uma invenção da qual um homem tenha se ocupado, uma opinião que ele concebeu, qualquer trilho de pensamento de que ele não tenha mais poder para se desviar, colocará em risco a sua sanidade.

Regeneração Incessante do Tecido Cerebral

Se nós amamos, odiamos, pensamos, sentimos, adoramos, às custas de um esforço físico real por parte do cérebro, e de um conseqüente desperdício de tecido, quão grande deve ser o trabalho deste órgão por meio do qual nós, de fato, fazemos todas as coisas, mesmo aqueles atos cuja execução final recai sobre as mãos ou os pés! Isso é verdade, e, para compensar esse desperdício excessivo, o cérebro consome a maior parte da nutrição fornecida pelo corpo. Como já vimos, um quinto ou um sexto de todo o sangue do corpo é empregado na compensação do desperdício na casa do rei; em outras palavras, *novos tecidos cerebrais* estão sendo constantemente formados a um ritmo espantosamente rápido: alguém pode até se perguntar com que idade a criança já não terá mais qualquer parte do tecido cerebral com a qual ela nasceu.

O novo tecido replica o antigo, mas não de forma totalmente exata. Da mesma maneira como um novo crescimento muscular se adapta a qualquer novo exercício que lhe seja exigido, o novo tecido cerebral deve "crescer" se ajustando a qualquer hábito de pensamento vigente durante o tempo do crescimento — e a palavra 'pensamento' aqui inclui, é claro, todo exercício da mente e da alma. "O cérebro humano cresce se ajustando aos modos de pensamento em que é habitualmente exercitado", diz um fisiologista competente; ou, nas palavras do Dr. Carpenter: "Qualquer sequência de ação mental que tenha sido repetida com frequência, tende a se perpetuar, de modo que nos encontramos automaticamente induzidos a *pensar, sentir ou fazer* o que já temos sido acostumados a pensar, sentir ou fazer, sob circunstâncias

semelhantes, sem qualquer *propósito* conscientemente formado ou qualquer antecipação de resultado. Pois não há razão para considerarmos o cérebro como uma exceção ao princípio geral de que cada parte do organismo tende a *se conformar* ao modo em que é habitualmente exercitada; e essa tendência será especialmente forte no aparato nervoso, em virtude de uma *regeneração incessante*, que é a principal condição de sua atividade funcional. De fato, raramente se duvida que todo estado de consciência ideacional *muito forte* ou *habitualmente repetido*, deixa uma impressão orgânica no cérebro, em virtude da qual o mesmo estado pode ser reproduzido em qualquer momento futuro, caso seja ativado por uma sugestão correspondente".

Ações de Reflexo Artificiais Podem Ser Adquiridas

Ou, citando a forma como Huxley aborda o caso:

"Com a ajuda do cérebro, podemos adquirir uma infinidade de ações de reflexos *artificiais*; ou seja, uma ação pode exigir toda a nossa atenção e toda a nossa vontade em sua primeira, segunda ou terceira execução, mas, por repetição frequente, ela se torna, de certa forma, parte de nossa constituição, e é realizada sem volição ou mesmo consciência".

"Como todo mundo sabe, é preciso muito tempo para se treinar um soldado — por exemplo, a se colocar na atitude de 'atenção' no momento em que a palavra de comando é ouvida. Mas, depois de um tempo, a palavra pronunciada dá origem à ação, quer o soldado esteja pensando nela ou não. Há uma história suficientemente crível, embora não verdadeira, de um brincalhão que, ao ver um veterano dispensado levando seu jantar para casa, gritou 'Atenção!' repentinamente, ao que o homem abaixou as mãos no mesmo instante, deixando cair o carneiro e as batatas. O treinamento estava completo, e seus efeitos, incorporados à estrutura nervosa do homem".

"A contingência de toda educação (da qual o treinamento militar é apenas uma forma particular) é baseada na existência desse poder que o sistema nervoso possui, de tornar ações conscientes em operações mais ou menos inconscientes ou reflexas. Podemos estabelecer isso como regra: se quaisquer dois estados mentais forem evocados juntos, ou em sucessão, com a devida frequência e vivacidade, a manifestação posterior de um deles será suficiente para evocar o outro, quer desejemos ou não".

Educação Intelectual e Moral

"O objetivo da educação intelectual é criar esse tipo de associações indissolúveis entre nossas ideias, na ordem e na relação em que elas ocorrem naturalmente; e o de uma educação moral é relacionar, de forma permanente, as ideias de más ações às de dor e indignidade, e as ideias de boas ações às de prazer e nobreza".

Mas, o mais importante para o educador é o entrelaçamento íntimo da mente e da matéria — a ideia que colocamos amplamente sob a figura (de maneira alguma cientificamente precisa) de um *trajeto*. Dado que o constante controle dos pensamentos produz um certo impacto nos tecidos cerebrais, esse impacto é o primeiro rastro do trajeto ou caminho, um percurso de menor resistência, ao longo do qual a mesma impressão, feita em outra ocasião, achará mais fácil viajar, ao invés de pegar outro caminho. Dessa forma, dá-se início a um *direito de passagem* para qualquer hábito de ação ou pensamento.

O Caráter é Afetado Pela Modificação do Tecido Cerebral

Qual a conclusão disso? Ora, que a efetiva conformação do cérebro da criança depende dos hábitos que os pais permitem ou encorajam; e que os hábitos da criança produzem o caráter do adulto, porque certos hábitos mentais, uma vez estabelecidos, tendem a permanecer para sempre, a menos que sejam substituídos por outros hábitos. Assim, colocamos um ponto final à fácil filosofia do "não importa", "oh, ele vai se livrar disso", "aos poucos ele ficará mais sensato", "ele é muito pequeno, o que poderíamos esperar?", e assim por diante. A cada dia, e a cada hora, os pais estão, passiva ou ativamente, formando hábitos em seus filhos, dos quais, mais do que qualquer outra coisa, seu caráter e conduta futuras dependem.

Influência Externa

E, então, devemos levar em consideração a influência externa. Em nove casos a cada dez, começamos a fazer uma coisa porque vemos alguém fazendo; continuemos agindo assim e — eis um hábito! Se, para nós mesmos, é tão fácil adotar um novo hábito, para as crianças, isso é dez vezes mais fácil; e esta é a verdadeira dificuldade quando o assunto é a educação do hábito. É necessário que a mãe esteja sempre alerta para arrancar pela raiz os maus hábitos que seus filhos podem estar aprendendo com os criados ou com outras crianças.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Ilustre o fato de que tecidos em crescimento se ajustam aos modos de ação que lhes são requeridos.
2. Mostre completa e especificamente por que as crianças devem aprender a dançar, nadar, etc., em idade precoce.
3. A que se deve, provavelmente, a força dos hábitos morais?
4. Mostre o perigo de trens de pensamento persistentes.
5. O que a regeneração incessante do tecido cerebral implica para o educador?
6. Mostre que adquirir ações de reflexo artificiais em certas direções consiste em uma grande parcela da educação.
7. Quais são os objetivos da educação intelectual e moral?
8. Mostre que o caráter é afetado pela modificação adquirida do tecido cerebral.
9. Mostrar a necessidade de cuidados em relação às influências externas.

Capítulo VII – A Formação De Um Hábito - "Feche a porta Atrás de Si"

"Executar a Próxima Tarefa"

"Perca este dia vadiando e será sempre a mesma história
Amanhã; e depois, mais dilatória:
A indecisão traz seus próprios atrasos,
E dias são perdidos lamentando outros tantos"

Diz Marlowe, que, como muitos de nós, conheceu a miséria da indolência intelectual que não consegue se forçar a "*Executar a próxima tarefa*". Nenhuma questão a respeito da educação das crianças pode, concebivelmente, ser trivial, mas essa questão da morosidade é extremamente importante. O esforço de decisão, já vimos, é o maior esforço da vida; não a execução de uma tarefa, mas a decisão sobre qual tarefa executar primeiro. É comumente esse tipo de indolência mental, nascida da indecisão, que leva a hábitos de vadiagem.

Como a criança dilatária será curada? Pelo tempo? Ela se tornará mais sensata à medida que envelhecer? Nem um pouco: "e depois, mais dilatária" será a história de seus dias, exceto por alguns surtos ocasionais. Punições? Não; sua personalidade dilatária é fatalista. "O que não pode ser curado deve ser suportado", afirma, mas será suportado sem qualquer esforço de cura. Recompensas? Não; para ela, uma recompensa é uma punição apresentada sob outro aspecto: ela considera a possível recompensa como sendo real, está ali ao seu alcance, por assim dizer; mas, ao antecipar a recompensa, ela não a alcança e, assim, ela sofre a punição.

O que sobra para ser tentado quando nem o tempo, nem a recompensa, nem a punição são eficazes? A resposta é o remédio milagroso do educacionista: "Um costume supera outro". Esta ociosidade crônica é um hábito a ser suplantado apenas pelo hábito contrário, e a mãe deve dedicar-se por algumas semanas a esta cura de forma constante e incansável, como faria para tratar seu filho do sarampo.

Tendo em poucas — quanto menos melhor — palavras sinceras apontado para a criança as misérias que surgem deste erro, e o dever de superá-lo, e tendo guiado sua vontade (tristemente fraca) para o bem-fazer, a mãe simplesmente percebe que, durante várias semanas, a falha não se repete. A criança vai se vestir para uma caminhada; ela começa a divagar enquanto amarra seus sapatos — o cadarço em suas mãos fica suspenso no ar —, mas sua consciência está desperta; ela é constrangida a olhar para cima, e cruza com o olhar *esperançoso e expectante* de sua mãe. Ela responde ao apelo e prossegue com o cadarço. Durante o processo, faz outra pausa ao amarrar o segundo sapato — mais curta desta vez; novamente ela olha para cima, e novamente ela prossegue. As pausas tornam-se menores dia após dia, os esforços mais estáveis, a vontade jovem e imatura vai sendo fortalecida, o hábito da ação imediata adquirido.

Depois da primeira conversa, a mãe faria bem em evitar qualquer outra palavra sobre o assunto; o olhar (expectante, não reprovador), e, quando a criança vai longe em sua divagação, o toque mais leve possível, são os únicos instrumentos efetivos. Aos poucos, ela pode perguntar: "Você acha que pode se aprontar em cinco minutos hoje, sem mim?" "Ah, sim, mãe". "Não diga que sim a menos que você tenha certeza. "Eu vou tentar". E ela tenta, e consegue.

Então, a mãe começa a ficar tentada a relaxar seus esforços — a ignorar um pequeno descuido, porque a querida criança tem se esforçado tanto. Isso é absolutamente fatal. O fato é que o hábito do descuido está fazendo um registro apreciativo na própria substância do cérebro da criança. Durante as semanas de cura, o novo crescimento vem destruindo o antigo trilho, e o trilho de um novo hábito está sendo formado. Permitir qualquer retorno ao velho mau hábito é pôr todo esse ganho a perder. Formar um bom hábito é o trabalho de algumas semanas; preservá-lo é um trabalho incessante, mas, de forma alguma, um cuidado ansioso. Uma palavra mais: a ação imediata por parte da criança deve ter a recompensa do lazer absoluto, isto é, do tempo para fazer exatamente o que quiser, não concedido como um favor, mas conferido (sem quaisquer palavras por parte da mãe) como um direito.

O Hábito é Um Prazer Em Si Mesmo

Exceto por esse único obstáculo, a formação de hábitos nas crianças não é tarefa trabalhosa, pois a recompensa anda de mãos dadas com o trabalho, de tal forma, que é como desembolsar apenas um centavo, visto que a pobre natureza humana está consciente da facilidade que é repetir a execução de qualquer coisa sem esforço; e, portanto, tem-se a certeza do retorno imediato de um real. Pois um hábito é um prazer em si mesmo; a formação de um hábito, a diminuição gradual do sentido de esforço em uma certa ação, é prazerosa.

Esse é um dos motivos de, às vezes, as mães darem com os burros n'água: elas perdem de vista o fato de que um hábito, *até mesmo* um bom hábito, se torna um prazer real; e, no momento em que o hábito de fazer uma certa coisa está realmente formado na criança, a sua mãe imagina que o esforço que ela faz ainda é tão grande quanto no princípio, que ela é muito virtuosa por continuar fazendo esse esforço, e que, portanto, merece, como recompensa, um pouco de descanso — assim, a mãe passa a permitir que a criança negligencie o novo hábito algumas vezes, e, então, continue praticando. Mas o hábito não está continuando; ele está sendo reiniciado, e reiniciado diante de obstáculos. O "pequeno descanso" que ela permite à criança significa a formação de outro hábito contrário, que precisa ser superado antes que a criança volte ao que era antes.

De fato, essa compaixão insensata por parte das mães é a única coisa que torna essa tarefa de treinar uma criança em bons hábitos trabalhosa; pois é da natureza da criança ser conduzida aos hábitos tão naturalmente quanto um bebê é conduzido ao leite de sua mãe.

Tato, Vigilância e Persistência

Como exemplo, vamos utilizar um hábito de pouca importância, exceto como uma questão de consideração pelos outros: a mãe deseja que seu filho adquira o hábito de fechar a porta atrás de si quando entra ou sai de um cômodo. *Tato, vigilância e persistência* são as qualidades que ela deve cultivar em si mesma; e, ao utilizá-las, ela ficará surpresa com a prontidão com que a criança irá adquirir o novo hábito.

Etapas na Formação de Um Hábito

"Jonny", ela diz, em um tom animado e amigável: "Quero que você se lembre de algo com todas as suas forças: nunca entre ou saia de um cômodo em que haja alguém sem fechar a porta." "Mas, e se eu esquecer, mãe?" "Vou tentar lembrá-lo." "Mas talvez eu possa estar com muita pressa." "Você sempre deve ter tempo para fazer isso." "Mas por quê, mãe?" "Porque não é educado deixar as pessoas que estão em um cômodo da casa desconfortáveis." "Mas, e se eu for sair de um cômodo que entrei no mesmo momento?" "Ainda assim, feche a porta quando você entrar; você pode abri-la novamente para sair. Você acha que consegue se lembrar?" "Vou tentar, mãe." "Muito bem; vou ficar te observando para ver quantas vezes você se esquecerá".

Por duas ou três vezes Jonny se lembra; mas, então, acontece de ele sair apressadamente de um cômodo e, antes que sua mãe possa chamá-lo de volta, ele já está a meio caminho da escada. Ela não grita: "Jonny, volte e feche a porta!" porque ela sabe que uma convocação desse tipo é exasperante para qualquer pessoa. Ela vai até a porta e chama agradavelmente: "Jonny!" Mas Jonny esqueceu tudo o que conversou com sua mãe sobre a porta; ele se pergunta o que sua mãe deseja e, movido pela curiosidade, volta, para encontrá-la sentada e ocupada em seus afazeres, como antes. Ela levanta o rosto, olha para a porta e diz: "Eu disse que tentaria te lembrar". "Oh, eu esqueci", diz Jonny, envergonhado; e, então, fecha a porta daquela vez, e da próxima.

Mas, o pequenino não tem muito poder para se lembrar, e a mãe terá que adotar vários pequenos dispositivos para lembrá-lo; mas, ela deve ser cuidadosa em relação a duas coisas: ele nunca deverá entrar ou sair sem fechar a porta, e ela nunca deixará o assunto ser uma fonte de atrito entre ela e a criança — ao invés disso, ela deverá assumir o papel de uma aliada amigável que o auxilie contra a sua fraca memória. Aos poucos, depois de fechar a porta por, digamos, vinte vezes, sem nenhuma negligência, o hábito começará a se formar; Jonny fechará a porta como por costume, e sua mãe prazerosamente o observará entrando em

um cômodo, fechando a porta, pegando algo sobre a mesa e fechando a porta novamente ao sair.

A Etapa Perigosa

Agora que Jonny sempre fecha a porta, a alegria e o triunfo de sua mãe começam a se misturar com uma compaixão irracional. "Pobre criança", ela diz a si mesma, "é muito gentil de sua parte se preocupar tanto com algo tão pequeno, só porque eu mandei!" Ela acha que, o tempo todo, a criança está se esforçando por ela; ela está perdendo de vista o fato de que o *hábito* se tornou fácil e natural, e que, na verdade, Jonny agora fecha a porta de forma inconsciente.

Chega, então, o momento crítico. Certo dia, Jonny está tão envolvido com uma nova diversão, que o hábito, ainda não totalmente formado, perde sua resistência, e ele já está quase no andar de baixo quando se lembra da porta. Então, ele se lembra, com um pouco de consciência, não suficientemente forte para fazê-lo voltar, mas somente para fazê-lo parar por um momento e ver se sua mãe o chamará de volta. Ela notou a omissão e está dizendo a si mesma: "Coitadinho, ele tem sido gentil em relação a isso há tanto tempo; não vou perturbá-lo desta vez". Ele, por outro lado, não escuta sua mãe chamar, então, diz a si mesmo — sentença fatal! — "Oh, isso não importa", e vai embora.

Da próxima vez, ele deixa a porta aberta, mas já não é por esquecimento. Sua mãe o chama de volta de uma forma bastante fraca. Seu rápido ouvido capta a fraqueza de seu tom e, sem voltar, ele grita: "Oh, mãe, estou com *tanta* pressa!", e ela não diz mais nada, ao invés disso, permite que ele se vá. Mais uma vez, ele passa apressado, deixando a porta aberta. "Jonny!" — ela diz em tom de advertência. "Volto em um minuto, mãe", e depois de dez minutos procurando alguma coisa, ele vai embora esquecendo-se de fechar a porta. A complacência inoportuna da mãe fez com que ela perdesse cada centímetro do terreno que havia conquistado.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. O que sobra para se tentar quando nem o tempo, nem recompensa, nem punição são eficazes na cura de um mau hábito?
2. Mostre que o hábito é um prazer em si mesmo.
3. Mostre que a compaixão mal orientada é um obstáculo na formação de hábitos.
4. Quais são as qualidades necessárias na mãe para que forme hábitos em seus filhos?
5. Quais são as etapas na formação de um hábito?
6. Qual é a etapa perigosa?

Capítulo VIII - 'Hábitos' Infantis

A ampla gama de hábitos, em parte físicos e, em parte, morais, dos quais dependem o decoro e o conforto da vida cotidiana, é recebida passivamente pela criança; isto é, a criança faz muito pouco para formar, por si mesma, esses hábitos; mas seu cérebro recebe impressões das coisas ao seu redor, e essas impressões acabarão se tornando seus hábitos mais fortes e duradouros.

Alguns Ramos da Educação Infantil

Higiene, ordem, limpeza, regularidade, pontualidade são todos "ramos" da educação infantil. Eles devem envolver a criança como o ar que ela respira, e ela os assimilará de forma inconsciente. Dificilmente é necessário dizer alguma palavra sobre a necessidade de esmerada higiene no berçário. As mães dão banho em seus bebês e lavam incessantemente suas roupas; entretanto, escrupulosas como são as mães da classe culta, delegam muitas tarefas às cuidadoras, e é preciso bastante vigilância para assegurar que não haja o menor odor sobre a criança ou sobre qualquer coisa que lhe pertença, e que os berçários sejam mantidos agradáveis e completamente arejados.

Uma grande dificuldade a ser enfrentada é o fato de que ainda existem cuidadoras pertencentes a uma classe para a qual uma janela aberta é uma abominação; e, ainda outra, é que nem todas elas entendem o significado dos odores: elas não podem ver "um cheiro" e, portanto, não é fácil persuadi-las de que um cheiro é, de fato, *matéria* — partículas microscópicas que a criança absorve a cada ato de respiração.

Um Nariz Sensível

A propósito, uma parte muito importante da educação física de uma criança é treinar nela um nariz sensível — narinas que farejem até mesmo um cômodo minimamente abafado, ou o menor odor nas roupas e nos móveis.

O senso olfativo não parece ter-nos sido dado apenas como uma via de prazer, mas como uma espécie de sinal de alerta para nos prevenir da presença de matérias nocivas: ainda assim, muitas pessoas parecem passar pelo mundo sem qualquer nariz; e a experiência tende a nos mostrar que um rápido senso olfativo é uma questão de educação e hábito. E este hábito é formado com facilidade. Incentive as crianças a perceberem se o cômodo em que entram tem um "cheiro" suficientemente fresco quando retornam do ar livre, a observarem a diferença entre o ar da cidade e o ar mais fresco do campo; e treine-as para detectarem o menor traço de odores agradáveis ou inofensivos.

O Bebê é Onipresente

Mas, retornemos ao berçário. Seria ótimo se a cuidadora fosse impressionada com a noção de que o bebê é onipresente, e que ele não apenas vê e sabe tudo, mas preservará, por toda a sua vida, a marca de tudo o que vê:

"Se há qualquer furo em tua capa,
Eu te imploro, vá remendar;
Um criança à tua volta está tomando nota,
E, creia-me, isto ela irá registrar."

"Registrar" em seu próprio cérebro ativo, como um modelo para seus hábitos futuros. Tal noção por parte da cuidadora pode contribuir para garantir aquela higiene que vai além da limpeza dos aventais. Há, contudo, um ou dois pequenos detalhes pelos quais a paixão das cuidadoras por higiene não deve ser elogiada — fazer as camas no início da manhã e dobrar as vestimentas das crianças quando elas são retiradas à noite. É muito melhor estender um varal

do outro lado do berçário durante a noite, e pendurar as pequenas vestimentas para que fiquem arejadas, para que se livrem dos resíduos da transpiração inconsciente com os quais foram carregadas durante o dia. Pela mesma razão, as camas e os lençóis devem permanecer ventilados por algumas horas antes de serem arrumados.

Higiene Pessoal Como Um Hábito Precoce

A mesa do berçário, se houver, deve ser mantida tão escrupulosamente bela quanto a da sala de jantar. A criança que se senta a uma mesa que tem uma toalha amarrotada ou manchada, ou usa uma colher de metal descolorida, está sendo corrompida.

As crianças também devem ser encorajadas a uma boa higiene pessoal. Todos já vimos um bebê estendendo sua mão delicada para ser lavada; está suja e a criança não gosta disso. Que eles fossem tão exigentes assim quando tivessem idade suficiente para lavarem as próprias mãos! Não que devam estar sempre limpos e apresentáveis; as crianças amam uma bagunça e devem ter grandes aventais para este fim. Elas são todas como aquele pequeno príncipe francês que desprezou seus presentes de aniversário e pediu permissão para fazer pequenas tortas de lama com o menino da sarjeta. Deixe que façam suas tortas de lama livremente; mas ao término da brincadeira, elas deveriam estar impacientes para remover todos os vestígios de terra, e deveriam fazer isso *por si mesmas*. As crianças pequenas podem ser ensinadas a cuidar das unhas e a limpar os cantos dos olhos e ouvidos. Quanto a sentar-se à mesa com as mãos sujas e o cabelo despenteado, é claro que nenhuma criança decente deveria ser permitida a fazê-lo.

As crianças devem receber, desde cedo, os seus próprios materiais de higiene e serem acostumadas a encontrar real prazer no banho e no cuidado pessoal. Não há razão para que uma criança de cinco ou seis anos não consiga se higienizar totalmente e sozinha, sem toda aquela tortura de sabão nos olhos e os costumeiros puxões e cutucões que as crianças odeiam — e não é de se admirar! Além disso, a criança não estará adquirindo o *hábito* do banho diário até que possa assumi-lo sozinha, e é importante que esse hábito seja formado antes que a imprudente época da vida escolar tenha início.

Modéstia e Pureza

O processo do banho proporciona à mãe oportunidades de dar o necessário ensino e treinamento em hábitos de decência e um senso de modéstia. Permitir que seu filho pequeno viva e cresça na simplicidade ao estilo Éden é, talvez, o caminho mais tentador e natural para a mãe. Mas, ai de nós! Não vivemos no Jardim, e será melhor que a criança seja treinada, desde o início, nas condições sob as quais ela deverá viver. Até para a mais jovem criança, assim como foi com os nossos primeiros pais, existe aquilo que é proibido. Que a criança aprenda, ainda na idade da obediência inquestionável, que o Deus Todo-Poderoso não permite que ela fale sobre, pense em, mostre ou manuseie determinadas partes de seu corpo, exceto para fins de higiene. Será mais fácil para a mãe abordar o assunto se ela usar o coração, os pulmões, etc., como exemplo, pois também não podemos olhar para ou manipular nossos órgãos internos, visto terem sido cercados de muros de carne e osso de tal forma que não podemos acessá-los. Aquilo que está acessível, nos foi deixado assim como aquela árvore no Jardim do Éden foi deixada aos nossos primeiros pais — como um teste de obediência; e, em ambos os casos, a desobediência vem acompanhada de certa perda e ruína.

O Hábito da Obediência e o Senso de Honra

O senso da proibição, do pecado na desobediência, será uma proteção maravilhosa contra o conhecimento do mal para a criança criada em hábitos de obediência; e ainda mais eficaz será o senso de honra, de uma responsabilidade a cumprir — a razão das prescrições apostólicas dadas sobre este assunto. É preciso que a mãe renove a lembrança dessa responsabilidade com seriedade na véspera, digamos, de cada aniversário, fazendo com que a criança sinta que pela obediência neste assunto ela pode glorificar a Deus *com seu corpo*; que a mãe vigie contra toda aproximação do mal; e que ela ore diariamente para que cada um de seus filhos seja mantido em pureza durante aquele dia. Ignorar as *possibilidades* do mal neste ponto é

expor a criança a terríveis riscos. Ao mesmo tempo, é preciso que a mãe se lembre que as palavras ditas com a intenção de impedir o mal podem, elas mesmas, ser a causa dele, e que uma vida cheia de interesses e atividades saudáveis está entre as mais seguras medidas profiláticas contra o vício secreto.

A Ordem é Essencial

O que foi dito sobre a higiene aplica-se muito mais à ordem: deve haver ordem e hábitos ordeiros no berçário. Em primeiro lugar, o berçário não deve ser considerado um hospital para os móveis inutilizados ou desgastados da casa; copos rachados, pratos quebrados, jarros e bules com bicos despedaçados, devem ser banidos.

As crianças devem ser criadas considerando que, quando um artigo fica com má aparência, devido à sujeira ou ao desgaste, está danificado e deve ser substituído; e essa regra se provará realmente econômica, pois quando as crianças e os criados perceberem que depois de algum dano descuidado as coisas já não prestam, aprenderão a ser cuidadosos. Mas, em qualquer caso, é um prejuízo real para as crianças crescerem usando instrumentos imperfeitos e de má aparência.

O prazer que as pessoas adultas obtêm em esperar que as próprias crianças tomem a iniciativa é realmente uma fonte frutífera de maldade, por exemplo, nesta questão de hábitos ordeiros. Quem não conhece o lixo que as crianças deixam após si, uma dúzia de vezes por dia, no berçário, no jardim, na sala de visitas, onde quer que seus pezinhos inquietos as carreguem? Somos um pouco sentimentais a respeito dos brinquedos espalhados, e dos ramos de flores abandonados e de todos os sinais da presença das crianças; mas o fato é que não se deve permitir que o hábito ilegal da bagunça desenvolva-se nos filhos. Todos condenam a mãe de uma família cujas gavetas são caóticas, cujas posses ficam espalhadas de forma descuidada; mas pelo menos parte da culpa deve ser atribuída à mãe dessa pobre mulher, pois ela não adquiriu tal hábito miserável, que destrói o conforto e felicidade de seu lar, quando adulta: enquanto criança, o hábito da desordem teve autorização para se desenvolver nela; a outra parte da culpa é dela por não ter conseguido se curar.

A Criança de Dois Anos Deve Guardar Seus Brinquedos

A criança de dois anos deve aprender a pegar seus brinquedos e devolvê-los para o lugar. Comece cedo. Faça com que abrir o armário e devolver sua boneca ou cavalinho para o devido lugar seja um prazer para ela, parte de sua brincadeira. Faça com que ela *sempre* guarde suas coisas como algo natural e você ficará surpreso com a rapidez com que será formado um hábito de ordem, que fará a criança ter prazer em guardar seus brinquedos e ficar irritada por vê-los no lugar errado. Se os pais apenas enxergassem a moralidade da ordem, percebessem que essa ordem no berçário torna-se integridade ao longo da vida, e considerassem que o treinamento necessário para formar tal hábito não é comparativamente maior do que aquele necessário para dar corda em um relógio (que, então, passa a operar sozinho, sem maiores problemas), certamente se esforçariam mais para cultivar esse importante hábito.

O Capricho é Parente da Ordem

O capricho é parente da ordem, mas não é exatamente a mesma coisa: ele subentende não apenas "um lugar para tudo, e tudo em seu lugar", mas tudo em seu lugar apropriado, de modo a produzir um bom efeito; de fato, o *gosto* entra em jogo. A menina não deve apenas colocar suas flores na água, mas fazer com elas um belo arranjo, e não deve colocá-las em qualquer caneca ou pote da cozinha, ou em algum horrível vaso rosa, mas em uma jarra ou vaso que seja gracioso em sua forma e harmonioso em sua coloração, ainda que tenha custado uma ninharia.

Da mesma forma, tudo no berçário deve ser "caprichado"—isto é, agradável e apropriado; e as crianças devem ser incentivadas a organizar suas próprias posses de forma caprichosa e prática. Não se deve aceitar qualquer coisa indigna em forma de quadros, livros de imagens

ou brinquedos — qualquer coisa que possa viciar o gosto de uma criança ou introduzir traços de vulgaridade em sua natureza. Por outro lado, é difícil quantificar a influência de refinamento e elevação de uma ou duas obras de arte bem escolhidas, ainda que se trate de uma reprodução barata.

Regularidade

A importância da *Regularidade* na educação infantil está começando a ser reconhecida de forma mais abrangente. A jovem mãe sabe que deve colocar seu bebê na cama em um horário adequado, independentemente de seus gritos, ainda que o deixe chorando duas ou três vezes, para que, pelo resto da vida de seu bebê, ele possa se colocar docemente para dormir no escuro sem protestar. Mas diz-se grande quantidade de absurdos sobre o motivo do choro da criança — provavelmente ele deseja sua mãe, ou sua cuidadora, ou sua mamadeira, ou a luz, e deseja ser "um pequeno sábio", em relação à sua cuidadora, levando em conta o fato de que, se ele chorar por essas coisas, ele as obterá.

Hábitos de Horário e Lugar

O fato é que a criança chora porque já formou o hábito de ficar acordada ou de se alimentar nos momentos errados, e fica tão desconfortável tendo seus hábitos resistidos quanto um gato em mudança; quando ela se submeter alegremente ao novo regulamento, o novo hábito terá sido formado e isso será, por sua vez, fonte de satisfação. De acordo com o Dr. Carpenter, "A *regularidade* deve começar ainda nos primeiros anos da infância, quanto aos momentos das refeições, do repouso, etc. O hábito *corporal* assim formado ajuda grandemente a moldar o hábito *mental* em um período posterior. Por outro lado, nada contribui mais para a formação de um hábito de auto-indulgência do que alimentar uma criança, ou permitir que ela permaneça fora da cama, em horários imprevisíveis, simplesmente porque ela chora. É maravilhoso quão cedo as ações de uma pequena criança (como as de um cão jovem ou de um cavalo) entram em harmonia com o 'treinamento' sistemático exercido de forma judiciosa". O hábito da regularidade é tão atraente para as crianças mais velhas quanto para os bebês. Os dias em que a rotina é negligenciada são, como sabemos, os dias em que as crianças tendem a ser mais desobedientes.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre a necessidade da higiene no berçário.
2. Como a higiene, a ordem, etc., educam a criança?
3. Por que o treinamento de um nariz sensível é uma parte importante da educação?
4. Por que as cuidadoras deveriam saber que o bebê é onipresente?
5. Mostre que a higiene pessoal deve ser um hábito precoce.
6. Como os pais podem abordar os assuntos da modéstia e pureza?
7. Mostre como o hábito da obediência e o senso de honra são medidas profiláticas.
8. Que tipo de vida é a melhor medida profilática?
9. Dê algumas sugestões em relação à 'ordem' no berçário.
10. Mostre como e por que o filho de dois anos deve guardar seus brinquedos.
11. Faça distinção entre decoração e ordem.
12. Em quais ocasiões a regularidade funciona como um atrativo?
13. Mostre que a falta de regularidade leva à auto-indulgência.

Capítulo IX - Exercícios Físicos

Sua Importância Diária

O tópico do treinamento natural do olho e dos músculos já foi bastante desenvolvido quando tratamos da “Vida ao Ar Livre”. Só acrescentarei que dar ao filho prazer em movimentos leves e fáceis — o tipo de prazer na administração de seu próprio corpo semelhante ao que um bom cavaleiro encontra na administração de seu cavalo —, tais como dança, treino vigoroso, calistenia, algum tipo de exercício físico judicioso, deve fazer parte da rotina diária. O *Swedish Drill*^[29] é especialmente valioso, e muitos dos exercícios são bastante adequados para o berçário. Certas qualidades morais entram em cena durante movimentos de alerta, atenção focada, respostas rápidas e inteligentes; mas é comum acontecer de bons filhos falharem nestes pontos por falta de treinamento físico.

Treinamento em Boas Maneiras

Faça com que treinem boas maneiras: faça com que dramatizem pequenas cenas. “Mary será a senhora que pergunta o caminho para o mercado e Harry será o garoto que a orienta”, e assim por diante. Faça com que passem por um treinamento postural —contato visual, mãos imóveis, cabeças erguidas. Eles podem inventar uma centena de situações, e o comportamento apropriado para cada uma delas, e irão valorizar as sugestões que você acrescentar para orientá-los; mas esse tipo de treinamento deve ser realizado enquanto as crianças ainda são pequenas, antes que a tirania da *mauvaise honte*^[30] se instale. Incentive-os a admirar e a se orgulhar de movimentos leves e a evitar um andar pesado e a movimentação desengonçada dos membros.

Treinamento do Ouvido e da Voz

O treinamento do ouvido e da voz é uma parte extremamente importante do cultivo físico. Treine as crianças nos sons isolados das vogais, na enunciação correta do final das palavras; não permita que digam ‘andano’ e ‘conversano’, ‘bom di-ia’ e faça com que pronunciem palavras difíceis — “imperturbabilidade”, “ipecacuanha”, “Antananarivo” — com acurada precisão após escutar uma única vez; produzindo os vários sons de cada vogal e os sons das consoantes sem as vogais correspondentes. O francês, ensinado oralmente, é extremamente valioso para proporcionar treinamento tanto para o ouvido, quanto para a voz.

O Hábito da Música

Quanto a um treinamento musical, é difícil separar o gosto musical que herdamos da habilidade que resulta da constante escuta e reprodução de sons musicais — o *hábito* da música, adquirido, por exemplo, pelos filhos de musicistas. O Sr. Hullah afirma que a arte de cantar é um hábito inteiramente adquirido, ou seja, que toda criança pode e deveria ser treinada para cantar. Naturalmente, o hábito *transmitido* deve ser levado em consideração. É uma pena que o treinamento musical oferecido à maioria das crianças é de caráter aleatório e que elas não sejam treinadas, por exemplo, por meio de exercícios de ouvido e voz cuidadosamente elaborados, para que possam produzir e distinguir tons e intervalos musicais.

Deixe as Crianças Em Paz

Concluindo, permita-me dizer que a educação do hábito é bem-sucedida na medida em que permite à mãe *deixar seus filhos em paz*, sem que persista em provocá-los com ordens e direcionamentos sem fim — uma série interminável de “*faça isso*” “*não faça aquilo*”; mas faça com que sigam seu próprio caminho e cresçam, tendo primeiro assegurado que seguirão o caminho certo e crescerão para um propósito frutífero. O jardineiro, é verdade, 'cava e aduba', poda e apruma seu pessegueiro; mas isso ocupa uma pequena fração da vida da árvore: durante todo o tempo restante, os doces ares e a luz do sol, as chuvas e os orvalhos pairam sobre ela e são captados por ela, são assimilados à sua substância, e o *resultado são os pêssegos*. Mas, caso o jardineiro negligencie a *sua* parte, os pêssegos não serão melhores que abrunhos.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Mostre a importância dos exercícios físicos diários.
2. Quais qualidades morais entram em cena durante movimentos de alerta?
3. Proponha algum treinamento de boas maneiras.
4. Como você treinaria o ouvido e a voz?
5. Como o hábito da música pode ser cultivado?
6. Mostre que a mãe que se dedica ao treinamento de hábitos pode deixar seus filhos em paz.

Parte IV

Alguns Hábitos da Mente, Alguns Hábitos Morais

Introdução

Uma Ciência da Educação

Permita-me dizer mais uma vez que me aventuro a escrever sobre assuntos relacionados à educação no lar com a maior deferência às mães; acreditando que, em virtude de sua visão peculiar sobre as disposições de seus próprios filhos, elas são abençoadas tanto com conhecimento, quanto com poder para geri-los, os quais os observadores só podem admirar à distância. Ao mesmo tempo, existe sim algo como uma ciência da educação, que não vem da intuição, e por meio de seu conhecimento é possível educar uma criança inteiramente de acordo com a lei natural, a qual é também a lei Divina, e em cuja obediência há grande recompensa.

A Educação no Hábito Favorece Uma Vida Confortável

Já vimos por que o Hábito, por exemplo, é uma força tão maravilhosa na vida humana. Considero essa visão do hábito muito encorajadora, na medida em que confere certa razoabilidade científica às conclusões já alcançadas pela experiência comum. É agradável saber que, mesmo na vida madura, é possível, mediante um pouco de esforço persistente, adquirir um hábito desejável. É bom, para não dizer agradável, saber também com que facilidade fatal podemos tropeçar em maus hábitos. Mas, a coisa mais agradável em relação a essa visão do hábito é que ela se ajusta ao nosso amor natural por uma vida confortável. Não seremos relutantes em nos esforçar no início se tivermos a certeza de que as coisas se tornarão mais suaves aos poucos; e isso é exatamente o que o hábito está, em um grau extraordinário, empenhado em fazer. A mãe que se esforça para dotar seus filhos de bons hábitos garante dias suaves e confortáveis; enquanto aquela que deixa os hábitos de seus filhos aos seus próprios cuidados obterá uma vida cansativa de interminável atrito com as crianças. Ela passará todos os seus dias gritando: “Faça isso!” e eles não o farão; “Faça aquilo!” e eles farão o contrário. “Mas”, você diz, “se o hábito é tão poderoso, quer seja para prejudicar ou para ajudar a criança, é fatigante considerar todos os hábitos a que a pobre mãe deve se atentar. Ela nunca ficará confortável em relação a seus filhos?”

Treinar o Hábito Se Torna um Hábito

Aqui, novamente, temos uma ilustração daquela fábula do relógio ansioso, oprimido ao pensar no número de “tic’s” que deveria fazer. Mas os “tic’s” devem ser feitos um por um, e sempre haverá uma fração de tempo para fazer mais um “tic”. A mãe dedica-se à formação de um hábito por vez, não fazendo nada mais além de vigiar os que já foram formados. Se estiver assustada com a ideia de excesso de trabalho, ela pode limitar o número de bons hábitos que estabelecerá. A criança que começa a vida com, digamos, vinte bons hábitos, começa com um certo capital que resultará em rentabilidade infinita com o passar dos anos. A mãe que desconfia de seu próprio poder de esforço constante pode grandemente confortar-se em dois fatos. Em primeiro lugar, ela mesma acabará por adquirir o *hábito* de treinar seus filhos em determinados hábitos, de modo que, aos poucos, isso não apenas deixará de ser um problema para ela, mas passará a ser um prazer. Em segundo lugar, os hábitos mais permanentes e proeminentes da criança são aqueles que a mãe não se esforça para estabelecer, mas a criança capta por si mesma mediante a observação atenta de tudo o que é dito e feito, sentido e pensado em sua casa.

Hábitos inspirados na Atmosfera do Lar

Já consideramos uma meia dúzia de hábitos físicos — ordem, regularidade, limpeza, etc — que a criança absorve, por assim dizer, naturalmente. Porém, há muito mais: hábitos de gentileza, cortesia, bondade, franqueza, respeito pelas outras pessoas — ou seja, hábitos bem diferentes daqueles —, são inspirados pela criança como se fossem a própria atmosfera de seu lar, o ar que ela respira e por meio do qual ela crescerá.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. O que um conhecimento da ciência da educação pode produzir?
2. Mostre que a educação no hábito favorece uma vida confortável.
3. Mostre como o trabalho da mãe é facilitado pelo fato de que o treinamento em hábitos se torna um hábito.
4. Dê exemplos de alguns hábitos inspirados na atmosfera do lar.

Capítulo I - O Hábito da Atenção

Passemos adiante, então, à consideração de um grupo de hábitos mentais que são afetados pelo treinamento direto muito mais do que pelo exemplo. Primeiramente, tratarei do *hábito da Atenção*, porque os mais elevados dons intelectuais devem seu valor ao quanto o seu possuidor cultivou tal hábito.

Para explicar por que esse hábito é de suprema importância, devemos considerar o funcionamento de uma ou duas leis do pensamento. Mas recorde-se, nesse meio tempo, a estabilidade da atenção com que o profissional treinado — o advogado, o médico, o homem de letras — ouve uma história cheia de rodízios, joga fora o volume inútil, apreende os fatos, enxerga o significado de cada circunstância, e reestrutura o caso com nova clareza e método; e contraste isso com o olhar errante e as respostas aleatórias dos incautos. Você verá que diferenciar as pessoas de acordo com seu poder de atenção é empregar um teste legítimo.

Uma Mente à Mercê das Associações

Vamos considerar, então, a natureza e as funções da atenção. A mente — com a possível exceção do estado de coma — nunca fica ociosa; ideias estão passando pelo cérebro a cada momento, dia e noite, ao dormir ou caminhar, tanto dos loucos quanto dos sãos. Nós nos consideramos em muito alta conta ao supor que somos os autores e intérpretes de tudo o que pensamos. O máximo que podemos fazer é dar direção a esses trens de pensamento nos *comparativamente* poucos momentos em que *estamos* regulando os pensamentos de nossos corações. Os sonhos — a rápida dança de ideias que atravessam o cérebro durante um sono mais leve — nos revelam como as ideias sucedem umas às outras, de forma geral. No vaguear do delírio, nas fantasias dos loucos, na tagarelice inconsequente da criança e no balbuciar do idoso, percebemos a mesma coisa, isto é, a lei segundo a qual as ideias atravessam a mente quando estão entregues a si mesmas. Você fala com uma criança sobre o vidro — você deseja instigar nela uma curiosidade pessoal sobre como o vidro é feito e qual a sua utilidade. Ela passa longe disso, desviando seu foco para o sapato de cristal de Cinderela; então fala sobre *sua* madrinha que lhe deu um barco; depois, sobre o navio em que o tio Harry foi para a América; em seguida, ele questiona por que você não usa óculos, fazendo você supor que o tio Harry usa. Mas as divagações da criança não são extravagantes; elas seguem uma lei: a lei da associação de ideias, por meio da qual qualquer ideia apresentada à mente recorda outra ideia que em algum momento esteve associada a ela — como o vidro e o sapato da Cinderela; e esta, por sua vez, recorda outra ideia associada a ela. Mas veja que esta lei da associação de ideias é um bom servo e um mau mestre. Receber esse auxílio para se recordar de eventos do passado e compromissos do presente é um benefício infinito; mas, estar à mercê das associações, não ter poder para pensar o que escolhemos quando escolhemos, sendo apenas capazes de pensar naquilo que é "colocado em nossa mente", não nos faz melhores que um imbecil.

Atenção Vagante

Um vigoroso esforço da vontade deve nos permitir fixar nossos pensamentos a qualquer momento. Sim; mas uma vontade com vigoroso poder de se obrigar é a flor de um caráter já desenvolvido. Todavia, enquanto a criança não possuir caráter mencionável, mas apenas sua disposição natural, quem deverá manter os piões fora das lições de Geografia, ou a cadeira de boneca fora das lições de Francês? Eis aí o segredo do cansaço atrelado à sala de estudo — as crianças estão, o tempo todo, pensando sobre qualquer outra coisa, exceto sobre suas lições; ou melhor, elas estão à mercê das mil fantasias que vagueiam por seus cérebros, cada uma relacionada à anterior. "Oh, senhorita Smith", disse uma menina à sua governanta, "há *tantas* coisas mais interessantes do que as lições para se pensar!"

Onde está o dano? Nisto: não apenas que as crianças estão perdendo tempo, embora isso seja uma pena; mas que estão formando um hábito inconsciente da mente e reduzindo a sua própria capacidade de esforço mental.

O Hábito da Atenção Deve Ser Cultivado Desde a Primeira Infância

O auxílio, portanto, não é a vontade da criança, mas o *hábito da atenção*, um hábito a ser cultivado desde a primeira infância. Um bebê, não obstante seus maravilhosos poderes de observação, não tem poder de atenção; em um minuto, o brinquedo cobiçado desliza por seus pequenos dedos indiferentes, e o olhar vagante se lança sobre uma nova alegria. Mas, mesmo nesse estágio, é possível treinar o hábito da atenção: a mãe pode recolher o brinquedo descartado e, com um "Lindo!" e uma exibição silenciosa, manter os olhos da criança totalmente fixados por mais alguns minutos — e aí está a sua primeira lição no hábito da atenção. Mais tarde, como já vimos, a criança estará ansiosa para ver e manusear todos os objetos que surgirem em seu caminho. Mas observe-a em suas investigações: ela vagará de coisa em coisa com menos propósito do que uma borboleta entre as flores, sem permanecer em qualquer uma por um tempo suficiente para tirar algum proveito.

É dever da mãe, portanto, suplementar a capacidade de observação rápida da criança com o hábito da atenção. Ela deve fazer com que a criança não vagueie disso para aquilo, mas olhe tempo suficiente para um objeto até que realmente se familiarize com ele.

A pequena Margaret está fixando os olhos em uma margarida que colheu? No próximo segundo, a margarida seria deixada de lado, e uma pedra ou um botão-de-ouro se tornariam o encanto da pequena dama. Mas a mãe aproveita o momento feliz. Ela faz Margaret ver que a margarida é como um olho amarelo brilhante com cílios *brancos* ao redor; e que ela fica o dia todo na grama olhando para o grande sol sem nunca piscar, como Margaret pisca, mas mantendo seus olhos bem abertos. E é por isso que ela é chamada de daisy em inglês, que significa "olho do dia"^[31], porque seu olho está sempre voltado para o sol que faz o dia. E o que Margaret acha que ela faz durante a noite, quando não há sol? Ela faz exatamente o que meninos e meninas fazem; simplesmente fecha seus olhos com seus cílios brancos rajados de rosa, e vai dormir até o sol nascer novamente pela manhã. A essa altura, a margarida se tornou interessante para Margaret; ela olha para a flor com olhos atentos depois que a mãe termina de falar; e então, muito provavelmente, abraça-a contra o peito ou dá-lhe um beijo suave. Dessa forma, a mãe inventará maneiras de envolver todos os objetos no mundo da criança com interesse e deleite.

Atenção às 'Coisas'; Palavras São Uma Canseira

Mas o cabo de guerra começa com as lições da sala de estudo. Mesmo a criança que adquiriu o hábito da atenção às *coisas*, acha as palavras uma canseira. Este é um momento decisivo na vida da criança, em que é necessário tato e vigilância por parte da mãe. Em primeiro lugar, nunca deixe a criança *perder tempo* enquanto escreve ou calcula, ou sentar-se sonhando com o livro à sua frente. Quando a tolice de uma criança aumenta durante a lição, é hora de encerrá-la. Coloque-a para fazer outra lição, que seja diferente da anterior o máximo possível, e depois, com uma inteligência renovada, faça com que ela retorne para a sua tarefa inacabada. Se a mãe ou a governanta foram desatenciosas o suficiente para deixar a criança "ficar no mundo da lua" durante uma lição, elas devem unicamente exercitar sua inteligência para trazê-la de volta; a lição deve ser finalizada, é claro, mas é necessário que isto seja uma tarefa alegre e agradável para a criança.

Lições Atrativas

A professora deve ter algum conhecimento dos princípios da educação; deve saber quais os assuntos melhor se adequam à idade da criança, e como tornar esses assuntos atraentes. Também deve saber como variar as lições, de modo que cada poder da mente da criança descanse após o esforço, e algum outro poder seja colocado em ação. Ela deve saber estimular a criança ao esforço por meio de seu desejo por aprovação, por excelência, por avanço, seu desejo pelo conhecimento, seu amor por seus pais, seu senso de dever; de tal maneira que nenhum conjunto de motivos seja utilizado de forma indevida, para o prejuízo do caráter da criança. Mas ela deve estar especialmente alerta para o perigo de substituir o desejo pelo conhecimento por qualquer outro desejo natural, visto que o desejo por conhecimento também

é natural e é, ainda, adequado a todos os propósitos da educação.

Um Cronograma e Um Trabalho Definido Em Um Dado Momento

Terei oportunidades de me aprofundar em alguns desses pontos mais adiante. Enquanto isso, olhemos para uma sala de estudos gerenciada por princípios sólidos. Em primeiro lugar, existe um cronograma, elaborado de forma adequada, para que a criança saiba o que deve fazer e quanto tempo dura cada lição. Essa ideia de trabalho definido a ser concluído em um dado momento é valiosa para a criança, não apenas por treiná-la em hábitos de ordem, mas também em diligência; ela aprenderá que um dado momento *não* é "tão bom quanto outro"; que não há momento certo para o que não é feito em seu momento específico; e esse conhecimento irá garantir, em grande parte, a *atenção* da criança ao seu trabalho.

Além disso, as lições são curtas, raramente ultrapassando vinte minutos de duração para crianças com menos de oito anos; e isso por duas ou três razões. A sensação de que não haverá muito tempo para fazer suas somas ou sua leitura, manterá a inteligência da criança alerta e ajudará a fixar sua atenção; ela só terá tempo para aprender bastante sobre um assunto qualquer na medida em que conseguir absorvê-lo de uma única vez. E se as lições forem alternadas de forma judiciosa, isto é, uma lição de "pensante" primeiro, e uma lição "meticulosa" em seguida — primeiro os cálculos, digamos, enquanto o cérebro está fresco; seguidos por escrita, ou leitura; depois, algum exercício mais ou menos mecânico, visando descansar a mente; e assim por diante, com um programa que varie um pouco de um dia para o outro mas siga o mesmo princípio do início ao fim —, a criança passará por suas lições matinais sem qualquer sinal de cansaço.

Mesmo com lições regulares e lições curtas, um estímulo adicional pode ser ocasionalmente necessário para garantir a atenção da criança. Seu desejo por aprovação pode pedir algum estímulo, não apenas de uma palavra de elogio, mas de algo na forma de recompensa para assegurar seus maiores esforços. Agora, veja que as recompensas devem ser distribuídas à criança sob um princípio: elas devem ser as *conseqüências naturais* de sua boa conduta.

Uma Recompensa Natural

Qual é a conseqüência natural de um trabalho executado rapidamente e com qualidade? Não é a satisfação de ter mais tempo de lazer? Espera-se que o menino faça dois cálculos corretamente em vinte minutos: mas ele os faz em apenas dez; os dez minutos restantes são dele, conquistados com justiça, nos quais ele deveria ficar livre para correr pelo jardim, ou desfrutar de qualquer outro deleite de sua preferência. Em sua lição de escrita, o menino deve produzir seis *m*'s perfeitos: ele escreve seis linhas com apenas um bom *m* em cada, o tempo da lição termina e não lhe sobra qualquer tempo para si mesmo; ou então, ele é capaz de entregar seis bons *m*'s em sua primeira linha, e tem o resto do tempo para desenhar barcos e trens a vapor. Essa possibilidade de deixar as crianças ocuparem-se de forma variada nos poucos minutos que podem ganhar ao final de cada lição é uma compensação que a sala de estudos, em casa, oferece pelo entusiasmo, semelhante ao que a concessão de notas e a competição supostamente deveriam conferir aos trabalhos escolares.

Competição

Quanto à competição (este meio muito poderoso de estimular e prender a atenção das crianças), tem se objetado frequentemente que o desejo de se sobressair, de fazer algo melhor do que os demais, pressupõe um temperamento desamoroso, que o educador deveria preferir reprimir a cultivar. Algum tipo de marca de destaque é, em geral, a recompensa daqueles que fazem melhor, e alega-se que tais marcas sejam frequentemente a causa de uma rivalidade incompassiva.

Entretanto, o fato é que as crianças estão sendo treinadas para viver no mundo, e no mundo todos nós recebemos *sim* algum tipo de marca de destaque, em forma de prêmio, ou

elogio, ou ambos, na medida em que superamos os demais, seja no futebol ou no tênis, seja na pintura ou na criação de poemas. Há invejosos e rancorosos entre aqueles que ficam em segundo lugar; sempre foi assim e, sem dúvida, será assim até o fim. Se a criança fará parte de um mundo competitivo, talvez seja bom que ela seja criada em uma escola competitiva. Mas aqui entra o trabalho da mãe. Ela pode ensinar seu filho a ficar em primeiro lugar sem se tornar vaidoso, e a ficar em último lugar sem guardar rancor; isto é, ela pode criá-lo com tão caloroso transbordar de amor e compaixão que a alegria no sucesso de seu irmão elimine o desconforto por seu próprio fracasso, e que o lamento pelo fracasso de seu irmão não deixe espaço para a auto-glorificação. Novamente, se um sistema de marcas de destaque for utilizado para estimular a atenção e o esforço, o destaque deve ser dado à *conduta* e não ao *talento* — isto é, elas devem estar ao alcance de todos: todas as crianças podem se destacar por pontualidade, ordem, atenção, diligência, obediência, gentileza; e, portanto, marcas desse tipo podem ser dadas sem o perigo de despertar algum sentimento de injustiça no coração da criança que falha. A competição se torna suicida quando é usada como incentivo ao esforço intelectual, porque o desejo pelo conhecimento diminui de maneira proporcional à medida em que o desejo pelo destaque cresce. Na verdade, marcas de destaque de qualquer tipo, mesmo em relação à conduta, distraem a atenção das crianças de seu devido trabalho, que deveria ser, em si mesmo, interessante o suficiente para assegurar tanto o bom comportamento, quanto a atenção da criança.

A Afeição Como Razão

O fato de que a criança deve trabalhar duro para agradar seus pais, que fazem tanto por ela, é uma razão apropriada para encorajá-la de tempos em tempos, mas não com muita frequência: se a mãe tira proveito dos sentimentos da criança, se frases tais como: “faça isto ou aquilo para agradar a mamãe” ou “não aflija a sua pobre mãe”, etc., forem ditas com muita frequência como razão para que a criança aja corretamente, uma relação sentimental embaraçosa a ambas será estabelecida, os verdadeiros motivos da ação serão obscurecidos, e a criança que não deseja parecer desamorosa acabará agindo com falsidade.

A Atratividade Do Conhecimento

Evidentemente, o meio mais óbvio de despertar e prender a atenção das crianças reside na atratividade do conhecimento em si e no apetite real pelo conhecimento com o qual elas são agraciadas. Mas podemos ver em muitas salas de estudos o quanto professores defeituosos têm sido bem-sucedidos em “curar” as crianças de qualquer desejo de conhecer. Mais tarde, porém, terei oportunidade de falar algumas palavras sobre este assunto.

O Que é Atenção?

É evidente que a *atenção* não é uma “faculdade” da mente; na verdade, é *muito* duvidoso descrever de forma extensa as várias operações da mente como “faculdades”. A *atenção* não é sequer uma operação da mente, mas simplesmente o ato pelo qual toda a força mental é aplicada ao assunto em questão. Este ato, de levar toda a mente a se manter focada, pode ser treinado até se tornar um *hábito* conforme a vontade dos pais ou professores, que são capazes de atrair e manter a atenção da criança por meio de um motivo adequado.

Mobilizar a Própria Vontade

Na medida em que a criança amadurece, ela deve ser ensinada a mobilizar *sua própria vontade*; a *forçar-se* a se concentrar apesar das mais convidativas sugestões externas. Ela deve ser ensinada a sentir um certo triunfo em se obrigar a fixar seus pensamentos. Ensine-a

qual é a verdadeira dificuldade: como faz parte da natureza de sua mente ficar pensando continuamente, mas como os pensamentos, se entregues a si mesmos, sempre vagarão de uma coisa à outra, e também que a luta e a vitória exigidas dela consistem em fixar seus pensamentos na tarefa em sua mão. Quando a mãe diz "Você cumpriu seu *dever*", com um olhar de aprovação, está recompensando a criança que fez esse esforço com a força de sua vontade em crescimento. Mas nunca é demais ter em mente que a atenção é, em grande medida, o produto da mente instruída; isto é, uma pessoa só pode se concentrar na proporção em que possui o poder intelectual necessário para apreender o tópico.

É impossível exagerar a importância desse hábito da atenção. Ele está, para citar palavras de peso, "ao alcance de todos, e deveria ser o objeto primário de toda disciplina mental"; porque, quaisquer que sejam os dons naturais da criança, só serão devidamente utilizados na medida em que o hábito da atenção for nela cultivado.

O Segredo da Sobrecarga

Ainda que fosse apenas para evitar o desgaste e as lágrimas, e a constante luta entre o dever e a inclinação, já valeria a pena que a mãe se dedicasse a garantir que seu filho nunca fizesse qualquer lição sem empenhar seu coração. E isso não é um empreendimento difícil; só é necessário estar vigilante desde o princípio contra a formação do hábito contrário de *desatenção*.

Muito tem sido falado ultimamente a respeito da sobrecarga, e nós já olhamos para uma ou duas das causas cujos efeitos se baseiam nesse nome. Mas, de fato, uma das causas mais férteis para um cérebro sobrecarregado é o fracasso no hábito da atenção. Suponho que estamos todos prontos a admitir que não são as coisas que *fazemos*, mas as coisas que *fracassamos em fazer*, que nos fatigam com o senso de omissão e com a preocupação de nos apressarmos para cumprir nossas tarefas. E esta é, no caso de um estudante saudável, basicamente a única causa do fracasso no cumprimento das tarefas: um raciocínio vagante impede que a lição seja totalmente aproveitada no momento certo; essa lição torna-se um pesadelo, pois ele sente continuamente a sua necessidade mas não há mais tempo para finalizá-la; e a sensação de perda é para o jovem erudito uma provação maior do que ter de executar com atenção uma dezena de outras lições como esta.

O Dever de Casa do Aluno

Em matéria de deveres de casa, os pais ainda podem ser de grande utilidade para seus meninos e meninas depois que começam a frequentar a escola; não para ajudá-los, o que não deveria ser necessário; mas suponhamos o seguinte caso: "A pobre Annie nunca termina suas lições antes de nove e meia, ela realmente tem muita coisa para fazer"; "O pobre Tom permanece em sua leitura até dez horas; nunca o vemos durante a noite" — dizem os pais aflitos; e deixam seus filhos seguirem neste curso absolutamente ruinoso tanto para a saúde corporal quanto para o poder cerebral.

Tratamento Caseiro Saudável Para a Criança que Vive no Mundo da Lua

Mas veja que a culpa raramente é das lições, e sim das crianças; elas *ficam no mundo da lua* enquanto seguram seus livros, e um pequeno tratamento caseiro saudável deve curá-las dessa doença. Permita-lhes, no máximo, uma hora e meia para o dever de casa; trate-as implicitamente como infratoras se não aparecerem com seus deveres finalizados ao final daquele período; não se traia com palavras ou olhar de empatia; e, no momento em que o tempo das lições terminar, deixe que a criança comece alguma brincadeira ou algum agradável livro de histórias na sala de visitas. Aos poucos elas descobrirão que é possível terminar as lições a tempo, a fim de garantir uma noite agradável, e as lições serão realizadas com muito maior proveito visto terem sido executadas sob atenção concentrada. Ao mesmo tempo, é importante notar que o costume de passar dever de casa, de qualquer tipo, a

crianças menores de quatorze anos, deveria ser descontinuado. Pois, com isso, a vantagem que as crianças podem obter de uma combinação entre a vida doméstica e a vida escolar se perde; e um esquema bastante completo de atividade escolar pode ser realizado utilizando apenas as horas da manhã.

Recompensas e Punições Devem Ser Consequências Relacionadas à Conduta

Quando consideramos os meios de assegurar a atenção, é necessário nos referirmos à disciplina — a distribuição de recompensas e punições —, um assunto com o qual toda cuidadora ou governanta se sente bastante competente para lidar. Mas essa questão também tem seu aspecto científico: há uma *lei* pela qual todas as recompensas e punições devem ser reguladas: elas devem ser naturais ou devem ser, de alguma forma, *consequências relacionadas* à conduta; devem imitar, com a maior exatidão possível, sem causar lesões à criança, o tratamento que tal e tal conduta merece e recebe no decurso da vida. Miss Edgeworth, em sua história de *Rosamond and the Purple Jar*^[32], acerta o alvo, embora o incidente seja bastante extravagante. Garotinhas não costumam desejar jarros roxos nas vitrines das farmácias; mas que devemos sofrer por nossa voluntariedade em obter o que é desnecessário às custas do necessário, é precisamente uma das lições de vida que todos nós temos que aprender e, portanto, é o tipo certo de lição para se ensinar a uma criança.

Consequências Naturais e Eletivas

É evidente que administrar recompensas e punições de acordo com este princípio requer consideração paciente e firme determinação por parte da mãe. Ela deve considerar consigo mesma de que tipo de falha de disposição decorre o mau comportamento da criança; ela deve direcionar sua punição a essa falha e deve se preparar para ver seu filho sofrer uma perda momentânea para obter um ganho permanente. De fato, pouquíssimo castigo real é necessário quando as crianças são educadas com cuidado.

Mas uma coisa acontece continuamente: a criança que fez algo de forma excelente recebe alguma recompensa natural (como aqueles dez minutos no jardim) que a criança que não fez de forma tão excelente perde; e a mãe deve preparar a si mesma e ao filho para suportar essa perda; se igualar os dois filhos, ela cometerá um grave erro, não contra a criança que se saiu bem, mas contra o infrator, a quem ela deliberadamente estará encorajando a repetir sua debilidade. Ao colocar seu filho sob a disciplina das consequências, a mãe deve usar bastante tato e discrição. Em muitos casos, a *consequência natural* da falha da criança é justamente algo que ela precisa evitar; ao mesmo tempo, ela pode procurar alguma consequência relacionada à falha, que deverá exercer um impacto *educativo* sobre a criança: por exemplo, se um menino negligencia seus estudos, a consequência *natural* é que ele permanecerá ignorante; mas, permitir que isso acontecesse seria uma negligência criminosa por parte dos pais.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Por que o hábito da atenção é de suprema importância?
2. Explique o que são mentes à mercê das associações.
3. Dê exemplos, a partir da literatura, do hábito da atenção vagante.
4. Onde está o dano da atenção vagante?
5. Como o hábito de atenção pode ser cultivado na primeira infância?
6. Como você cultivaria a atenção às lições?
7. Quais princípios ajudam a professora a tornar as lições atraentes?
8. Mostre o valor do trabalho definido em um dado momento.
9. Com base em que princípio um cronograma deve ser elaborado?
10. Qual é a recompensa natural da atenção às lições?
11. O que se deve dizer a favor e contra a competição?
12. Qual é o risco de empregar a afeição como razão para a atenção?

13. Mostre que a atratividade do conhecimento é razão suficiente para o aprendiz.
14. O que é atenção?
15. Como você induziria a criança a motivar sua própria vontade?
16. Qual é o segredo da sobrecarga?
17. Como os pais podem ser úteis em relação ao dever de casa do aluno que frequenta a escola?
18. Descreva um tratamento caseiro saudável para a criança que 'vive no mundo da lua'.
19. O que você tem a dizer sobre a disciplina das consequências?
20. Mostre que recompensas e punições devem ser consequências relacionadas à conduta muito mais do que consequências naturais.
21. Faça distinção entre consequências naturais e eletivas.

Capítulo II - Os Hábitos da Aplicação, etc.

Esforço Mental Rápido

Os hábitos da atividade mental e da aplicação são treinados pelos próprios meios empregados para cultivar a atenção. É admissível que a criança faça um trabalho diligente de forma *vagarosa*, mas ela poderia ser treinada a fazer um *rápido* esforço mental. A própria professora deve estar alerta, deve esperar respostas instantâneas, pensamento ágil, trabalho rápido. A tartaruga *vai* ficar atrás da lebre, mas a tartaruga deve ser treinada a se mover todos os dias um pouco mais depressa. Vise constantemente garantir rapidez de apreensão e execução, e isso será suficiente para obtê-la.

O Zelo Deve Ser Estimulado

O mesmo pode ser dito sobre a aplicação. Não se deve permitir que a criança entre em um estado de humor em que diga: "Oh, estou muito cansado dos cálculos" ou "da história". O zelo da criança deve ser estimulado; deve haver sempre uma perspectiva agradável diante dela; e a aplicação constante e incansável no trabalho deve ser considerada honrosa, enquanto a atenção e o esforço vacilantes e lânguidos devem ser rejeitados com desprezo.

Pergunta Para Uso dos Estudantes

1. Como um rápido esforço mental pode ser assegurado?
2. Como o zelo pode ser estimulado?

Capítulo III - O Hábito do Raciocínio

“Um Leão”, Operações Incluídas no Raciocínio

O trabalho real do cérebro é conhecido pelos psicólogos sob vários nomes e dividido em várias operações. Vamos chamá-lo de *raciocínio*, termo que, para fins educacionais, é suficientemente exato; mas por "raciocínio" queremos nos referir ao verdadeiro esforço consciente da mente, e não às fantasias que passam sem esforço pelo cérebro. Refiro-me ao tipo de coisa, por exemplo, citada pelo arcebispo Thompson em sua obra *“Leis do Raciocínio”*: “—Certo dia, enquanto o Capitão Mor viajava pelos pampas da América do Sul, o seu guia parou de repente, e apontando para o alto, gritou “Um leão!”^[33]. Surpreso com tal exclamação, acompanhada de uma ação como aquela, ele ergueu os olhos e, com dificuldade, percebeu, a uma altura incomensurável, uma revoada de condores, voando em círculos em um local específico. Em terra, abaixo daquele local, fora da sua própria vista e da vista de seu guia, jazia a carcaça de um cavalo, e sobre aquela carcaça encontrava-se, como o guia sabia muito bem, um leão, a quem os invejosos condores observavam do alto. Para ele, o sinal dos pássaros equivalia à visão que o próprio leão teria causado ao viajante — uma garantia completa de sua existência.

Aquele foi um ato de raciocínio que não custou muito ao seu executor, pois era tão simples para ele quanto olhar para cima, mas que exigiria muitos passos e algum labor de nós, desacostumados com o assunto. A visão dos condores convenceu-o de que havia alguma carcaça ou outra coisa; mas, visto que as aves se mantiveram dando voltas muito acima da carcaça em vez de descerem para o banquete, ele inferiu que alguma fera os antecipara. Seria um cachorro ou um chacal? Não; os condores não teriam medo de afastar tais animais ou compartilhar a refeição com eles: deveria se tratar de uma grande fera; e como havia leões na vizinhança, ele concluiu que um estava ali”. E todas essas etapas do raciocínio podem ser resumidas nas palavras: “Um leão!”

Esse é o tipo de coisa que as crianças devem analisar, mais ou menos, em todas as lições — a identificação do efeito a partir da causa ou da causa a partir do efeito; a comparação entre elementos para descobrir em que eles se identificam e em que eles diferem; uma conclusão quanto às causas ou conseqüências a partir de certas premissas.

Pergunta Para Uso Dos Estudantes

1. Cite o exemplo do uso do raciocínio descrito no texto.
2. Quais operações estão incluídas no "raciocínio"?

Capítulo IV - O Hábito da Imaginação

O Senso do Absurdo

Todas as lições da criança devem fornecer alguma margem para um ligeiro exercício do seu poder de raciocínio — algumas mais do que as outras —, e devem ser judiciosamente alternadas, para que os esforços mais mecânicos sucedam os mais estritamente intelectuais, e para que o agradável exercício da imaginação, igualmente, suceda os esforços da razão. A propósito, é uma pena quando o senso do ridículo é cultivado em livros infantis à custa de coisas melhores. *Alice no País das Maravilhas* é um delicioso banquete de absurdos, que nenhum de nós, adultos ou crianças, poderia se dar ao luxo de dispensar; mas é de se duvidar que a criança que lê tal livro tenha uma imaginação deleitosa e uma materialização do desconhecido comparável àquela encontrada em *The Swiss Family Robinson*^[34].

Este ponto é digno de ser considerado em conexão com os livros de Natal para os pequenos. Livros de “comichidades” não cultivam poder algum além do senso do absurdo; e embora a vida seja mais divertida devido a posse de tal senso, quando cultivado em excesso, ele é capaz de mostrar-se um hábito irreverente. *Diogenes and the Naughty Boys of Troy*^[35] é irresistível, mas não é o tipo de coisa que as crianças irão reviver repetidas vezes, e “reproduzir” a todo instante, como fazíamos com Robinson Crusoe encontrando as pegadas. Elas devem ter “livros engraçados”, mas não dê às crianças muita leitura sem sentido.

Contos Comuns e Contos Imaginativos

Novamente, histórias de Natal, tais como as de George e Lucy, que tratam das diversões, fraquezas e virtudes das crianças em sua própria condição de vida não deixam qualquer espaço para a imaginação. As crianças sabem tudo sobre todas as coisas tão bem que nunca lhes ocorre reproduzir as situações de qualquer um desses contos, ou mesmo lê-los duas vezes. Ao invés disso, dê às crianças contos imaginativos, cenas ocorridas em outras terras e outros tempos, aventuras heróicas, fugas com o auxílio de um longo cabelo, deliciosos contos de fadas em que elas jamais são rudemente detidas pelo impossível — mesmo quando tudo é impossível, e elas sabem disso, elas ainda acreditam.

Imaginação e Grandes Ideais

Faça isso não meramente para a diversão das crianças. Não é impossível que a posteridade nos descreva como uma geração pouco imaginativa e, conseqüentemente, a menos capaz de grandes ideais e de esforços heróicos, pois é apenas quando permitimos que uma pessoa ou uma causa ocupe completamente o palco de nossa mente, eliminando nossas preocupações egoístas, que somos capazes de praticar ações generosas em favor daquela pessoa ou causa. Nossos romancistas afirmam que não há nada mais a se imaginar; e que, portanto, uma descrição realista das coisas, tais como são, é tudo o que lhes resta. Mas a imaginação de nada valerá se não for criativa e capaz de ver não apenas o que é evidente, mas o que é concebível e o que é poeticamente apropriado a determinadas circunstâncias.

A Imaginação Se Desenvolve

Entretanto, perceba que a imaginação não cai do céu totalmente desenvolvida para tomar posse de uma casa vazia; como qualquer outro poder da mente, ela tem início como a mais simples semente de um poder, e cresce por meio daquilo que recebe; e a infância, a idade da fé, é o momento ideal para a sua nutrição. As crianças devem ter a alegria de viver em terras

distantes, em outras pessoas, em outras épocas — uma deliciosa existência dupla; e a maior parte desta alegria será encontrada em seus livros de histórias. Suas lições, também, de história e geografia, devem cultivar seus poderes ideacionais. Se a criança não consegue viver nas épocas estudadas em sua lição de história, nem se familiarizar com os climas descritos por seu livro de geografia, é claro que essas lições fracassarão em seu propósito. Mas, mesmo que as lições disponham seu melhor, a galeria da imaginação ainda estará pobremente preenchida se a criança for impedida de trilhar o caminho para os reinos da fantasia.

Raciocinar vem Com a Prática

Mencionaremos mais adiante como as várias lições das crianças devem ser elaboradas de modo a induzir hábitos de raciocínio; por hora, consideremos isso: *raciocinar*, assim como escrever ou patinar, vem com a prática. A criança que nunca raciocinou, nunca raciocina e provavelmente nunca o fará; não é verdade que há pessoas demais passando pelo mundo sem fazer qualquer exercício deliberado de sua própria razão? A criança deve raciocinar, compreender o motivo das coisas por si mesma, todos os dias de sua vida e de maneira progressiva. Tanto crianças, quanto pais são inclinados a inverter esse processo educacional. A criança pergunta "Por quê?" e o pai responde, bastante orgulhoso dessa evidência de raciocínio em seu filho. Há uma ligeira demonstração de especulação, mesmo ao se perguntar "Por quê?", mas trata-se do mais ligeiro e superficial esforço que o cérebro pensante pode produzir. Ao invés disso, que o pai pergunte "Por quê?" e a criança elabore a resposta, se puder. Depois que a criança tiver ocupado sua mente repetidamente com o assunto, não haverá prejuízo em dizer-lhe o motivo — e ela o guardará na memória. Cada passeio deveria oferecer algum difícil problema em que as crianças pudessem refletir: "Por que aquela folha flutua na água, e essa pedra afunda?" e assim por diante.

Pergunta Para Uso dos Estudantes

1. Qual é o duplo perigo de muitos livros que alimentam o senso do absurdo?
2. Mostre que os contos comuns não deixam espaço para a imaginação.
3. De que maneira os contos imaginativos proporcionam às crianças uma segunda vida?
4. Mostre que podemos ter grandes ideais apenas quando temos imaginação.
5. Em que caminho a imaginação se desenvolve?
6. Que tipo de lições devem alimentar a imaginação?
7. Por quê?
8. Mostre o valor educativo dos livros de histórias adequados.
9. Como você pode promover o hábito do raciocínio?

Capítulo V - O Hábito de Guardar na Memória

Guardar na Memória e Recordar

A memória é o depósito de qualquer conhecimento que possuímos; e é com base nesses depósitos abrigados na memória que somos classificados como seres inteligentes. As crianças aprendem a fim de que possam guardar na memória. Com o passar do tempo, não conseguimos reproduzir muito do que aprendemos e experimentamos na infância e, no entanto, aquilo formou a base de um conhecimento subsequente; noções e opiniões posteriores se desenvolveram a partir do que uma vez aprendemos e conhecemos. Este é nosso capital aplicado, do qual usufruímos os juros, ainda que sejamos incapazes de percebê-lo. Entretanto, muito do que aprendemos e experimentamos não fica apenas retido no depósito da memória, mas é o nosso capital disponível, o qual podemos reproduzir, *recordar*, conforme a necessidade. Esta memória da qual podemos nos valer pelo ato de recordar é a nossa mais valiosa possessão.

Uma Memória "Falaciosa"

Há um terceiro tipo de memória (falaciosa). Refiro-me àqueles fatos e ideias que flutuam no cérebro, e que, contudo, não fazem parte dele, e são exsudados em um único esforço; como quando um advogado exprime todo o seu conhecimento de um caso em seu relatório e depois esquece tudo sobre o assunto; ou quando o aluno "se enche" de informações para um exame, escreve o que ele aprendeu dessa forma, e — pasme! — tão logo o exame termina, todo o conteúdo foge de sua vista para sempre. Como declara Ruskin: "Eles se enchem de informações para passar, e não para aprender; eles passam, *sim*, e *não* aprendem".

É bom que o advogado, ou o médico, sejam capazes de deixar de lado o caso sobre o qual já não estão lidando, que o editor possa ignorar o livro que recusou-se a publicar, e esta arte do esquecimento não está isenta de seus usos. Mas, e quanto ao estudante que pouco possui além de sua colocação em uma lista de notas depois de um ano inteiro de trabalho?

A Memória é Um Registro na Substância Cerebral

Dizer qualquer coisa satisfatória sobre o assunto da memória é impossível aqui; mas vamos tentar responder a duas ou três perguntas que se revelam na superfície. Como chegamos a "guardar na memória", afinal? Como adquirimos o poder de utilizar fatos guardados na memória — isto é, como *recordamos*? E sob quais condições se obtém aquele conhecimento que não contribui para o crescimento do cérebro e da mente, nem fica disponível sob demanda, mas é fracamente abrigado no cérebro por um curto período, e depois evacuado de uma única vez? Estamos interessados em uma invenção maravilhosa — um instrumento que registra palavras faladas, e vai reproduzir, digamos, daqui a quase um século, a fala ou a palestra com as mesmas palavras e nos mesmos tons do orador. Tal instrumento é como aquela função cerebral chamada memória, por meio da qual as impressões recebidas pelo cérebro são registradas *mecanicamente* — pelo menos de acordo com a teoria amplamente aceita até o presente pelos fisiologistas. Isto é, a mente toma conhecimento de certos fatos e a substância nervosa do cérebro *registra* este conhecimento.

Feita Sob Que Condições?

Nesse ponto surgem as questões: sob que condições tal impressão do fato ou do evento é feita sobre a substância do cérebro? O registro é permanente? E o cérebro seria capaz de receber um número indefinido de tais impressões? Parece-me, tanto a partir da experiência

comum quanto de um número infinito de exemplos citados por psicólogos, que qualquer objeto ou ideia considerada com *atenção* faz esse tipo de impressão cerebral capaz de fixá-la na memória. Em outras palavras, dê atenção imediata e integral a qualquer coisa, e ela será guardada na memória. A expressão que normalmente usamos é mais precisa do que tencionava para descrever esse efeito. Dizemos: "Tal e tal visão ou som, ou sensação, causou uma forte *impressão* em mim". E o que aconteceu foi exatamente que ao fixarmos nossa atenção em qualquer fato ou incidente, esse fato ou incidente foi gravado na memória; foi impresso, marcado na substância cerebral. A inferência é clara. Você deseja que uma criança grave na memória? Então assegure sua atenção completa, o olhar fixo de sua mente, por assim dizer, sobre o fato a ser registrado; desta forma, por um tipo de processo fotográfico (!), esse fato ou ideia será "capturado" pelo cérebro da criança e, talvez, quando ela já estiver idosa, a memória daquilo surgirá em sua mente.

A Recordação e a Lei da Associação

Mas não é suficiente ter uma recordação surgindo em nossa mente de forma casual; queremos ter o poder de recordar ao comando de nossa vontade: e para isso, é necessário mais do que um ato ocasional de atenção produzindo uma impressão solitária. Supondo, por exemplo, que pelo bom ensino você prenda a atenção da criança ao verbo *avoir*^[36] e ela o guarde na memória; isto significa que um crescimento ínfimo do tecido cerebral guardará e reterá aquele único verbo francês. Mas um verbo não é nada; você deseja que a criança aprenda *francês*, e para isso você não apenas deve fixar sua atenção em cada nova lição, mas cada uma deve estar tão ligada à anterior que seja impossível que a criança se lembre de uma, sem que a outra lhe suceda. O efeito físico de tal método parece ser que cada novo crescimento do tecido cerebral é, por assim dizer, disposto sobre o anterior; figurativamente, isto significa que podemos imaginar um certo trecho do cérebro como sendo sobreposto com o francês. É assim que fazemos um uso prático daquela lei da associação de ideias, da qual ninguém deseja se tornar vítima; e a negligência desta lei pode invalidar um ensino muito bom. A professora fica satisfeita em produzir uma impressão solitária que só pode ser recordada à medida em que é influenciada por uma sugestão ocasional; enquanto, na verdade, deveria forjar os elos de uma corrente capaz de puxar o balde poço acima. Provavelmente, o leitor já deve ter escutado o dr. Pick ou ouvido falar dele. Ele fundamentou um sistema realmente filosófico de mnemônicos com base nesses dois princípios da atenção e da associação. Seja o que for que pensemos sobre sua aplicação, o princípio que ele afirmou está correto.

Cada Lição Deve Recordar a Anterior

Faça com que cada lição obtenha da criança toda a sua atenção, e que cada nova lição seja tão entrelaçada com a anterior, que uma tenha de recordar a outra, que, por sua vez, recorde a anterior, e assim por diante.

Não Há Limite Para o Poder de Registro do Cérebro

Mas a mera memória verbal "que vem fácil, vai fácil", não segue tais regras. A criança faz o seu exercício "de memorização", recita-o como um papagaio, e logo depois se esquece; não há qualquer registro daquilo no cérebro. Para garantir tal registro, é necessário tempo; tempo para aquele olhar fixo e pleno da mente, que chamamos *atenção*, e para o *crescimento do tecido cerebral sobre aquela nova ideia*. Dadas essas condições, parece não haver limite de quantidade para o poder de registro do cérebro. Exceto pelo seguinte: uma menina aprende francês e fala razoavelmente bem; mas, muitos anos depois, quando se torna avó, ela já não se lembra de uma palavra sequer. Nesse caso, seu francês ficou fora de uso; ela não manteve o hábito de ler, ouvir ou falar francês desde a juventude até sua velhice. Por isso, é evidente que, para que o direito de passagem para o registro do francês impresso em seu cérebro fosse garantido, era necessário que idas e vindas frequentes tivessem mantido o caminho aberto.

Mas Correntes de Associação São Uma Condição da Recordação

Adquirir qualquer conhecimento ou poder, e depois deixá-lo crescer enferrujado em um canto negligenciado do cérebro, é praticamente inútil. Não possuir uma corrente de associação capaz de puxar o balde poço acima, é o mesmo que ter um poço sem água. Quanto à maneira de formar essas correntes, cada assunto apontará para um método adequado. A criança tem uma lição sobre a Suíça hoje, e uma sobre a Holanda amanhã, e uma está ligada à outra pelo simples fato de que os dois países não têm quase nada em comum; o que um país tem, o outro não tem. Mas veja que a associação será de *semelhança* e não de *contraste*. Percebemos, por experiência própria, que cores, lugares, sons, odores lembram pessoas ou eventos; mas as correntes de ordem sensorial dificilmente podem ser empregadas na educação. Devemos encontrar a corrente de ligação entre duas coisas quaisquer na natureza das coisas associadas.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Faça distinção entre guardar na memória e recordar.
2. Descreva o que é aqui chamado de memória 'falaciosa'.
3. Qual a consequência do fato de que a memória é um registro na substância cerebral?
4. Sob que condições tal impressão é feita sobre a substância do cérebro?
5. Mostre que a recordação depende da lei da associação de ideias.
6. Qual é a condição necessária para se recordar de uma série de lições?
7. Sob que condições podemos dizer não há limite para o poder de registro do cérebro?
8. Mostre que as correntes de associação são uma condição necessária à recordação. Onde devemos encontrá-las?

Capítulo VI - O Hábito da Execução Perfeita

O Hábito de Produzir Uma Obra Imperfeita

“Adicione perfeição a tudo que faz” é um conselho sobre o qual uma família pode ser educada com grande vantagem. Nós, ingleses, como nação, valorizamos muitíssimo as pessoas, e pouquíssimo as *coisas*, o *trabalho*, a *execução*. Nossas crianças são autorizadas a fazer seus desenhos ou letras, seus bordados, suas roupas de bonecas, sua pequena carpintaria, com a ideia de que aos poucos conseguirão fazer melhor. Outras nações — os alemães e os franceses, por exemplo — analisam a questão filosoficamente, e sabem que se as crianças adquirirem o hábito de produzir um trabalho imperfeito, sem dúvida continuarão mantendo esse hábito quando se tornarem adultos. Lembro-me do entusiasmo que senti com o trabalho de uma turma de cerca de quarenta crianças, de seis e sete anos, em uma escola primária de Heidelberg. Eles estavam fazendo uma lição de escrita, acompanhada de uma grande quantidade de ensino oral por parte de um professor que escrevia cada palavra no quadro negro. Aos poucos, as lousas foram sendo mostradas, e eu não detectei sequer uma letra defeituosa ou irregular em todas as quarenta lousas. Pude detectar o mesmo princípio da “perfeição” em uma recente exposição de trabalhos escolares realizada por toda a França. Nenhum trabalho defeituoso foi exibido com a desculpa de que se tratava do trabalho realizado por crianças.

Uma Criança Deve Executar Perfeitamente

A criança não deve receber qualquer trabalho que não possa executar perfeitamente, e, portanto, deve-se exigir dela perfeição como algo natural. Por exemplo, se você a colocar para fazer cópia de traçados e permitir que ela encha uma lousa com todo tipo de inclinações e todo tipo de espaçamentos, seu senso moral será corrompido e sua visão ferida. Dê a ela seis traçados para copiar; permita que ela entregue seis traçados perfeitos, com espaçamentos e inclinações regulares, ao invés de uma lousa cheia. Se ela produzir um par defeituoso, faça com que ela aponte a falha e persevere até que tenha finalizado sua tarefa; se ela não conseguir finalizar a tarefa hoje, deixe-a continuar amanhã e, no dia seguinte, e, quando ela conseguir obter os seis traçados perfeitos, que esta seja uma ocasião de triunfo.

Deve ser assim também com as pequenas tarefas de pintura, desenho ou construção em que ela se lança — que tudo o que ela fizer *seja bem feito*. Um castelo de cartas instável é algo de que se envergonhar. Intimamente conectado ao hábito de ‘trabalho perfeito’ está o hábito de concluir qualquer coisa que estiver fazendo. Uma criança raramente deve ser autorizada a começar um novo empreendimento até que o anterior esteja concluído.

Perguntas Para Uso Dos Estudantes

1. Que erro nacional nos impede do esforço de adicionar perfeição a tudo o que fazemos?
2. Mostre o perigo do hábito de produzir um trabalho imperfeito.
3. Como uma criança pode ser ensinada a executar perfeitamente?

Capítulo VII - Alguns Hábitos Morais: Obediência

É decepcionante que, a fim de cobrir o terreno completo, devemos tratar destes hábitos morais, dos quais o cultivo a mãe deve a seus filhos, de maneira tão breve e inadequada; mas devemos levar em conta que tudo o que já foi dito sobre o cultivo do hábito se aplica com a maior força possível a cada um desses *hábitos*.

O Dever Pleno de Uma Criança

O primeiro, e infinitamente mais importante, é o hábito da *obediência*. De fato, a obediência é o dever pleno da criança e, por essa razão, todos os seus outros deveres são cumpridos como uma questão de obediência a seus pais. Não só isso: a obediência é o dever pleno do homem; obediência à consciência, à lei, à direção divina.

Alguém já observou muito bem que cada uma das três tentações registradas de nosso Senhor no deserto é uma sugestão para se praticar, não um ato de pecado declarado, mas um ato de *obstinação*: aquele estado diretamente oposto à obediência, e do qual brota todo tipo de insensatez ligada ao coração de uma criança.

Obediência Não é um Dever Involuntário

Contudo, se os pais perceberem que a obediência não é um mero dever involuntário, cujo cumprimento é um problema que se situa entre eles e a criança, mas que eles são os agentes designados para treinar a criança até que desenvolva a obediência inteligente de um ser humano que se obriga a cumprir a lei, eles verão que não têm o direito de renunciar à obediência de seu filho, e que cada ato de desobediência na criança é uma condenação direta dos pais. Além disso, eles verão que o motivo da obediência da criança não é aquele motivo arbitrário de "Faça isto ou aquilo, porque eu mandei", mas o da injunção apostólica: "Filhos, obedecem a seus pais no Senhor; *porque isso é certo*".

As Crianças Devem Ter o Desejo de Obedecer

É somente na proporção em que a vontade da criança está presente no ato da obediência, e ela obedece porque seu senso de *justiça* faz com que ela *deseje* obedecer, apesar das tentações à desobediência — não por constrangimento, mas de boa vontade — que o hábito será formado. E este hábito irá, a partir de então, capacitar a criança a usar a força da sua vontade contra as suas inclinações, quando estas a instigarem a um procedimento ilegal.

Afirma-se que filhos de pais rigorosos demais em exigir uma obediência minuciosa muitas vezes acabam doentes; e que órfãos e outras pobres crianças colocadas sob rígida disciplina aguardam apenas uma oportunidade de transgredir a ordem. E é exatamente assim; porque, nesses casos, não há treinamento gradual da criança no *hábito* da obediência; nenhum engajamento gradual de sua *vontade* com o doce serviço, nem uma oferta voluntária de submissão à mais alta lei: as pobres crianças são simplesmente coagidas a se submeterem à *vontade*, isto é, à *obstinação* de outro; de modo algum "porque isto é certo", mas apenas porque é conveniente.

Espere a Obediência

A mãe não tem dever mais sagrado do que treinar seu filho a obedecer imediatamente.

Fazer isso não é uma tarefa difícil; a criança ainda está "percorrendo nuvens de glória... de Deus, com quem habita"; o princípio da obediência está dentro dela, esperando para ser exercitado. Não há necessidade de repreender severamente a criança, ameaçá-la ou usar qualquer tipo de violência, porque os pais estão *investidos* da autoridade que a criança intuitivamente reconhece. Basta dizer: "Faça isso", num tom calmo e autoritativo, e *esperar que aquilo seja feito*. A mãe freqüentemente perde o controle dos filhos quando eles detectam, pelo tom de sua voz, que ela não espera que eles a obedeçam; ela não estima sua posição; não tem confiança suficiente em sua própria autoridade. A grande fortaleza da mãe está no hábito da obediência. Se ela exige, desde o princípio, que seus filhos sempre a obedeçam, então, eles sempre o farão como algo natural; mas uma vez que derem o primeiro passo rumo ao mau caminho, e descobrirem que podem desobedecer, uma luta lamentável começará, e essa luta normalmente termina com as crianças fazendo o que é certo aos seus próprios olhos.

Esse tipo de coisa é fatal: as crianças estão na sala de visitas e alguém toca a campainha. "Vocês devem subir para o quarto, agora". "Oh, querida mamãe, *deixe-nos* ficar no canto, perto da janela; nós ficaremos em silêncio!" A mãe fica bastante orgulhosa das boas maneiras de seus filhos, e eles permanecem. Eles *não* ficam em silêncio, é claro; mas esse é o menor dos males; eles conseguiram fazer o que escolheram e não o que lhes foi ordenado, e eles não colocarão seus pescoços sob o jugo novamente sem lutar. É em pequenas situações que a mãe é prejudicada. "Hora de dormir, Willie!" "Oh, mamãe, deixe-me *apenas* terminar isso"; e a mãe cede, desconsiderando que o caso em questão não é irrelevante; pois importa que a criança esteja sendo diariamente confirmada no *hábito* da obediência pela repetição ininterrupta de atos de obediência. É espantoso como a criança é hábil em encontrar maneiras de fugir do espírito enquanto observa a letra. "Mary, entre". "Sim, mãe"; mas sua mãe chama quatro vezes antes que Mary entre. "Guarde seus blocos"; e os blocos são guardados por dedos lentos e relutantes. "Você sempre deve lavar as mãos quando ouvir a primeira campainha". A criança obedece daquela vez e nunca mais.

Para evitar essas demonstrações de obstinação, a mãe deve insistir desde o início em uma obediência imediata, alegre e perene — exceto por lapsos de memória por parte da criança. A obediência ocasional, relutante e indisposta dificilmente vale à pena; e é muito mais fácil formar na criança o *hábito* da obediência perfeita ao nunca lhe permitir qualquer outra atitude, do que obter essa obediência meramente formal por um exercício constante de autoridade.

Aos poucos, quando a criança tiver idade suficiente, leve-a à confiança; mostre-a como é nobre ser capaz de fazer, em um minuto e de forma brilhante, algo que ela não gostaria de fazer. Para assegurar este hábito da obediência, a mãe deve exercer grande autocontrole; ela nunca deve dar uma ordem que não pretende ver totalmente executada. E ela não deve colocar sobre seus filhos fardos difíceis de suportar: uma ordem atrás da outra.

A Lei Assegura a Liberdade

As crianças que são treinadas a obedecer perfeitamente podem ser confiadas a uma grande dose de liberdade: elas recebem algumas instruções que sabem que não devem desobedecer; e em relação às demais coisas, têm permissão para aprender como dirigir suas próprias ações, mesmo à custa de alguns pequenos contratempos; e não precisam ser importunadas com um disparar contínuo de "Faça isto" e "Não faça aquilo!"

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Qual é o dever pleno da criança?
2. Qual é o estado oposto à obediência?
3. Mostre que um pai não tem o direito de renunciar à obediência.
4. Qual é o verdadeiro motivo para a obediência?
5. Cite o fato de que crianças criadas de forma rigorosa são freqüentemente fracassadas.
6. Por que pais e professores podem esperar obediência?
7. Como as crianças acabam sendo criadas para "fazer o que quiserem"?
8. Que tipo de obediência tem valor duradouro para a criança?
9. Como as crianças podem ser treinadas para a liberdade?

Capítulo VIII - Autenticidade

É desnecessário dizer qualquer palavra sobre o dever da Autenticidade; mas o *treinamento* da criança no hábito da veracidade estrita é outro assunto, e requer cuidados atenciosos e zelo por parte da mãe.

Três Causas da Mentira — Todas Malignas

As causas da malignidade da mentira: descuido em *apurar* a verdade, descuido ao *declarar* a verdade e uma intenção deliberada de enganar. Que todas as três são malignas fica evidente pelo fato de que o caráter de um homem pode ser arruinado por algo que não passa de uma declaração negligente e imprudente por parte de outro; o falante repete um comentário prejudicial sem se dar ao trabalho de peneirá-lo; ou repete o que viu ou ouviu com tão pouco cuidado de apresentar a verdade que sua declaração não se faz melhor que uma mentira.

Apenas Um Tipo é Punido nas Crianças

No entanto, dos três tipos de mentira, apenas o terceiro, de fato, é severamente punido na criança; enquanto os demais são permitidos. O menino diz que viu “muitos” cachorros malhados na cidade — mas realmente viu dois; que “todos os garotos” estão colecionando cartões — ele conhece apenas três que estão fazendo isso; que “todo mundo” diz que Jones é um “covarde” — o fato é que ele ouviu Brown dizer isso. Esses desvios da veracidade estrita são considerados assuntos de tão pouca importância que a mãe está disposta a deixá-los passar como “tagarelice infantil”; mas, de fato, tal descuido é prejudicial para o senso de verdade na criança — uma espada que facilmente perde o fio.

Exatidão da Afirmação

A mãe que treina seu filho para uma estrita exatidão de suas afirmações, sobre coisas pequenas e grandes, o fortalece contra as tentações às formas mais grosseiras de mentira; ele não irá prontamente acrescentar informações à história para a sua própria vantagem, suprimir fatos, se equivocar, quando a afirmação do simples fato se tornar um hábito obrigatório, e quando não tiver sido autorizado a formar o hábito maligno e contrário de ser irresponsável e vago com as palavras.

Exagero e Embelezamentos Jocosos

Duas formas de prevaricação, muito tentadoras para a criança, exigirão grande vigilância por parte da mãe — a de exagerar e a de revestir uma história com embelezamentos jocosos. Por mais engraçada que uma circunstância possa ser descrita pela criança, a mãe, implacável, deve despir a história de tudo o que estiver sobre e acima da verdade nua: pois, de fato, uma reputação de jocoso é adquirida à custa daquela dignidade de caráter, quer da criança ou do adulto, que acompanha o hábito da veracidade estrita; é possível, felizmente, ser engraçado sem qualquer sacrifício da verdade.

Reverência, Etc

Quanto à *reverência, consideração pelos outros, respeito pelas pessoas e propriedades*, só me resta insistir sobre a importância de um cultivo diligente dessas qualidades morais — marcas distintivas de uma natureza refinada — até que se tornem hábitos diários na vida da criança; ainda mais porque uma disposição auto-afirmativa, agressiva e egoísta é muito característica dos tempos em que vivemos.

Consideramos Que a Disposição Nasce Na Criança

Estou ansiosa, no entanto, para dizer algumas palavras sobre o hábito da disposição amável. É muito comum considerarmos a disposição da criança como algo constitucional, aquilo que nasce nela e não deve ser auxiliado nem impedido. “Oh, ela é uma pequena alma bem disposta; nada a deixa desconcertada!” “Oh, ele tem a disposição do pai; a menor contrariedade o faz encolerizar-se”, são tipos de observações que ouvimos constantemente.

Não Disposição, Mas Tendência

Não há dúvida de que os filhos herdam uma certa tendência à irascibilidade ou à amabilidade — ao mau humor, ao descontentamento, à irritação, à obstinação, ao murmúrio e à impaciência; ou ao contentamento, à confiabilidade, ao bom humor, à paciência e à humildade. Também é verdade que a felicidade ou a ruína da criança ou do adulto, bem como o conforto ou a miséria das pessoas que vivem ao seu redor, dependem da preponderância de qualquer uma dessas qualidades — isto é, dependem de sua *disposição*.

Todos conhecemos pessoas dotadas de integridade e de muitas virtudes excelentes que se tornam intoleráveis a seus familiares. A raiz do mal é, não que essas pessoas tenham nascido taciturnas, mal-humoradas ou invejosas — isso poderia ter sido corrigido; mas que foram autorizadas a crescer nessas disposições. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, o poder do hábito é inestimável: cabe aos pais corrigir as más inclinações originais, ainda mais se a criança tiver herdado isso deles, e enviar seu filho ao mundo aperfeiçoado, com uma disposição equilibrada e feliz, inclinado a tirar o melhor das coisas, a olhar para o lado positivo, a atribuir as melhores e mais bondosas intenções aos outros, e a não fazer afirmações extravagantes por conta própria — fonte fértil de disposições repulsivas. E isso porque a criança nasce com não mais do que certas *tendências*.

Os Pais Devem Corrigir a Tendência Por Meio de Um Novo Hábito de Disposição

É pela força do hábito que uma tendência se torna uma disposição; e cabe à mãe impedir a formação de más disposições e estimular as boas. E não é difícil fazer isso durante os anos em que o semblante da criança é como um livro aberto para a sua mãe, que lê os pensamentos de seu coração antes que ela mesma os perceba. Ao guardar na memória o fato de que todo pensamento invejoso, murmurador e descontente deixa uma rota na própria substância do cérebro da criança na qual tais pensamentos podem correr repetidas vezes — que essa rota, esse *trilho*, por assim dizer, está sempre se estendendo e se aprofundando com o trânsito de pensamentos repulsivos — o cuidado da mãe deve ser o de impedir, desde o início, a formação de tal rota. Ela vê a alma de seu filho — vê a má disposição no ato de se levantar: esta é a sua oportunidade.

Mude os Pensamentos da Criança

A mãe deve *mudar os pensamentos da criança* antes mesmo que o mau humor tenha tempo de se transformar em sentimento consciente, muito menos de agir: leve-a para fora, mande-a buscar ou carregar algo, diga-lhe ou mostre-lhe algo interessante — quero dizer, dê a ela outra coisa em que pensar; mas tudo de forma bem natural, e sem deixar a criança perceber que está sendo tratada.

Da mesma forma que todo ataque de obstinação deixa lugar na mente da criança para que outro ataque de obstinação lhe suceda, cada ataque desse tipo evitado mediante o discernimento da mãe tende a destruir os traços malignos das antigas disposições obstinadas. Ao mesmo tempo, a mãe tem o cuidado de estabelecer uma estrada para livre curso de todos os pensamentos e sentimentos doces e amáveis.

Até aqui, tenho proposto sugestões, não para um curso de treinamento intelectual e moral, mas apenas para a formação de certos *hábitos* que deveriam ser, por assim dizer, os pontos mais altos do caráter. Mesmo com este programa limitado, deixei passar despercebidos muitos assuntos tão importantes quanto aqueles abordados. Diante de um emaranhado de riquezas, foi necessário adotar algum princípio de seleção; e julguei conveniente insistir em considerações que não me parecem ser plenamente levadas em conta pelos pais instruídos, em vez de tratar daquelas cuja força toda pessoa ponderada reconhece.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Quais são as causas da mentira?
2. Mostre que todos os tipos de mentira são maliciosos.
3. Por que apenas um tipo é punido nas crianças?
4. Como você treinaria uma criança na exatidão de afirmação?
5. Como você lidaria com o exagero?
6. Como você lidaria com os embelezamentos jocosos?
7. Mostre que reverência, consideração, etc., requerem atenção especial no tempo em que vivemos.
8. A disposição nasce na criança?
9. Mostre que, não a disposição, mas a tendência é que "nasce" na criança.
10. Como os pais devem corrigir essa tendência?
11. Mostre de forma minuciosa a eficácia de mudar os pensamentos da criança.
12. Faça distinção entre mudar os pensamentos de uma criança e transmitir a ela o pensamento que você pretende que ela tenha.

PARTE V

Lições Como Instrumentos de Educação

Capítulo I - O Conteúdo e o Método das Lições

Parece-me que vivemos em uma era da pedagogia em que nós, da profissão docente, estamos inclinados a assumir muitos encargos, enquanto os pais estão dispostos a ceder a responsabilidade da direção, bem como da instrução real, muito mais do que é saudável para as crianças.

Os Pais Devem Refletir Sobre o Conteúdo da Instrução

Estou prestes a chamar sua atenção a um assunto que os pais estão acostumados a deixar essencialmente nas mãos do professor ou da governanta quando não são eles que instruem seus próprios filhos — eu me refiro à escolha dos assuntos da instrução e às formas de lidar com esses assuntos. Os professores são as pessoas que, mais do que as outras, se dedicam à consideração do que uma criança deveria aprender e como; mas os pais devem, igualmente, pensar sobre este assunto, e mesmo quando não lecionam nem ensinam seus filhos, devem ter suas próprias opiniões cuidadosamente formuladas quanto ao conteúdo e ao método de sua educação intelectual: e isto pelo bem do professor e também das crianças. Nada contribui mais para a vitalidade e o propósito do trabalho do professor do que a certeza de que os pais de seus alunos o acompanham.

Mesmo quando as crianças frequentam escolas ensinadas por pessoas qualificadas, algum discernimento por parte dos pais é útil para impedir que o professor caia em esquemas profissionais, valorizando a proficiência neste ou naquele tópico por si mesmo, e não na medida em que essa instrução beneficia as crianças. Mas nos primeiros dias de instrução doméstica, é injusto deixar a jovem governanta, que possui pouca qualificação além de seu francês ou alemão nativo, ou inglês escasso, traçar uma rota para si mesma e suas incumbências. O menor dos males resultantes disso consiste no fato de que as crianças desperdiçam seu tempo; pois, acima de tudo, elas estão formando hábitos inteiramente contrários ao esforço intelectual; e com o tempo, quando forem para a escola, as lições passarão por cima de suas cabeças, o trabalho escorregará por entre os dedos e seus poderes de resistência passiva frustrarão até os mais esforçados professores.

O Lar é o Terreno Mais Fértil Para Jovens Crianças

Da mesma forma, sejam quais forem as vantagens do *Jardim de Infância* ou de outras escolas para jovens crianças, a sala de estudos em casa deveria ser o terreno mais fértil para elas. E, sem dúvida, assim seria se a mãe tivesse a liberdade de se dedicar à instrução de seus filhos; mas isso ela raramente é livre para fazer. Se mora na cidade, ela pode mandá-los para a escola quando estiverem com seis anos; se mora no campo, ela deve ter uma governanta; e a dificuldade, então, está em se conseguir uma mulher que não esteja apenas familiarizada com os tópicos que se compromete a ensinar, mas que entenda, em alguma medida, a natureza da criança, a arte e os objetivos da educação; uma mulher capaz de obter o máximo das crianças sem desperdiçar sua capacidade ou tempo. Tal *rara avis*^[37] não se apresenta em resposta a todo tipo de anúncio; e na falta de uma professora treinada, a mãe deve se comprometer a *treinar* a governanta — isto é, ela pode complementar, com sua própria visão, o conhecimento e a experiência insuficientes da jovem professora. “Eu gostaria que as crianças *fossem ensinadas* a ler, assim e assim, porque _____”, ou “que aprendessem *história* de tal maneira que as lições pudessem ter tais e tais efeitos”. Meia hora de conversa desse tipo com uma governanta sensata garantirá o trabalho de um mês inteiro para as crianças, e poderá, assim, ser tão bem dirigido que em pouco tempo terão realizado muito e garantido o máximo de tempo possível para brincadeiras e exercícios ao ar livre.

Três Perguntas Para a Mãe

Mas se a mãe deve vacinar a governanta com seus pontos de vista quanto ao ensino de escrita, francês, geografia, ela mesma deve ter visões definidas. Ela deve se perguntar seriamente: *Por que* as crianças devem aprender, afinal? *O que* elas devem aprender? E *como* elas devem aprender? Se ela se der ao trabalho de encontrar uma resposta definida e ponderada para cada uma dessas três perguntas, estará em condições de orientar os estudos de seus filhos; e, ao mesmo tempo, ficará surpresa ao descobrir que três quartos do tempo e do trabalho normalmente utilizados por outras crianças em suas lições não passam de perda de tempo e desperdício de energia.

As Crianças Aprendem, e Aprendem Para Crescer

Por que a criança deve aprender? Por que nós comemos? Não é para que o corpo possa viver e crescer, e seja capaz de cumprir suas funções? Exatamente da mesma forma, a mente deve ser sustentada e se desenvolver por meio de comida que lhe seja conveniente, o *pabulum*^[38] mental do conhecimento assimilado. Contudo, o corpo se desenvolve não apenas por meio do sustento adequado, mas por meio do exercício apropriado de cada um de seus membros. Uma jovem mãe comentou comigo outro dia que, antes de seu casamento, ela tinha braços tão finos que não gostava de exibi-los em qualquer situação; mas um forte bebê de cinco meses curou-a desse problema: ela conseguia balançá-lo e erguê-lo com facilidade, e podia, agora, exibir braços bem arredondados a qualquer pessoa. E, da mesma forma que os membros se fortalecem com o exercício, o esforço intelectual de determinada capacidade mental torna essa capacidade eficaz. As pessoas tendem a menosprezar o fato de que a *mente* precisa de alimento — elas dizem que aprendemos para poder *conhecer*, não para poder *crescer*; disso decorrem a tagarelice das lições, o “encher-se” de fatos mal digeridos para passar nos exames, e todas as formas de se obter conhecimento que a mente não assimila.

Artificialização do Material do Conhecimento

Os especialistas, por outro lado, estão prontos a conferir grande importância aos vários exercícios das “faculdades mentais”. Deparamo-nos com livros sobre a arte de ensinar, com lições elaboradamente preparadas, nas quais certo trabalho é atribuído às faculdades da percepção, certo trabalho à imaginação, ao julgamento, e assim por diante. Contudo, esta doutrina das faculdades mentais, que se baseia numa falsa analogia entre a mente e o corpo, está a caminho do limbo, onde as “pancadas” do frenologista já descansam em paz. A mente parece ser una e indivisível, e dotada de múltiplos poderes; e esse tipo de artificialização do material do conhecimento é desnecessária para a criança saudável, cuja mente é capaz de auto-direção, e de empregar o trabalho apropriado à parcela de conhecimento que lhe é entregue. Quase todos os assuntos que o senso comum aponta como sendo adequados para a instrução das crianças permitirão o exercício de todos os seus poderes, se forem apresentados de forma apropriada.

As Crianças Aprendem — Para Obter Ideias

A criança deve aprender, em segundo lugar, para que *ideias* possam ser livremente semeadas no solo frutífero de sua mente. “*Ideia*, a imagem ou o cenário mental de qualquer coisa externa, quer seja perceptível pelos sentidos ou espiritual” — assim diz o dicionário; portanto, se o objetivo do ensino consiste em fornecer ideias à criança, qualquer ensinamento que não a torne possuidora de uma nova imagem mental, sem dúvida, errou o alvo. Agora, pense por um momento sobre a forma indiferente com que as crianças frequentemente se arrastam pela leitura e gráficos, geografia e somas, e você concluirá que é coisa rara ver qualquer parte de qualquer lição iluminando-as com aquela vivacidade capaz de deixar para trás alguma imagem mental. Não é exagero dizer que uma manhã em que a criança não recebe qualquer ideia nova é uma manhã desperdiçada, por mais próximo de seus livros que o

pequeno aluno tenha se mantido.

Ideias Crescem e Dão Fruto Conforme Sua Espécie

Contudo, o dicionário me parece estar aquém da verdade na sua definição do termo '*ideia*'. Uma ideia é mais que uma simples imagem ou cenário; é, por assim dizer, uma semente espiritual dotada de força vital — isto é, dotada de poder para crescer e dar fruto conforme sua espécie. Crescer faz parte da própria natureza de uma ideia: como a semente vegetal secreta aquilo que sustenta a sua vida, assim também uma ideia razoavelmente implantada na mente da criança irá secretar sua própria comida, crescer e dar frutos na forma de uma sucessão de ideias análogas. Sabemos, por experiência própria, que uma vez que nossa atenção seja forçosamente atraída a alguma figura pública, alguma teoria surpreendente, ficaremos constantemente ouvindo ou lendo conteúdo que diga respeito ao respectivo assunto durante os dias subsequentes, como se o mundo inteiro estivesse pensando sobre aquilo que ocupa nossos pensamentos: o fato é que a nova ideia que recebemos está em ato de crescimento e está se esforçando para obter seu alimento apropriado. Esse processo de *alimentação* se mantém com peculiar avidez durante a infância, e o crescimento de uma ideia na criança é proporcionalmente rápido.

Scott e Stephenson Trabalharam com Ideias

Scott teve uma ideia, um conjunto de ideias, a partir dos contos e baladas de Border, o folclore interiorano, no qual a sua infância foi nutrida: suas ideias cresceram e deram frutos, e os romances de Waverley são os frutos que eles produziram. George Stephenson fazia pequenos motores de argila com seu companheiro de brincadeiras, Thomas Tholoway; mais tarde, quando se tornou engenheiro, estava sempre observando o seu motor, limpando-o, estudando-o; um motor era a sua ideia dominante e ela se desenvolveu em nada menos do que a concepção de uma locomotiva.

O Valor das Ideias Dominantes

Mas como essa teoria do caráter vital e frutífero das ideias tem a ver com a educação da criança? Desta maneira: dê ao seu filho uma única *ideia* valiosa e você terá feito mais por sua educação do que se tivesse depositado em sua mente uma grande carga de informação; pois a criança que cresce com algumas poucas ideias dominantes tem a sua auto-educação sustentada e a sua carreira alicerçada.

As Lições Devem Fornecer Ideias

Para que possa receber uma ideia, a mente deve estar em uma atitude de ávida atenção, e já consideramos anteriormente como assegurar este estado. Além disso, uma única ideia pode ser uma possessão tão preciosa em si mesma, tão frutífera, que o pai não pode permitir que a escolha das ideias de seu filho seja uma questão de sorte; as suas *lições* devem equipá-lo com aquelas ideias necessárias para a sua educação a longo prazo.

As Crianças Aprendem Para Obter Conhecimento

Mas não é apenas para garantir o devido crescimento intelectual e equipar a sua mente com ideias que a criança deve ser ensinada: a noção comum de que ela aprende para obter

conhecimento também é verdadeira, de tal forma que nenhum conhecimento deve ser tão precioso como aquele obtido na infância, e nenhum conhecimento posterior deveria ser tão claramente registrado no cérebro, nem tão útil como base para aquele que se seguirá. Ao mesmo tempo, a capacidade de conhecimento da criança é muito limitada; sua mente, pelo menos em relação a esse assunto, não passa de um pequeno recipiente com um estreito gargalo; e, portanto, cabe ao pai ou professor derramar nele apenas o que há de melhor.

Conhecimento Diluído

Mas as pobres crianças são muito maltratadas por seus melhores amigos em relação ao conhecimento que lhes é oferecido. Pessoas adultas, com exceção das mães, na tentativa de se aproximarem da mente das crianças, falam e pensam de forma muito mais infantil do que elas. Se uma criança fala de forma abobalhada, é porque os mais velhos têm o hábito de falar assim com ela; deixe-a em paz, e suas observações serão sábias e sensatas na medida em que a sua pequena experiência guiá-la. As mães raramente falam com seus filhos de maneira infantilizada; elas são muito íntimas dessas pequenas pessoas e têm, portanto, muito respeito por elas: mas os profissionais, sejam os que escrevem livros ou os que ministram lições, são totalmente capazes de apresentar um único grão de conhecimento puro em um tonel inteiro de conversa, impondo à criança o trabalho de discernir o grão e extraí-lo da torrente de coisas inúteis.

O Conhecimento do Dr. Arnold Enquanto Criança

Em geral, as crianças que crescem entre os mais velhos e não ganham de seus pais os chamados livros infantis, se saem melhor quanto à capacidade de compreender por si mesmas a literatura direcionada às pessoas adultas. Assim, conta-se que o Dr. Arnold, aos três anos, recebeu como presente de seu pai a *History of England*^[39], de Smollett como uma recompensa pelo zelo com o qual havia percorrido cuidadosamente as histórias relacionadas aos retratos e pinturas de reinos sucessivos — uma diversão que provavelmente lançou as bases do grande amor pela história que o distinguiria em sua vida futura. Quando ocupou a cadeira professoral em Oxford, ele fez citações, segundo afirmam, das Palestras sobre História do Dr. Priestley — citações verbalmente exatas, podemos crer, pois tal era o hábito de sua mente e, além disso, uma criança tem pouca habilidade para reformular um conteúdo —, e isso embora não tivesse mais lido o livro desde os seus oito anos de idade. Sem dúvida, ele era uma criança excepcional; mas o que afirmo é que, se a leitura dele tivesse sido do tipo abobalhado e diluído, como é comumente imposto às crianças, lhe teria sido *impossível* citar certas passagens apenas uma semana depois, quanto mais vinte anos após a sua realização.

Literatura Adequada Para as Crianças

Este tipo de literatura fraca para as crianças, tanto nos livros de histórias como nos livros de lições, é o resultado de um processo reacionário. Não muito tempo atrás, a impressão corrente era de que as crianças tinham pouco entendimento, mas uma memória prodigiosa para os fatos; supunha-se que datas, números, regras, catecismos de conhecimento, muita informação em pequenas parcelas, deveriam ser o material apropriado para a educação de uma criança. Agora tudo isso mudou e colocamos nas mãos das crianças livros didáticos com belas fotos e conversa fácil, quase tão bons quanto os livros de histórias; mas não vemos que, afinal de contas, estamos apenas dando as mesmas pequenas pílulas de conhecimento, agora na forma de um diluente fraco e abundante. Professores e até mesmo pais que são suficientemente cuidadosos com a dieta de seus filhos podem ser tão imprudentes quanto ao tipo de alimento mental que lhes é oferecido que estou extremamente ansiosa para garantir a devida consideração por esta questão das lições e da literatura adequadas para as pequenas pessoas.

Quatro Testes Devem Ser Aplicados às Lições das Crianças

Vemos, portanto, que as lições das crianças (a) devem fornecer material para seu crescimento mental, (b) devem exercitar os vários poderes de suas mentes, (c) supri-las de ideias frutíferas e (d) proporcionar-lhes conhecimento realmente valioso para o seu próprio bem, acurado e interessante, do tipo que a criança poderá recordar, quando adulta, com lucro e prazer. Antes de aplicar esses testes aos vários assuntos em que as crianças são comumente instruídas, devo relembrar dois ou três pontos que me empenhei em estabelecer nas páginas anteriores:

Resumo dos Seis Pontos Previamente Considerados

(a) Que o conhecimento mais valioso para a criança é aquele que ela obtém com seus próprios olhos, ouvidos e dedos (sob direção) ao ar livre.

(b) Que não se deve permitir que as exigências da sala de aula prejudiquem o direito da criança a longas horas diárias dedicadas a exercícios físicos e investigação.

(c) Que a criança deve ser levada diariamente, se possível, a diferentes cenários — pântano ou prado, parques, lugares comuns ou litorais — onde possa encontrar coisas novas para examinar, e assim acrescentar ao seu depósito de conhecimento real. Que a observação da criança seja direcionada para flor ou pedregulho, pássaro ou árvore; que, de fato, ela se ocupe em reunir aquelas informações comuns que são a base do conhecimento científico.

(d) Que a brincadeira, aquela brincadeira vigorosa e saudável, é, por sua vez, tão importante quanto as lições, tanto em relação à saúde corporal, quanto à capacidade cerebral.

(e) Que a criança, embora sob supervisão, deve ser deixada em paz o máximo possível — tanto para que possa examinar à sua própria maneira as ideias que recebe, como também para que esteja mais aberta às influências naturais.

(f) Que a felicidade da criança é necessária ao seu progresso; que suas lições devem ser alegres e que as ocasiões de atrito na sala de aula devem ser vivamente censuradas.

Tendo estabelecido tais premissas, vamos considerar agora *O Que a Criança Deve Aprender, e Como Deve Ser Ensinada*.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Discuta a afirmação "Esta é 'uma era da pedagogia'".
2. Por que os pais devem refletir sobre o conteúdo da instrução?
3. Mostre que o lar é o terreno mais fértil para jovens crianças.
4. Por que uma mãe deve ter visões definidas?
5. Quais são as três perguntas para a mãe?
6. Mostre que as crianças aprendem, e aprendem para crescer.
7. Mostre que qualquer artificialização do material do conhecimento é desnecessário para uma criança saudável.
8. O que é uma ideia?
9. Mostre que uma ideia se alimenta, cresce e produz fruto.
10. O que Sir Walter Scott e George Stephenson fizeram com uma ideia?
11. Mostre o valor das ideias dominantes.
12. Por que as lições devem fornecer ideias?
13. Que qualidade de conhecimento as crianças devem receber?
14. Qual é o mal do "conhecimento diluído"?
15. Ilustre o poder que uma criança tem de obter conhecimento (Dr. Arnold).
16. Qual é o prejuízo dos livros didáticos com belas fotos e conversa fácil?
17. Quais são os quatro testes que devem ser aplicados às lições das crianças?
18. Dê um resumo dos seis pontos considerados previamente.

Capítulo II - O Jardim de Infância Como Um Lugar de Educação

A Mãe é a Melhor Professora do Jardim de Infância

Não é necessário discutir aqui os méritos da escola do Jardim de Infância. O sucesso desse tipo de escola exige qualidades raras na professora — alta cultura, algum conhecimento da psicologia e da arte da educação; intensa empatia pelas crianças, muito tato, muito senso comum, muita informação comum, muita “alegria natural” e muito poder de governo; ou seja, o método do Jardim de Infância é bem elaborado caso leve a criança *en rapport*^[40] com uma inteligência superior. O Jardim de Infância será lindo caso haja tal ser superior para conduzi-lo — será “como um pedaço do céu”. Mas dê a responsabilidade de conduzir tal escola a uma mulher comum e as dádivas, brincadeiras e ocupações encantadoramente elaboradas se tornarão uma porção de instrumentos de ensino *oco*. Se a essência do método do Jardim de Infância é a influência pessoal — uma espécie de mesmerismo espiritual — segue-se que a mãe é naturalmente a melhor professora do Jardim de Infância; pois quem mais além dela possui o tato, a empatia, o senso comum, e a cultura necessários?

O Berçário não Precisa, Portanto, Ser um Jardim de Infância

Embora toda mãe deva ser uma professora de Jardim de Infância, no sentido em que Froebel empregaria o termo, isto não significa que todo berçário deve ser um Jardim de Infância organizado metodicamente. De fato, o mecanismo do Jardim de Infância não é mais do que um artifício para assegurar a realização de certos *princípios* educacionais, e alguns deles é tarefa da mãe planejar e executar de acordo com os métodos de Froebel — ou de acordo com os seus próprios métodos. Por exemplo, no Jardim de Infância, os *sentidos* da criança são cuidadosa e progressivamente treinados: ela olha, escuta, aprende pelo tato; obtém ideias de tamanho, cor, forma, número; recebe instrução para copiar de maneira fiel, para se expressar de forma exata. E nesse treinamento dos sentidos, a criança é levada a adotar o mesmo método que um bebê é capaz de desenvolver sozinho ao examinar um anel ou uma bola.

Campo do Conhecimento Limitado Demais

Mas é possível que o maravilhoso poder de obter conhecimento por meio dos sentidos, presente na criança, seja desvalorizado; que o campo seja limitado demais; e que, durante os primeiros seis ou sete anos nos quais ela poderia ter se familiarizado intimamente com as propriedades e com a história de cada um dos objetos naturais ao seu alcance, ela tenha verdadeiramente obtido ideias precisas — capacidade de distinguir um paralelogramo de um pentágono, uma cor primária de uma cor secundária, de ver de forma extremamente fiel —, mas isso às custas de um significativo *conhecimento real* do mundo externo, que não será tão apropriado adquirir em nenhum outro momento de sua vida. Portanto, ainda que o treinamento *preciso* e bem graduado do Jardim de Infância possa ser de valor, a mãe se esforçará para oferecer tal treinamento com naturalidade, assegurando aquilo que é seu dever primário para com seus filhos, mas de modo algum deixará que ele se reduza a esse treinamento mais amplo dos sentidos.

Além disso, a criança no Jardim de Infância é designada apenas para aquelas tarefas que é competente para executar e, assim, espera-se dela que faça *perfeitamente* qualquer coisa que precise fazer. Entretanto, já vi uma criança de quatro anos corar e demonstrar auto-reprovação porque havia dobrado um pedaço de papel de forma irregular, como se tivesse sido descoberta em uma mentira. Por outro lado, a mãe ou a cuidadora também são capazes de assegurar que as pequenas tarefas da criança sejam executadas de forma perfeita; e aqui está

um ponto importante: sem aquela ligeira tensão de angústia infeliz observada em crianças que estão se esforçando para agradar aquela deusa sorridente — sua *professora do Jardim de Infância*.

O Treinamento de Um Olho Justo e Uma Mão Fiel

As “ocupações” do Jardim de Infância oferecem oportunidades de treinamento nesse tipo de fidelidade; mas no lar ocorrem mil oportunidades assim; até mesmo em trivialidades tais como esticar a toalha da mesa ou endireitar um quadro, estender uma toalha de banho, embalar uma encomenda — cada mãe atenta pode inventar milhares de maneiras de treinar em seu filho um olho justo e uma mão fiel. No entanto, algumas das brincadeiras e ocupações do Jardim de Infância podem ser permitidas no berçário como forma de treinamento metódico, bem como de ocupação alegre, desde que a mãe tome cuidado para não depender destas coisas, e faça com que todas as ocupações da criança sirvam aos propósitos de sua educação.

"Doçura e Iluminação" no Jardim de Infância

A criança respira uma atmosfera de "doçura e iluminação" no Jardim de Infância. Você vê o robusto menino de cinco anos entesando suas costas e se recusando a ser um sapo saltitante, e a professora vem com serena gentileza, pega-o pela mão e o conduz para fora do círculo — ele não é tratado como um criminoso: tão somente não escolheu fazer o que os outros estão fazendo, portanto não é bem-vindo ali — da próxima vez, ele ficará bastante contente em ser um sapo. Aqui temos o princípio da disciplina do berçário. Não trate a pequena contumácia da criança com muita seriedade; não assuma que ela está sendo malvada: apenas deixe-a de fora quando não estiver preparada para agir em harmonia com as demais. Evite o atrito; e acima de tudo, não deixe que ela perturbe a atmosfera moral; com toda gentileza e serenidade, afaste-a da companhia dos outros, quando estiver sendo o que as cuidadoras chamam de “desagradável”.

Por fim, o Jardim da Infância professa levar em conta a alegria da natureza da criança: permitindo que ela expresse plena e livremente a alegria que possui, sem a “agitação” que resulta de deixá-la em paz para encontrar uma vazão para sua vida exuberante. Este misto de alegria e gentileza é a disposição exata a ser cultivada no berçário. O comportamento barulhento às vezes permitido às crianças é desnecessário — pelo menos dentro de casa. Mas até mesmo uma ausência momentânea de brilho na face de seus filhos deve ser causa grave de desconforto para a mãe. Em geral, podemos dizer que alguns dos *princípios* que devem governar o treinamento no Jardim de Infância são precisamente aqueles em que toda mãe atenciosa se esforça para criar sua família; enquanto as *práticas* do Jardim de Infância, sendo apenas formas, entre outras, de levar a cabo estes princípios, e estando sujeitas a tornarem-se estereotipadas e ocas, são desnecessárias, mas podem ser adotadas na medida em que se encaixarem convenientemente no esquema geral da mãe para a educação de sua família.

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Mostre que a mãe é a melhor professora do Jardim de Infância.
2. Como a criança pode obter educação a partir de sua vida diária no berçário?
3. Mostre que a busca do conhecimento real pelas crianças pode ser prejudicada pelo Jardim de Infância.
4. Mostre que um olho justo e uma mão fiel podem ser treinados no lar.
5. Em que aspectos o Jardim de Infância dá dicas da disciplina apropriada para o berçário.
6. Que disposição deve ser cultivada no berçário?
7. A que conclusão geral podemos chegar a respeito dos princípios e práticas do Jardim de Infância?

Capítulo III - Considerações Adicionais Sobre o Jardim de Infância

A Infância de Tolstoi

Não há, possivelmente, nenhum campo de pesquisa conhecido em que tão pouco trabalho útil tenha sido realizado como aquele compreendido pela palavra "crianças". O "vasto campo" está sob nossos olhos, mas quem "mapear" a região precisará escrever "Inexplorado" em grandes extensões. Estudiosos começam a suspeitar que os erros que cometemos por causa dessa ignorância são graves e prejudiciais. Por exemplo, não são todos os nossos esquemas de educação fundamentados na presunção de que a mente de uma criança — seu "homem racional e emocional" — começa "muito pequena" e cresce na proporção do crescimento de seu corpo? Não podemos dizer se esse é realmente o caso. As crianças, de forma geral, guardam para si seus raciocínios, não obstante seus modos cativantes e suas sinceras confidências; mas se uma criança se revelasse, por acaso, a um de nós, ficaríamos surpresos ao descobrir que a criança tem uma inteligência muito mais apurada, pensamentos muito mais sábios, e a alma muito mais elevada que a nossa. Quando a genialidade for capaz de erguer o véu e nos mostrar uma criança, fará um serviço que, em nosso presente estado de raciocínio, dificilmente seremos capazes de apreciar; e quando a genialidade ou a simplicidade, ou ambas, nos tiverem dado estudos suficientes a fim de que possamos fazer generalizações, sem dúvida reconsideraremos todo o assunto, e ficaremos assombrados com o menosprezo com que temos tratado as crianças sob o nome de educação.

O conde Tolstói nos dá em *Childhood, Boyhood, Youth*^[41] um inconfundível retrato da criança, uma redução, na qual a mãe pode enxergar seu filho e reconhecer o *que* e o *quanto* existe dentro dele: "Como nossa própria querida mãe", escreve o pequenino nos versos que fez para o aniversário de sua avó; e então, quando os versos são lidos, ah! A humilhação de alma pela qual ele passa, e com certeza espera que o pai e a avó o considerem um hipócrita. "Por que escrevi isso? Ela não está aqui, e não era necessário mencioná-la; eu amo vovó, é verdade, eu a reverencio, mas ainda assim elas não são a mesma pessoa. Por que escrevi isso? Por que menti?" Esse é o tipo de coisa que existe nas crianças. Reconhecemos isso enquanto lemos e lembramos dos dias turvos de nossa infância quando também tínhamos um "órgão da verdade" tão perfeitamente delicado; e a recordação deve avivar nossa reverência à consciência das crianças.

"The Story of a Child"^[42]

Enquanto falo sobre este assunto, gostaria de mencionar outro livro que contém a auto-revelação de uma criança — uma criança que outrora foi chamada do sombrio abismo do tempo para testemunhar. Este tipo de estudo da infância é realmente precioso, porque não pode ser considerado em qualquer outro sentido senão remontando à nossa própria infância, vivificando-a, reproduzindo-a, pela mera força do poder imaginativo. Esta é absolutamente a única maneira de desenvolver empatia pelas crianças, pois elas, com todas as suas confidências francas e tagarelices prontas, são pessoas completamente inescrutáveis, que nunca dizem a qualquer pessoa o tipo de coisas que lemos nesta "Story". Não há necessidade de contarem isso umas às outras, pois as outras crianças já sabem, e, quanto a contar aos adultos, as crianças estão totalmente persuadidas de que nenhum adulto, nem mesmo a mãe, poderia entender; talvez Otto, o cachorro, possa. Sendo assim, tais confidências que a mãe amorosa se dedica, em vão, para obter serão derramadas nos ouvidos dele.

"Cada um deles em sua esfera secreta de alegria ou sofrimento,
Isolados vivem e vagueiam, nossos espíritos eremitas,
Nossos olhos enxergam tudo ao redor de forma apaixonada ou com lamento —
Suas próprias matizes, do frescor do coração extraídas".

E isso é ainda mais notável no caso das crianças do que no nosso. É uma lei de nossa

natureza com a qual é absolutamente inútil contender, e nosso único meio de verdadeira intimidade com uma criança é o poder de rememorar nossa própria infância — um poder que estamos prontos a deixar escapar como algo sem importância vital. A srta. Margaret Deland nos ajuda neste processo: em Ellen, reconhecemos nosso *velho eu* com poucas diferenças. Nossos próprios impulsos, dos quais lembramos com ternura, mas raramente com complacência, eram, naquele tempo, tão irracionais, inconsequentes, amorosos e heróicos, e normalmente tão cansativos para o mundo adulto quanto os de Ellen. Se, depois de lermos *The Story of a Child*, nos levantarmos um pouco mais humildes, um pouco mais modestos, prontos a acreditar em mais do que enxergamos, certamente isso não nos causará nenhum dano, e deverá abençoar e ajudar as crianças. Gostaria de discordar de apenas um pensamento da autora: a srta. Deland acha que compreender as crianças pode ser algo saudável para os mais velhos, mas quanto às crianças, ela acredita que a maioria de nós é capaz de crescer maravilhosamente bem apesar disso e de todas as outras dificuldades. Em certo sentido, isso é verdade, mas, por outro lado, uma das coisas mais tristes da vida é observar o esplêndido material infantil se reduzir a um lugar comum, a uma maturidade desinteressante, de um tipo que não faz o mundo parecer nem melhor nem pior.

A infância de Tolstói e a da pequena heroína da srta. Deland parecem estar muito longe do "Jardim de Infância"; mas, na verdade, essas duas revelações sobre *o que as crianças são* conduzem nossa discussão a um único ponto.

Conta-se que "não faz muito tempo, na Universidade de Edimburgo, a figura de maior destaque da Faculdade foi o sr. James Simpson, o descobridor do clorofórmio. Outro dia, o seu sucessor e sobrinho, Professor Simpson, foi convidado pelo bibliotecário da Universidade a ir até a biblioteca e selecionar os livros sobre aquele determinado assunto que já não eram mais necessários, e sua resposta ao bibliotecário foi a seguinte: 'Pegue todos os livros com mais de dez anos e coloque-os no porão.'" Na medida em que a educação é uma ciência, a verdade até mesmo de dez anos atrás — quanto mais de cem — não é a totalidade da verdade no presente.

"Pensamentos superiores aos seus próprios pensamentos
àqueles elevados videntes foram dados".

E, o ardor de nossa apreciação, a diligência de nossa aplicação daquelas verdades que os grandes pioneiros (Froebel e os demais) conquistaram para nós, por meio de nada menos que um discernimento profético, crescerá na proporção em que a urgência do esforço educacional nos pressionar. Mas infelizmente — e digo infelizmente para os anseios da natureza humana preguiçosa — não temos um *papa* educacional; devemos pensar, bem como trabalhar por nós mesmos naquelas coisas que pertencem à perfeita criação de nossos filhos.

O que Devemos a Froebel

Nós reverenciamos Froebel. Compartilhamos muitos de seus grandes pensamentos; não podemos dizer que tomamos emprestado, porque alguns deles, como as relações da criança com o universo, são pelo menos tão antigos quanto Platão; outros pertencem à prática e à experiência universais, e isso mostra sua exatidão psicológica. Froebel reuniu pensamentos e práticas difusos, sistematizando-os. Mas ele fez algo maior do que isso. Ele ergueu um altar ao entusiasmo da infância sobre o qual a chama nunca mais se apagou. A verdadeira professora do Jardim de Infância é a artista entre as professoras; ela está repleta de inspiração por seu trabalho e, provavelmente, a maioria dos professores sinceros capta algo de seu fervor, algum senso da beleza da infância e do fascinante deleite do trabalho verdadeiramente educacional.

Requisitos de Uma Pessoa

E, contudo, faço uma *ressalva*. Nosso primeiro cuidado deve ser preservar a individualidade, dar espaço à personalidade das crianças. Entretanto, pessoas não crescem em jardins, muito menos em estufas. Viver em condições cuidadosamente adaptadas às suas necessidades é um benefício duvidoso que alguém pode obter. A dose exata de sol e sombra, poda e adubo, é boa para uma planta cujos usos são subordinados, por assim dizer, às necessidades e prazeres de seu dono. Mas uma *pessoa* que tem outros usos no mundo, e uma mãe ou professora que considera a criança uma planta e se considera a jardineira, só serão preservadas de graves erros pela força da natureza humana existente nelas.

A Natureza Como Uma Educadora

A noção de suplementar a Natureza desde o nascimento da criança é perigosa. A Natureza demanda de nós um pouco de orientação, um pouco de limitação, bastante vigilância reverente; mas, para além disso, é sábio que os pais confiem as crianças tanto quanto possível à Natureza e "a um Poder mais elevado que a própria Natureza".

O Perigo de Desvalorizar a Inteligência das Crianças

Aqueles de nós que já assistiram a um menino de sete anos fazendo *rodas de Catarina* pela rua, ou a um grupo de garotinhas dançando ao som de um realejo, ou a pequenos meninos e meninas à porta brincando de dar aos seus bebês o que Dickens chama de "alimento seco", ou a uma garotinha encarregada por sua mãe de fazer quatro aquisições específicas com seis pences e retornar com o troco — não estão prontos para acreditar que o desenvolvimento físico, mental e moral está aguardando, por assim dizer, o ensino oferecido pelo Jardim de Infância.

De fato, estou inclinada a questionar se, na intenção de implementar um sistema, a encantadora professora do Jardim de Infância não corre o risco, por vezes, de desvalorizar grandemente a inteligência de suas crianças. Conheço uma pessoa de três anos que por acaso foi encontrada sozinha na sala por um visitante. Era primavera, e o visitante pensou em se fazer agradável conversando sobre os lindos "carneirinhos". Mas aquela pessoa solene, com seu par de grandes olhos azuis nele fixados, fez esta solene observação: "Não seria terrível ver um porco morto?" Esperamos que ela nunca tenha visto ou sequer ouvido falar da morte de um porco, mas ela fez um protesto tão eficaz contra uma conversa abobalhada quanto qualquer mulher da Sociedade seria capaz de fazer.

Boers e os Outeiros, Russos e Japoneses, A Ilha do Tesouro, Robinson Crusoe e seu homem Sexta-feira, a luta das Termópilas, Ulisses e os Pretendentes — esses são os tipos de coisas que levam as crianças a brincarem juntas durante semanas; até mesmo crianças de três e quatro anos participarão corajosamente dessas brincadeiras com seus irmãos. E, se as pequenas pessoas tivessem o hábito de dizer como se sentem, aprenderíamos, talvez, que elas ficam bastante entediadas com brincadeiras em que saltam como ovelhas, sacodem suas nadadeiras e giram os dedos como borboletas.

Todos Gostamos de Ser Bem-Humorados

"Mas", protesta o leitor, "as crianças fazem todas essas coisas de forma tão aprazível e alegre no Jardim de Infância!" Há algo de curioso sobre a natureza humana: todos nós gostamos de ser governados por pessoas que se esforçam para tocar nossas amabilidades. Até mesmo um cão pode se tornar um tolo sentimental; e, se nós, que somos mais velhos, temos nossos pontos fracos nesta questão, não é de se admirar que as crianças possam ser persuadidas a fazer qualquer coisa por pessoas que sempre se dirigem a elas agradavelmente. É verdade que "W. V.", a criança que o mundo foi ensinado a amar, cantava suas canções do Jardim de Infância com suas pequenas mãos balançando no "céu azul!", mas fazia isso apenas para deleite e distração dos mais velhos, quando chegava a hora de dormir. Em outros momentos, "W. V." tinha pensamentos muito mais elevados.

As Professoras Mediam Demais

Ainda há, provavelmente, Jardins de Infância onde se vê uma boa dose de linguagem abobalhada nas músicas e histórias, onde a professora imagina que fazer, ela mesma, poemas para as crianças e compor pequenas canções para que elas cantem e pintar quadros para que elas admirem, é cumprir ao máximo a sua função. As crianças podem repetir a queixa de Wordsworth sobre "o mundo" e dizer que "a professora está conosco tempo demais". Tudo é dirigido, presumido, sugerido. Nenhum outro personagem, livro, pintura ou música, nem

mesmo a própria Natureza, pode se aproximar das crianças sem a mediação da professora. Não sobra qualquer espaço para espontaneidade ou iniciação pessoal por parte delas.

Perigo do Magnetismo Pessoal

A maioria de nós é enganada por nossas virtudes, e todo o zelo e entusiasmo da professora do Jardim de Infância é, talvez, a sua pedra de tropeço. "Mas as crianças estão tão felizes e boas!" Precisamente; o ambiente do lar não é de modo algum uma cena de paz quando comparado ao Jardim de Infância, mas me atrevo a pensar que é um melhor lugar de crescimento. Fico feliz em ver que um eminente seguidor de Froebel protesta contra o elemento do magnetismo pessoal na professora; mas há, ou tem havido, uma boa dose desse elemento na professora bem sucedida do Jardim de Infância, e todos nós sabemos como esse tipo de influência nos faz perder o vigor e a individualidade. Mesmo à parte desse elemento de encanto, duvido que a característica auto-adaptável da vida no Jardim de Infância seja boa para as crianças.

'Jardim de Infância' uma Falsa Analogia

O mundo sofreu naquela manhã, quando o feliz nome "Jardim de Infância" se apresentou ao maior dentre os "Pais" educacionais. Sem dúvida, era simples e adequado em sua primeira intenção, significando uma vida de jardim ao ar livre para as crianças; mas, falsas analogias como esta já impediram ou mataram mais de um sistema filosófico — a criança tornou-se uma planta num jardim bem ordenado. A analogia apelou para a mente alemã científica e ordeira, que não aprova muito quaisquer espécies de movimentos irregulares e espontâneos. Cultivo, estímulo adequado, doçura e luz, tornaram-se as principais características de um grande código educacional. Do alpendre até a armação e daí para o canteiro de flores, a pequena planta recebe na devida proporção o que precisa. Ela cresce de maneira graciosa, em fileiras ordenadas; e, na estação apropriada, estende sua flor.

Entretanto, imaginar uma *pessoa* por meio de qualquer tipo de analogia é perigoso e enganoso; não há nada na natureza comensurável a uma pessoa. A analogia da planta de jardim é ainda mais enganosa por ser muito atraente; manifestações de propósito em uma planta são maravilhosas e prazerosas, mas tais manifestações são simplesmente normais quando ocorrem em uma pessoa. A conclusão de qualquer pensamento será, necessariamente, moldada por essa ideia, e ter um jardim cultivado como a base do nosso pensamento educacional insulta o Mestre por supor que as crianças não são nada além de plantas, ou resulta em uma interferência indevida no desenvolvimento espontâneo de um ser humano.

Brincadeiras Maternas Extenuantes Demais Para a Criança

Começo afirmando que as "Brincadeiras Maternas" são uma doce concepção, e a mais amorosamente executada. Mas considere que o bebê está perfeitamente consciente de todos os estados de espírito de sua mãe, seu pequeno rosto se encobre de tristeza ou de alegria em resposta à sua expressão. Os dois juntos desfrutam de excelentes brincadeiras. Ele pula e puxa, grita e ri, rasteja e chuta e gorgoleja de alegria; e, no meio de toda essa brincadeira, a mãe ensina o que ele não pode fazer. As mãos e os pés, as pernas e os braços, os dedos das mãos e dos pés estão se mexendo continuamente enquanto ele está acordado; boca, olhos e ouvidos estão sempre irrequietos. Tudo é brincadeira sem intenção, e a mãe fica tão contente quanto ele nesta atividade. A Natureza se sente calmamente e cuida para que toda a brincadeira seja um verdadeiro trabalho; e todo tipo de desenvolvimento durante os dois primeiros anos da vida de uma criança ocorrem em um índice maior do que em qualquer outro período de sua vida — desenvolvimento suficiente e não excessivo, pois o bebê é um dorminhoco desordenado.

Mas então, vem o educador e oferece um pouco mais. As novas brincadeiras são tão agradáveis e atraentes que o bebê também pode executá-las como faz com seus próprios saltos e tapas descontrolados e desajeitados. Entretanto, o esforço do bebê em seus primeiros

dois anos de vida é o mais pesado que ele conhecerá, e a mãe lhe está acrescentando ainda mais trabalho. Sua empatia por sua mãe é tão aguda que ele percebe algo extenuante na nova brincadeira, apesar de todos os sorrisos e conversas agradáveis; ele responde por meio de esforço, um grande esforço em relação ao seu tamanho. Seus centros nervosos e seu poder cerebral estão sendo indevidamente sobrecarregados, e parte da alegria de viver está sendo tirada dele de modo que, embora a sua resposta infantil à educação direta seja muito encantadora, ele terá menos poder latente sobrando para os futuros apelos da vida.

A Sociedade de Iguais é Muito Estimulante Para Uma Criança

Vamos seguir a pequena pessoa até o Jardim de Infância, onde ela tem o estímulo dos colegas de sua própria idade. Isso é certamente estimulante. Para nós, nenhuma sociedade é tão estimulante quanto a de um número de pessoas de nossa própria idade e posição; esta é a grande alegria da vida universitária; uma alegria saudável para todos os jovens por um tempo limitado. Contudo, pessoas de vinte anos têm, ou deveriam ter, algum comando sobre os seus centros inibidores. Elas são capazes de impedir a dissipação do poder nervoso causado por demasiado estímulo social; no entanto, mesmo as pessoas de vinte anos nem sempre lidam da mesma forma com a tarefa de autogerenciamento em circunstâncias empolgantes.

O que, então, devemos esperar de pessoas de dois, três, quatro e cinco anos? A aparência de apatia da pequena pessoa nesta situação não é garantia contra a excitação interna. O choque e o brilho de nossos iguais de vez em quando fazem bem à saúde; mas, em relação à vida cotidiana, a sociedade mista de idosos, jovens e iguais que desfrutamos em família dá, ao mesmo tempo, mais repouso e mais espaço para o desenvolvimento individual. Todos temos ficado admirados do bom senso, da razoabilidade, da diversão e da desenvoltura mostradas por uma criança em sua própria casa, em comparação com a mesma criança na vida escolar.

O Perigo de Suplantar a Natureza

O perigo espreita no Jardim de Infância na mesma proporção da perfeição e beleza de sua organização. É possível suplementar a Natureza tão habilmente que corremos algum risco de suplantá-la, privando-a de espaço e tempo para fazer o seu próprio trabalho à sua maneira. “Vá e veja o que Tommy está fazendo e diga-lhe que não deve” não é sã doutrina. Tommy deve ser livre para fazer o que quiser com seus membros e sua mente durante todas as horas do dia, desde que esteja se sentando apropriadamente durante as refeições. Ele deve correr e pular, saltar e cair, deitar-se de bruços para ver uma minhoca, ou de costas para observar as abelhas em uma limeira. A Natureza cuidará dele e instigará nele o desejo de conhecer muitas coisas — e alguém precisa lhe contar o ele quiser saber —, e de fazer muitas coisas — e alguém deve estar por perto para corrigi-lo —, e de ser muitas coisas, malvadas e boas — e alguém deve dar-lhe direção.

A Importância da Iniciativa Pessoal

Aqui chegamos ao ponto crucial da questão do Jardim de Infância. A mãe ocupada diz que não tem tempo para ser esse alguém, e a criança correrá solta e adquirirá maus hábitos; mas não devemos fazer do hábito um amuleto; a educação é uma *vida* bem como uma *disciplina*. Saúde, força e agilidade, olhos brilhantes e movimentos atentos, vêm de uma vida de liberdade, ao ar livre se possível, e quanto aos hábitos, não há hábito ou poder tão útil para o homem ou para a mulher como o da iniciativa pessoal. A desenvoltura que habilitará as crianças de uma família a inventarem suas próprias brincadeiras e ocupações ao longo de um dia de verão vale mais para a sua vida futura do que uma boa dose de conhecimento sobre cubos e hexágonos — e ela não resulta da intervenção contínua por parte da mãe, mas de muita inatividade magistral.

Pais e Professores Devem Semear Oportunidades

O erro educacional de nossos dias é que acreditamos demais em mediadores. Entretanto, a Natureza é sua própria mediadora, e compromete-se a encontrar trabalho para a visão e audição, tato e paladar; ela é capaz de incitar o cérebro com enigmas e o coração com sentimentos; e a parte que cabe à mãe ou à professora nos primeiros anos (na verdade, por toda a vida) é semear oportunidades e, então, manter-se em segundo plano, pronta para orientar ou restringir quando isso se faz necessário. As mães se esquivam de seu trabalho e o colocam, como diriam, em mãos melhores do que as suas, porque não percebem que deixar, com sabedoria, as crianças em paz, é sua tarefa principal, visto que toda mãe tem na Natureza uma serva totalmente adequada, que sabe harmonizar o devido trabalho e o devido descanso da mente, dos músculos e dos sentidos.

Em um único sentido as crianças pobres têm melhores oportunidades que as ricas: elas obtêm sua educação a partir da vida doméstica. Mas há uma grande quantidade de ensinamentos a serem tirados de um berçário sabiamente ordenado, e as pequenas pessoas e possessões presentes ali deveriam, como eu disse, fornecer muito treinamento de "Jardim de Infância" para a pequena família em seu lar. Aos seis ou sete anos, devem começar as lições definidas, e estas não precisam ser diluídas nem servidas com geleia para as inteligências agudas que deverão crescer por meio de sua nutrição.

Filhos “Únicos”

“E o que dizer de filhos únicos, ou da criança grande demais para brincar com seu irmãozinho? Certamente, o Jardim de Infância é de grande vantagem para estes!” Talvez sim, mas uma criança da vizinhança como companheira, ou uma jovem cuidadora animada, podem ser melhores. Uma criança terá aprendido sozinha a pintar, colar, cortar papel, tricotar, tecer, martelar e costurar, fazer coisas bonitas em barro e areia, construir castelos com seus blocos; possivelmente também terá aprendido sozinha a ler, escrever e fazer somas, além de incontáveis conhecimentos e noções sobre o mundo em que vive, aos seis ou sete anos. Mas insisto em que ela deve fazer essas coisas por escolha própria (desde que seja encorajada a manter o padrão de perfeição em suas pequenas atividades).

Deve-se Permitir que a Criança Ordene Parte de Sua Vida

Os detalhes da vida familiar lhe darão a paz de uma vida ordenada; mas, quanto ao resto, a criança deveria ter mais tempo de crescimento livre do que a escola mais encantadora é capaz de oferecer. O fato de as lições parecerem brincadeira não as recomenda: elas anseiam pela liberdade e por seu próprio senso de ordem, pertencentes à brincadeira. A maioria de nós tem poucas oportunidades de ordenar as próprias vidas, por isso é importante valorizarmos os anos que a criança pode aproveitar para ganhar essa experiência alegre.

Helen Keller

Creio que o que eu disse sobre desenvolvimento natural em oposição a qualquer sistema cuidadosamente organizado é respaldado por uma contribuição recente, de valor singular, à ciência da educação — refiro-me à autobiografia de Helen Keller.

Quando tinha dezenove meses de idade, Helen teve uma doença grave, motivo pelo qual perdeu a visão e a audição e, conseqüentemente, a fala. Ela nunca recuperou os sentidos perdidos e ali, poderíamos afirmar, estaria uma alma quase inviolavelmente selada, para a qual não haveria nenhuma aproximação, a não ser por meio do único sentido do tato. No entanto, o livro desta senhora, escrito com as suas próprias mãos, sem qualquer auxílio de terceiros (ela usou uma máquina de escrever), praticamente sem necessidade de revisão, deveria ser considerado um clássico pela pureza e fecundidade do estilo, independentemente do interesse vital do conteúdo.

Como tal milagre foi realizado? De sua infância, a própria Helen diz que, salvo algumas impressões, “as sombras de seu cárcere” a envolviam. Contudo, sempre havia rosas pela casa

e ela tinha o sentido do olfato; e havia amor — mas ela ainda não era uma criança amorosa. Quando tinha sete anos, a srta. Sullivan veio até ela. Esta senhora era cega há alguns anos, e esteve no Instituto Perkins, fundado pelo Dr. Howe, que havia libertado a inteligência de Laura Bridgman. Mas a srta. Sullivan não é um mero resultado de qualquer instituição. Ela é uma pessoa de boa sanidade e integridade, confiante em sua iniciativa pessoal, e consciente desde o início de que seu trabalho era libertar a personalidade de sua pequena aluna e de modo algum impor sobre ela a sua própria.

"Foi assim que saí do Egito", diz a srta. Keller sobre a chegada de sua professora, e a voz que ela ouviu do Sinai disse: "Conhecimento é amor, luz e visão"; e então ela prossegue com aquela epopeia surpreendente e envolvente que nos conta como tudo aconteceu — como a palavra "água" foi a chave que abriu as portas da mente da criança, enquanto a palavra amor abriu as portas do coração fechado. Daí em diante, muitas novas palavras surgiram todos os dias com multidões de ideias; e não é exagero dizer que aquela criança aprisionada e desolada foi introduzida a uma herança tão grande de raciocínio e conhecimento, de alegria e visão, como poucos de nós habitantes do mundo da visão e da audição alcançam. O instrumento dessa grande libertação não foi nada além do familiar alfabeto manual, acompanhado no decorrer do tempo por livros em relevo e "Braille".

Srta. Sullivan Sobre os Sistemas de Educação

Como todas as grandes descobertas, esta, de uma alma, foi em todas as etapas, marcada pela simplicidade. A srta. Sullivan tinha pouco amor por psicólogos e todos os seus caminhos; não faria experimentos; não trataria a sua aluna como um fenômeno, mas como uma pessoa. "Não", ela diz, "não quero mais nenhum material de Jardim de Infância... começo a suspeitar de todos os sistemas educacionais elaborados e especiais. Eles me parecem ser construídos com base na suposição de que toda criança é um tipo de idiota que deve ser ensinado a pensar, ao passo que se a criança for deixada em paz, pensará mais e melhor, senão de forma espetacular. Deixe-a ir e vir livremente, tocar em coisas reais e combinar suas impressões sozinha, ao invés de colocá-la sentada dentro de casa diante de uma pequena mesa circular, enquanto uma professora amavelmente sugere que ela construa um muro de pedras com seus blocos de madeira, faça um arco-íris com tiras de papel colorido, ou plante árvores de palha em vasos de flores decorados. Tais ensinamentos enchem a mente com associações artificiais das quais a criança precisa se livrar antes que possa desenvolver ideias independentes a partir de experiências reais". É ótimo ter um estudo da educação como se fosse *novo*, no qual vemos o triunfo da mente, não apenas sobre obstáculos naturais aparentemente insuperáveis, mas sobre o muro antiquado da educação sistematizada — um obstáculo maior a qualquer pobre criança do que os graves defeitos de Helen Keller provaram ser.

O Jardim de Infância nos Estados Unidos

Esta questão do Jardim de Infância como o lugar apropriado para a educação das jovens crianças é tão importante que eu gostaria de recomendar aos pais e professores o exame do assunto contido nos *Special Reports*^[43] publicados pelo Conselho de Educação.

Devemos ir aos Estados Unidos para testemunhar a apoteose da teoria educacional; e me refiro à teoria, ao invés da prática, porque a mente americana, assim como a dos franceses, parece-me severamente lógica, bem como generosamente impulsiva. Surge uma teoria, é liberalmente acolhida e, então, colocada para funcionar com as devidas aplicações em uma escala magnífica para fazer aquilo a que se propõe para a educação da população geral.

Quero dizer que a ciência educacional nos Estados Unidos parece ser dedutiva, ao invés de indutiva; teorias são transformadas em experimentos com zelo e generosidade verdadeiramente imponentes. Uma teoria indutiva da educação é, por outro lado, alcançada por meio de experimentos longos, lentos, variados e laboriosos, que revelam um pouco da verdade universal aqui e ali. Os americanos escolhem, talvez, o caminho mais fácil e, no final, também fazem experimentos *com base em sua teoria*.

O sistema do Jardim de Infância ilustra o que quero dizer; apesar de seu nome de origem alemã, o Jardim de Infância não é um produto comum na sua Pátria; foi na América que as ideias de Froebel receberam o seu maior desenvolvimento, foi ali que o Jardim da Infância se tornou um culto e a grande professora se tornou um profeta. Mas o ímpeto inicial está se

esgotando; de alguma forma, está ficando fraco.

Sr. Thistleton Mark sobre o Jardim de Infância

De acordo com o Sr. Thistleton Mark — cujo competente artigo sobre “Moral Education in American Schools”^[44] oferece conteúdo para uma reflexão muito lucrativa: “Mesmo um fiel seguidor de Froebel é levado a ter uma atitude melhor do que simplesmente reproduzir o grande reformador. A palavra Jardim de Infância não é mais um substantivo próprio que significa sempre e em toda parte a mesma coisa única, singular e idêntica. É um substantivo comum, e como tal, tem garantia de um lugar mais permanente no discurso americano”. Ou seja, o pensamento educacional na América tende para a concepção ampla e natural expressa na frase “a educação é uma vida”. Mas eu gostaria que os educadores desistissem do nome Jardim de Infância. Não posso deixar de pensar que é um pouco difícil para as mentes conscientes colocarem a capa da doutrina e da prática Froebeliana sobre as concepções mais amplas e vivas que estão em uso atualmente. Até mesmo Jardins de Infância com prática aperfeiçoada acabarão sofrendo com a memória e o hábito de fraquezas tais como são apontadas pelo Dr. Stanley Hall, nas seguintes palavras:

Dr. Stanley Hall Sobre o Jardim de Infância

“A nova e mais decadente decolagem intelectual dos Froebelianos americanos é a ênfase dada às brincadeiras maternas como o auge da sabedoria do Jardim de Infância. Tais brincadeiras são elaboradas a partir de poemas de baixíssima qualidade, e músicas e imagens indiferentes, ilustrando certos acontecimentos da vida infantil consideradas de significado fundamental e marcante. Eu li esses materiais em alemão e em inglês, dedilhei a música, e dei um breve curso de palestras a partir de um ponto de vista empático, tentando conferir-lhes todo o significado que podia. Mas sou levado à conclusão de que, se eles não são positivamente prejudiciais e nocivos à criança, e não provocam hábitos intelectuais anticientíficos e não-filosóficos no professor, ainda assim devem ser substituídos por coisas infinitamente melhores disponíveis atualmente”.

“Outro erro cardinal do Jardim de Infância é a intensidade de sua devoção às dádivas e ocupações. Ao conceber tais ideias Froebel mostrou grande perspicácia, mas, ao deixar suas mãos, o esquema se tornou uma expressão muito inadequada de suas ideias educacionais, mesmo para o seu tempo. Ele concebeu uma gramática de brincadeira e um alfabeto de atividades perfeitos e, quanto a isso, estava completamente equivocado. A brincadeira e a atividade eram relativamente pouco desenvolvidas e, embora seus artifícios fossem benéficos para as crianças camponesas do país, ofereciam uma vida muito pálida e irreal dentro dos interesses da cidade moderna”.

Com estas importantes afirmações, devo concluir esta avaliação superficial da importantíssima pergunta: seria o Jardim de Infância o melhor terreno para se treinar uma criança?

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Que episódio infantil é citado na obra de Tolstoi?
2. Por que histórias tais como a de Miss Deland são valiosas?
3. O que devemos a Froebel?
4. O que podemos aprender com o verdadeiro Jardim de Infância?
5. Comente sobre a afirmação: “pessoas não crescem em jardins”.
6. Mostre que devemos dar oportunidade ao trabalho da Natureza na educação.
7. Dê exemplos que mostram a inteligência das crianças.
8. Explique o prazer que as crianças obtêm das brincadeiras do Jardim de Infância.
9. De que maneira as professoras mediam demais?
10. Mostre o perigo do magnetismo pessoal na professora.
11. Explique em detalhes por que o nome “Jardim de Infância” aponta para uma falsa

analogia.

12. O que se pode dizer sobre as “brincadeiras maternas” de Froebel?

13. A sociedade de um grande número de iguais é o melhor tipo de sociedade para uma criança pequena?

14. Mostre os perigos de suplantar a natureza.

15. O que você diria sobre a importância da iniciativa pessoal?

16. De que maneiras os pais e professores devem semear oportunidades?

17. Os filhos “únicos” lucram com o Jardim de Infância?

18. De que maneiras devemos permitir que as crianças ordenem parte de suas vidas?

19. Cite algumas das lições que podemos aprender da autobiografia de Helen Keller.

20. A que conclusões chega a srta. Sullivan, professora de Helen Keller, em relação aos sistemas de educação?

21. Explique o sucesso do Jardim de Infância nos Estados Unidos.

22. Que mudanças o Sr. Thistleton Mark observa?

23. Cite alguns dos comentários do Dr. Stanley Hall.

Capítulo IV - Leitura^[45]

O Tempo Ideal Para se Ensinar a Ler é uma Questão Aberta

Entre as lições a serem usadas como instrumentos de educação, a leitura se apresenta em primeiro lugar, embora esteja aberta à discussão se a criança deve adquirir esta arte inconscientemente, desde os primórdios da infância, ou se o esforço deve ser adiado até que ela tenha, digamos, seis ou sete anos, e depois feito com vigor. Em uma valiosa carta endereçada a seu filho John, temos a maneira que aquela mãe modelo adotou para ensinar seus filhos a ler.

Plano da Sra. Wesley

Ela diz: “Nenhum deles foi ensinado a ler até os cinco anos de idade, exceto Kezzy, em cujo caso eu fui vencida, e ela levou mais anos para aprender do que os demais levaram meses. A forma de ensino era esta: no dia antes de uma criança começar a aprender, eu colocava a casa em ordem, designava a tarefa de cada um, e dava ordens para que ninguém entrasse na sala de estudos das nove horas ao meio dia, ou das duas às cinco, que eram nossas horas escolares. Dava um dia para que a criança aprendesse as letras, e cada uma aprendeu todas elas, maiúsculas e minúsculas, neste período de tempo, exceto Molly e Nancy, que precisaram de um dia e meio para aprenderem as letras perfeitamente, motivo pelo qual considerei-as muito vagarosas, mas pensei isso porque os demais as aprenderam muito prontamente, e seu irmão Samuel, o primeiro a quem ensinei, aprendeu o alfabeto em poucas horas. Ele havia feito cinco anos de idade no dia dez de fevereiro e, no dia seguinte, começamos a estudar, e tão logo ele aprendeu as letras começou a ler o primeiro capítulo de Gênesis. Ensinei-o a soletrar o primeiro versículo, depois a lê-lo repetidamente até poder lê-lo sem hesitação; repetimos o processo com o segundo versículo e o terceiro, etc., até que chegamos a dez versículos em uma mesma lição e ele fez seu trabalho rapidamente. A Páscoa ocorreu mais cedo naquele ano e, ao chegar o Pentecostes, ele já estava conseguindo ler um capítulo inteiro muito bem; pois lia continuamente, e tinha uma memória tão prodigiosa, que não me lembro de ter-lhe dito a mesma palavra mais de uma vez. Era ainda mais peculiar o fato de que ele reconhecia qualquer palavra aprendida onde quer que a encontrasse — tanto em sua Bíblia quanto em qualquer outro livro — o que significa que muito rapidamente ele aprendeu a ler bem um autor inglês.”

É muito desejável que mães atenciosas registrem, com mais frequência, os métodos que empregam com os filhos, com alguma observação definida sobre o sucesso deste ou daquele plano.

Muitas pessoas consideram que aprender a ler um idioma tão cheio de irregularidades e dificuldades como o nosso é uma tarefa que não deve ser imposta cedo demais à mente infantil. Mas, na verdade, poucos de nós conseguimos lembrar como ou quando aprendemos a ler: pois tudo o que sabemos é que aprendemos naturalmente, como a arte de correr; e não apenas isso, mas muitas vezes as mães das classes educadas não sabem como seus filhos aprenderam a ler. “Ah, ele aprendeu sozinho”, é toda a informação que sua mãe pode dar sobre a proficiência do pequeno Dick. Pelo que fica claro que essa impressão da extrema dificuldade de aprender a ler é gerada pelos mais velhos, e não pelas crianças. Não haveria pequenos livros intitulados *Reading Without Tears*^[46], se não se derramassem lágrimas sobre a lição de leitura; mas, na verdade, quando esse é o caso, a culpa recai sobre a professora.

O Alfabeto

Quanto às letras, a criança geralmente as aprende sozinha. Ela tem sua caixa de letras de marfim e escolhe *p* para *pudding*, *b* para *blackbird*, *h* para *horse*, maiúsculas e minúsculas, e

conhece ambas. Mas o ensinar o alfabeto deve ser um meio de cultivar a observação da criança: ela deve ser encorajada a enxergar aquilo que olha. Faça um *B* maiúsculo no ar, e peça para a criança nomeá-lo; então peça-a para fazer um *O* redondo, um *S* encurvado e um *T* de Tommy, e nomeie as letras enquanto o dedinho as forma com movimentos instáveis no ar. Fazer as letras minúsculas, entretanto, de memória é um trabalho mais artístico, e requer uma observação mais cuidadosa por parte da criança. Uma bandeja de areia é útil neste estágio. A criança corre seu dedo corajosamente através da areia e, em seguida, finaliza seu “*D*”; e eis seu primeiro ensaio em fazer uma linha reta e uma curva. Mas os dispositivos para tornar interessante o aprendizado do “*A B C*” são infinitos. Não há motivo para apressar a criança: deixe-a aprender uma forma de cada vez, e conhecê-la tão bem que possa encontrar todos os *d*'s, digamos, maiúsculos e minúsculos, numa página de grandes letras de imprensa. Encoraje-a a dizer *d* para *duck*^[47], *dog*^[48], *doll*^[49], assim: d-uck, d-og, prolongando o som da consoante inicial e, por fim, fazendo apenas o som do *d*, não *dee*, mas *d'*, o mero som da consoante separado tanto quanto possível da vogal seguinte.

Deixe a criança em paz e ela aprenderá o alfabeto por si mesma: mas poucas mães podem resistir ao prazer de ensiná-la; e não há razão para que elas resistam, pois esse tipo de aprendizado não é mais do que brincadeira para a criança, e se o alfabeto for *ensinado* ao pequeno aluno, sua apreciação tanto das formas, quanto do som, será cultivada. Quando a criança deveria começar? A qualquer momento em que sua caixa de letras comece a interessá-la. O bebê de dois anos, muitas vezes, é capaz de nomear meia dúzia de letras; e não há nada contra isso, desde que a descoberta e nomeação das letras seja uma brincadeira para ele. Mas ele não deve ser incitado, obrigado a se exhibir ou provocado a encontrar letras quando o seu coração está em outra brincadeira.

Formando Palavras

Os primeiros exercícios na formação de palavras serão igualmente agradáveis para a criança. Exercícios tratados como uma brincadeira que, contudo, ensinam os poderes das letras, serão melhores do que sentenças reais. Pegue duas letras e faça a sílaba “*at*”^[50]: diga à criança que esta é a palavra que usamos quando dizemos “*at home*”^[51], “*at school*”^[52]. Então, acrescente um *b* à “*at*” — *bat*^[53]; um *c* à “*at*” — *cat*^[54]; *fat*^[55], *hat*^[56], *mat*^[57], *sat*^[58], *rat*^[59], e assim por diante. Primeiro, deixe a criança dizer o que a palavra se torna com cada consoante inicial para “*at*”, a fim de fazer *hat*, *pat*^[60], *cat*. Faça com que todas as sílabas sejam palavras reais conhecidas à criança. Coloque as palavras em ordem e peça à criança que leia cada uma. Faça isso com os sons vocálicos curtos em combinação com cada uma das consoantes, e a criança aprenderá a ler dúzias de palavras de três letras, e dominará os sons das vogais curtas com consoantes iniciais e finais sem esforço. Em pouco tempo, ela fará esta lição por si mesma. “Quantas palavras você pode fazer com “*en*” e mais uma letra? Ou com “*od*” e mais uma letra?, etc. Não a apresse.

Formando Palavras com Vogais Longas, etc.

Quando esse tipo de exercício se torna tão fácil que não for mais interessante, ensine os sons vocálicos longos da mesma maneira: use as mesmas sílabas utilizadas anteriormente acrescentando um *e* ao final. Assim, “*at*” se torna “*ate*”^[61], e obtemos *late*^[62], *pate*^[63], *rate*^[64], etc. A criança pode ser informada de que há um *longo* “*a*” em “*rate*”; e um “*a*” curto em “*rat*”. Ela fará novos conjuntos de palavras com muito mais facilidade, ajudada pela experiência que adquiriu nas lições anteriores.

Então o mesmo tipo de coisa com final “*ng*” — “*ing*”, “*ang*”, “*ong*”, “*ung*”; como em *ring*^[65], *fang*^[66], *long*^[67], *sung*^[68]; inicial “*th*” em como em *then*^[69], *that*^[70]; final “*th*”, como em *with*^[71], *pith*^[72], *hath*^[73], *lath*^[74] e assim por diante, por meio de infinitas combinações que irão surgir. Isto não é leitura, mas prepara o terreno para a leitura; as palavras não serão mais desconhecidas, objetos embaraçosos, quando a criança as encontrar em algum impresso. Exija que ela pronuncie as palavras que produz com tal precisão e distinção que ela mesma possa ouvir e considerar os sons de maneira adequada.

Soletrando Desde o Início

Acostume a criança a fechar os olhos e soletrar a palavra que formou, desde o início. Isso é importante. Ler não é soletrar, nem é necessário soletrar para se ler bem; mas a criança que soletra bem é aquela cujo olho é rápido o suficiente para absorver as letras que compõem uma palavra, no ato de lê-la, e este é um hábito a ser adquirido desde cedo: *acostume-a a ver as letras na palavra, e ela fará isso sem esforço.*

Se as palavras do nosso idioma fossem sempre formadas a partir de um determinado padrão, se a mesma letra sempre representasse os mesmos sons, aprender a ler seria uma tarefa fácil; pois a criança logo adquiriria os poucos elementos dos quais resultariam todas as palavras, nesse caso. Mas muitas de nossas palavras inglesas possuem uma lei própria: não há nada relacionado a ela, por isso a criança precisa aprender a conhecê-las à vista; ela deve reconhecer "*which*"^[75], precisamente como reconhece "*B*", porque já a viu antes, tendo sido encorajada a olhar para ela com interesse, de modo que o padrão da palavra foi estampado em seu cérebro retentivo. Este processo deve caminhar lado a lado com o aprendizado dos poderes das letras, pois quanto mais variedade você puder acrescentar às suas lições de leitura, mais a criança as apreciará. As lições de formação de palavras a ajudarão a se interessar de forma inteligente pelas *palavras*; mas seu progresso na arte da leitura depende principalmente das lições de leitura à vista.

Lendo à Vista

A professora deve se contentar em prosseguir bem devagar, garantindo o chão sob seus pés enquanto caminha. Quero dizer:

"Twinkle, twinkle, little star,
How I wonder what you are"^[76]

É a primeira lição; apenas essas duas linhas. Leia a passagem para a criança, bem devagar e docemente, com uma expressão adequada, para que seja agradável aos ouvidos. Aponte para cada palavra enquanto lê. Em seguida, aponte para "*twinkle*", "*wonder*", "*star*", "*what*", e espere que a criança pronuncie cada palavra do verso, escolhida de forma aleatória; então, quando ela mostrar que já conhece cada uma das palavras por si mesma, e não antes disso, *leia* as duas linhas com enunciação e expressão claras: insista desde o início em leituras claras e belas, e não deixe a criança cair em triste monotonia, não menos agradável a si mesma do que ao seu ouvinte. Claro, a essa altura, ela conseguirá pronunciar as duas linhas; e faça com que ela as leia de forma clara e bela. Em uma próxima lição, ela poderá aprender o resto do pequeno poema.

Lendo Prosa

Neste estágio, suas lições de leitura devem avançar tão devagar quanto necessário para que a criança possa aprender seus exercícios de leitura, tanto em prosa quanto em poesia, como aulas de recitação. Pequenos poemas adequados para serem aprendidos dessa maneira se apresentarão imediatamente; mas talvez a prosa seja melhor, no geral, como oferecendo mais palavras de uso cotidiano, de origem saxônica e de ortografia irregular. Fábulas curtas, e uma prosa bastante graciosa e simples como a que temos em *Parables from Nature*^[77] da Sra. Gatty, e, ainda melhor, nos poemas em prosa da Sra. Barbauld, são muito adequadas. Mesmo para as primeiras lições de leitura, é desnecessário colocar materiais abobalhados nas mãos das crianças.

Mas ainda não terminamos a lição de leitura em "*Twinkle, twinkle little star*". A criança deve procurar ao longo de duas ou três páginas, com um tipo de letra bom e claro, por "*little*", "*star*", "*you*", "*are*", e cada uma das palavras que aprendeu, até que a palavra que conhece olhe para ela como o rosto de um amigo em uma multidão de estranhos, e ela seja capaz de encontrá-la em qualquer lugar. Para que ela não se canse da busca, a professora deve guiá-la, desprevenida, até a linha ou parágrafo onde a palavra procurada aparece. A criança já terá acumulado um pouco de capital; ela conhece oito ou dez palavras tão bem que as reconhecerá

em qualquer lugar, e a lição provavelmente durou apenas dez minutos.

A próxima lição de "leitura à vista" começará com uma busca pelas palavras familiares e, em seguida:

"Up above the world so high,
Like a diamond in the sky,"^[78]

Deve ser passado da mesma maneira. Como a ortografia é simplesmente a arte de *ver*, ver as letras que compõem uma palavra da mesma forma como vemos as características de um rosto, diga à criança: "Você pode soletrar *sky*?", ou qualquer outra palavra curta. Desta forma, a criança é encorajada a mostrar o que já aprendeu, e se ela falhar desta vez, tenha certeza que será capaz de soletrar a palavra quando você perguntar novamente; mas não deixe que ela aprenda a dizer as letras em voz alta ou escrevê-las com a palavra diante de si.

Quanto a entenderem o que leem, as crianças estarão cheias de comentários e perguntas inteligentes e brilhantes, e assumirão esta parte da lição por conta própria; de fato, a professora terá que ficar alerta para não deixar que a conduzam para longe do assunto.

Pronúncia Cuidadosa

As pequenas pessoas provavelmente terão que ser corrigidas em relação à pronúncia. Elas devem reproduzir "*high*", "*sky*", "*like*", "*world*", com delicada precisão; com certeza, elas desejarão se apressar pela palavra "*diamond*", e falar algo como "*di'mond*", assim como reduzirão "*history*"^[79] à "*hist'ry*". Mas aqui está outra vantagem do progresso lento e constante -- a *pronúncia* de cada palavra recebe a devida atenção, e a criança é treinada no hábito da enunciação cuidadosa. Todos os dias aumenta o número de palavras que ela é capaz de ler à vista, e quanto mais palavras ela domina, mais ampla se torna a sua lição de leitura, a fim de arcar com as dez ou doze novas palavras que deve dominar todos os dias.

Um Ano de Trabalho

"Mas que progresso moroso!" você está inclinado a dizer. Não tão lento, afinal de contas: uma criança aprenderá assim, sem muito esforço, de duas a três mil palavras ao longo de um ano; em outras palavras, ela aprenderá a *ler*, pois o domínio desse número de palavras a conduzirá com conforto por meio da maioria dos livros que surgirem em seu caminho.

Método Habitual

Agora, compare o firme progresso e constante interesse e vivacidade de tais lições com o cansaço mortal da aula habitual de leitura. A criança tropeça em uma ou duas páginas em triste monotonia sem expressão, com enunciação imperfeita. Ela chega a uma palavra que não conhece e a soletra; isto não lança qualquer luz sobre o assunto; então, escuta a palavra: ela a repete, mas como não fez nenhum esforço mental para retê-la, da próxima vez que ela a encontrar, o mesmo processo se dará. A lição de leitura daquele dia se encerra. A criança se manteve miseravelmente entediada e não adquiriu sequer uma nova palavra. Eventualmente, ela aprende a ler, de alguma forma, por mera força de repetição; mas considere como um sistema de ensino como este, que faz a criança sofrer diariamente com pouco ou nenhum resultado e ainda lhe faz desgostar dos livros antes mesmo que tenha aprendido a usá-los, é um grande abuso de sua inteligência.

Perguntas Para Uso dos Estudantes

1. Discuta a questão da idade em que as crianças devem aprender a ler.

2. Como a Sra. Wesley ensinou os seus filhos a ler?
3. Dê algumas dicas para ensinar o alfabeto.
4. Como você introduziria uma criança à formação de palavras?
5. Descreva uma lição da formação de palavras com vogais longas, etc.
6. Como as primeiras lições de leitura da criança podem ajudá-la a soletrar?
7. Dê os passos de uma lição de leitura sobre "Twinkle, twinkle, little star".
8. Por que a prosa, em geral, é melhor do que o verso nas primeiras lições?
9. Descreva uma segunda aula de leitura sobre "Twinkle, twinkle, little star".
10. Mostre que o progresso lento e constante tende à enunciação cuidadosa.
11. Mostre o quanto uma criança pode ganhar em um ano de trabalho nessas linhas.
12. Contraste esse progresso constante com a maneira habitual com que as crianças geralmente aprendem a ler.

Capítulo V - A Primeira Lição de Leitura

É tão importante que as crianças sejam ensinadas a ler de maneira racional, que eu introduzirei aqui dois artigos de minha autoria e que foram primeiramente publicados na *Parents' Review*^[80], na esperança de que tornem o método sugerido bastante claro e familiar.

(Conversa Entre Duas Mães)

Mãe 1: Você não quer dizer que passaria a apresentar palavras de três ou quatro sílabas antes que seu filho conhecesse as letras, certo?

Mãe 2: É possível ler palavras sem conhecer o alfabeto, da mesma forma como se conhece um rosto sem analisar suas características isoladamente; mas aprendemos não apenas os nomes, mas também os sons das letras antes de começarmos a ler palavras.

Mãe 1: Nossas crianças aprendem as letras sem nenhum direcionamento. Sempre mantemos por perto uma mesa com uma gaveta rasa, coberta no fundo com um pouco de areia. Antes dos dois anos, os bebês já fazem *O* redondo e *S* encurvado, e o *T* de Tommy, e assim por diante, com pequenos dedos incertos e sujos. As crianças mais velhas ensinam os pequeninos por meio de brincadeira.

Mãe 2: A areia é essencial! Temos vários artifícios, mas nenhum tão bom quanto ela. As crianças amam mexer ali. As linhas engraçadas e trêmulas que o dedinho faz na areia serão, para elas, dez vezes mais interessantes do que as formas que seus olhos veem.

Mãe 1: Mas a leitura! Eu não consigo ir além de três sílabas na primeira lição. É como ensinar valsa a um bebê de doze meses.

Mãe 2: Você diz isso porque esquecemos que um grupo de letras não é mais do que o *sinal* de uma palavra, enquanto uma palavra é apenas o sinal vocal de uma coisa ou de um ato. É assim que a criança aprende. Primeiro, ela adquire a noção de mesa: vê várias mesas, descobre que ela tem pernas pelas quais podemos movê-la, que estão frequentemente cobertas por um tecido que você pode retirar, e nelas há muitas coisas boas e agradáveis para um bebê desfrutar; às vezes, também, você pode derrubar essas coisas da mesa, e elas caem com um estrondo, o que é legal. As pessoas adultas chamam de mesa esta coisa agradável, cheia de muitos itens interessantes; com o passar do tempo, o bebê também dirá "mesa", e a palavra "mesa" significará, de modo vago, tudo isso para ele. "Em torno da mesa", "na mesa" e assim por diante, farão parte de sua própria ideia de "mesa". Da mesma maneira acontece quando a sua mãe canta. Ela diz: "Bebê, cante" e, aos poucos, os conceitos de "cantar", "beijar", "amar", despertam em seu cérebro.

Mãe 1: Sim, estes queridos! E é surpreendente quantas palavras uma criança sabe antes mesmo que possa pronunciá-las; "gatinho", "boneca", "berço", rapidamente transmitem a ela ideias interessantes.

Mãe 2: É exatamente isso. Atraia o interesse da criança à alguma coisa, e ela rapidamente aprenderá seu respectivo *sinal sonoro* -- ou seja, seu nome. Agora, eu defendo que, quando a criança fica um pouco mais velha, ela deve aprender o *sinal estrutural* -- isto é, a palavra escrita -- sobre o mesmo princípio: é muito mais fácil para uma criança ler *plum-pudding*^[81] do que ler "to, to"^[82], porque "plum-pudding" transmite uma ideia muito mais interessante.

Mãe 1: Pode ser assim quando a criança já está lendo palavras de três ou quatro sílabas; mas o que você faria enquanto ela ainda está em palavras de uma sílaba -- na verdade, palavras de duas ou três letras?

Mãe 2: Eu jamais a colocaria para ler palavras de uma sílaba. Quanto maior a palavra, mais impressionante a aparência dela, e, portanto, mais fácil de ler, desde que a ideia que ela transmite seja interessante para uma criança. É triste ver uma criança inteligente labutando sobre uma lição de leitura infinitamente abaixo de sua capacidade - *ath, eth, ith, oth, uth* -- ou, no melhor dos casos, "*The cat sat on the mat*"^[83]. Como é que iríamos gostar de começar a ler alemão, por exemplo, nos fatigando em todas as combinações possíveis de letras, dispostas sem qualquer princípio além da similaridade do som, ou, pior ainda, se nossas leituras fossem graduadas de acordo com o número de letras que cada palavra contém? Nós ficaríamos totalmente perdidos em um nevoeiro sem esperanças diante de uma página de palavras de três letras, todas tristemente iguais às outras, sem características distintivas para que o olho as registre. "Mas a criança? Ah, bem, as crianças são diferentes; sem dúvida é bom que elas

moam neste moinho!" Mas esta é apenas uma das muitas maneiras pelas quais as crianças são desnecessariamente e cruelmente oprimidas!

Mãe 1: Você está assumindo um padrão moral elevado! Mesmo assim, acho que não estou convencida. É muito mais fácil para uma criança soletrar "cat", do que soletrar "plum-pudding".

Mãe 2: "Mas soletrar e ler são *duas* coisas diferentes. Você deve aprender a soletrar para que possa *escrever* palavras, não para que possa *lê-las*. Uma criança está desatenta durante sua aula de leitura e soletra *c-o-u-g-h*, você diz "cough"^[84], e ela repete. Por força de repetição, ela finalmente aprende a associar a aparência da palavra ao seu som, e diz "cough" sem soletrar; e você acha que ela chegou a "cough" por meio de *c-o-u-g-h*. De forma alguma; c o f soletra "cough"!

Mãe 1: Sim, mas "cough" tem um "u" mudo, e um *gh* com o som de *f*. Nesta palavra, admito, há uma grande dificuldade. Se ao menos não houvessem "letras mudas", e se todas as letras tivessem sempre o mesmo som, a leitura seria, de fato, fácil. As pessoas cujos idiomas são fonéticos têm algo a seu favor.

Mãe 2: Você concordaria com o escritor de um artigo de uma importante revista: "Plough"^[85] deveria ser escrito e impresso *plow*; *through*^[86], *thru*; *enough*^[87], *enuf*; *out*^[88], *aut* ou *ort*"; e assim por diante. Tudo isso se origina da ideia equivocada de que, ao lermos, olhamos para as letras que compõem uma palavra, pensamos em seus sons, combinamos e formamos a palavra. Não fazemos nada disso, nós aceitamos uma palavra, escrita ou impressa, simplesmente como *símbolo* de uma palavra que estamos acostumados a dizer. Se a palavra é nova para nós, podemos tentar fazer algo com as letras, mas sabemos tão bem que isso é um tiro no escuro, que temos o cuidado de não dizer a nova palavra até que tenhamos ouvido alguém dizê-la.

Mãe 1: Sim, mas as crianças são diferentes.

Mãe 2: As crianças são iguais a nós, se não melhores. Poderíamos, se quiséssemos, quebrar uma palavra em seus sons, ou juntar alguns sons para formar uma palavra, mas estes são esforços além do alcance das crianças. Em primeiro e último lugar, elas aprendem a conhecer uma palavra por sua aparência, e quanto mais impressionante parecer, mais fácil será reconhecê-la, desde que a palavra impressa seja uma palavra já muito bem conhecida pelos ouvidos e pelos sentidos.

Mãe 1: Ainda não está claro. Que tal me dizer, passo a passo, como você daria sua primeira aula de leitura? Uma ilustração ajudaria muito.

Mãe 2: Muito bem: Bobbie teve sua primeira lição ontem — em seu sexto aniversário. A lição foi parte da comemoração. A propósito, acho que é uma ótima ideia começar um novo estudo com a criança em seu aniversário ou em algum grande dia, pois ela já *começa* considerando o novo estudo um privilégio.

Mãe 1: Isso é um sucesso. Mas continue; Bobbie já conhecia as letras?

Mãe 2: Sim, ele já havia aprendido as letras, como você diz, mas eu tomei o cuidado de não permitir pequenas leituras. Você sabe como Susanna Wesley costumava se retirar para uma sala com a criança que teria sua primeira lição de leitura, e não aparecia novamente por algumas horas, até que a criança sáísse da sala capaz de ler boa parte do primeiro capítulo de Gênesis? Bem, a primeira aula de leitura de Bobbie também foi uma ocasião solene, para a qual havíamos nos preparado por uma ou duas semanas. Em primeiro lugar, comprei uma dúzia de cópias da "History of Cock Robin"^[89] — a letra em negrito era boa, mas as fotos nós recortamos porque eram ruins.

Então fizemos um dia de colagem com as crianças — colando as folhas em papel comum de desenho, seis voltadas para baixo e seis voltadas para cima; de modo que agora nós tínhamos seis cópias completas, e não doze.

Então, cortamos *apenas a primeira página*, de todas as seis cópias, linha por linha e palavra por palavra. Reunimos as palavras e as colocamos em uma caixa, e nossos preparativos estavam completos.

Agora, voltando à lição. Bobbie e eu nos fechamos sozinhos na sala da manhã. Eu sempre uso um quadro negro para ensinar as crianças. Escreve em boa letra de imprensa:

Cock Robin

Bobbie assiste com maior interesse porque conhece as letras. Eu digo, apontando para a palavra, "cock robin", e ele repete. Em seguida, as palavras na caixa são embaralhadas sobre a mesa, e ele encontra meia dúzia de "cock robin" com grande facilidade.

Fazemos a mesma coisa com "sparrow"^[90], "arrow"^[91], "said"^[92], "killed"^[93], "who"^[94] e assim por diante, até que todas as palavras do verso tenham sido aprendidas. As palavras no quadro-negro vão formando uma coluna, que Bobbie lê de trás para frente e de frente para trás, e de todas as maneiras, exceto da forma como elas estão dispostas no verso.

Então Bobbie organiza as palavras soltas em colunas como a que está no quadro e, depois,

em colunas que ele mesmo elabora, lendo-as.

Em seguida, como o clímax de sua alegria (a lição inteira foi uma delícia!), ao meu comando, ao organizar as palavras em forma de verso, ele encontra entre as palavras soltas:

“Who killed Cock Robin
I, said the sparrow
With my bow and arrow
I killed Cock Robin”^[95]

Por último, Bobbie tem o prazer de ler o verso a partir da minha cópia que não foi recortada, e ele o lê de frente para trás e *de trás para frente*. Enquanto viver, ele conhecerá essas doze palavras.

Mãe 1: Sem dúvida foi uma lição agradável; mas, pense em todo o trabalho de cortar e colar!

Mãe 2: Sim, isso é um problema. Eu gostaria que alguma editora nos providenciasse isso — rimas infantis, em boas letras em negrito, com caixas de palavras soltas a serem reorganizadas, uma caixa ou divisão específica para cada página, a fim de que a criança não seja confundida com a grande quantidade de palavras para procurar. O ponto é que ela deve *ver*, e *olhar*, a nova palavra muitas vezes, de modo que a forma da palavra fique impressa em seu cérebro.

Mãe 1: Entendo, mas se Bobbie só é capaz de ler “Cock Robin”, então ele não tem poder geral de leitura.

Mãe 2: Pelo contrário, ele lerá essas doze palavras onde quer que as encontre. Suponha que ele aprenda dez palavras por dia, em meio ano terá pelo menos seiscentas palavras; ele saberá como ler um pouco.

Mãe 1: Excelente, mas isso supondo que seus filhos *gravem na memória* tudo o que aprenderam. Ao final de uma semana, os meus se lembrariam de “Cock Robin”, talvez, mas o resto já teria se perdido!

Mãe 2: Oh, mas nós preservamos o que já obtemos! Quando dominamos as palavras do segundo verso, Bobbie percorre o primeiro verso novamente, nomeando palavras aqui e ali na medida em que aponto para elas. Isso leva menos de um minuto, e garantimos o chão sob nossos pés.

Mãe 1: A primeira lição deve ter sido longa, não é?

Mãe 2: Lamento dizer que durou meia hora. O interesse de Bob me levou a ir mais longe do que eu deveria.

Mãe 1: Isso tudo soa muito atraente — uma espécie de brincadeira —, mas não posso ficar satisfeita com o fato de uma criança aprender a ler sem conhecer os poderes das letras. Vemos constantemente crianças soletrando palavras para si mesmas e depois pronunciando-a; isso é ainda melhor quando aprenderam cuidadosamente os sons das letras — não meramente seus nomes.

Mãe 2: Naturalmente, pois embora muitas das nossas palavras em inglês possuam uma lei própria, outras oferecem uma chave para um grupo inteiro, pois *arrow* nos dá *sp-arrow*, *m-arrow*^[96], *h-arrow*^[97]. Mas alternamos um dia para leitura e um dia para formação de palavras — dessa maneira, garantimos variedade e, portanto, o interesse alegre, que é o verdadeiro segredo do sucesso.

Capítulo VI – Leitura à Vista e ao Som

Aprender a Ler é Um Trabalho Árduo

Provavelmente, esse vago universo que chamamos de Educação não oferece tarefa mais difícil e repulsiva do que aquela que é (ou deveria ser) aplicada a toda criança — a tarefa de aprender a ler. Compreendemos a sua dificuldade quando vemos algum homem adulto se propondo a um esforço heróico na intenção de remediar a sua ignorância vergonhosa, mas esquecemos como é contrário à Natureza que uma criança pequena se ocupe com tristes hieróglifos — todos tão terrivelmente semelhantes! — quando o mundo está repleto de objetos interessantes aos quais ela anseia conhecer. Mas não podemos dispensar nosso volátil Tommy desta tarefa, nem é bom para ele que o façamos. É extremamente necessário que ele saiba como ler; e não apenas isso — a disciplina da tarefa é totalmente benéfica para o pequeno homem. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que aprender a ler é, para muitas crianças, um trabalho árduo, e vamos fazer o que pudermos para tornar essa tarefa mais fácil e convidativa.

Conhecimento de Símbolos Arbitrários

Em primeiro lugar, tenhamos em mente que a leitura não é uma ciência, nem uma arte. Mesmo se fosse, as crianças ainda deveriam ser consideradas em primeiro lugar pelo educador; mas não é. Aprender a ler não é mais do que aprender, da forma como pudermos, um conhecimento de certos símbolos arbitrários para objetos e ideias. Não há absolutamente quaisquer "passos" certos e necessários para a leitura, com algum encadeamento; não há começo, meio ou fim verdadeiros. Pois os símbolos arbitrários que devemos conhecer a fim de ler não são *letras*, e sim *palavras*. A título de ilustração, considere as delicadas diferenças de som representadas pela letra 'o' na frase anterior:

"For the arbitrary symbols we must know in order to read are not letters, but words."

Analisar e classificar os sons de "o" em "for", "symbols", "know", "order", "to", "not", e "words" é um estudo curioso, não especialmente útil, para um filólogo, mas laborioso e inadequado para uma criança. É hora de encararmos o fato de que as letras que compõem uma palavra em inglês estão cheias de interesse filológico, e que, com o tempo, o estudo delas será uma valiosa parte da educação; mas, enquanto isso, o som e o sinal representado pela letra estão tão frouxamente casados em inglês, que basear o ensino da leitura apenas nos sons das letras é submeter a criança a muito trabalho analítico e muita confusão mental, devido às irregularidades do idioma; além disso, a tarefa acaba por submetê-la a uma pequena dificuldade moral quando utiliza qualquer um dos "sons" que aprendeu na pronúncia de uma letra de determinada palavra.

De forma definitiva, o que é que propomos ao ensinar uma criança a ler?

(a) Que ela deve conhecer à vista em torno de mil palavras;

(b) Que ela deve ser capaz de produzir novas palavras com os elementos daquelas que já conhece.

Faça com que a criança aprenda dez novas palavras por dia, e, em vinte semanas, ela será capaz de ler, sem qualquer questionamento quanto ao número de letras em cada palavra.

Para a segunda e menos importante etapa de nossa tarefa, a criança deve conhecer os sons das letras e adquirir poder para utilizar determinados sons em novas combinações.

O que queremos é uma ponte entre os interesses naturais da criança e aqueles símbolos arbitrários com os quais ela deve se familiarizar e que, como vimos, são palavras, e não letras.

Estes Símbolos Devem Ser Interessantes

A criança se ocupa de coisas, não de palavras; seu poder analítico é muito pequeno, sua faculdade de observação é extremamente rápida e perspicaz; nada lhe é pequeno demais —

ela consegue enxergar até o olho de uma mosca; nada lhe é complexo demais — ela se deleita com enigmas. Mas ela só aprende a conhecer pela observação aquilo que a interessa. Aqui temos a chave para a leitura. Nenhuma combinação de letras sem sentido, *cla*, *cle*, *cli*, *clo*, *clu*, ou *ath*, *eth*, *ith*, *oth*, *uth*, deveria ser-lhe apresentada. A criança deveria ser ensinada desde o início a considerar a palavra impressa da mesma forma como já considera a palavra falada: como o símbolo de algum fato ou ideia de grande interesse. Isso torna a leitura de “robin redbreast”^[98] e “buttercups and daisies”^[99] bastante fácil; o número de letras nas palavras não importa; as palavras, por si mesmas, transmitem ideias tão interessantes que a forma geral e a aparência delas se fixam no cérebro da criança pela mesma lei da associação de ideias que facilita a relação entre objetos e seus nomes falados. Tendo conseguido unir firmemente a palavra à ideia que ela transmite, a criança usará seu conhecimento dos sons das letras para inventar outras palavras contendo os mesmos elementos com grande interesse. Quando tiver aprendido “butter” ela estará pronta para formar “mutter”^[100] ao trocar o *b* pelo *m*.

A Primeira Lição de Tommy

Mas o exemplo é melhor que o preceito e mais convincente do que o mais sensato raciocínio. Este é o tipo de lição de leitura que temos em vista. Tommy conhece as letras pelo nome e pelo som, mas não sabe nada além disso. Hoje, ele será lançado em meio à leitura, sem quaisquer “passos”, porque a leitura não é uma arte nem uma ciência e, provavelmente, não tem um começo definido. Tommy deverá aprender a ler hoje.

“I like little pussy,
Her coat is so warm”^[101]

E ele deve conhecer essas nove palavras tão bem que seja capaz de lê-las onde quer que elas ocorram daqui em diante e para sempre.

“Oh, sim”, diz o leitor, “como na lição do ‘Cock Robin’; admitindo que este princípio seja sólido — e há muito a ser dito de ambos os lados da questão — mas admitindo isso, quem no mundo conseguiria passar por todo aquele processo de corte e colagem e pela bagunça geral preparatória para a grande lição? Não, o método dos livros pode ser apenas o segundo melhor, mas livros que já vêm com as lições prontas são suficientes para mim. Eu não tenho tempo para fabricar meus próprios instrumentos.”

Devo reconhecer que os recortes e colagens eram bastante difíceis de manusear, mas a lição serviu ao seu propósito porque encorajou uma boa amiga da educação a preparar uma deliciosa caixa “*Little Pussy*”^[102] para nós, com palavras soltas, boas letras grandes, e apenas dois versos em cada saquinho. Quem quer que aprenda “*Little Pussy*” da forma como deveria ser aprendido conhecerá pelo menos cem palavras — o que não é um estoque inapropriado para um iniciante —, e todas elas palavras boas e úteis que utilizamos diariamente. Há apenas uma objeção: contrações como “*I’ll*” são feias no melhor dos casos, e espero que nas lições de palavras baseadas em “*Little Pussy*” sejam escolhidos fragmentos nos quais essa falha seja evitada.

Passos

E agora podemos começar:

Material: A caixa de letras soltas de Tommy, a nova caixa “*Little Pussy*”, lápis e papel, ou muito melhor, quadro negro e giz. Nós escrevemos “*Pussy*” em boa e grande letra de imprensa. Tommy observa com interesse: ele conhece as letras e provavelmente as diz enquanto escrevemos. Além disso, ele já está preparado para este grande evento de sua vida; ele sabe que vai começar a aprender a ler hoje. Mas ainda não exigimos dele qualquer conhecimento prévio. Nós simplesmente lhe dizemos que a palavra é “*pussy*”. Isso gera interesse. Ele conhece tal coisa, *pussy*, e o símbolo escrito é agradável aos seus olhos porque está associado a uma ideia existente em sua mente. Ele é encorajado a olhar a palavra “*pussy*” até que tenha certeza de que a conhece. Então, ele escreve “*pussy*” de memória com suas próprias letras soltas. Então a sacolinha contendo nossos dois versos em palavras soltas é virada, e ele encontra a palavra “*pussy*”; e, finalmente, a pequena folha com o poema impresso é revelada a ele, e ele encontra “*pussy*” novamente, mas ainda não está autorizado a

descobrir a ordem da rima. "Coat, little, like, is her, warm, I, so", são ensinados da mesma maneira, em menos tempo do que estou levando para descrever a lição. A cada nova palavra aprendida, Tommy faz uma coluna com as palavras anteriores no quadro negro e as lê de baixo para cima e de cima para baixo e de forma cruzada.

Lendo Frases

Agora ele conhece as palavras, mas ainda não pode ler frases. Avancemos para o deleite da leitura. Ele encontra, ao nosso ditado, entre suas palavras soltas, "pussy - is - warm"^[103], coloca-as em ordem de "leitura", uma após a outra, e lê a frase em seguida. Ele se alegra como alguém que descobriu um novo planeta! E Tommy, de fato, descobriu um novo poeta. Então, "her-little-coat-is-warm"^[104], "Pussy-is-so-little"^[105], "I-like-pussy"^[106], "Pussy-is-little-like-her-coat"^[107] e assim por diante por mais uma dúzia de pequenos arranjos. Se a rima puder ser mantida em segredo até o final do trabalho, muito melhor. Escrever os versos com suas próprias palavras soltas dará a Tommy uma sensação tão deliciosa de que conhecimento é poder, como poucas ocasiões em sua vida futura lhe possibilitarão. De qualquer forma, a leitura é um deleite para ele a partir de agora, e um gerenciamento extremamente ruim será, de fato, necessário para fazê-lo odiá-la.

A Segunda Lição de Tommy

Tommy promete a si mesmo outra lição de leitura no dia seguinte, mas ao invés disso, ele tem uma lição de ortografia, conduzida da seguinte maneira:

Ele faz a palavra "coat" com as letras, de memória, se possível; caso contrário, com a palavra-molde. Ele dirá "coat" lentamente; enfatize o som do c. "Tire c, e o que nos resta?" Com uma pequena ajuda, você obterá dele a palavra "oat". "Como você faria "boat"^[108] (diga a palavra bem devagar, enfatizando o som do b)?" Ele conhece os sons das letras e diz prontamente; *b-oat*; *fl-oat*^[109], dois sons adicionados, que você o leva a descobrir; *g-oat*^[110], ele lhe dará *g* e apreciará a nova palavra; *m-oat*^[111], ele facilmente saberá que é o som do *m*; uma pequena conversa sobre *moat*; as outras palavras são familiares demais para precisar de explicação. Tommy, sem dúvida, dirá "*note*"^[112] e deveremos levantar clara objeção, dizendo: "Não, *note* é escrito com outras letras"; mas não lhe diremos agora que outras letras são essas. Assim, ele começará a aprender de forma casual e bastante gradual, que diferentes grupos de letras podem representar os mesmos sons. Mas não pediremos que ele generalize; apenas evidenciaremos o fato de que *n-oat* não soletra o símbolo que expressamos por "*note*". "*Stoat*"^[113] — ele será capaz de dar os sons das letras iniciais, e novamente, a ideia da palavra exigirá uma pequena conversa por ser outra palavra interessante. Ele fez um grupo de palavras com suas letras, e lá estão elas no quadro negro em uma coluna, assim:

c-oat
m-oat
g-oat
fl-oat
st-oat
b-oat

Ele lê a coluna de baixo para cima e de cima para baixo e de forma cruzada; cada palavra tem um significado e carrega uma ideia. Então, a sacolinha contendo as palavras soltas que ele conhece é virada, e nós ditamos novas frases, que ele organiza: "*I-like-her-goat*"^[114], "*her-little-stoat-is-warm*"^[115], e assim por diante, formando novas palavras com letras soltas.

Palavras Desconhecidas

Passamos, então, para uma nova experiência. Nós ditamos "*pussy in the boat*"^[116]. Consternação! Tommy não conhece "*in*", nem "*the*". "Enumere as palavras que você não conhece; elas logo aparecerão em nossas lições". Agora, Tommy tem um desejo e uma

necessidade — isto é, um apetite pelo aprendizado.

Como Combinações Têm Sons Diferentes

Nós vamos lidar com as demais palavras da mesma maneira — “little”^[117] forma *brittle*^[118], *tittle*^[119], *skittle*^[120]; *pussy*, *is*, *I*, e *her*, não formam novas palavras. *Like* forma *mike*^[121] e *pike*^[122]. “So” forma *no*, *do* (o ‘dó’ musical), e *lo*! A partir de “warm” obtemos *arm*^[123], *harm*^[124], *charm*^[125], *barm*^[126], *alarm*^[127]. Então, nós pronunciamos *warm* da mesma forma que *arm*; Tommy percebe que tal pronúncia é errada e vulgar, e vê que todas essas palavras soam como “arm”, mas nenhuma delas como *warm* — isto é, ele vê que o mesmo grupo de letras nem sempre precisa ter o mesmo som. Mas não pedimos que ele tome nota deste novo conhecimento; nós o deixamos crescer dentro dele gradualmente, a partir de muitas experiências.

A esta altura, ele tem dezoito novas palavras no quadro negro para formar frases com as nove palavras soltas de “pussy”. “Her skittle is little”^[128], “her charm is brittle”^[129], “her arm is warm”^[130], e assim por diante. Mas tomamos cuidado de fazer frases com sentido. A frase “her goat is brittle”^[131], é “boba” e não deve ser cogitada. As novas palavras de Tommy são escritas em seu “caderno de anotações” em letras de fôrma, para que ele possa manter um estoque de suas posses no curso das palavras.

Treinamento Moral em Lições de Leitura

No dia seguinte, faremos os dois últimos versos da estrofe, da mesma forma como fizemos os primeiros. Estes versos quase não fornecem material para uma aula de ortografia, então, em nossa próxima lição, continuamos com os versos seguintes. Mas nosso estoque de palavras está crescendo; somos capazes, à medida que prosseguimos, de fazer um número quase ilimitado de pequenas frases. Se tivermos que enumerar palavras de vez em quando, ora, isso apenas estimula nosso apetite por conhecimento.

Quando Tommy tiver finalizado o seu trabalho com o poema “Little Pussy”, ele terá um grande estoque de palavras e considerável poder para atingir novas palavras através de combinações familiares; além disso, ele concluiu a tarefa com êxito e agora possui coragem para atingir todo “aprendizado” e a sensação de que resultados deleitosos estão ao seu alcance. Ademais, ele está aprendendo a ler de uma forma que lhe proporciona certo treinamento moral. Desde o início, não há trejeitos ou hesitação, mas atenção iluminada e execução perfeita. Sua lição de leitura é um deleite, do qual ele é privado quando chega à aula com um humor preguiçoso e arrastado. Insiste-se em enunciação perfeita e precisão, e quando ele começa a organizar a pequena rima através de suas palavras soltas e lê-la (a mais deleitosa de todas as lições), sua leitura deve ser uma recitação perfeita e acabada. Rimas de berçário espirituosas compõem o melhor material para tais lições de leitura. Acredito que esta é uma maneira comum e prática de ensinar a ler em inglês. Pode ser proveitoso para a pequena criança alemã trabalhar com todas as monótonas combinações de letras possíveis antes que seja autorizada a ter qualquer alegria na “leitura”, porque, onde quer que ocorram essas combinações, elas terão os sons que a criança aprendeu desta forma laboriosa. O fato de o inglês ser anômalo no que diz respeito à conexão entre sinal e som, felizmente nos exonera de impor essa triste rotina às crianças. É desejável que “Tommy” não comece a “ler” até que sua inteligência seja equivalente ao esforço exigido por essas lições. Mesmo assim, pode ser útil dividir uma lição em duas, ou em meia dúzia, conforme ele seja capaz de acompanhar.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Por que aprender a ler é um trabalho árduo?
2. Quais são os símbolos que as crianças devem aprender?
3. O que nós definitivamente propomos ao ensinar uma criança a ler?
4. Os símbolos que ela aprende podem ser interessantes?
5. Descreva os passos de uma lição sobre “I like little Pussy”.

6. Como Tommy aprende a ler frases?
7. Descreva a primeira aula de ortografia de Tommy.
8. Como você lidaria com o fato de que combinações semelhantes têm sons diferentes?
9. Mostre que a lição de leitura deve proporcionar treinamento moral a uma criança.

Capítulo VII – Recitação

"A Arte Infantil"

Sobre este assunto, não posso fazer melhor do que referir ao leitor a *Recitation*^[132] do Sr. Arthur Burrell. Este livro se propõe a ser um manual para professores de escolas primárias. Eu desejo que possa ser amplamente usado por tais professores, e que também se torne um manual de família; embora muitas das lições não serão exigidas em lares educados. Dificilmente, há um "assunto" tão educativo e tão elevado como aquele que o sr. Burrell foi feliz em descrever como "A Arte Infantil". Recitar é algo próprio às crianças; é um dom recluso esperando por sua liberdade, como Ariel espera ser liberta de seu lamento. Neste ponderado e metódico volume, somos possuídos por encantamentos apropriados. Quando utilizados devidamente e sem rigidez, fazem até mesmo a criança mais comum se aproximar de um artista infantil, uma fada delicada, que te fará rir e te fará chorar. Não foi o grande senhor Walter que "se agitou de um lado a outro, soluçando", ao ouvir sua pequena "Pet" recitando as palavras abaixo?

"Pois sou doente e suscetível a temores,
Oprimida pelo mal, portanto, cheia de temores;
Uma viúva, sem marido, sujeita a temores;
Uma mulher que evidentemente nasceu para os temores"

Marjorie Fleming foi, com certeza, uma criança genial; mas neste livro do sr. Burrell descobrimos por quais passos cuidadosamente graduados uma criança que não é genial, nem é sequer nascida de pais cultos, pode aprender a agradável arte de falar de forma bela e perfeita; contudo, este é apenas o primeiro passo na aquisição d' "A Arte Infantil". A criança deve falar belos pensamentos de forma tão bela, com tão delicada interpretação de cada *nuance*^[133] de significado, que se torne ao ouvinte o intérprete do pensamento do autor. Agora, considere que apreciação, que empatia, que poder de expressão isso implica, e você admitirá que "A Arte Infantil" é, como disse Steele sobre a companhia de sua esposa, "uma educação liberal em si mesma". Tal objeção pode surgir: "As crianças são como papagaios! Dizem uma coisa da mesma forma como a ouviram; quanto a preocuparem-se em 'apreciar' e 'interpretar', não fazem nada disso!" Isto é bastante verdadeiro em se tratando do estilo de recitação "Meu nome é Norval", mas ao longo deste volume, a criança é levada a encontrar a exata expressão do pensamento por si mesma; a pobre professora nunca é autorizada a definir um padrão — "diga isso como eu digo". As ideias são apropriadamente mantidas ao alcance da criança, e a expressão lhe é própria. Ela é apanhada com astúcia: a sua própria desobediência é posta em serviço, pois encontra uma dúzia de maneiras de dizer "não vou", da mesma forma, é habilmente conduzida até o ponto de se expressar e, então, ela se expressa para a sua própria surpresa e prazer.

Os fragmentos dispostos no livro para recitação são um tesouro de novas alegrias. 'Winken, Blinken, and Nod,' 'Miss Lilywhite's Party', e 'The Two Kittens' vão compelir qualquer criança a recitar. Faça o teste com um fragmento, utilizando as sinalizações e sugestões do autor, e você descobrirá que há tanta diferença entre o resultado obtido e a leitura comum em voz alta, quanto há em uma composição musical tocada com e sem as marcas de expressão do compositor.

Espero que meus leitores treinem seus filhos na arte da recitação; em dias futuros, muito mais até do que em nossos próprios, será conveniente que todo homem e mulher educados possam falar efetivamente em público e, ao aprender a recitar, você aprende a falar.

Memorizar

A recitação e o empenho da memória não são necessariamente a mesma coisa, e é bom guarnecer a memória de uma criança com uma boa dose de poesia, aprendida sem grande esforço. Há alguns anos, por acaso, visitei uma casa, cuja dona tinha suas próprias noções educacionais sobre as quais criava uma sobrinha. Ela me presenteou com uma grande folha de papel almaço totalmente escrita com títulos de poemas, alguns deles longos e difíceis: *Tintern*

Abbey^[134], por exemplo. Ela me disse que sua sobrinha poderia repetir para mim qualquer um dos poemas que eu desejasse, e que ela nunca havia aprendido um único verso por treino de memorização em sua vida. A menina repetiu vários poemas daquela lista, de forma muito bela e sem hesitação; e então, a dama revelou o seu segredo. Ela cria que havia feito uma descoberta, e eu concordo que sim. Ela lia um poema inteiro para a sua sobrinha; então, no dia seguinte, enquanto a menina estava fazendo um vestido de boneca, talvez, ela o lia novamente; mais uma vez no dia seguinte, enquanto o seu cabelo era penteado. Ela fazia cerca de seis ou mais leituras, de acordo com o tamanho do poema, em momentos incomuns e inesperados e, ao final, a sua sobrinha E. conseguia dizer o poema *sem tê-lo aprendido*.

Eu testei o plano muitas vezes, desde então, e o considerei eficaz. A criança não deve tentar recordar ou dizer o verso novamente a si mesma, mas, tanto quanto possível, exibir uma mente aberta para receber impressões de interesse. Meia dúzia de repetições deveria dar às crianças a posse de poemas como "*Dolly and Dick*"^[135], "*Do you ask what the birds say?*"^[136], "*Little lamb, who made thee?*"^[137] e outros semelhantes a esses. Os lucros de tal método de aprendizagem são que a agudeza do prazer da criança não é suprimida pelas cansativas repetições verso por verso, e, além disso, o hábito de fazer imagens mentais é formado de forma inconsciente.

Lembro-me de ter discutido esse assunto com a falecida senhorita Anna Swanwick em alguma conexão com Browning, da qual não me recordo, mas, no decorrer da conversa, aconteceu um incidente extremamente curioso. Uma senhora, sobrinha de Miss Swanwick, disse que, depois de uma longa doença, durante a qual ela ficou acamada, leu "*Lycidas*" como forma de tratamento inicial para si mesma como convalescente. Ela ficou surpresa ao encontrar-se no dia seguinte repetindo para si mesma longas passagens. Então tentou o poema inteiro e descobriu que podia dizê-lo integralmente, como resultado dessa única leitura, pois não havia aprendido o poema antes de sua doença, nem o havia lido com atenção especial. Ela estava muito feliz com o tesouro que havia encontrado, e para testar seus poderes, leu toda a obra "*Paradise Lost*"^[138], livro por livro, e com o mesmo resultado — ela podia repetir livro por livro, depois de uma única leitura! Ela se enriqueceu adquirindo outros tesouros durante sua convalescença; mas quando a saúde voltou, e sua mente ficou preocupada com muitos interesses, ela descobriu que não tinha mais esse poder surpreendente. É possível que a mente desimpedida de uma criança seja tão livre para obter e tão forte para manter belas imagens vestidas em belas palavras quanto a daquela dama durante sua convalescença. Mas, deixe-me dizer novamente que todo esforço desse tipo, embora inconsciente, implica em desgaste da substância cerebral. Deixe que a criança permaneça em pousio até completar seis anos, e então, nessa questão de memorização, como em outras, faça pequenos avanços, e garanta que os poemas que a criança aprenda sejam simples e dentro do alcance de seu próprio pensamento e imaginação. Ao mesmo tempo, com tantas poesias nobres dentro do alcance de uma criança, seria uma pena que ela tivesse permissão para aprender poesias abobalhadas!

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. O que devemos visar ao ensinar as crianças a recitar?
2. Como devemos proceder?
3. O que devemos evitar?
4. Por que podemos esperar sucesso?
5. Faça distinção entre recitar e memorizar.
6. Mostre que as crianças têm uma capacidade natural de memorizar.
7. Como você as ensinaria a memorizar um poema?

Capítulo VIII – Leitura Para Crianças Mais Velhas

No ensino da leitura, assim como nos outros assuntos, *c'est le premier pas qui cte*.^[139] A criança que foi ensinada a ler com cuidado e deliberação até que tenha dominado as palavras de um vocabulário limitado, geralmente faz o resto por si mesma. Seus professores devem focar sua atenção em dois pontos: que ela adquira o hábito da leitura e que não caia em hábitos desleixados de leitura.

O Hábito da Leitura

O defeito mais comum e monstruoso na educação de nossos dias é que as crianças não adquirem o hábito da leitura. O conhecimento lhes é transmitido por meio de lições e falatórios, mas o hábito estudioso de usar os livros como um meio de interesse e deleite não é adquirido. Esse hábito deve ser iniciado precocemente; tão logo a criança consiga ler, ela deve ler por si mesma, e silenciosamente, história, lendas, contos de fadas e outros assuntos apropriados.

Ela deve ser treinada desde o início a pensar que uma única leitura de qualquer lição é o suficiente para permitir que ela narre o que leu e, assim, obtenha o hábito de uma leitura lenta, cuidadosa e inteligente, mesmo quando silenciosa, porque lê com os olhos voltados para o significado pleno de cada frase.

Leitura Em Voz Alta

A criança também deve praticar ler em voz alta a maior parte dos livros que está usando para os trabalhos de seu período escolar. Isto deve incluir uma boa dose de poesia, para que ela se acostume à delicada execução das nuances de significado e, especialmente, para torná-la consciente de que as palavras são belas em si mesmas, uma fonte de prazer e dignas de nossa honra; e que uma bela palavra merece ser lindamente pronunciada, com certa clareza de tom e precisão de elocução. Crianças muito pequenas também estão abertas a esse tipo de ensino, sendo transmitido não em uma aula, mas por meio de alguma palavra, de vez em quando.

Limitação

Neste contexto, o professor não deve confiar em estabelecer, por assim dizer, uma cópia na leitura para a imitação das crianças. Elas imitariam com bastante prontidão, apreendendo truques de ênfase e ação de forma divertida; mas estes são meros truques, uma aparência de inteligência. A criança deve expressar o que *ela* sente ser a intenção do autor; e esse tipo de leitura inteligente resulta apenas do hábito de ler com entendimento.

Lendo Para as Crianças

Para os adultos, ler em voz alta para as crianças trata-se de um deleite, mas isso deve ser apenas um divertimento e indulgência ocasionais permitidos antes de dormir, por exemplo. Devemos nos lembrar da inércia natural da mente de uma criança: forme na criança o hábito de ter seu livro lido, e ela irá firmemente evitar o esforço de ler por si mesma; de fato, todos nós gostamos de receber na boca nossa carne intelectual, se não fosse assim, deveríamos ler e pensar mais por nós mesmos e estar menos ansiosos para correr atrás de palestras.

Perguntas Sobre o Conteúdo

Quando uma criança está lendo, não deve ser questionada sobre o significado do que leu, sobre o significado dessa ou daquela palavra, pois o que é irritante para os adultos é igualmente irritante para as crianças. Além disso, não é de grande importância que elas sejam capazes de dar o significado de cada palavra que lêem. A criança só chegará a um conhecimento de significados, isto é, a um vocabulário amplo e correto, de uma forma: pelo hábito da leitura. Uma criança inconscientemente obtém o significado de uma nova palavra a partir do contexto, se não da primeira vez que a encontra, então da segunda ou da terceira vez: mas ela está à espreita, e descobrirá por si mesma o sentido de qualquer expressão que não compreende. Perguntas dirigidas sobre o conteúdo que uma criança leu são sempre um erro. Deixe-a *narrar* tudo ou alguma parte do que leu. Ela aprecia esse tipo de reprodução consecutiva, mas abomina todas as perguntas de natureza enigmática. Se deve haver enigmas, que seja a criança a perguntar, e o professor se contente em lhe dirigir a resposta. Perguntas que levem a conteúdos paralelos ou a uma visão pessoal são permitidas porque interessam às crianças — "O que você teria feito no lugar dele?"

Os Livros das Lições

Uma criança não começou a sua educação até que tenha adquirido o hábito de ler silenciosamente, com interesse e prazer, livros inteiros, ao nível de sua inteligência. Quero falar agora sobre os livros de suas lições, que são todos muito propensos a serem escritos em um insuportável estilo abobalhado, provavelmente porque são escritos por pessoas que nunca tiveram a oportunidade de conhecer uma criança. Todos que conhecem as crianças sabem que elas não falam de forma abobalhada e não gostam disso, e preferem aquilo que agrada à sua compreensão. Os livros de suas lições devem oferecer conteúdo para a sua leitura, seja em voz alta ou silenciosamente; portanto, devem ser escritos com poder literário. Quanto ao conteúdo desses livros, lembremo-nos de que as crianças podem compreender ideias e princípios, quer sejam morais ou mecânicos, tão rápida e claramente quanto nós (talvez até mais); mas processos detalhados, listas e resumos, embotam a agudeza da mente delicada de uma criança. Portanto, a seleção de seus primeiros livros de lições é um assunto de grande importância, porque cabe a eles dar às crianças a ideia de que o conhecimento é extremamente atraente e que a leitura é deliciosa. Uma vez instalado em uma criança o hábito de ler os livros de suas lições com prazer, sua educação estará — não concluída, mas — assegurada; ela continuará por si mesma, a despeito dos obstáculos que a escola muito comumente lança em seu caminho.

Hábitos Desleixados: Desatenção

Já falei da importância de uma única leitura. Se uma criança não é capaz de narrar o que leu uma única vez, não permita que ela alimente a ideia de que pode ou deve fazer a leitura novamente. Um olhar de leve pesar pela lacuna que se forma em seu conhecimento irá condená-lo. O poder da leitura com atenção perfeita não será obtido pela criança que é autorizada a ficar no mundo da lua durante as suas lições. Por essa razão, as lições de leitura devem ser curtas; dez ou quinze minutos de atenção fixa é suficiente para crianças das idades que temos em vista, e uma lição desse tamanho permitirá que uma criança percorra duas ou três páginas de seu livro. A mesma regra quanto à duração se aplica a crianças para as quais as lições devem ser lidas porque ainda não são capazes de ler por si mesmas.

Enunciação Descuidada

É importante que, ao ler em voz alta, as crianças façam o devido uso dos órgãos vocais e, por essa razão, uma aula de leitura deve ser antecedida por dois ou três exercícios

respiratórios simples, como, por exemplo, uma inspiração longa com lábios fechados e uma expiração lenta com a boca aberta. Se uma criança lê pelo nariz, é bom consultar um médico; uma operação para adenóides pode ser necessária, a qual raramente é angustiante e deve ser realizada enquanto as crianças são jovens. É necessário se precaver contra a pronúncia provincial e a enunciação desleixada. A prática dos sons vocálicos puros, e o respeito pelas palavras, o qual impedirá que sejam pronunciadas de maneira arrastada, deve curar esses defeitos. A propósito, crianças pequenas comumente enunciam de forma bela, porque a aquisição de uma nova e grande palavra é algo que elas apreciam e aproveitam ao máximo; devemos direcionar nossos esforços para fazer com que as crianças mais velhas tenham apreço pelas palavras.

O hábito de "prestar atenção às pausas" resulta da leitura inteligente. O entendimento de uma criança sobre a passagem o conduzirá à pontuação adequada.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. A quais pontos a professora deve prestar atenção?
2. Qual é o defeito mais comum e monstruoso na educação de nossos dias?
3. Como podemos corrigir esse defeito?
4. Que pontos exigem atenção quando a criança está lendo em voz alta?
5. O que a professora deve ter o cuidado de evitar?
6. O que se deve dizer a favor e contra a leitura para as crianças?
7. As crianças devem ser questionadas sobre o significado do que lêem?
8. Por que não?
9. Sugira um teste melhor de sua inteligência.
10. Por que a seleção dos livros das lições iniciais de uma criança é de tão grande importância?
11. Que regra geral deve ajudar em sua escolha?
12. Como a atenção das crianças pode ser obtida durante uma lição de leitura?
13. Dê duas ou três dicas em relação à pronúncia cuidadosa.

Capítulo IX - A Arte da Narração

Crianças Narram Por Natureza

Narrar é uma *arte*, como fazer poesia ou pintar, porque está ali, na mente de toda criança, esperando para ser descoberta, e não é o resultado de nenhum processo de educação disciplinar. Um decreto criativo a chama à existência. "Narre"; e a criança narra fluentemente, copiosamente, em sequência ordenada, com detalhes gráficos e precisos, com uma escolha justa de palavras, sem verbosidade ou tautologia, tão logo consiga falar com facilidade.

Este dom incrível com o qual as crianças normais nascem pode permanecer sem cultivo em sua educação. Bobbie volta para casa com uma narrativa heróica de uma briga que ele assistiu entre "Duke" e um cachorro na rua. É maravilhoso! Ele viu tudo e conta tudo com vigor esplêndido em verdadeira veia épica; mas o nosso desprezo pelas crianças é tão arraigado que não vemos nada nisso, a não ser o jeito tolo e infantil de Bobbie! Ao passo que aqui está o plano base de sua educação, se tivermos olhos para enxergar e graça para edificar.

Até que ele tenha seis anos, deixe que Bobbie narre apenas quando e o que ele tiver interesse. Ele não deve ser chamado para *contar* nada. Será este o segredo das longas conversas estranhas entre criaturas de dois, quatro e cinco anos as quais nos divertimos observando? É possível que elas narrem enquanto ainda são inarticuladas, e que outra pessoa inarticulada as compreenda? Elas nos testam, pobres e prezados anciãos, e nós respondemos "Sim, É claro!" "Você acha?" ao balbucio de cujo significado não temos compreensão. Seja como for, não temos garantia do que se passa na obscura região "abaixo de dois anos". Mas, espere até que o rapazinho tenha palavras e ele "contará" a sua história infinitas vezes a quem quer que a escute, mas, por opção, a seus próprios pares.

Este Poder Deve Ser Usado na Educação Delas

Que possamos fazer uso dos bens divinamente fornecidos. Quando a criança tiver seis anos, não antes disso, peça-a que narre o conto de fadas que lhe foi lido, capítulo por capítulo, depois de os ter escutado uma única vez; os relatos bíblicos lidos para ela diretamente da Bíblia; a história de animais bem escrita; ou tudo sobre outras terras de algum volume como *The World At Home*^[140]. O menino de sete anos de idade terá começado a ler por si mesmo, mas ainda deverá obter a maior parte de sua nutrição intelectual por meio da audição, certamente, mas de leituras feitas a partir de livros. Geografia, esboços da história antiga, *Robinson Crusoe*, *O Peregrino*, *Tanglewood Tales*^[141], *Heroes of Asgard*^[142] e muitos outros de mesmo calibre, devem ocupar a criança até os oito anos. Os pontos a serem levados em conta são que a criança não deve ter um livro que não seja um clássico infantil; e que, dado o livro certo, este não deve ser diluído com conversa ou interrompido com perguntas, mas oferecido à criança em proporções adequadas, como carne saudável para sua mente, na total confiança de que a mente de uma criança é capaz de lidar com a comida que lhe é apropriada.

A criança de oito ou nove anos é capaz de lidar com material de conhecimento mais sério; mas nosso interesse no momento é naquilo que crianças com menos de nove anos podem narrar.

O Método da Lição

Em todos os casos, a leitura deve ser consecutiva de um livro bem escolhido. Antes que a leitura do dia comece, a professora deve falar um pouco (e fazer as crianças falarem) sobre a última lição, com algumas poucas palavras sobre o que está para ser lido, a fim de que as crianças possam ser animadas pela expectativa; mas deve tomar cuidado para não explicar e, principalmente, não antecipar a narrativa. Então, ela pode ler duas ou três páginas, o suficiente para incluir um episódio; depois disso, deve convidar as crianças a narrar — em

turnos, se houver várias delas. Elas não apenas narram com espírito e precisão, como também são bem sucedidas em captar o estilo de seu autor. Não é sábio provocá-las com correções; elas podem começar com uma cadeia interminável de "e's", mas rapidamente deixarão isso de lado, e suas narrações se tornarão suficientemente boas em estilo e composição para serem colocadas em um "livro impresso"!

Esse tipo de lição de narração não deve ocupar mais do que um quarto de hora.

O livro deve ser sempre profundamente interessante, e quando a narração terminar, deve haver uma pequena conversa sobre quais pontos morais foram destacados, elaboração de desenhos que ilustrem a lição ou de diagramas no quadro negro. Tão logo as crianças possam ler com facilidade e fluência, elas devem ler suas próprias lições, em voz alta ou silenciosamente, com vistas à narração; mas nos livros em que é necessário fazer omissões, como nas narrativas do Velho Testamento e em *Vidas* de Plutarco, por exemplo, é melhor que a professora sempre leia a lição que deve ser narrada.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Prove, a partir de sua própria observação, que as crianças narram por natureza.
2. Como esse poder deve ser utilizado em sua educação?
3. Que pontos devem ser considerados em relação às narrações de uma criança?
4. Descreva o método de uma lição.

Capítulo X - Escrita

Execução Perfeita

Posso oferecer apenas algumas dicas sobre o ensino da *escrita*, embora muito possa ser dito. Primeiro, faça com que a criança execute algo *perfeitamente* em todas as lições — um traçado reto, um traçado em gancho, uma letra. Faça com que a lição de escrita seja curta; ela não deve durar mais do que cinco ou dez minutos. A facilidade na escrita vem por meio da prática; mas isso deve ser assegurado posteriormente. Nesse meio tempo, o principal a ser evitado é o hábito do trabalho descuidado (*m's* arrastados e *o's* angulosos).

Letras de Imprensa

Mas a criança deve saber escrever em letra de imprensa antes de começar a escrever em letra cursiva. Em primeiro lugar, faça com que ela pratique escrever em letra de imprensa as letras maiúsculas mais simples, com uma única curva e com linhas retas. Quando ela já souber fazer em tamanho grande as letras maiúsculas, com alguma firmeza e decisão, poderá passar para as letras de imprensa minúsculas — como no tipo que chamamos de 'itálico', só que vertical —, tão simples quanto possível, e em tamanho grande.

Passos do Ensino

O traçado reto deve ser aprendido primeiro; e então, o traçado em gancho; depois, as letras que têm o traçado em gancho como base — *n, m, v, w, r, h, p, y*; em seguida, *o*, e as letras que tem a curva como base — *a, c, g, e, x, s, q*; então as letras que têm laços e as irregulares — *b, l, f, t*, etc. É necessário que uma letra seja escrita de forma perfeita em um dia, e no dia seguinte, as mesmas formas elementares sejam repetidas em outra letra, até que se tornem familiares. Na medida em que for fazendo tais cópias, três ou quatro letras já aprendidas pela criança devem ser agrupadas em uma palavra — "*man*"^[143], "*aunt*"^[144]; a lição passará a ser a produção da palavra escrita *uma única vez* sem a menor falha em qualquer letra. Nesse estágio, o giz e a lousa são melhores do que a caneta e o papel, pois é bom que a criança apague várias vezes até que seu próprio olho esteja satisfeito com a palavra ou a letra que escreveu.

Em relação aos estágios seguintes, pouco precisa ser dito. Assegure-se de que a criança comece fazendo letras perfeitas, nunca permitindo que as faça com defeitos, e ela fará o resto por si mesma. Quanto a uma "boa mão", não apresse-a; sua "caligrafia" se desenvolverá aos poucos a partir de seu caráter; mas enquanto criança, não se pode dizer, estritamente falando, que ela tenha um caráter.

Coloque boas cópias diante da criança e garanta que ela imite aquele modelo devidamente: a lição de escrita não deve ser de muitas linhas, ou de uma página inteira, mas de uma única linha que seja uma cópia tão exata quanto possível dos caracteres estabelecidos. A criança pode ter que escrever várias linhas antes de conseguir produzir esse resultado.

Letra Cursiva

Se ela escrever em livros com títulos em chapas de cobre (que, como via de regra, devem ser evitados), deve-se exercer discriminação na sua escolha; em muitas delas, a escrita é atroz, e as letras são adornadas com floreios que aumentam o trabalho do aluno, mas de modo algum melhoram o seu estilo. Uma palavra mais: não apresse a criança a escrever em letra pequena; e é desnecessário que ela trabalhe por muito tempo com letras muito grandes, mas a

criança deve fazer letras cursivas de um tamanho médio até que as faça com facilidade. É muito mais fácil para a criança passar a um garrancho irregular ao utilizar uma letra pequena do que se livrar disso. Nisto, como em tudo o mais, o cuidado do educador consiste não apenas na formação de bons hábitos, mas na prevenção dos maus.

Uma Nova Caligrafia

Alguns anos atrás, ouvi falar de uma senhora que estava elaborando, por meio do estudo de antigos manuscritos italianos e outros, um "sistema de bela caligrafia" que podia ser ensinado às crianças. Esperei pacientemente, embora não sem urgência, pela produção desse novo tipo de "caderno de cópia". A necessidade de tal esforço era enorme, pois a escrita distintamente comum ensinada a partir dos cadernos de cópia existentes, por mais meticolosos e legíveis, não pode deixar de ter um efeito bastante vulgarizante tanto no escritor, quanto no leitor de tal manuscrito. Por fim, a senhora Robert Bridges, teve sucesso em sua tediosa e difícil tarefa, e este livro para professores lhes permitirá ensinar a seus alunos um estilo de escrita que é agradável de se adquirir porque é bonito de se ver. É surpreendente a rapidez com que as crianças pequenas, mesmo aquelas já confirmadas na escrita "feia", adotam essa "nova caligrafia". Mas o propósito da Sra. Bridges em *A New Handwriting*^[145] será melhor entendido por algumas passagens citadas, com sua permissão, em seu prefácio:

"As dez placas que a acompanham destinam-se principalmente àqueles que ensinam escrita: algumas palavras, tanto de defesa como de explicação, são necessárias para introduzi-las. Eu sempre fui interessada em caligrafia, e depois de me familiarizar com o gótico italianizado do século XVI, alterei conscientemente a minha caligrafia para alguma semelhança com suas formas e caráter geral. Tendo aquele modelo de letra interessado a muitos, várias pessoas me solicitaram a fazer alfabetos e cópias, e professores profissionais me imploraram que publicasse um livro como este para que pudessem usar em suas escolas. Nunca ficamos suficientemente satisfeitos quando elaboramos modelos para que outros possam copiar, mas estas placas estão de acordo com o que eu pretendia, ainda que, devido à minha inexperiência, algumas delas tenham sofrido na reprodução..."

"Uma criança deve primeiramente aprender a controlar a sua mão e constrangê-la a obedecer seus olhos; nesse estágio inicial, qualquer forma simples servirá ao propósito; e, portanto, pode-se argumentar ainda que as formas são sempre indiferentes, e que o pleno domínio da mão pode ser obtido tanto por meio da cópia de maus modelos, quanto de bons; mas isso dificilmente é verdadeiro: o caderno comum, cujo objetivo parece ser economizar as partes componentes das letras, não pode treinar a mão como as formas mais variadas fazem; além disso, essa uniformidade, extirpada de beleza, não pode oferecer um bom treinamento para os olhos. Ademais, devo dizer que variedade e beleza de forma são atraentes, até mesmo para crianças pequenas, e que a tentativa de criar algo que lhes interessa, congratula e coroa seus espantosos esforços com um prazer que não pode ser encontrado na tarefa de copiar formas monótonas. Contudo, se uma caligrafia tal como esta aqui mostrada se presta, tão facilmente quanto o modelo mais uniforme, ao desenvolvimento de uma rápida e útil letra cursiva, não sei informar; e é possível que as degradações, inevitáveis no hábito da escrita rápida, possam produzir garranchos que são uma verdadeira desonra para a arte de escrever. Algumas das melhores caligrafias inglesas do presente são tão boas e rápidas quanto se pode desejar, e mostram pontos de verdadeira beleza; mas tais mãos são raras e são apenas aquelas que têm, como dizemos, caráter; o que provavelmente significa que o escritor teria feito bem por si mesmo sob qualquer sistema: enquanto a caligrafia da média da população, que é o resultado natural da escrita no antigo caderno de cópia, degradadas pela pressa, parecem dever sua fealdade comum ao tipo medíocre do qual se originaram; e os escritores, quando têm oportunidade de escrever bem, descobrem que não podem fazer muito melhor, e só provam que a pressa não foi a causa real de sua má escrita."

Como Utilizar

O método de utilização da *Caligrafia* da Sra. Bridges, que consideramos o mais eficaz, consiste em praticar na lousa cada forma encontrada na placa, para, mais tarde, utilizar o lápis, e ainda mais tarde, a caneta e a tinta. Aos poucos, as crianças serão promovidas a transcrever pequenos poemas, e assim por diante, neste roteiro muito agradável. Cabeçalhos

definidos devem ser evitados, pois as crianças não conseguem usar as formas dos cabeçalhos em seus textos comuns. Algumas vezes, surge a objeção de que essa caligrafia elaborada e bela irá interferir negativamente no desenvolvimento de uma “mão” característica, mas parece-me que ter um padrão de beleza, em vez de um padrão comum para a caligrafia é um grande ganho.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Como você evitaria o hábito do trabalho descuidado?
2. O que a criança deve fazer antes de começar a escrever em letra cursiva?
3. Quais passos devem ser seguidos no ensino da escrita?
4. O que dizer dos cabeçalhos das placas de cobre?
5. Por que as crianças devem praticar a letra cursiva em um tamanho médio?
6. Quais os argumentos desenvolvidos em favor de uma bela caligrafia?
7. O que dizer de um padrão de beleza para a caligrafia?
8. Sugira uma forma de utilizar *A New Handwriting*.

Capítulo XI – Transcrição

Valor da Transcrição

A primeira prática de escrita direcionada a crianças de sete ou oito anos não deve ser a escrita de letras ou ditados, mas um trabalho de transcrição lento e bonito, para o qual deve-se preferir *A New Handwriting*, embora talvez alguns dos caracteres mais ornamentados possam ser omitidos com certa vantagem.

A transcrição deveria ser uma introdução à arte da ortografia. As crianças deveriam ser encorajadas a olhar para a palavra, ver a sua imagem com os olhos fechados e, depois, escrevê-la de memória.

As Crianças Devem Transcrever Suas Passagens Favoritas

Pode-se acrescentar a esse exercício um certo senso de posse e deleite, ao permitir-se que as crianças escolham o seu verso favorito em um ou outro poema para transcrever. Isso é melhor do que escrever um poema favorito por inteiro — exercício que enfada as pequenas pessoas antes que esteja terminado. Mas, um livro de sua própria autoria, composto pelos seus próprios versos selecionados, lhes dará prazer.

Letra Cursiva Pequena — Linhas Duplas Pautadas

A princípio, deve-se usar linhas duplas payoutadas para a letra cursiva pequena, pois as crianças são propensas a escrever com uma letra demasiadamente pequena e, uma vez que tenham caído nesse hábito, não será fácil obter uma boa escrita. Um senso de beleza em sua própria escrita e nas linhas que copiam deve conduzi-las com deleite a essa etapa de seu trabalho. Não mais de dez ou quinze minutos devem ser dedicados às primeiras lições de escrita. Se forem mais longas do que isso, as crianças ficarão cansadas e desleixadas.

Posição Para a Escrita

Quanto à posição para a escrita, as crianças devem sentar-se de modo que a luz incida sobre elas pela esquerda, e a escrivaninha ou mesa deve estar a uma altura confortável.

Seria um grande ganho se as crianças aprendessem desde o início a segurar a caneta entre o primeiro e o segundo dedos, firmando-a com o polegar. Esta posição evita a tensão desconfortável nos músculos causada pela maneira usual de se segurar uma caneta — uma tensão que causará câibra no escritor em dias subsequentes, quando houver muito trabalho a ser feito. A caneta deve ser mantida em uma posição confortável, preferencialmente próxima ao ponto, os dedos e o polegar relativamente dobrados, e a mão repousando sobre o papel. O escritor também deve ter permissão para se apoiar com a mão esquerda no papel, e deve escrever em uma posição confortável, com a cabeça inclinada, mas não com o corpo encurvado. Seria desnecessário dizer que a parte plana da ponta da caneta deve ser usada se as crianças não tiverem o feliz talento de fazer detalhes com a ponta inclinada. Em todas as lições de escrita, o quadro negro deve ser usado livremente pela professora e pelas crianças para fins de modelo e prática.

Escrivaninhas

As melhores escrivaninhas que conheço são aquelas recomendadas pelo Dr. Roth: individuais, que podem ser erguidas ou rebaixadas, movidas para trás ou para frente, com assento, encosto acolchoado, e apoio para os pés. Pode haver outras tão boas quanto essas e até melhores no mercado, mas essas me parecem responder a todos os propósitos.

Mesa Infantil

Para crianças pequenas, é uma boa ideia ter uma mesa de altura exata, feita pelo carpinteiro da casa: a parte superior da mesa composta por duas chapas com dobradiças, que abrem-se no meio e revelam uma espécie de “caixa” no espaço que é frequentemente usado como gaveta, com o próprio tampo da mesa servindo de tampa para a “caixa”. Tal receptáculo para os livros infantis, materiais de escrita, etc., pode ser mantido organizado por elas mesmas com mais facilidade do que uma gaveta ou caixa comum.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Mostre a utilidade da transcrição em um momento anterior à escrita de ditados.
2. O que as crianças devem transcrever?
3. Como a transcrição deve ajudar as crianças a terem uma boa ortografia?
4. Por que letras cursivas e linha dupla pautada devem ser usadas?
5. Descreva a posição correta para a escrita.
6. Como as crianças devem segurar suas canetas?
7. Quais são as características de uma boa escrivaninha?
8. Descreva uma mesa escolar para crianças pequenas.

Capítulo XII – Ortografia e Ditado

De todos os exercícios prejudiciais em que as crianças gastam suas horas escolares, o ditado, como comumente praticado, é talvez o mais danoso; e isso, porque as pessoas são lentas para entender que não há qualquer parte do trabalho escolar de uma criança isento de algum princípio filosófico subjacente.

Uma Causa Fértil da Má Ortografia

A prática habitual é que o professor dite uma passagem, cláusula por cláusula, repetindo cada cláusula, talvez, três ou quatro vezes, de acordo com as inúmeras solicitações dos alunos. Cada linha tem um, dois ou talvez três erros de ortografia. O professor consciencioso corrige os erros com sua caneta, ou solenemente os sublinha com tinta vermelha. As crianças os corrigem de várias maneiras; às vezes elas trocam de cadernos entre si, e cada uma corrige os erros de outra, copiando a palavra do livro ou do quadro negro. Alguns professores ignorantes ainda fazem com que as crianças copiem o seu próprio erro, juntamente com a correção, que é escrita por três ou quatro vezes, aprendida e soletrada para o professor e ele ainda se espanta com a pura perversidade que faz com que os mesmos erros sejam repetidos tantas vezes, apesar de todos esses esforços minuciosos.

A Fundamentação da Ortografia

Mas o fato é que o dom da ortografia depende do poder que o olho possui para “capturar” (num sentido fotográfico) a imagem detalhada de uma palavra; e este é um poder e hábito que deve ser cultivado nas crianças desde o começo. Quando tiverem lido a palavra “gato”, devem ser encorajadas a ver a palavra com os olhos fechados, e o mesmo hábito lhes capacitará a formar a imagem de “Termópilas”. Essa pintura das palavras na retina parece ser o único caminho real para a ortografia; um erro, uma vez cometido e corrigido, levará a uma dúvida temerosa para o resto da vida, sobre qual é o caminho errado e qual é o certo. A maioria de nós é assombrada por alguma dúvida sobre se ‘balance’^[146], por exemplo, deveria ter um ‘l’ ou dois; e a dúvida nasce de uma correção. Uma vez que o olho vê uma palavra errada, essa imagem permanece; e se há também a imagem da palavra com a ortografia correta, ficamos confusos sobre qual é qual. Percebemos agora por que não poderia haver uma maneira mais engenhosa de produzir crianças com ortografia ruim do que o “ditado”, como é comumente ensinado. Toda palavra mal escrita está em imagem no cérebro da criança e não será apagada pela ortografia correta. Torna-se, portanto, tarefa da professora evitar a ortografia incorreta e, se algum erro for cometido, ocultá-lo, por assim dizer, para que aquela impressão não seja fixada na mente da criança.

Passos de Uma Lição de Ditado

As lições de ditado, conduzidas de maneira tal como se segue, geralmente resultam em boa ortografia. Uma criança de oito ou nove anos prepara um parágrafo, crianças mais velhas podem preparar uma, duas ou três páginas. A criança prepara sozinha, olhando para a palavra de cuja escrita não tem certeza e depois enxergando-a com os olhos fechados. Antes de começar, a professora pergunta quais palavras ela acha que precisarão de sua atenção. A criança geralmente sabe, mas a professora pode apontar qualquer palavra apta a ser causa de tropeço. A criança dirá à professora quando estiver preparada. A professora perguntará se há alguma palavra de cuja escrita ela não tem certeza. Então, colocará, uma por uma, no quadro-negro, deixando que a criança olhe até que tenha uma imagem e depois apaga a palavra. Se alguma criança ainda estiver em dúvida, deve ser convidada a colocar a palavra de que não tem certeza no quadro, e a professora ficará atenta para apagar a palavra quando qualquer

letra equivocada começar a aparecer, e novamente ajudando a criança a obter uma imagem mental. Então, a professora dará o ditado, cláusula por cláusula, cada cláusula repetida uma única vez. Ela dita dando a devida atenção à pontuação, a qual as crianças devem colocar enquanto escrevem; mas não devem ser informadas de 'vírgula', 'ponto-e-vírgula', etc. Depois do tipo de preparação que descrevi, que leva dez minutos ou menos, raramente há um erro na ortografia. Se houver, a professora fará bem em estar a postos com papel timbrado para colocar sobre a palavra errada, a fim de que a sua imagem seja apagada o máximo possível. No final da lição, a criança deve novamente estudar a palavra errada em seu livro até que diga que tem certeza de sua escrita, e deve escrevê-la corretamente sobre o papel.

Uma lição desse tipo assegura a cooperação sincera das crianças, que sentem que dão sua devida participação; e também as prepara para a segunda condição da boa ortografia, que é — muita leitura combinada ao hábito de se imaginar as palavras à medida em que são lidas.

O analfabetismo ortográfico geralmente é um sinal de pouca leitura; mas, às vezes, de uma leitura apressada, sem o hábito de se *enxergar* as palavras com atenção, que acabam passando sem a devida atenção.

A ortografia não deve ser perdida de vista nos outros estudos das crianças, embora elas não devam ser importunadas a soletrar. É bom escrever um nome próprio e difícil, por exemplo, no quadro-negro durante as leituras de história ou geografia, apagando a palavra quando as crianças dizem que conseguem vê-la com os olhos fechados. Todo o segredo da ortografia reside no hábito de visualizar palavras de memória, e as crianças devem ser treinadas a visualizar no decorrer de sua leitura. Elas se deleitam nessa forma de aprender ortografia.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Mostre como o ditado pode ser causa da má ortografia.
2. Qual é a fundamentação da ortografia?
3. Quais são os passos de uma lição de ditado da forma como deveria acontecer?
4. Mostre claramente qual princípio está envolvido.
5. Quais são as duas causas do analfabetismo ortográfico?

Capítulo XIII – Redação

O Ensaio de George Osborne

“O Reverendo Llawence Veal, tutor de George, era uma pessoa prodigiosamente versada e agradável! Ele sabe *todas as coisas*”, disse Amélia. “Ele diz que não há qualquer lugar na advocacia ou no senado ao qual George não poderia aspirar. Veja aqui”, e ela foi até a gaveta do piano e pegou um tema de redação de George. Esse grande esforço genial, que ainda está na posse da mãe de George, é o seguinte:

Do Egoísmo

“De todos os vícios que degradam o caráter humano, o egoísmo é o mais odioso e desprezível. Um amor indevido pelo Eu leva aos mais monstruosos crimes e ocasiona os maiores infortúnios, tanto nos *Estados*, quanto nas *famílias*. Assim como um homem egoísta empobrece a sua família e frequentemente os leva à ruína, um rei egoísta arruína o seu povo e frequentemente os afunda em guerras. Exemplo: O egoísmo de Aquiles, como observou o poeta Homero, ocasionou milhares de problemas aos gregos — μυρι’ Ἀχαιοῖς ἀλγε’ ἐθηκέ (Homero, *Ilíada*, A.2). O egoísmo do falecido Napoleão Bonaparte ocasionou inumeráveis guerras na Europa, e fez com que ele próprio perecesse em uma ilha miserável — a de Santa Helena, no Oceano Atlântico.

Vemos, por esses exemplos, que não devemos consultar o nosso próprio interesse e ambição, mas considerar os interesses dos outros, tal como consideramos os nossos.

GEORGE S. OSBORNE

Athene House, 24 de abril de 1827.”

“Pense nele escrevendo com tal habilidade e citando o grego também, naquela idade” (George tinha 10 anos) — disse a sua mãe, satisfeita.

E a Sra. George Sedley certamente pode ficar satisfeita. Não exultariam também muitas mães com tal esforço literário em nossos dias? Do que Thackeray estaria escarnecendo? Ou ele, na verdade, classificaria este pequeno “texto” como um *tour de force* ^[147]?

Uma Futilidade Educacional

Creio que Thackeray, esse grande professor de moral, põe em cheque, aqui, uma futilidade educacional comumente praticada, e uma falácia educacional aceita mesmo no século XX. Essa futilidade é a tentativa de extrair uma redação original dos estudantes: a função adequada da mente do jovem estudante é coletar material para as generalizações da vida futura; quando uma criança é solicitada a generalizar, isto é, a escrever um ensaio sobre algum tema abstrato, está sendo vítima de um erro duplo. Ao ser solicitada a fazer o que lhe é impossível, ela está sendo posta diante de um muro de pedra, e isso é desanimador. Mas um dano moral ainda pior acontece quando ela, não tendo nenhum pensamento próprio a oferecer sobre o assunto, reúne máximas de senso comum que lhe surgem e oferece tal conjunto como sendo a sua “redação”: um esforço que impõe pressão sobre a sua consciência e, ao mesmo tempo, desperta a sua vaidade. Atualmente, os professores não intervêm conscientemente no trabalho de seus alunos da forma como fazia o professor “prodigiosamente versado e agradável” que educou George Osborne. Mas, talvez, sem perceber, eles dêem as ideias que o estudante astuto aproveitará para “encaixar” no seu “ensaio”. Às vezes, os professores vão além, ensinando deliberadamente as crianças a “construir frases” e a “unir sentenças”.

Lições de Redação

Aqui está uma série de exercícios preliminares (ou melhor, uma parte de uma série de 40 itens) com a intenção de ajudar a criança a escrever um ensaio sobre “Um guarda-chuva”, de um livro atual de uma de nossas melhores editoras:

Passo I

1. O que você é?
2. Como você obteve seu nome?
3. Quem o utiliza?
4. O que você já foi?
5. Como você era, então?
6. Onde você foi obtido ou encontrado?
7. De quais elementos ou materiais você é feito?
8. De que fontes você vem?
9. Quais são as suas partes?
10. Você é feito, criado ou montado?

* * * * *

Passo II

Eu sou um guarda-chuva e sou usado por muitas pessoas, jovens e velhas.

Eu recebo meu nome de uma palavra que significa proteger.

A haste principal veio, talvez, da América, e é bastante lisa, uniforme e polida, para que o anel de metal possa deslizar facilmente para cima e para baixo sobre ela.

Minhas peças são uma armação e uma capa. Minha armação é composta por uma haste de cerca de um metro de comprimento, varetas e um aro de metal deslizante. Na extremidade inferior da haste, há uma ponteira ou anel de aço que impede que ela se desgaste enquanto sou utilizado em caminhadas.

Passo III

"Agora, use: *ele, tem, dele, e é*, em vez de *eu, tenho, meu e sou*.

Exercício

Agora, escreva a sua própria descrição do guarda-chuva.

Tal Ensino é um Perigo Público

E este é o trabalho destinado aos Níveis VI e VII! Ou seja, esse tipo de coisa é o esforço literário definitivo esperado das crianças de nossas escolas primárias!

Os dois volumes (citei uma parte do final do segundo e mais avançado volume) não devem ser considerados ruins como se fossem a exceção. Há alguns anos, descobriu-se que, tanto nas escolas secundárias, como nas escolas elementares, a "redação" era terrivelmente defeituosa e, portanto, mal ensinada. Desde então, muitos volumes foram produzidos, mais ou menos nas linhas indicadas na citação acima, e os ilustres editores não perceberam que oferecer ao público, com a sanção de seu nome, obras com tal caráter esterilizante e injurioso, era uma ofensa contra a sociedade. O corpo de uma criança é sagrado aos olhos da lei, mas os seus poderes intelectuais podem ser aniquilados em uma dieta de inanição tal como essa e nada é dito! O pior de tudo é que tanto os autores, quanto os editores, agem de acordo com a falácia de que o esforço bem-intencionado é sempre desculpável, quando não louvável. Eles não percebem que, concernente à educação de crianças, nenhum esforço é permissível sem uma concepção inteligente, tanto das crianças, quanto daquilo que se entende por educação.

A “Redação” Surge de Forma Natural

De fato, lições sobre “redação” deveriam seguir o modelo daquele famoso ensaio sobre “Cobras na Irlanda” — “Não há nenhuma”. Para as crianças com menos de nove anos, a questão da redação se resolve na narração, variada por algum exercício que seja tão simples como escrever uma parte e narrar uma parte, ou escrever um relato completo de uma caminhada que fizeram, de uma lição que estudaram, ou de algum assunto simples que

conhecem. Antes dos dez anos, as crianças que têm o hábito de utilizar livros, escreverão em inglês bom e vigoroso com facilidade e liberdade; isto é, se elas não tiverem sido prejudicadas pelas instruções. É bom que elas nem sequer aprendam regras de pontuação e letras maiúsculas até que percebam como essas coisas ocorrem em seus livros. Nossa tarefa é provê-las de material em suas aulas e *deixar a elas próprias o manuseio desse material*. Creia-me, a redação será tão natural para as crianças quanto pular e correr, se tiverem sido autorizadas a fazer o devido uso dos livros. Em primeiro lugar, elas devem narrar, e então, mais tarde, farão as suas próprias redações; mas elas não deveriam ter lições de “redação”.

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Mostre que a tentativa de extrair redações originais dos estudantes é uma futilidade.
2. E um dano moral para as crianças.
3. Ilustre o tipo de ensino que deve ser considerado um perigo público.
4. Sob quais condições a redação "surge de forma natural"?

Capítulo XIV – Lições Bíblicas[\[148\]](#)

As Crianças se Deleitam na Bíblia

Estamos prontos a acreditar que as crianças não podem se interessar pela Bíblia a menos que suas páginas sejam diluídas — transformadas no inglês descuidado que preferimos oferecer a elas. Aqui está uma anedota sugestiva da infância da Sra. Harrison, uma das duas donzelas quackers apresentadas a nós na *Autobiography of Mary Howitt*[\[149\]](#), a mais conhecida das irmãs. "Um dia, ela se viu diante de um cômodo de madeira. Lá, avistou uma Bíblia antiga e, ao folhear as suas páginas amarelas, encontrou palavras que nunca tinha ouvido nas leituras habituais da manhã: os capítulos iniciais de São Lucas — que seu pai não quisera ler em voz alta —, e o capítulo final de Apocalipse. A pequena e ávida menina de apenas seis anos se apoderou do primoroso quadro do nascimento da Grande Criança, no primeiro capítulo e da beleza da descrição da Nova Jerusalém, no último, com um êxtase que, ela costumava dizer, nenhum romance nos anos posteriores jamais produziu".

E aqui está uma menção a uma criança de cinco anos:

"Todos os dias, os pequenos lêem comigo os eventos durante a Semana Santa. Z. é inexprimivelmente cativante, com seu profundo e reverente interesse, ou quase *excitação*."

É provável que sejamos completamente incapazes de medir a receptividade religiosa das crianças. No entanto, a sua aptidão para apreender as coisas profundas de Deus é um fato com o qual somos chamados a "lidar com prudência" e com reverência. E isso, porque a atitude de pensamento e sentimento em que você coloca uma criança é o fator vital de sua educação, como até mesmo o "darwiniano" pode perceber.

As Crianças Deveriam Conhecer o Texto Bíblico

As crianças com idades entre seis e nove anos deveriam ter um conhecimento considerável do texto bíblico. Aos nove anos, já deveriam ter lido as partes de narrativas simples (e adequadas) do Antigo Testamento e, digamos, dois dos evangelhos.

Por vários motivos, o Antigo Testamento deveria ser lido às crianças. As histórias dos evangelhos, elas mesmas podem ler tão logo consigam fazer isso de forma bela. É um erro usar paráfrases do texto; o belo ritmo do inglês bíblico atrai as crianças com sua música cativante, e elas provavelmente conservarão ao longo da vida a sua primeira concepção das cenas bíblicas e, também, as próprias palavras com as quais essas cenas são retratadas. Esta é uma grande possessão. Metade dos discursos "inteligentes" que ouvimos hoje em dia, e metade da inquietação subjacente a esses discursos, deve-se a uma completa e perfeita ignorância do texto bíblico. Ataques sem atmosfera, perspectiva e proporção são apresentados às mentes desprotegidas e descontextualizadas dos homens, até que a Bíblia seja resumida à jumenta falante de Balaão ou ao sol que parou ao mando de Josué.

Mas dê à imaginação das crianças um estoque de cenas da história das Escrituras se desdobrando gradualmente, e nutra as suas mentes com as palavras ali presentes, e elas passarão a enxergar a partir de um amplo horizonte, dentro do qual as pessoas e os eventos tomam forma em seus devidos lugares e em suas devidas proporções. Gradualmente, elas verão que o mundo é um palco em que a bondade de Deus está continuamente combatendo a obstinação humana; que alguns homens heróicos lutam ao lado Deus; e que outros, tolos e teimosos, se opõem a Ele. O fogo do entusiasmo começará a arder em seu peito, e as crianças escolherão o seu lado, igualmente, sem muita exortação ou conversa sobre alguma experiência espiritual específica.

Verdade Essencial e Contingencial

Quanto à questão de tal e tal narrativa ser um mito, ou uma parábola, ou uma circunstância

que tenha realmente acontecido, tais questões não afetam a mente sincera de uma criança, porque não têm nada a ver com as questões principais. É muito bom trazer às crianças, no decurso de suas leituras bíblicas, qualquer nova luz que a pesquisa moderna ponha em nosso caminho; quanto mais pudermos ajudá-las dessa maneira, mais vivo e real o ensino bíblico se tornará. Mas elas podem reivindicar de nós esta graça: que não sejam mais perturbadas por questões de autenticidade em suas leituras bíblicas do que em sua leitura da história inglesa. Deixe que ouçam a história do Jardim do Éden, por exemplo, tal como está escrita; da mesma forma, podemos inclusive permitir que retenham a história do homem que foi pescar e encontrou uma boa pérola; e isso, porque o que importa em ambas as histórias são as verdades essenciais que elas abrangem, e não as meras contingências de tempo e de lugar. É concebível que a "pérola de grande valor" fosse assunto de conversa corrente naquele tempo; um assim chamado "fato" aproveitado por nosso Senhor como veículo da verdade essencial. Podemos crer que a mente das crianças é, talvez, mais apta do que a nossa para se apropriar e lidar com a verdade. Com o tempo, elas irão distinguir e descartar, se necessário, as circunstâncias contingenciais com as quais a verdade está vestida; mas sejamos muito cautelosos em nossa própria ação. Lembremo-nos de que nem nós, nem as crianças, podemos suportar a claridade da verdade nua; ou que, se, por exemplo, conseguirmos destruir as vestes que envolvem a história da primeira queda — a árvore e seus frutos, a serpente tentadora, a mulher condescendente —, não teremos outras vestes à mão para as verdades fundamentais da responsabilidade, da tentação e do pecado; e, uma vez despidas, sem as vestimentas às quais poderíamos nos agarrar, as próprias verdades certamente escaparão do nosso alcance.

Ao ensinarmos as narrativas bíblicas para as crianças, não precisamos nos esforçar para fazer discriminação entre a verdade essencial e contingencial — a verdade que interpreta nossas próprias vidas, e aquela que diz respeito apenas ao tempo, lugar e circunstâncias específicas da narrativa. As próprias crianças irão discernir e preservar o essencial, enquanto o mero contingencial escapará de sua memória, assim como da nossa. Portanto, faça com que as mentes das pequenas crianças sejam bem guarnecidas com as belas narrativas do Antigo Testamento e dos evangelhos; mas, a fim de que essas histórias possam ser sempre refrescantes e agradáveis a elas, é preciso cuidar para que o ensino da Bíblia não caduque em suas mentes. As crianças podem ficar aborrecidas com mais facilidade do que nós adultos, e muitas revoltas já foram provocadas pelo uso indevido da Bíblia: a importunação contínua da criança até mesmo durante os seus anos de berçário. Mas estamos considerando aqui não a vida religiosa das crianças, mas a sua educação por meio das lições; e suas lições bíblicas devem ajudá-las a perceber, já no início, que o conhecimento de Deus é o principal conhecimento e que, portanto, as suas lições bíblicas são as suas principais lições.

Método das Lições Bíblicas

O método de tais lições é muito simples. Leia em voz alta para as crianças alguns versículos que cubram, se possível, um episódio. Leia com reverência, com cuidado e com uma expressão apropriada. Em seguida, peça às crianças que narrem o que ouviram da maneira mais próxima possível às palavras da Bíblia. É curioso como elas captam o ritmo da majestosa e simples Bíblia inglesa. Em seguida, converse com elas sobre a narrativa à luz da pesquisa e da crítica. Deixe que o ensino moral e espiritual as alcance sem muita aplicação pessoal. Não conheço melhor ajuda no ensino de crianças pequenas do que a *Bible For The Young*^[150] de Paterson Smyth. O Sr. Smyth traz à luz tanto as críticas, quanto as pesquisas modernas, para que as crianças ensinadas a partir de seus pequenos manuais não fiquem surpresas ao saber que o mundo não foi feito em seis dias; e, ao mesmo tempo, permaneçam muito seguras de que o mundo foi feito por Deus. O ensino moral e espiritual nesses manuais está em linhas amplas e convincentes. Ocasionalmente, ler em voz alta a lição do Sr. Smyth sobre o assunto, depois que a passagem da Bíblia tiver sido narrada, pode ser uma ótima ideia. As crianças são mais dispostas a se apropriarem de lições que não são diretamente niveladas à elas e, além disso, a professora pode fazer deste um ensino para si própria pelo interesse com que lê, pelas imagens e outras ilustrações que mostra, e por suas observações informais.

Ilustrações de Obras de Arte

As imagens do *Illustrated New Testament*^[151] são, ao mesmo tempo, reverentes e

verdadeiras, uma combinação incomum, e as crianças as apreciam grandemente. Seria bom que elas tivessem em mãos apenas o evangelho que estão lendo, mas ele deveria ser protegido (e honrado) por uma capa bordada. Uma Bíblia esfarrapada não é uma visão saudável para as crianças. *The Holy Gospels with Illustrations from the Old Masters*^[152], publicado pelo S.P.C.K., são admiráveis. O estudo de tais imagens, como ali reproduzidas, deveria ser uma parte valiosa da educação de uma criança; não é coisa de pouco valor perceber como o nascimento de Jesus Cristo e a visita dos magos encheram a imaginação dos primeiros mestres, e com que grande reverência e deleite eles se detiveram em cada detalhe da história sagrada. Esse tipo de impressão não pode ser obtido em quaisquer tratamentos ou ilustrações modernas; e a criança que o recebe desde os seus primeiros anos, terá um substrato de sentimento reverente sobre o qual deverá repousar a sua fé. Mas é bom deixar que as imagens contem a sua própria história. As crianças devem estudar um tema em silêncio por alguns minutos; e então, retirada a imagem, devem dizer o que viram nela. Você perceberá que elas não deixam passar despercebido nenhum detalhe reverente ou sugestivo que o artista tenha pensado bem em incluir.

As várias publicações da R.T.S. na série *Bypaths of Bible Knowledge*^[153] serão consideradas muito úteis pelo professor como ilustrações de pesquisa moderna, em especial as obras *Fresh Light from Ancient Monuments*^[154] e *Budge's Dwellers on the Nile*^[155], do Professor Sayce.

Recitações Bíblicas

A memorização de passagens bíblicas deve começar enquanto as crianças são ainda jovens, com seis ou sete anos. É algo de bastante deleite ter na memória um estoque de passagens bonitas, reconfortantes e inspiradoras, e não podemos dizer quando e como esse tipo de semente poderá brotar, crescer e produzir frutos; mas a memorização de parábolas, tais como a do filho pródigo, não deve ser imposta aos filhos como um fardo. A parábola deve ser lida integralmente para eles, de modo a realçar a sua beleza e ternura; e então, diariamente, a professora deve recitar uma passagem curta, talvez dois ou três versículos, e repeti-los por cerca de três ou quatro vezes até que as crianças os saibam. Só então, e não antes disso, a professora deve deixá-las recitar a passagem. No dia seguinte, as crianças deverão recitar aquilo que aprenderam, e assim por diante, até que sejam capazes de dizer toda a parábola.

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Ilustre a receptividade religiosa das crianças.
2. Que conhecimento bíblico as crianças de nove anos deveriam possuir?
3. O que você diria em relação às narrativas bíblicas feitas no inglês moderno?
4. Mostre detalhadamente por que as crianças deveriam se familiarizar com o texto.
5. Que concepção deveria se desdobrar para elas gradualmente?
6. Faça distinção entre verdade essencial e contingencial.
7. Em que situação podemos dizer que "as próprias verdades certamente escaparão ao nosso alcance"?
8. Por que deve-se tomar cuidado a fim de que o ensino bíblico não caduque nas mentes das crianças?
9. Descreva o método de uma lição bíblica.
10. Que uso você faria das ilustrações?
11. O que se deve dizer quanto à memorização de passagens bíblicas?

Capítulo XV – Aritmética

O Valor Educativo da Aritmética

De todos os estudos primários das crianças, talvez nenhum seja mais importante como meio de educação do que a aritmética. É algo de importância relativamente pequena que a criança saiba calcular; mas o uso daquelas funções que os "cálculos" fazem entrar em cena é uma parte tão considerável da educação que os defensores da matemática e da linguagem como instrumentos de educação dividiam, até recentemente, o campo educacional igualmente entre estas duas áreas.

O valor prático da aritmética para pessoas de todas as classes é indiscutível. Mas o uso de seu estudo na vida prática é o menos importante. O principal valor da aritmética, como aquele da matemática avançada, reside no treinamento que ela proporciona aos poderes de raciocínio e nos hábitos de elucidação, prontidão, exatidão e veracidade intelectual que ela gera. Não há qualquer outro assunto em que um bom ensino seja mais eficaz, assim como não há qualquer assunto em que o ensino desleixado tenha resultados mais perniciosos. Se a multiplicação não produz a "resposta certa", o garoto tenta a divisão; isso falha novamente, mas a subtração talvez possa tirá-lo do pântano. Não existe "*deve ser*" para ele; ele precisa perceber que um processo, e *apenas* um processo, pode oferecer o resultado desejado. Ora, uma criança que não sabe que regra aplicar a um simples problema ao seu alcance, foi mal ensinada desde o início, embora possa preencher diversas lousas com resultados de multiplicações e longas divisões extremamente precisos.

Problemas ao Alcance da Criança

Como esta elucidação, este exercício dos poderes de raciocínio, deve ser assegurado? Desde o início, envolva a criança em pequenos problemas dentro de sua compreensão e não em cálculos elaborados. A jovem governanta se deleita em estabelecer um nobre "longo cálculo de divisão" — $953.783.465 / 873$ — que deverá preencher a lousa da criança e mantê-la ocupada por uma boa meia hora; e quando o cálculo estiver acabado, e a criança estiver igualmente acabada, esgotada por este trabalho nada lucrativo, o cálculo não estará certo, afinal: os dois últimos algarismos no *quociente* ficaram errados, e o *resto* da divisão está errado. Mas ela não consegue fazer a divisão novamente e não deve ser desencorajada com a notícia de que o seu cálculo está errado; então, "quase certo" é o veredito — um julgamento inadmissível em aritmética. Em vez desta laboriosa tarefa, que não dá margem ao esforço mental, e na qual ela finalmente naufraga por pura falta de atenção, diga à criança:

"O Sr. Jones enviou seiscentos e sete, e o Sr. Stevens oitocentos e dezenove maçãs para que fossem divididas entre os vinte e sete garotos da escola na segunda-feira. Quantas maçãs cada um recebeu?"

Para chegar à resposta, ela deverá se fazer certas perguntas: "Quantas maçãs ao todo? Como vou descobrir? Então, devo dividir as maçãs em vinte e sete montes para descobrir a parte de cada garoto". Ou seja, a criança percebe quais regras deve aplicar para obter as informações necessárias. Ela fica interessada; o trabalho continua rapidamente; o cálculo é feito em pouco tempo e provavelmente estará correto, porque a atenção da criança permaneceu concentrada em seu trabalho. Deve-se tomar cuidado para dar à criança problemas com os quais ela *consiga* trabalhar, mas que ainda assim sejam difíceis o suficiente para levá-la a algum pequeno esforço mental.

Demonstração

O próximo ponto é demonstrar tudo o que for demonstrável. A criança pode aprender a tabuada e fazer um cálculo de subtração sem qualquer percepção da lógica de ambos. Ela pode até mesmo se tornar boa em cálculos, aplicando as regras adequadamente, e ainda assim

não ser capaz de enxergar a razão delas; mas a aritmética se torna um treinamento matemático elementar apenas na medida em que a razão de cada processo fica clara para a criança. $2 + 2 = 4$, é um fato evidente, admitindo pouca demonstração; mas $4 \times 7 = 28$ pode ser provado.

Ela tem um saco de feijão; coloca quatro linhas com sete grãos; soma as linhas, assim: 7 mais 7 são 14, mais 7 são 21 e mais 7 são 28; quantos setes em 28? 4. Portanto, é correto dizer $4 \times 7 = 28$; e a criança vê que a multiplicação é apenas um modo curto de fazer uma adição.

Um saco de feijões, fichas ou botões deve ser usado em todas as aulas iniciais de aritmética. E antes que seja colocada para “calcular” em sua lousa, a criança deve ser capaz de trabalhar com eles livremente e até mesmo somar, subtrair, multiplicar e dividir mentalmente, sem o auxílio de botões ou feijões.

Ela pode dispor de uma tabela de adição com seus feijões, assim:

0 0 0	= 3 feijões
0 0 0 0	= 4 feijões
0 0 0 0 0	= 5 feijões

E assim por diante. E trabalhar desta forma até que possa dizer, primeiro sem contar, e depois sem olhar para os feijões, que $2 + 7 = 9$, etc.

Assim também com 3, 4, 5 — cada um dos dígitos. À medida em que aprende cada linha de sua tabela de adição, ela está sendo treinada para lidar com objetos imaginários: “4 maçãs, mais 9 maçãs”, “4 nozes, mais 6 nozes” etc; e por fim, com números abstratos: $6 + 5$, $6 + 8$.

Uma tabela de subtração deve ser trabalhada simultaneamente à tabela de adição. Ao mesmo tempo em que trabalha em cada linha de soma, a criança percorre o mesmo terreno com a diferença que estará tirando um ou dois feijões em vez de adicionar, até que seja capaz de responder prontamente, 7 menos 2? 5 menos 2? Após calcular cada linha de adição ou subtração, ela pode colocar as respectivas informações em sua lousa por meio dos sinais apropriados, isto se já tiver aprendido a fazer os números. Ficará evidente que é necessário um esforço mental muito maior por parte da criança para compreender a ideia de subtração do que a de adição, e a professora deve se contentar em ir devagar — quatro dedos menos um, três nozes menos uma, e assim por diante, até que ela compreenda o que deve fazer.

Quando a criança conseguir somar e subtrair números livremente até o vinte, pode-se trabalhar com os feijões em tabelas de multiplicação e divisão, até 6×12 . Assim, “duas vezes os seis são 12” será determinado por meio de duas fileiras de seis grãos cada uma.

Quando a criança puder dizer prontamente, sem olhar para os seus grãos, que $2 \times 8 = 16$, $2 \times 7 = 14$, etc., ela pegará 4, 6, 8, 10, 12 feijões e os dividirá em grupos de dois: então, quantos grupos de dois temos em 4, 6, 8, 10, 12, 20? E assim por diante, com cada linha da tabela de multiplicação em que trabalha.

Problemas

Então, a criança estará pronta para problemas mais ambiciosos: “Um menino tinha duas vezes dez maçãs; quantos montes de 4 ele poderia fazer?” Ela já será capaz de trabalhar com números desordenados, como $7 + 5 - 3$. Se precisar usar feijões para obter sua resposta, deixe-a; mas encoraje-a a trabalhar com feijões *imaginários*, como um passo em direção ao trabalho com números abstratos. O ensino cuidadosamente graduado e o esforço mental *diário* por parte da criança nesse estágio inicial podem ser o meio de desenvolver um verdadeiro poder matemático e certamente promoverão os hábitos de concentração e esforço mental.

Notação

Quando a criança for bastante capaz de trabalhar livremente com números pequenos, deverá encarar uma séria dificuldade. Sua apreciação da aritmética enquanto ciência ou, em outras palavras, o valor educacional de todos os cálculos que a criança fará deste ponto em diante, dependerá da superação completa desta dificuldade. Ela deve ser levada a entender

nosso sistema de notação. Aqui, como em relação ao que foi dito anteriormente, é melhor começar com o concreto: faça com que a criança obtenha a ideia de *dez* unidades em uma *dezena* depois de ter dominado a ideia mais facilmente demonstrável de doze pences para se obter o valor de um xelim.

Dê-lhe uma certa quantidade de moedas, digamos cinquenta pences: aponte a inconveniência de levar um dinheiro tão pesado para as lojas. Podemos usar um dinheiro mais leve — xelins. Quantos pences somam o valor de um xelim? Quantos xelins, então, ela poderia obter com os seus cinquenta pences? Logo, ela poderá dividir os pences em montes, e descobrir que possui quatro destes montes e dois pences de sobra; isto significa que cinquenta pences valem ou são iguais a dois xelins e dois pences. Eu compro 5 kg de biscoitos a dez pences por quilo; eles custam cinquenta pence, mas o vendedor me cobra 4 xelins e 2 pences; mostre à criança como escrever o valor: os pences, que valem menos, à direita; os xelins, que valem mais, à esquerda.

Quando a criança for capaz de trabalhar livremente com xelins e pences, e entender que um 2 do lado direito do número equivale a dois pences, um 2 do lado esquerdo equivale a 2 xelins, apresente-a à noção de dezenas e unidades, ficando contente em trabalhar de forma bastante gradual. Conte-lhe sobre povos não civilizados que só conseguem contar até cinco — e precisam dizer "cinco e cinco feras na floresta", "cinco e cinco peixes no rio" quando desejam expressar um número muito grande. Enquanto nós conseguimos contar tanto que poderíamos passar dias inteiros contando durante anos sem chegar ao fim dos números que somos capazes de nomear; mas afinal, temos apenas uns poucos números com que contar e apenas uns poucos algarismos para expressá-los. Temos apenas nove algarismos e um zero: unimos o primeiro algarismo ao zero para expressar outro número, dez; mas depois disso, devemos começar de novo até chegarmos a duas dezenas, e depois, novamente, até chegarmos a três dezenas, e assim por diante. E chamamos duas dezenas, vinte, três dezenas, trinta. Em inglês, *twenty*, *thirty*, porque 'ty' (tig) significa dez. Mas se eu vejo o algarismo 4, como posso saber se significa quatro dezenas ou quatro unidades? Por um método muito simples. As dezenas têm o seu lugar próprio; se você vir o algarismo 6 no lugar das dezenas, saberá que significa sessenta. As dezenas são sempre colocadas depois das unidades: quando você vir dois algarismos de pé, lado a lado, assim, "55", o algarismo da esquerda estará representando as dezenas; isto é, o segundo 5 estará representando dez vezes o primeiro.

Permita que a criança trabalhe com dezenas e unidades somente até que tenha dominado a ideia de décuplo valor do segundo algarismo à esquerda, e rir da loucura de escrever um 7 na segunda coluna de algarismos, sabendo que assim ele se tornará setenta. Neste ponto, a criança estará pronta para o mesmo tipo de treinamento em relação às centenas, e receberá prontamente a nova ideia se o princípio de que cada deslocamento para a esquerda significa um aumento de dez vezes no valor do número que tiver ficado claro para ela. Enquanto isso, não "estabeleça" cálculos para ela. Que ela nunca trabalhe com algarismos cuja notação esteja além da sua compreensão, e quando vier a "passar" um valor em um cálculo de adição ou multiplicação, não deixe que ela diga que passa "dois" ou "três", mas "duas dezenas" ou "três centenas", conforme o caso.

Pesagem e Medição

Se você não garantir o chão sob os seus pés nesse estágio, a criança trabalhará aritmética pela regra da adivinhação para sempre. Segundo o mesmo princípio, ensine-a "pesos e medidas" por meio de pesagem e medição; dê à criança pesos e balanças, areia e arroz, sacos e barbante, para fazer pacotes *de forma perfeita* e pesá-los em gramas, quilogramas, etc. Os pacotes, embora não sejam aritmética, são educativos e proporcionam considerável exercício de julgamento, bem como de capricho, destreza e agilidade. De maneira semelhante, coloque a criança para trabalhar com a régua, e desenhar suas próprias tabelas. Encoraje-a a não apenas medir e pesar tudo ao seu redor que admita tal tratamento, mas também a usar seu julgamento em questões de medida e peso. Quantos metros de comprimento tem a toalha da mesa? Qual o comprimento e a altura de um mapa ou quadro? Quanto ela supõe pesar um livro que precisa ser enviado pelo correio? O tipo de prontidão que pode ser adquirido desta forma é valioso para os assuntos da vida e, pelo menos por essa razão, deve ser cultivado na criança. Enquanto está empenhado em medir e pesar quantidades concretas, o estudante se prepara para obter a sua primeira ideia de "fração", meio quilo, um quarto de um metro, etc.

A Aritmética é um Meio de Treinamento

A aritmética é valiosa como meio de treinar as crianças em hábitos de veracidade estrita, mas a engenhosidade que faz com que essa ciência exata tenda a promover hábitos mentais desleixados, um desrespeito à verdade e à honestidade comum, é digna de admiração! Copiar, induzir, contar, ajudar nas dificuldades, trabalhar com vistas a uma resposta que já se sabe. Tais ações permitidas durante uma lição de aritmética dirigida por um professor inferior são suficientes para corromper qualquer criança; e precisamente tão ruim quanto tais coisas é o hábito de permitir que um cálculo esteja *quase* certo, ou apenas dois algarismos errados, e assim por diante, e pedir que a criança refaça seu trabalho.

Declare um cálculo *errado*, ou *certo* — ele não pode ser algo entre os dois. Aquilo que está *errado* deve permanecer errado: a criança não deve pensar que o erro pode ser remendado para se tornar em acerto. O futuro está diante dela: ela poderá acertar o próximo cálculo, e a sábia professora fará com que a criança *acerte* e recomece com esperança renovada. Mas o cálculo errado deve ser simplesmente deixado de lado.

Portanto, o seu progresso deve ser cuidadosamente graduado; mas não há assunto em que a professora tenha uma percepção mais agradável do despertar diário de um novo poder na criança. Não lhe ofereça uma muleta: ela deve prosseguir por sua própria capacidade. Dê-lhe pequenos cálculos, em palavras e não em algarismos, e estimule-a no entusiasmo que produz atenção concentrada e trabalho rápido. Faça com que a lição de aritmética seja para a criança um exercício diário de raciocínio claro e execução rápida e cuidadosa, e seu crescimento mental será tão evidente quanto o germinar de novas mudas na primavera.

O ABC da Aritmética

Em vez de me aprofundar no tema do ensino da aritmética elementar, eu gostaria de apresentar ao leitor o *ABC Arithmetic*^[156] de Sonnenschein & Nesbit. Os autores elaboraram seu método a partir da seguinte passagem de *Logic*^[157] de Mill:

"Todas as verdades fundamentais da ciência dos Números se baseiam na evidência do sentido; são provadas quando mostram aos nossos olhos e dedos que qualquer número de objetos — dez bolas por exemplo — pode, por separação e rearranjo, exibir aos nossos sentidos todos os diferentes conjuntos de números cuja soma é igual a 10. Todos os métodos aperfeiçoados de ensino de aritmética às crianças procedem do conhecimento desse fato. Todos os que desejam conduzir a *mente* da criança a um aprendizado de aritmética, todos os que desejam ensinar números e não meras cifras, os ensinam, no presente, por meio da evidência dos sentidos da maneira como descrevemos."

Aqui podemos, penso eu, descobrir a única fonte de fraqueza existente neste manual surpreendentemente excelente. É fato que todas as verdades fundamentais da ciência do número se baseiam na evidência do sentido, mas, tendo usado olhos e dedos em dez bolas ou em vinte bolas, em dez nozes, ou folhas, ou ovelhas, ou em tudo o mais, a criança formou a associação de um dado número com objetos, e é capaz de conceber a associação de vários outros números com objetos. De fato, ela começa a *pensar* em números e não em objetos, isto é, ela começa a matemática. Por isso, inclino-me a pensar que um elaborado sistema de bastões, cubos, etc., em vez de dezenas, centenas e milhares, erra, pois embaraça a mente da criança com ensino demais e faz a ilustração ocupar um lugar mais proeminente do que a coisa ilustrada.

Dominó, feijões, figuras gráficas desenhadas no quadro negro e afins são, por outro lado, ajudas para a criança quando é necessário conceber um grande número com o material de um pequeno; mas ver um símbolo de grandes números e trabalhar com tal símbolo são assuntos bem diferentes.

Com a pequena exceção acima, que não interfere no uso dos livros, nada pode ser mais delicioso do que a cuidadosa análise dos números e a bela graduação da obra, "uma única dificuldade de cada vez sendo apresentada à mente". Os exemplos e os pequenos problemas só podem ter sido inventados por escritores que compreendiam as crianças. Aconselho que o leitor interessado no ensino de aritmética recorra ao artigo de Sonnenschein sobre "*The Teaching of Arithmetic in Elementary Schools*"^[158], em um dos volumes publicados pelo Conselho de Educação.

Preparação Para a Matemática

Nos anos de 1840 e 1850, sustentava-se, em geral, que a contínua observação dos sinais externos e visíveis (formas e figuras geométricas) deveria gerar a graça interior e espiritual do gênio matemático, ou, em alguma medida, a graça de uma inclinação para a matemática. Mas, quando deram às crianças caixas de “formas” e colocaram cubos, hexágonos, pentágonos e etc., em todo espaço escolar disponível, os educadores daqueles dias se esqueceram da imensa capacidade, comum a todos nós e muito mais fortemente desenvolvida nas crianças, de ficarmos entediados. Os objetos ou as pessoas que nos deixam entediados parecem ocupar um lugar agradável na mente, mas, então, o pensamento se volta contra eles em aversão doentia. Dickens mostrou-nos a tragédia desta situação na sala de aula do pequeno Gradgrinds, que foi abundantemente suprido de objetos de formas inflexíveis. Ruskin expõe a falácia de forma mais genial. Sem dúvida, as formas geométricas são abundantes — são os esqueletos recobertos pela beleza viva expressa no contorno e no gesto, na colina e na planta; e o esqueleto é lindo e maravilhoso para a mente que já entrou pelos portais da geometria. Contudo, as crianças não devem ser presenteadas com o esqueleto, mas com as formas vivas que o recobrem. Além disso, familiarizar o olho da criança com os padrões feitos por suas bússolas, ou costurados em sua ficha, na esperança de que a forma gere a ideia não seria um método invertido? Para o novato, é provavelmente normativo que a ideia gere a forma, e qualquer inspiração de ideia a partir de alguma forma só é possível ao que já foi iniciado nesta habilidade. Eu não acho que qualquer preparação direta para a matemática seja desejável. A criança que foi autorizada a pensar e não forçada a estudar arduamente, saúda o novo estudo com deleite quando o seu momento apropriado chega. A razão pela qual a matemática é um grande estudo é porque existe na mente normal certa afinidade e capacidade para ele; e muita elaboração, seja de ensino ou de preparação, tem, penso eu, a tendência de dissipar esse tipo de interesse intelectual.

Pergunta Para o Uso dos Estudantes

1. Por que a aritmética é importante como meio de educação?
2. Como você testaria o conhecimento de princípios de uma criança?
3. Por que longos cálculos são perniciosos?
4. Que exercício mental um problema deve oferecer?
5. Que cuidado deve ser observado?
6. Como a aritmética pode se tornar um treinamento elementar em matemática?
7. Como uma criança deve demonstrar $4 \times 7 = 28$?
8. Como você usaria botões, feijões, etc.?
9. Mostre como você ensinaria uma criança a elaborar uma tabela de adição e subtração com cada um dos dígitos.
10. Quando você introduziria tabelas de multiplicação e divisão?
11. Como você ensinaria a divisão?
12. Qual é o passo entre trabalhar com coisas e com números abstratos?
13. Como você apresentaria nosso sistema de notação?
14. Por quê?
15. Mostre extensivamente como você lidaria com as “dezenas”.
16. Por quanto tempo uma criança deve trabalhar apenas com “dezenas” e “unidades”?
17. O que deve se seguir ao estudo das dezenas?
18. Que regra deve ser observada durante todo o tempo?
19. Como você aplicaria o mesmo princípio a pesos e medidas?
20. Que papel os pacotes devem desempenhar nesta fase e por quê?
21. Mostre como a criança deve usar uma régua.
22. Como você exercitaria o julgamento da criança quanto a medidas e pesos?
23. Como a ideia de uma fração ocorre neste trabalho com quantidades concretas?
24. Qual deve ser o valor moral do estudo da aritmética?
25. Como o professor inferior incute desconsideração da verdade e da honestidade comum por meio deste estudo?
26. Como você lidaria com um cálculo “errado”?
27. Qual deve ser a lição diária de aritmética das crianças?
28. Fale sobre o *ABC Arithmetic*.
29. O que dizer sobre as crianças pequenas acostumadas a verem formas e figuras

geométricas?

Capítulo XVI - Filosofia Natural

Uma Base de Fatos

Dos ensinamentos da *Filosofia Natural*, quero apenas lembrar ao leitor o que foi dito em algum capítulo anterior — que não há uma parte mais importante na educação das crianças do que o estabelecimento, por meio de sua própria observação, de uma ampla base de *fatos* visando a um conhecimento científico futuro. Ela deve viver horas diárias ao ar livre e, na medida do possível, no campo; deve olhar e tocar e ouvir; deve ser rápida para observar, *conscientemente*, todas as peculiaridades de hábitos ou estruturas de animais, pássaros ou insetos; o tipo de crescimento e frutificação de cada planta. Ela deve ser acostumada a perguntar *por quê* — Por que o vento sopra? Por que o rio flui? Por que um botão de folhas é pegajoso? E não se apresse em lhe responder tais perguntas; deixe-a pensar sobre tais dificuldades até onde a sua pequena experiência a possa conduzir. Acima de tudo, quando você for em seu auxílio, que não seja com alguma fórmula “recortada e dessecada”, extraída de algum pequeno livro didático miserável; dê a ela todas os esclarecimentos disponíveis, e você descobrirá que, em relação a muitas questões científicas, a criança será imediatamente conduzida ao nível do pensamento moderno. Não a perturbe com nomenclatura científica em demasia. Se ela descobrir por si mesma (ou talvez com a ajuda de uma ou duas perguntas direcionadas), ao comparar uma ostra ao seu gato, que alguns animais têm esqueletos e outros não, será menos importante que ela aprenda os termos “vertebrado” e “invertebrado” do que que ela classifique os animais que encontrar de acordo com esta diferença.

Olhos e Sem-olhos

O *método* desse tipo de instrução é mostrado em *Evenings at Home*^[159], onde “Olhos e Sem-olhos” saem para passear. Sem-olhos volta para casa entediado; ele não viu nada, não se interessou por nada; enquanto Olhos está completamente ansioso para discutir uma centena de coisas que o interessaram. Como já tentei salientar, obter esse tipo de instrução por si mesma é simplesmente a *natureza* de uma criança: o papel dos pais é proporcionar-lhe oportunidades abundantes e variadas, e direcionar as suas observações, de modo que, mesmo conhecendo pouco dos princípios da classificação científica, ela esteja, inconscientemente, se equipando com os recursos necessários para tal classificação. É desnecessário repetir o que já foi dito sobre este assunto; mas, de fato, o futuro do adulto depende, em grande parte, da reserva de conhecimento real acumulado pela criança e dos hábitos de observação inteligente por ela adquiridos. “Será que você pensa”, diz Herbert Spencer, “que a rocha arredondada marcada com arranhões paralelos atrai tanta poesia em uma mente ignorante quanto na mente do geólogo que sabe que sobre ela deslizou uma geleira há um milhão de anos? A verdade é que aqueles que nunca entraram em buscas científicas são cegos para a maior parte da poesia que os cerca. Aqueles que, durante a juventude, não coletaram plantas e insetos, não conhecem metade do halo de interesse que veredas e sebes podem assumir.”

Princípios

Neste contexto, gostaria de recomendar *The Sciences*^[160], do Sr. Holden. A América tornou conhecido um livro escolar segundo o meu próprio coração. O título *The Sciences* é ameaçador, mas desde a época dos *Scientific Dialogues*^[161], escrito por Joyce, eu não encontrava nada nas mesmas linhas que fizesse uma abordagem tão apropriada da mente sensível e inteligente de uma criança. Isso é o que podemos chamar de um livro em primeira mão. O conhecimento que o autor demonstra dos assuntos tratados, foi, é claro, de todo adquirido; mas esse conhecimento foi assimilado de tal maneira que, a partir dele, o Sr. Holden é capaz de escrever livremente tanto em relação ao seu conteúdo, quanto em relação

aos seus leitores. O livro foi elaborado na forma de conversas entre crianças — conversas simples, sem rodeios.

Ele trata de cerca de trezentos tópicos: Dunas de Areia, Blocos de Gelo, Herculano, Dragagem, Furacões, Ecos, Prisma, Sino de Mergulho, Via Láctea e, devo dizer, tudo o mais. E a incrível habilidade do autor é demonstrada no fato de que não há nada desconexo e nada apressado no tratamento de qualquer tópico, mas cada um se encaixa natural e facilmente sob algum princípio elucidado. Há muitos experimentos simples incluídos, que o autor insiste que devem ser realizados pelas próprias crianças. Vou me atrever a citar uma passagem do excepcionalmente sábio prefácio deste *Vade Mecum*^[162] para professores:

"O objetivo do presente volume é apresentar capítulos que sejam lidos na escola ou em casa, que deverão ampliar substancialmente os horizontes dos estudantes americanos no domínio da ciência, e as aplicações da ciência às artes e à vida cotidiana. Não se trata, em nenhum sentido, de um livro didático, embora os princípios fundamentais subjacentes às ciências sejam estabelecidos aqui. Seu principal objetivo é ajudar a criança a entender o mundo material a seu redor."

Ser Compreensível às Crianças

"Todos os fenômenos naturais são ordenados; são regidos pela lei; não são mágicos. Eles são compreensíveis a alguém; por que não à própria criança? Não é possível explicar cada detalhe de uma locomotiva para um jovem aluno, mas é perfeitamente viável explicar os seus princípios, de forma que esta máquina, assim como as demais, se torne um mero caso especial de certas leis gerais bem compreendidas. O intuito geral do livro é despertar a imaginação; transmitir conhecimento útil, abrir as portas para a sabedoria. Sua meta especial é estimular a observação e suscitar um interesse vivo e duradouro pelo mundo que nos cerca.

As ciências da astronomia, da física, da química, da meteorologia e da fisiografia são tratadas de maneira tão completa e profunda quanto as condições o permitem, e as lições que ensinam são reforçadas por exemplos extraídos de coisas familiares e importantes. Na astronomia, por exemplo, enfatiza-se os fenômenos que a criança pode observar, e ela recebe instruções quanto ao modo de abordá-los. O surgimento e o estabelecimento das estrelas, as fases da lua, os usos do telescópio são explicados em palavras simples. O mistério destes e de outros assuntos não é mágico, como a criança supõe a princípio. É para mistérios mais profundos que a sua atenção deve ser dirigida. Meros fenômenos são tratados como casos especiais de leis bastante gerais. O mesmo processo é seguido na exposição das outras ciências.

Fenômenos familiares, como os do vapor, das sombras, da luz refletida, dos instrumentos musicais, dos ecos, etc., são remetidos às suas causas fundamentais. Sempre que desejável, experimentos simples são descritos e totalmente ilustrados, e todas essas experiências podem ser repetidas em sala de aula com proveito... O volume é o resultado de uma crença sincera de que muito pode ser feito para auxiliar as jovens crianças a compreenderem o mundo material em que vivem, e de um desejo em participar de um trabalho tão digno de se executar".

Em conexão a este assunto, não posso deixar de citar também um artigo (Parents Review, abril de 1904), em que o Rev. H. H. Moore trata de um esquecido pioneiro de uma educação racional e sua experiência. Esse pioneiro foi o Rev. Richard Dawes, outrora reitor da paróquia de Kings Somborne, em Hampshire, que em 1841 resolveu, a partir da educação racional, o problema de um vilarejo agrícola, em que havia encontrado uma população extraordinariamente ignorante e degradada. A história toda é de grande interesse, mas nossa preocupação é com a questão da Filosofia Natural, a base do ensino ministrado nessa escola.

Conforme Ensinado na Escola de um Vilarejo

O senhor Dawes explicou seu objetivo desta forma:

"Eu pretendia ensinar aquilo que pudesse ser proveitoso e interessante para as pessoas que trabalham em ocupações que as crianças provavelmente viriam a ocupar um dia. Eu busquei que aprendessem o que pode ser chamado de filosofia das coisas comuns. Mostrei-lhes quantas coisas há interessantes por aí, e quão vantajoso é que elas as conheçam em conexão com os objetos naturais com os quais estão familiarizadas; apresentei-lhes uma variedade de fenômenos naturais e as familiarizei com seus princípios, bem como com os

princípios e a construção de vários instrumentos que lhes fossem úteis. Uma aplicação prática foi dada a todas essas coisas; jamais perdendo de vista os usos e frutos do conhecimento que estavam adquirindo".

Uma lista de alguns dos assuntos incluídos neste tipo de ensino será o melhor comentário a respeito do projeto do Sr. Dawes:

"Algumas das propriedades do ar, explicando como a sua pressão as habilita a bombear água, brincar com esguichos e pistolas, sugar água através de um canudo; explicando também os princípios e a construção de um barômetro, da bomba comum, do sino de mergulho, de um par de foles. Esse ar se expande com o calor, demonstrado ao se colocar uma bexiga parcialmente murcha perto do fogo, fazendo as rugas desaparecerem. Por que a fumaça da chaminé às vezes se eleva facilmente no ar, às vezes não; por que há uma corrente de ar em direção ao fogo na parte de cima da chaminé, e na parte debaixo da porta. Mostrar o ar como transportador do som, e por que o clarão de uma arma disparada ao longe é visto antes que o seu barulho seja ouvido: como calcular a distância de uma tempestade; a diferença nas velocidades em que diferentes materiais conduzem o som. A água e suas propriedades; seu estado sólido, líquido e gasoso; por que as tubulações se rompem devido à geada; por que o gelo se forma e flutua na superfície das lagoas, e não na parte inferior; por que a tampa da chaleira salta quando a água está fervendo no fogo; os usos aos quais o poder do vapor é aplicado; a evolução gradual do motor a vapor, mostrado por modelos e diagramas; como suas roupas ficam secas e por que sentem frio em roupas úmidas; porque uma cama úmida é tão perigosa; porque um corpo flutua na água e outro afunda; as diferentes densidades do mar e da água doce; por que, ao entrar na sala de aula durante uma manhã fria, às vezes vemos uma quantidade de água no vidro das janelas, e por que por dentro e não por fora; por que, em um dia gelado, a sua respiração é visível como vapor; as substâncias que a água contém em solução e como sua água potável é afetada pelo tipo de solo pelo qual passou. O orvalho, seu valor e as condições necessárias para sua formação; colocar porções iguais de lã seca no cascalho, no vidro e na grama, e pesá-las na manhã seguinte. O calor e suas propriedades; como é que o ferreiro pode prender aros de ferro com tanta firmeza nas rodas das carroças e carrinhos de mão; que precauções devem ser tomadas ao se colocar trilhos de ferro em ferrovias e na construção de pontes, etc.; quais materiais são bons e quais são maus condutores de calor; por que na mesma temperatura alguns sentem nosso toque mais frio do que outros; por que um vidro às vezes se quebra quando se despeja água quente nele e qual vidro, grosso ou fino, seria mais propenso a quebrar; por que a água pode ser fervida em uma chaleira de papel ou em uma casca de ovo sem que estes se queimem. Os metais, suas fontes, propriedades e usos; modo de separação dos minérios. A luz e suas propriedades, ilustradas por prismas, etc; a adaptação do olho; as causas da miopia e da presbiopia. Os princípios mecânicos de ferramentas comumente utilizadas, tais como a pá, o arado, o machado, a alavanca, etc."

"Pode surpreender a alguns que leiam atentamente a lista acima que tais assuntos tenham sido ensinados a crianças de uma escola primária rural. Mas é inegável o fato de que foram ensinados na Escola de Kings Somborne, e de forma tão bem sucedida que as crianças tanto ficaram interessadas quanto se beneficiaram daqueles ensinamentos. O Sr. Dawes, em resposta à objeção de que tais assuntos estão acima da compreensão dos mais novos, disse: 'A marca distintiva das leis da Natureza é sua extrema simplicidade. Sem dúvida é necessário um intelecto de ordem elevada para se descobrir tais leis; no entanto, uma vez deduzidas, elas estão dentro da capacidade de uma criança. Em suma, os princípios da filosofia natural são os princípios do senso comum e, se ensinados de uma forma simples e comum, serão rapidamente compreendidos e avidamente observados pelas crianças, e se descobrirá que, com alunos de dez a doze anos de idade, muito pode ser feito com vistas à formação de hábitos de observação e investigação'. Tal fato, penso eu, sugere algumas lições práticas valiosas para aqueles que têm a responsabilidade de decidir quais assuntos incluir em um sistema educacional para crianças".

Ao ler este notável experimento, sentimos que devemos imediatamente garantir que um homem tão bem informado quanto o falecido Dean Dawes ensine nossos próprios Jack e Elsie; mas é razoável perceber o que esses jovens devem saber, e o Sr. Holden fez muito por nós. Alguns dos capítulos de *The Sciences* podem estar além da compreensão de crianças com menos de nove anos, entretanto elas serão capazes de dominar uma boa quantidade dos demais assuntos. Precisamos ter uma coisa em mente: nada deve ser feito sem o devido experimento. A propósito, nosso velho amigo, *Scientific Dialogues*, escrito por Joyce, se ainda puder ser encontrado, descreve um grande número de experiências fáceis e interessantes que as crianças podem fazer por si mesmas.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Mostre que a infância é o momento apropriado para reunir materiais de classificação.
2. O que o Sr. Herbert Spencer diz sobre o valor das buscas científicas?
3. Mostre que as crianças são capazes de compreender princípios.
4. Mencione alguns dos fenômenos que elas podem entender prontamente.
5. A partir dos assuntos ensinados com sucesso na escola de um vilarejo, escreva uma lista de perguntas que as crianças inteligentes devem ser capazes de responder.
6. “Os princípios da filosofia natural são os princípios do senso comum”. Mostre como essa afirmação deve ser uma chave para nossa prática educacional.

Capítulo XVII - Geografia

A geografia é, a meu ver, um assunto de alto valor educativo; embora não porque ofereça os meios de um treinamento científico. A geografia apresenta seus próprios problemas — dos tipos mais interessantes —, e fornece materiais para classificação; mas apenas a geografia física se enquadra na definição de uma ciência, e mesmo ela é, antes, um compêndio dos resultados de várias ciências, e não uma ciência propriamente dita. Mas o valor peculiar da geografia reside na sua capacidade de nutrir a mente com ideias e guarnecer a imaginação de cenas mentais. Aqui reside o valor educacional da geografia.

Como Costuma Ser Ensinada

Agora, como este conteúdo costuma ser ensinado? A criança aprende os nomes das capitais da Europa, ou dos rios da Inglaterra, ou dos cumes das montanhas da Escócia, a partir de algum desprezível livro didático, com comprimento em quilômetros, e altura em metros, e a população, encontrando ou não os nomes em seu mapa, na medida em que sua professora está mais ou menos disposta a trabalhar. Pobre companheira! A lição lhe é um árduo trabalho; mas no que diz respeito à *educação* — isto é, o desenvolver da capacidade, o guarnecer da mente — a criança estaria bem melhor ocupada ao observar o progresso de uma mosca do outro lado da janela. Entretanto, você pode alegar que a geografia tem um uso além do estritamente educativo; todos desejam o tipo de informação que a aula de geografia deveria oferecer. Isso é verdade e deve ser considerado em sala de aula; a lição de geografia da criança deve fornecer exatamente o tipo de informação que as pessoas adultas se preocupam em possuir. Contudo, pense no quanto somos irracionais neste assunto; nada nos convenceria a ler um livro de viagem, a menos que fosse interessante, gráfico, com um tempero de aventura pessoal. Mesmo quando estamos perambulando com *Murray* em mãos, pulamos os fatos e dados secos e lemos os recortes pictoriais mais estimulantes; tais são as coisas que gostamos de conhecer e recordamos com facilidade. Mas não dê à pobre criança nada desse agradável conforto, por favor; não deixe que ela tenha pequenas frases pictoriais com as quais possa sonhar; apenas fatos e nomes e imagens devem ser a sua porção!^[163]

A Geografia Deveria Ser Interessante

Mas, você pode alegar que esse tipo de conhecimento, embora possa ser de difícil aquisição para a criança, é útil para a sua vida futura. Nada disso; e por uma única razão: tal conhecimento não é realmente recebido pelo cérebro; nunca vai além da névoa de uma mera memória verbal, a qual já tive ocasião de mencionar. A maioria de nós já teve uma boa dose de trabalho penoso sob a forma de lições de "geografia", mas de quanto nos lembramos? Apenas das partes agradáveis que ouvimos de amigos viajados, sobre o Reno, ou Paris, ou Veneza, ou pedaços de *The Voyages of Captain Cook*^[164], ou outros contos agradáveis de viagem e aventura. Começamos a enxergar as linhas sobre as quais devemos prosseguir no ensino de geografia: para fins educativos, a criança deve aprender tal geografia e, de tal maneira, que sua mente fique guarnecida com ideias, e sua imaginação com imagens; para fins práticos, ela deve aprender tal geografia, considerando a natureza de sua mente, somente na medida em que será capaz de guardar na memória; em outras palavras, ela precisa aprender aquilo que lhe *interessa*. Una a parte educativa à parte prática no mesmo compasso, e a aula de geografia se tornará a ocupação mais atrativa do dia da criança.

Como Começar

Mas como começar? Em primeiro lugar, a criança recebe essas noções rudimentares de geografia como recebe as primeiras noções da ciência natural, naquelas longas horas ao ar

livre das quais já vimos a importância. Um charco alimentado por um simples riacho no campo explicará a natureza de um lago, conduzirá a criança aos lindos lagos dos Alpes, àquele grande lago Africano em que Livingstone gostava de ver seus filhos “remando” — “seus próprios filhos ‘remando’ em seu próprio lago”. Associada a isso, estará uma grande dose de conversa agradável sobre lugares, “geografia pictórica”, até que a criança conheça, por nome e natureza, os grandes rios e montanhas, desertos e planícies, as cidades e países do mundo. Ao mesmo tempo, ela recebe suas primeiras noções de um mapa a partir de um simples esboço — apenas algumas linhas e pontos, feito com lápis e papel, ou, melhor ainda, com uma vara na areia ou cascalho. “Esta linha tortuosa é o Reno; mas você precisa imaginar as jangadas, e a ilha com a Torre do Rato, e a Ilha das Freiras, e o resto. Aqui estão as colinas, com seus castelos em ruínas — primeiro deste lado, depois deste. Este ponto é Cologne”, etc. Especialmente, deixe estas conversações cobrirem todos os cenários e interesses domésticos com os quais você está familiarizada, de modo que, com o passar do tempo, quando ela olhar para o mapa da Inglaterra, possa encontrar certa quantidade de nomes conhecidos que lhe sugiram as paisagens (como os lugares por onde a “mamãe esteve”): a floresta, as ilhotas floridas do Tamisa; as agradáveis colinas de Sussex, em que se pode correr e rolar com prazer, com seu macio tapete de relva e suas *Campanulas* oscilantes; os pântanos de York ou Devon Moore, com seus mirtilos e urzes — e sempre dê-lhe um esboço de mapa grosseiro da rota que tomou numa determinada viagem.

O Que Fazer em Seguida?

Em seguida, ofereça à criança conhecimento íntimo, com todos os detalhes, de qualquer país ou região do mundo, qualquer município ou distrito do seu próprio país. Neste estágio, não é necessário que ela aprenda o que é chamado de “geografia” dos países da Europa, dos continentes do mundo — mero encadeamento de nomes, em sua maior parte: ela pode até aprender estas coisas, mas é razoavelmente certo que não guardará tais informações na memória. Ao invés disso, familiarize-a com qualquer região específica; mostre, com o olho da mente, as pessoas em seu trabalho e em suas brincadeiras, as flores e os frutos em suas estações, os animais, cada um em seu habitat; e faça com que ela veja tudo *com empatia*, isto é, que siga as aventuras de um viajante; e ela conhecerá mais, será melhor equipada com ideias, do que se tivesse aprendido todos os nomes em todos os mapas. O “caminho” desse tipo de ensino é muito simples e óbvio; leia para ela, ou leia por ela, isto é, leia pouco a pouco, e conte à criança na medida em que lê, sobre o *Tropical World*^[165] de Hartwig, o mesmo autor de *Polar World*^[166], sobre as viagens missionárias de Livingstone, sobre os *Unbeaten Tracks in Japan*^[167], da sra. Bishop — de fato, qualquer livro de viagem interessante e bem escrito. Pode ser necessário deixar de fora parte significativa do livro, mas cada anedota ilustrativa, cada bocado de descrição, será de grande valor para a educação da criança. Aqui, como em relação aos outros assuntos, a questão não é quantas coisas ela sabe, mas *o quanto* ela sabe sobre cada coisa específica.

Mapas

Os mapas devem ser cuidadosamente usados neste tipo de trabalho — um esboço de mapa seguindo o progresso do viajante deve ser, por fim, comparado a um mapa completo da região; e o professor exigirá uma descrição de tal e tal cidade, e tal e tal distrito marcado no mapa, a fim de testar e confirmar o conhecimento exato da criança. Desta forma, ela irá adquirir noções inteligentes de geografia *física* igualmente; no decurso de suas leituras, ela irá se deparar com a descrição de um vulcão, uma geleira, um desfiladeiro, um furacão; ela escutará tudo sobre o assunto, perguntará e aprenderá o como e o porquê de tais fenômenos no momento em que o seu interesse for animado. Em outras palavras, ela aprenderá da mesma forma que os próprios adultos preferem aprender, embora estes raramente permitam que as crianças trilhem caminhos tão agradáveis.

O Conhecimento Geral que uma Criança de Nove Deveria Ter

Supondo que entre o sexto e o nono ano da criança, meia dúzia de livros básicos de viagens bem escolhidos tenham sido lidos com ela dessa maneira — ela terá adquirido ideias distintas dos contornos, das produções e da cultura dos povos de cada uma das grandes regiões do mundo; terá reservado um estoque de conhecimento valioso e confiável que durará por toda a sua vida; e, além disso, terá feito algo para adquirir o gosto pelos livros e o hábito da leitura. Livros como *Voyage in the 'Sunbeam'*^[168] de Lady Brassey devem ser evitados, tendo em vista cobrirem um terreno demasiadamente amplo, e provavelmente criarem certa confusão de ideias.

Conhecimento Particular

Mas estamos considerando as lições como “Instrumentos de Educação”; e o tipo de conhecimento de mundo que indiquei será transmitido, em vez disso, mais por meio de leituras na “Hora das Crianças” e em outras ocasiões, do que por meio de lições. Não conheço nada tão bom quanto o antiquado *World at Home*^[169], de Mary e Elizabeth Kirby (para as lições), para crianças entre seis e sete anos. Enquanto ouvem, elas se surpreendem, se admiram, imaginam e podem até “encenar” centenas de situações. As primeiras ideias de geografia — as lições sobre *lugar*, que devem fazer uma criança observar a geografia local, as características de sua própria vizinhança, suas alturas e cavidades, e terras niveladas, seus córregos e lagoas — devem ser obtidas, como temos visto, ao ar livre, e isso deve prepará-la para uma certa quantidade de generalização, isto é, ela deve ser capaz de descobrir as definições de rio, ilha, lago, e assim por diante, e deve reproduzi-las por si mesma em uma bandeja de areia ou desenhá-las em um quadro-negro.

Definições

Mas as definições devem surgir à medida em que a criança se recorda de suas experiências. Antes de aprender o que é um rio, ela deve ter visto um riacho e observado que ele flui; e assim por diante, em relação às demais coisas.

As crianças simulam conhecimento com facilidade e, nesse ponto, a professora precisará cuidar para que nada que a criança receba seja mero palavreado, mas que toda generalização seja trabalhada mais ou menos desta maneira: a criança observa um fato, como, por exemplo, uma larga extensão de terreno plano; o professor amplifica. Ela lê em seu livro sobre os Pampas, os países planos do noroeste da Europa, a Holanda de nossa própria costa oriental e, gradativamente, estará preparada para conceber a ideia de uma *planície* e para mostrá-la em sua bandeja de areia.

Ideias Fundamentais

Quando a criança chegar aos sete anos, ou até mesmo antes, ela estará ansiosa por mais conhecimento. Ela terá lido sobre países quentes e países frios, observado as estações e o nascer e pôr do sol, e lido a si mesma:

"Twinkle, twinkle, little star,
How I wonder what you are!" ^[170]

Já nesta idade, a criança também terá algum conhecimento do oceano e do mar, terá observado a maré indo e vindo, visto e feito por si mesma muitos esboços de mapas e, sem dúvida, notado as linhas entrecruzadas em um mapa “elaborado”; e isto significa que a sua mente estará preparada para o conhecimento em várias direções; haverá uma série de coisas relacionadas à geografia que a criança realmente desejará conhecer.

Por mais que sejam difíceis de entender, a forma e os movimentos da terra são ideias fundamentais, e a dificuldade é de um tipo que aumenta com os anos. O princípio em ambos os casos é bastante simples, e uma criança não se preocupa, como os mais velhos, com a

enorme magnitude da escala sobre a qual as operações no espaço são realizadas. É provável que a imaginação vívida de uma criança a coloque no mesmo nível do matemático ao lidar com o sistema planetário, com o comportamento e o caráter da Terra, com as causas das estações, e muito mais.

O Significado de um Mapa

Então, novamente, a geografia deve ser aprendida principalmente a partir de mapas. Leituras pictóricas e conversas introduzem a criança ao assunto, mas tão logo as suas lições de geografia se tornem definitivas, elas devem ser aprendidas, em primeiro lugar, a partir de mapas. Este é um princípio importante a se ter em mente. A criança que não recebe nenhuma ideia a partir da observação de um mapa, digamos, da Itália ou da Rússia, não tem conhecimento de geografia, não importa quantos *fatos* sobre estes locais ela seja capaz de reproduzir. Portanto, ela deve começar esse estudo aprendendo o significado de um mapa e como usá-lo. Ela deve aprender a desenhar uma planta de sua sala de estudos, etc., de acordo com a escala, avançar para a planta de um campo, considerar como elaborar a planta de sua cidade e ser conduzida gradualmente da ideia de uma planta para a de um mapa; sempre partindo do ponto de vista de um explorador que encontra a terra e a mede e, por meio do sol e das estrelas, é capaz de registrar exatamente onde ela está na superfície da Terra, leste ou oeste, norte ou sul.

Assim, ela chegará ao significado das linhas de latitude e longitude. Ela aprenderá como o mar e a terra são mostrados em um mapa, como os rios e as montanhas são representados; e, tendo aprendido os pontos cardeais e o uso da sua bússola, e sabendo que os mapas são sempre feitos como se o observador estivesse olhando para o norte, ela será capaz de dizer muitas coisas sobre a situação, direção e afins, desde cedo. As ideias fundamentais da geografia e o significado de um mapa são assuntos bastante adequados como uma introdução atraente a esse estudo. Algumas delas devem despertar na criança um agradável interesse, o qual se unirá, em sua mente, àquilo que é maravilhoso, incompreensível; enquanto as lições de mapa devem guiá-la a esforços mecânicos igualmente agradáveis. Os fatos ensinados em tais lições só se mostram secos e repulsivos quando apresentados à criança pela primeira vez na forma de conhecimento ultrapassado e conclusões precipitadas. É necessário esforço para tratar deste assunto com o tipo de interesse e frescor capazes de atrair as crianças para um novo estudo.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Em que repousa o peculiar valor educacional da geografia?
2. Como a geografia costuma ser ensinada?
3. De que tipo de informação sobre lugares as crianças e os adultos gostam?
4. Por que a geografia aprendida na escola tem pouco uso na vida futura?
5. O que uma criança deve aprender em geografia?
6. Como ela deveria obter suas noções rudimentares?
7. Como as crianças devem ser apresentadas aos mapas?
8. Por que uma criança deve ser familiarizada com alguma região específica?
9. Por que é bom seguir os passos de um viajante?
10. Mencione alguns livros úteis neste contexto.
11. Como os mapas devem ser utilizados neste tipo de trabalho?
12. Como uma criança deve ter sua primeira noção sobre uma geleira, um desfiladeiro, etc.?
13. Que curso de leitura os pais devem oferecer entre o quinto e o décimo ano de vida de uma criança?
14. Como as lições de crianças pequenas devem acontecer em seu próprio contexto?
15. Como elas devem chegar às definições?
16. Que ideias fundamentais a criança deve receber?
17. Como ela deve ser apresentada ao significado de um mapa?

Capítulo XVIII – História

Um Depósito de Ideias

Muito do que foi dito sobre o ensino da geografia aplica-se igualmente ao ensino da história. Eis aqui, também, um conteúdo que deveria ser para a criança um inesgotável depósito de ideias, deveria enriquecer as câmaras de sua Bela Casa com mil quadros artísticos, emocionantes e heróicos, e deveria formar nela, inconscientemente, princípios pelos quais pudesse, dali em diante, julgar o comportamento das nações, e governar a sua própria conduta como membro de uma nação. É isso que o estudo da história deveria fazer pela criança; mas quem é ela para fugir da miserável crônica de feudos, batalhas e mortes que lhe é apresentada por meio de "um reinado" — ainda mais repelente porque é cheia de datas? Quanto às datas, elas nunca são gravadas; a criança pode até conseguir captar as dezenas e unidades, mas os séculos *certamente* se perderão; e como ela poderia ser capaz de colocar os eventos certos no reinado certo, quando, para ela, um rei difere do outro apenas em número, e um período difere do outro apenas pela data? Mas ela segue esta rota, cambaleante; lendo em seu agradável e tagarela livreto de história sobre todos os reinos de todos os reis, desde Guilherme, o Conquistador até Guilherme IV, e de volta aos dias sombrios do domínio britânico. E com que resultado? Este: que conduzir a criança num curso de história inglesa como esse é possivelmente a maneira mais segura de distorcer o julgamento da criança e de enchê-la de noções rudes e preconceitos estreitos; e ainda mais se o seu pequeno livro didático for moral ou religioso em seu tom e se comprometer a apontar a moral juntamente com o registro do fato. Sem dúvida, o ensino moral recai dentro do distrito da história; mas o pequeno volume que a criança usa não dá margem para a discussão justa e razoável em que devem se basear as decisões morais de um indivíduo, nem a criança tem idade suficiente para ser colocada na atitude de julgamento que tal decisão supõe.

“Resumos” São Prejudiciais

O erro fatal está na noção de que ela deve aprender “resumos”, ou uma edição infantil da história *geral* da Inglaterra, ou de Roma, assim como deve cobrir a geografia do mundo *todo*. Deixe-a, pelo contrário, demorar-se agradavelmente na história de um único homem, de um curto período, até que pense os pensamentos daquele homem e se familiarize com os costumes daquele período. Embora a criança esteja lendo e pensando na vida de um único homem, ela está, de fato, ficando intimamente familiarizada com a história de toda uma nação por toda uma era. Deixe que ela dedique um ano inteiro de feliz intimidade com Alfredo, "o contador de verdades", com o Conquistador, com Ricardo e Saladino, ou com Henrique V — O Henrique V de Shakespeare — e seu exército vitorioso. Deixe que a criança conheça as grandes pessoas e as pessoas comuns, os costumes da corte e da multidão. Deixe que ela saiba o que outras nações estavam fazendo enquanto nós, em casa, estávamos fazendo isso e aquilo. Se ela chegar à conclusão de que as pessoas de outra época eram mais verdadeiras, de coração mais dilatado e mentes mais simples do que as nossas, de que as pessoas de alguma outra terra eram, em alguma medida, melhores do que nós — ora, tanto melhor para ela!

Livros de História Escritos Para Crianças

No que diz respeito a este ensino inteligente da história, evite, em primeiro lugar, quase todos os livros de história escritos expressamente para crianças; e em segundo lugar, todos os compêndios, resumos, e sínteses de qualquer tipo. Quanto às sínteses, considerando qual é o papel adequado que o estudo da história deve desempenhar na educação da criança, nada pode ser dito a seu favor; e quanto aos chamados livros infantis, os filhos de pais instruídos são capazes de compreender a história escrita com poder literário e não se sentem atraídos pela linguagem abobalhada dos livretos de história de leitura facilitada. Dadas as devidas

omissões criteriosas, e uma boa dose de paráfrases elaboradas pelas mães de forma muito natural, as crianças poderão ser conduzidas pelos primeiros volumes de uma história popular da Inglaterra, bem escrita e ilustrada, até os Tudors. No decorrer de tais leituras, será necessário questioná-las e extrair questionamentos delas, tanto para assegurar sua atenção quanto para fixar os fatos. Este é o mínimo que deve ser feito; mas melhor do que isso seria fornecer a ela uma informação mais completa, e mais detalhes gráficos sobre duas ou três épocas primitivas.

História Primitiva de Uma Nação Mais Adequada às Crianças

A história primitiva de uma nação é muito mais adequada do que os registros posteriores para o estudo das crianças, porque a história se move em algumas poucas linhas amplas e simples; enquanto a sociedade estatizada, desde que existe, não passa de esforços de uma mente engenhosa para lidar com as circunstâncias. O Sr. Freeman elaborou uma interessante história inglesa para crianças; mas não é melhor, de forma geral, levá-las direto ao manancial, quando possível? Nestes primeiros anos, enquanto não há avaliações à vista, e as crianças ainda podem caminhar vagarosamente, faça com que capturem o *espírito* da história lendo pelo menos uma *Crônica* antiga escrita por um homem que viu e soube de algo a respeito do que escreveu, e não obteve estas informações de segunda mão. É mais fácil e mais agradável ler tais livros antigos do que a maioria das obras modernas sobre história, visto que os autores antigos conhecem muito pouco da "dignidade da história", de forma que fazem agradáveis voltas como o riacho de uma floresta, te contam "tudo sobre isso", agitam seu coração com a história de um grande evento, te entretém com pompas e exhibições, e te fazem íntimo das grandes pessoas e companheiro dos humildes. Estas são as coisas mais apropriadas para as crianças cujas almas ansiosas almejam se achegar às pessoas vivas existentes por trás das palavras do livro de história, não se importando com progresso, estatutos, ou com qualquer outra coisa além das pessoas; e a história, para a mente da criança, não passa de uma etapa conveniente para as ações de tais pessoas. Uma criança que tenha sido conduzida dessa maneira por um único cronista antigo, tem uma base melhor para todo o treinamento histórico do que teria se conhecesse todas as datas, nomes e fatos já acumulados para algum exame.

Algumas Crônicas Antigas

Em primeiro lugar, tanto em ordem cronológica como de leitura mais cativante, temos a *Ecclesiastical History of England*^[171] do Venerável Bede, que, escrevendo a respeito de si mesmo ainda no sétimo século, diz: "Sempre me foi agradável aprender, ensinar e escrever". "Ele nos deixou", diz o professor Morley, "uma sucinta história dos primeiros anos da Inglaterra, entretanto, grandemente aquecida com vida; esta obra é profissional e, contudo, singela em seu tom, ao mesmo tempo prática e espiritual, simplesmente justa, e o trabalho de um verdadeiro erudito, respirando amor a Deus e ao homem. Devemos somente a Bede o conhecimento de grande parte do que há de mais interessante em nossa história primitiva". Guilherme de Malmesbury (século XII) afirma sobre Bede que "Quase todo conhecimento de eventos passados foi enterrado com ele na mesma sepultura"; e ele não é um mau juiz, pois considera-se que em *Chronicles of the Kings of England*^[172], ele mesmo tenha levado à perfeição a arte de fazer crônicas. Ele é especialmente vívido e gráfico em relação a eventos contemporâneos a si — tais como a história da triste guerra civil de Stephen e Matilda. Ao mesmo tempo, temos Asser, que escreveu sobre a vida de Alfredo, de quem era amigo e colega de trabalho. "Parece-me apropriado", diz ele, "explicar de forma um pouco mais completa aquilo que ouvi de meu senhor Alfredo". Ele nos conta como: "quando entrei em sua presença no vilarejo rural, chamado Leonaford, fui honrosamente recebido por ele, e, naquele tempo, permaneci com ele em sua corte por cerca de oito meses, durante os quais lia para ele quaisquer livros de que gostasse, e que tivesse em mãos; pois seu costume mais corriqueiro, tanto de dia quanto à noite, em meio às suas muitas outras ocupações da mente e do corpo, é ler livros por si mesmo ou escutar enquanto outros os lêem". Quando não estava presente para ver por si mesmo, como na batalha de Ashdown, Asser se esforçava para obter o depoimento de testemunhas oculares: "Mas Alfredo, como nos foi dito por aqueles que estavam presentes e não contariam uma inverdade, marchou prontamente, com seus homens, para encaminhar-lhes à batalha; pois o rei Ethelred permaneceu muito tempo em sua tenda, em oração". Além

destes, há também as *Chronicles of the Crusades*^[173], com narrativas contemporâneas das cruzadas de Richard Coeur de Lion, escrita por Richard de Devizes e Geoffrey de Vinsany, e da cruzada de São Luís escrita pelo lorde John de Joinville.

É desnecessário estender a lista; uma dessas antigas crônicas durante um ano, ou pedaços adequados de uma dessas crônicas, serão suficientes para deixar a imaginação da criança desperta, e a sua mente repleta de ideias. Ela terá entrado em contato com a fala das próprias pessoas que viram e ouviram; e as crianças preferem exatamente a maneira prosaica com que os velhos monges contam seus contos. Depois disso, ainda que você coloque tediosos resumos em suas mãos, elas farão *história* sozinhas.

A Era dos Mitos

Mas toda nação tem sua era heróica antes do início da história autêntica: “naqueles dias, havia gigantes sobre a terra”, e a criança deseja saber sobre eles. Ela tem todo o direito de se deleitar em tais mitos clássicos que possuímos como nação; e não deveríamos forçá-las a desembarcar na companhia de selvagens pintados, a fim de obter a sua primeira introdução ao seu povo — é como tornar a sua visão do passado severa e desnuda, como uma pintura chinesa. Mas o que devemos fazer? Se alguma vez tivemos uma era Homérica, não fomos nós, práticos como somos, que perdemos todos os registros? Este é outro débito que temos com aqueles antigos monges cronistas: os ecos de algum passado rico e obscuro chegaram ao décimo segundo século porque caíram nos ouvidos de um padre galês, um Geoffrey de Monmouth; e enquanto Guilherme de Malmesbury escrevia a sua admirável *History of the Kings of England*^[174], Geoffrey tecia as tradições do povo em uma *History of the British Kings*^[175], retrocedendo no caminho até o rei Brutus, neto de Enéias. Como lhe chegaram ao conhecimento reis sobre os quais nenhum outro historiador tinha ouvido falar, foi uma questão de malandragem: ele afirma ter obtido tais informações “daquele livro na língua britânica que Walter, arqui-diácono de Oxford, trouxe da Grã-Bretanha”. Seja como for, em seu livro lemos sobre Gorboduc, Rei Lear, Merlin, Uther Pendragon e, melhor de tudo, Rei Artur — o escritor torna “o dedo mínimo do seu Artur mais forte do que as costas de Alexandre, o Grande”. Aqui está, de fato, um gigantesco tesouro do qual as crianças deveriam desfrutar livremente durante seus primeiros dez anos, antes de lerem os *Idylls of the King*^[176]. Deve-se tomar alguns cuidados, no entanto, durante a leitura de Geoffrey de Monmouth. Suas histórias cheias de maravilhas são deliciosas; mas quando ele deixa as maravilhas e romanceia largamente sobre fatos históricos e personagens, acaba se tornando um guia confuso. Muitas dessas “crônicas”, escritas em latim pelos monges, estão disponíveis em inglês legível; a única precaução a ser tomada é que a mãe deve passar os olhos pelas páginas antes de lê-las em voz alta. (A Biblioteca Antiquarian de Bohn inclui Bede, Guilherme de Malmesbury, as seis antigas Crônicas Inglesas do Dr. Giles — sendo Asser e Geoffrey de Monmouth duas delas —, *Chronicles of the Crusaders*^[177], etc.)

Também temos Froissart, o mais agradável dos cronistas, que morava na corte da rainha Filipa enquanto ela permaneceu na Inglaterra - e de quem mais as crianças deveriam aprender sobre a história das guerras francesas? E assim deve ser em relação a tudo para o que houver tempo; o princípio é que, sempre que praticável, a criança deve ter as suas primeiras noções de um determinado período, não a partir do historiador moderno - o comentarista e revisor - mas a partir das fontes originais da história, os escritos de contemporâneos. A mãe deve, no entanto, exercer a discriminação em sua escolha de antigas “Crônicas”, visto que nem todas são igualmente confiáveis.

"Vidas", de Plutarco

Da mesma forma, leituras de *Vidas*, de Plutarco, proporcionarão a melhor preparação para o estudo da história grega ou romana. Alexandre, o Grande, é mais do que um simples nome para a criança que lê esse tipo de texto:

“Quando o cavalo Bucéfalo foi oferecido à venda a Filipe, ao preço de treze talentos, o rei, com o príncipe e muitos outros, foi à campo vê-lo em uma prova. O cavalo parecia muito feroz e incontrolável, e estava tão longe de se submeter à montaria, que não suportava que lhe falassem, mas voltava-se ferozmente para todos os cavaleiros. Filipe ficou descontente por

lhe terem trazido um cavalo tão selvagem e ingovernável, e pediu-lhes que o levassem embora. Mas Alexandre, que o havia observado bem, disse:

— Que cavalo estão perdendo por falta de habilidade e espírito para conduzi-lo!

Filipe, de início, não lhe deu atenção; mas visto que o príncipe muitas vezes repetia a mesma expressão e demonstrava grande inquietação, disse:

— Jovem, você acusa os defeitos de seus anciãos como se soubesse mais do que eles, ou pudesse conduzi-lo melhor.

— E eu certamente poderia. — Respondeu o príncipe.

— Se você não for capaz de montá-lo, que confisco você apresentará por sua precipitação?

— Eu pagarei o preço do cavalo.

Ao que toda a companhia riu. Mas tendo o rei e o príncipe concordado quanto ao confisco, Alexandre correu em direção ao cavalo e, segurando o freio, virou-o para o sol, pois ele havia observado, ao que parece, que a sombra que se projetava adiante do cavalo e se movia continuamente à medida em que ele se movia, perturbava-o grandemente. Enquanto sua ferocidade e fúria duraram, ele continuou falando baixinho e acariciando o cavalo, até que gentilmente deixou cair o seu manto, pulou calmamente sobre suas costas e sentou-se com segurança. Em seguida, sem puxar as rédeas com muita força, ou usar chicote ou esporão, ele fez o cavalo trotar. Logo que percebeu que o desconforto do cavalo diminuía, e que ele queria apenas correr, Alexandre o pôs a galope, guiando-o com a voz e a espora.

A princípio, Filipe e toda a sua corte ficou grandemente angustiada por ele, e todos guardaram profundo silêncio; mas quando o príncipe deu a volta e trouxe o cavalo em segurança, todos o receberam com altas exclamações, exceto seu pai, que chorou de alegria e, beijando-o, disse:

— Procure outro reino, meu filho, que seja digno de suas habilidades, pois a Macedônia é pequena demais para ti."

Aqui, novamente, na inigualável tradução do Norte, obtemos o tipo de vívida apresentação gráfica que torna a "História" tão *real* para a criança quanto as aventuras de Robinson Crusoe.

Resumindo, saber tanto quanto possível, ainda que seja sobre um curto período, é muito melhor para as crianças do que conhecer os "resumos" da história como um todo. E, em segundo lugar, as crianças são bastante capazes de captar ideias inteligentes em linguagem inteligente, e de modo algum devem ser excluídas dos melhores escritos sobre o período que estão estudando.

Livros de História

Não é nada fácil escolher os livros de história certos para as crianças. Como vimos, meros resumos de fatos devem ser evitados; e precisamos ser igualmente cuidadosos para evitar generalizações.

A função natural da mente, nos primeiros anos de vida, é acumular material do conhecimento exatamente com vistas a esse trabalho de generalização que é próprio da mente adulta; um trabalho a que todos nós devemos dar continuidade em alguma medida, e de forma autônoma.

Nossas mentes, entretanto, são tão mal-equipadas que aceitamos as conclusões que nos são apresentadas sem objeção; mas podemos, em alguma medida, evitar dar às crianças opiniões recortadas e dissecadas durante suas lições de história enquanto ainda são jovens. Elas desejam detalhes gráficos, concernentes a eventos e pessoas, sobre os quais a imaginação possa trabalhar; e as opiniões tendem a se formar lenta e gradativamente, à medida em que o conhecimento cresce.

O Sr. York Powell, talvez mais do que outros, encontrou aquilo que tenho em vista como o ensino exato para as crianças pequenas. No prefácio de *Old Stories from British History*^[178], ele diz:

"O escritor escolheu tais histórias de acordo com o que pensou que poderia entreter e agradar seus leitores e dar-lhes, ao mesmo tempo, algum conhecimento das vidas e pensamentos de seus antepassados. Para este fim, ele não escreveu somente sobre pessoas de destaque — reis, rainhas e generais —, mas também sobre pessoas e crianças comuns, e, oh!, sobre pássaros e animais também".

E aprendemos a história do rei Lear e de Cuculain, e do rei Canuto e do poeta Otter, de Havelock e Ubba, e muitas outras histórias corajosas e gloriosas; de fato, o Sr. York Powell nos dá uma perfeita coleção de tesouros em seus dois pequenos volumes de *Old Stories* e *Sketches from British History*^[179], os quais são excelentes para nosso propósito, porque as crianças

podem lê-las por si mesmas tão logo sejam capazes de ler seus próprios livros. Essas histórias, escritas em bom e simples inglês e com certo charme de estilo, se prestam admiravelmente à narração.

De fato, é muito interessante ouvir crianças de sete ou oito anos contando uma longa história sem perder qualquer detalhe, colocando cada evento em sua ordem correta. Essas narrações nunca são uma reprodução servil da história original. A individualidade de uma criança atua naquilo que ela gosta, e a história vem de seus lábios, não exatamente como o autor conta, mas com um certo espírito e colorido que expressam o narrador. A propósito, é muito importante que as crianças possam narrar à sua maneira, não devendo ser corrigidas ou ajudadas com palavras e expressões do texto. Uma narração deve ser original, visto que parte da criança — isto é, a sua própria mente deve agir sobre o conteúdo recebido. Narrações reproduzidas por meio de meras façanhas da memória são completamente sem valor.

Já falei do tipo de crônicas antigas sobre as quais as crianças devem ser nutridas; mas estas são muitas vezes difusas demais para oferecer um bom conteúdo para a narração, e é bom ter contos curtos que sejam apropriados para esse propósito.

Gostaria de mencionar outros dois pequenos volumes com os quais as crianças se encantam, alimentando sentimentos patrióticos e estabelecendo uma ampla base para o conhecimento histórico. Refiro-me a *Tales from St. Paul's*^[180] e *Tales from Westminster Abbey*^[181], da sra. Frewen Lord's. É belo e delicioso trazer tantas informações sobre a Abadia ou sobre São Paulo às crianças por meio desses contos, e deixar que elas identifiquem por si mesmas os lugares consagrados a seus heróis. Elas sabem tanta coisa e estão tão cheias de interesse vívido que seus superiores se mantêm instruídos e inspirados.

Há, sem dúvida, milhares de contos e relatos históricos para crianças, e alguns deles, como *Prisoners of the Tower*^[182] da Srta. Brooke Hunt, são muito bons; mas é necessário que a mãe se mantenha atenta: nada pode exigir tato e compreensão mais atenciosos em relação às crianças do que essa questão aparentemente simples de escolher seus livros de lições, e especialmente, talvez, seus livros de lições de história.

Muitas crianças de oito ou nove anos estarão prontas para ler com prazer *A History of England*^[183], de H.O. Arnold Forster, que há muito tempo fincou suas raízes no campo da literatura educacional. Nisto, como em assuntos de diplomacia mais imediata, o Sr. Arnold Forster tem o dom de enxergar um defeito e um remédio, uma lacuna e os meios de preenchê-la. Ele percebeu que as crianças inglesas cresciam sem qualquer conhecimento das condições em que viviam e das leis que as governam; mas desde o surgimento de *The Citizen Reader*^[184] e *The Laws of Every-day Life*^[185], isso tem se transformado.

The History of England, ou, como as crianças a chamam, *History*, tirando o fato de que há ali muitas outras histórias além da história da Inglaterra, tem sido apresentada aos jovens como "resumos de datas e fatos, ou como coleções de histórias românticas, com pouca coerência e ainda menos efeito sobre as fortunas do país". O sr. Arnold Forster diz em seu prefácio que está "relutante em apresentar seu livro com qualquer título repelente como 'Um Resumo' ou 'Um Esboço da História Inglesa'. Tais títulos parecem implicar que o elemento de interesse e o romance inseparável da vida e dos feitos dos indivíduos estão excluídos, e que uma tabela cronológica ampliada foi elaborada para cumprir seu dever pela história. Mas, ler a história inglesa e não perceber que ela está repleta de interesses, brilhando com seus episódios, e cheia de incidentes dramáticos, é perder todo o prazer e a maior parte da instrução que seu estudo, se adequadamente buscado, pode oferecer". O autor cumpre sua promessa implícita, e sua obra está, atrevo-me a dizer, como que "repleta de interesses, brilhando com seus episódios, e cheia de incidentes dramáticos", como é possível, considerando as limitações que lhe são impostas pelo fato de que escreve para leitores com pouca educação, e nos apresenta um levantamento da História da Inglaterra de forma integral em um volume agradável, copiosa e sabiamente ilustrado, de cerca de oitocentas páginas. Este livro é bastante revelador e lúcido, e todos nós desejaríamos ter nos deparado com tal parágrafo em nossos primeiros estudos de arquitetura, por exemplo: "Na página 23 temos imagens de duas janelas. Uma delas é o que se chama de janela *Pontaguda*; todos os seus arcos sobem até certo ponto. Ela foi construída muito antes do período Tudor. A outra foi construída no tempo da Rainha Elizabeth. Nesta imagem, o eixo vertical da janela segue reto até o topo sem formar um arco. Esse estilo de construção de uma janela é chamado de *Estilo Perpendicular*, porque as barras da janela são "perpendiculares". Alguns dos edifícios mais famosos da Inglaterra, construídos no período Tudor e no estilo perpendicular, são a Capela do King's College, em Cambridge, e a Hatfield House, residência do Marquês de Salisbury, em Hertfordshire". Neste volume, voltado para crianças e iletrados, o Sr. Arnold Forster fez o que o Professor Green fez em sua *Shorter History of England*^[186] para estudantes um pouco mais avançados, despertando muitos para o fato de que a história é um tópico de estudo fascinante. Esta é uma introdução real à história real. Os retratos são uma característica especialmente

valiosa da obra.

Datas

A fim de oferecer algo mais definido e concreto para o que pode rapidamente se tornar um amplo conhecimento da história, prepare uma folha de papel cartucho dividindo-a em vinte colunas, sendo que o primeiro século da era cristã deverá ser colocado no centro e cada uma das demais colunas deverá representar um século a.C. ou d.C., conforme o caso.

Então, deixe que a própria criança escreva ou cole, conforme seja capaz, os nomes das pessoas com quem entra em contato durante as lições na devida ordem, em seu próprio século.

Não precisamos nos preocupar, neste momento, com datas mais exatas, mas essa simples tabela dos séculos oferecerá um panorama gráfico para a mente da criança, e ela verá os eventos em sua ordem do tempo.

As Ilustrações Feitas Pelas Crianças

As leituras de história oferecem um maravilhoso material para a narração, e as crianças gostam de narrar o que leram ou ouviram. Elas também amam fazer ilustrações. Crianças que haviam lido *Júlio César* (e também *Vidas*, de Plutarco) foram convidadas a fazer uma ilustração de sua cena favorita, e os resultados mostraram que as pequenas pessoas possuem um extraordinário poder de visualizar. Obviamente, elas aprendem aquilo que visualizam ou imaginam de forma clara; e isso se torna uma possessão vitalícia.

Os desenhos das crianças em questão são bastante interessantes em termos psicológicos, visto que mostram como pontos diversos e, às vezes, obscuros, apelam à mente de uma criança; e mostram também que as crianças têm o mesmo prazer intelectual em desenvolver novas alusões e sugestões que as pessoas de mente culta. Os desenhos, precisamos confessar, deixam muito a desejar, mas têm algo em comum com a arte dos povos primitivos: eles contam alguma história de forma direta e vívida. Uma menina de nove anos e meio desenhou Júlio César conquistando a Grã-Bretanha. Ele está guiando uma carruagem cheia de foices, em uma toga azul, e pedaços de céu azul aqui e ali dão a cor complementar. Ao longe, um soldado planta a bandeira que traz a insígnia da águia romana, negra em um fundo rosa. Em primeiro plano, há um combate corpo-a-corpo entre um romano e um britânico, cada um com uma espada de enorme comprimento. Outros personagens estão dispostos de forma variada.

Outra criança desenhou Antônio “fazendo seu discurso após a morte de César”. Essa garota, que já era mais velha, ilustrou a arquitetura; você observa a cena através de um arco, que leva a uma rua lateral, e, em primeiro plano, Antônio está em uma plataforma no topo de uma escada de mármore. A atitude de Antônio expressa indignação e desprezo. Abaixo, há uma multidão de romanos vestindo toga, cujas atitudes mostram vários tons de agonia e desânimo. Ao fundo, o servo de Antônio, uniformizado, segura o cavalo de seu amo; e na plataforma, atrás de Antônio, jaz César coberto com o manto real. O principal valor do desenho, enquanto desenho, é que ele conta a história.

Outra criança desenhou Calpurnia implorando a César que não fosse ao Senado. César está alarmado e perturbado, enquanto Calpurnia, com suas duas mãos, segura a mão de César, ajoelhada diante dele, com o rosto erguido em súplica; seu vestido noturno e seus longos cabelos dourados dão cor à imagem. Esta artista tem quatorze anos e o desenho é de melhor qualidade.

Outro artista apresenta Brutus e Portia no pomar com uma “parede sul” de tijolos vermelhos, uma fileira de árvores e dois personagens cheios de uma dignidade que pouco transparece sua história.

Ainda outra criança ilustra a cena no fórum: César sentado com seu manto real, Brutus ajoelhado diante dele, e Casca em pé atrás da cadeira com a mão erguida segurando uma adaga, dizendo: “Falem, mãos, por mim”, enquanto César diz: “Não está Brutus ajoelhado sem suas botas?”

Ainda outro desenho nos mostra Lúcio tocando para Brutus na tenda. Brutus, armado da cabeça aos pés, sentado em um banquinho, tenta ler em vão, enquanto Lúcio, um belo personagem, sentado diante dele, toca harpa. As duas sentinelas, também totalmente armadas, estão estendidas no chão, dormindo profundamente.

Outro desenho exhibe Cláudio vestido como uma mulher no festival de mulheres — senhoras com olhos notáveis, e que carregam tochas flamejantes.

Ainda outra retrata, com grande espírito, César lendo sua história para os gauleses conquistados, que estão em pé em uma ladeira, distribuídos em fileiras, escutando o grande homem com paciência exemplar.

Nestas ilustrações originais (várias delas feitas por crianças mais velhas do que as que temos em vista aqui), obtemos exemplos das várias imagens que se apresentam às mentes das crianças durante a leitura de uma grande obra; e um simples vislumbre da mente de uma criança nos convence da importância de sustentar essa mente com carne substancial. A imaginação não se agita com as sugestões daqueles materiais fracos e diluídos que muitas vezes são colocados em suas mãos.

Brincando com a História

As crianças têm outras formas de expressar as concepções que as preenchem quando estão devidamente alimentadas. Elas brincam com as lições de história, vestem-se, fazem painéis, encenam; ou armam um palco e colocam seus bonecos para atuarem enquanto retratam o cenário e proferem os discursos. Não há limites para as formas de expressão que as crianças encontram quando há nelas algo a ser expressado. O erro que cometemos é supor que a imaginação é alimentada pela natureza ou que ela trabalha com a dieta insípida dos livros de histórias infantis.

Dê a uma criança a carne de que necessita em suas leituras de história e de literatura — a qual, naturalmente, gira em torno desta história —, e a imaginação se elevará sem qualquer ajuda de nossa parte; a criança viverá mil cenas em detalhes até mesmo quando só tiver obtido delas uma mera alusão.

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Qual é o valor intelectual e moral da história como disciplina educacional?
2. O que dizer das maneiras usuais de ensinar a história da língua inglesa?
3. E se o livreto didático tiver um tom moral ou religioso?
4. Qual é o erro fatal no ensino inicial da história?
5. Qual é o melhor caminho?
6. O que uma criança deve saber sobre o período em que qualquer pessoa, sobre quem está lendo, viveu?
7. Que ganho moral ela pode obter de um conhecimento tão íntimo?
8. Que tipos de livros devem ser evitados?
9. Qual é o mínimo a ser feito para introduzir as crianças à história da Inglaterra?
10. Por que a história primitiva de uma nação é mais adequada para crianças do que seus registros posteriores?
11. Por que as Crônicas antigas são uma leitura proveitosa para elas?
12. Cite e comente algumas das Crônicas sobre as quais o conhecimento de história das crianças deve repousar.
13. Que efeito a leitura de tais Crônicas antigas deve ter sobre a criança?
14. Mostre que as crianças devem saber algo sobre a era heróica de sua própria nação.
15. Que uso pode ser feito de *History of the British Kings*, de Geoffrey de Monmouth?
16. De que autoridade deve uma criança obter a história das guerras francesas?
17. Por que *Vidas*, de Plutarco, oferece a melhor preparação para o estudo da história grega e romana?
18. Dê dois conselhos que deveriam regular o ensino da história.
19. Com base em quais princípios os livros de história para crianças devem ser selecionados?
20. Mencione um ou dois livros que se prestam a narração.
21. Fale sobre *History of England* do Sr. Arnold Forster.
22. Como você ajudaria as crianças a terem clareza com relação às datas?
23. Mencione duas ou três maneiras pelas quais as mentes das crianças trabalharão se seus livros de história forem de boa qualidade.

Capítulo XIX – Gramática

Gramática, um Estudo Difícil

Sobre *gramática*, latina e inglesa, falarei brevemente aqui. Em primeiro lugar, a gramática, por ser um estudo de *palavras* e não de *coisas*, não é de forma alguma atraente para a criança, que não deveria ser precipitada nele por seus instrutores. Além disso, a gramática inglesa é peculiarmente difícil de entender, em virtude da posição e da conexão lógica das palavras. Nesse aspecto, a gramática latina é mais fácil; uma mudança na forma, no *aspecto* da palavra, para denotar caso, é algo que uma criança pode ver com seu olho físico e, portanto, é mais evidente para ela do que as ideias abstratas dos casos nominativo e objetivo, tal como temos em inglês. Portanto, é bom que ela aprenda as declinações e um verbo ou dois em latim neste estágio inicial, apenas para ajudá-la a ter uma ideia de como a palavra se comporta na gramática inglesa, em se tratando de uma mudança de caso ou modo, mesmo quando não mostra nenhuma mudança na forma.

Gramática Latina

Para o ensino da gramática latina, acho que não posso fazer melhor do que mencionar um livro para iniciantes que realmente nos atende. Crianças de oito e nove anos são conduzidas muito amavelmente por este *First Latin Course*^[187] (Scott e Jones) — e começar um estudo com prazer é algo realmente bom. No entanto, a vantagem de se começar o latim em uma idade tão precoce ainda é uma questão em aberto.

Gramática Inglesa é Um Estudo Lógico

Visto que a gramática inglesa é um estudo lógico, e lida com *frases* e com as posições que as *palavras* ocupam nelas, em vez de lidar com as palavras, e o que elas são em si mesmas, é melhor que a criança comece com a frase, e não com as partes do discurso; isto quer dizer que ela deve aprender um pouco do que é chamado de *análise sintática* antes de aprender a análise morfológica; deve aprender a dividir frases simples na “coisa da qual falamos”, e no “que falamos sobre ela” — “O gato / senta-se sobre a lareira”—, antes que se perca na névoa da pessoa, do modo e da análise morfológica.

“Então, peguei o próximo livro. Era sobre gramática. Dizia coisas extraordinárias sobre substantivos e verbos, partículas e pronomes, e participios passados e casos objetivos e modos subjuntivos. ‘O que são todas essas coisas?’ perguntou o rei. ‘Eu não sei, Vossa Majestade’, e a rainha não sabia, mas ela disse que seria muito apropriado que as crianças aprendessem. ‘Isso deverá mantê-las quietas’”. (*Palace Tales*, de H. Fielding)

É tão importante que as crianças não fiquem preplexas como o rei e a rainha, que eu acrescento aqui algumas lições introdutórias de gramática, visto que um único exemplo é frequentemente mais útil que muitos preceitos.

LIÇÃO I

Quando palavras são dispostas em conjunto de tal forma que façam sentido, constituem o que chamamos de frase.

“Aveia de cevada cadeira muito boa e cereja” não é uma frase, porque não faz sentido.

“Tom aprendeu sua lição” é uma frase.

É uma frase porque nos diz algo sobre Tom.

Toda frase fala de alguém ou de alguma coisa, e nos diz algo sobre aquilo de que fala.

Então uma frase tem duas partes:

- (1) A coisa da qual falamos;
- (2) O que falamos sobre ela.

Em nossa frase, falamos de "Tom".

E falamos sobre ele que "aprendeu sua lição".

A coisa da qual falamos é frequentemente chamada de SUJEITO, que significa apenas aquilo de que falamos.

As pessoas às vezes dizem: "o *sujeito* da conversa foi esse e esse", que é outra forma de dizer: "a coisa da qual estávamos falando era essa e essa".

Para aprender:

Palavras dispostas em conjunto de tal forma que façam sentido constituem uma frase.

Uma frase tem duas partes: a coisa da qual falamos e o que falamos sobre ela.

A coisa da qual falamos é o SUJEITO.

Exercícios da Lição I

1. Coloque a primeira parte de:

... tem uma longa juba.

... está quebrado.

... não consegue fazer suas contas.

... tocou por uma hora;

etc., etc.

2. Coloque a segunda parte de:

Aquele pobre menino ...

Meu irmão Tom ...

O vaso quebrado ...

Pão e geleia ...

As ferramentas de Brown...

etc., etc.

3. Coloque seis sujeitos diferentes em cada uma das frases do primeiro exercício.

4. Faça seis frases diferentes com cada um dos sujeitos do segundo exercício.

5. Diga qual parte da frase está faltando e forneça-a:

Foi consertado

A faca de tom

Aquele pequeno cachorro

Cortou o dedo

Comeu muita fruta

Meu novo livro

Os aromas do nosso jardim

etc., etc.

Observação: Tenha o cuidado de chamar a primeira parte de cada frase de *sujeito*.

Sublinhe o sujeito de cada frase em todos os exercícios.

LIÇÃO II

Podemos elaborar uma frase com apenas duas palavras: o nome da coisa da qual falamos e o que falamos sobre ela:

João escreve.

Pássaros cantam.

Maria costura.

Nós falamos sobre 'João'.

Falamos sobre ele que 'escreve'.

Nós falamos sobre 'pássaros'.

Falamos sobre eles que "cantam".

Todas essas palavras (*escreve, cantam, costura*) são do mesmo grupo de palavras, e as palavras desse grupo são as mais importantes de todas por uma razão: não podemos falar algo com sentido e, portanto, não podemos fazer uma frase, sem usar pelo menos uma delas.

Elas são chamadas de VERBOS (que significa *palavras*), porque são, dentre todas, as principais *palavras*.

Um verbo sempre conta uma ou duas coisas sobre o assunto, ou diz qual é o assunto:

Eu *estou* com fome.

A cadeira *está* quebrada.

Os pássaros *são* alegres.

Ou diz o que o sujeito faz:

Alice *escreve*.

O gato *mia*.
Ele *chama*.

Para aprender:

Nós não podemos fazer uma frase sem um verbo.

Verbo significa *palavra*.

Verbos são as principais palavras.

Os verbos mostram que o sujeito é alguma coisa ou está de algum jeito:

Ele está com sono;

ou faz algo:

Ele corre.

Exercícios da Lição II

1. Complete as frases com um verbo de estado (ser/estar): --

Maria ... com sono

Os rapazes ... rudes.

As meninas ... quietas.

Ele ... o primeiro ontem.

Eu ... um menino.

Tom e George ... balançando antes do jantar.

Nós ... ocupados amanhã.

Ele ... punido;

etc., etc.

2. Faça três frases com cada um dos seguintes verbos:

É, estão, deveria ser, estava, sou, eram, devem ser, será.

3. Faça seis frases com um verbo de estado (*ser* ou *estar*) em cada uma.

4. Coloque um verbo de ação em cada frase:

Tigres

O garoto com o pônei ...

Meus primos...

etc., etc.

5. Faça vinte frases sobre "Aquele garoto de bermuda" utilizando verbos que descrevam o que ele faz.

6. Encontre os verbos e diga se são de estado (ser/estar) ou de ação:

O sol brilhante se ergue sobre a colina.

Nós fomos embora.

Você é meu primo.

George vai para a escola.

Ele pegou sua lousa.

Nós somos sete.

7. Conte quantos verbos você utilizará em suas conversas pelos próximos dez minutos.

8. Sublinhe cada verbo que puder encontrar nesses exercícios e escreva-os em seu caderno.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Por que a gramática é desinteressante para uma criança?

2. Por que a gramática inglesa é particularmente difícil?

3. Mostre que a gramática latina é mais fácil.

4. Mostre que o latim oferece alguma ajuda na aprendizagem da gramática inglesa.

5. Por que uma criança deve começar com uma frase e não com as partes do discurso?

6. Escreva notas de uma ou duas lições introdutórias.

Capítulo XX - Francês

O francês deve ser aprendido da mesma forma que o inglês, não como uma gramática, mas como uma pronúncia viva. Treinar o ouvido para distinguir e os lábios para produzir os vocábulos franceses é parte valiosa da educação dos sentidos, e dificilmente pode ser desenvolvida cedo demais. Repito, todas as pessoas educadas deveriam ser capazes de falar em francês. Certa vez, ao palestrar em uma conferência de professores franceses, o senhor Lyon Playfair lamentou a nossa degeneração a esse respeito, usando como exemplo a escola de gramática de *Perth*, uma escola escocesa do século XVI, onde os meninos eram obrigados a falar em *latim* durante o horário escolar e em *francês* durante todos os outros momentos. Dificilmente, haverá uma nação civilizada tão apática para aprender idiomas estrangeiros quanto nós, ingleses, desta geração; mas, provavelmente, a falha recai mais sobre a maneira como nos propomos a esse estudo do que sobre qualquer incapacidade natural para outros idiomas.

No que diz respeito ao francês, por exemplo, temos duas dificuldades: a falta de um vocabulário, e um certo embaraço na produção de sons desconhecidos. É evidente que ambos os obstáculos devem ser removidos na primeira infância. Uma criança nunca deveria ver palavras francesas na forma escrita até que tivesse aprendido a pronunciá-las com a mesma facilidade e prontidão com que pronunciam as palavras inglesas. A verdadeira causa de nossa dificuldade nacional em pronunciar o francês vem do desejo de associar as letras das palavras escritas em francês aos sons que teriam, caso fossem palavras inglesas. Entretanto, o vocabulário da criança deve aumentar constantemente, digamos, à proporção de seis palavras por dia. São mil e quinhentas palavras em um ano! A criança que possui esse número de palavras e sabe como aplicá-las, consegue falar francês. Naturalmente, ao selecionar tais palavras, sua professora terá o cuidado de oferecer, igualmente, expressões idiomáticas para que, à medida em que a criança aprende novas palavras, elas possam *ser organizadas em frases e mantidas em uso diariamente*. Um caderno em que as novas palavras e frases aprendidas pela criança sejam anotadas habilitará a professora a fazer isso com facilidade. A criança não possui aquele tolo constrangimento de pronunciar as palavras francesas — ela as pronuncia com a mesma facilidade com que pronuncia as palavras inglesas.

Mas é muito importante que ela adquira um sotaque puro desde o início. Não é sempre aconselhável que as jovens crianças inglesas sejam colocadas sob os cuidados de uma governanta ou cuidadora francesa; mas não seria possível que seis famílias se reunissem para contratar alguma senhora francesa que pudesse passar meia hora diária com cada família?

Método de M. Gouin

Um sério esforço está sendo feito para abordar o estudo de línguas estrangeiras de forma racional e científica. Não hesito em dizer que a obra do senhor Gouin (*The Art of Teaching and Studying Languages*^[188]) é a tentativa mais importante feita até então de colocar o estudo dos idiomas dentro da esfera da educação prática. De fato, a grande reforma em nossos métodos de ensino dos idiomas modernos deve sua origem a esse notável trabalho. A ideia inicial, de que devemos adquirir um novo idioma da mesma forma que a criança adquire o seu idioma materno, está absolutamente certa, quer a tentativa de seguir essa ideia analisando um idioma em um certo número, digamos quinze, de “sequências de eventos” exaustivas esteja correta ou não.

Novamente, é incontestável que o ouvido, e não o olho, é o órgão físico apropriado para a apreensão de um idioma, tão verdadeiramente como é pela boca, e não pelo ouvido, que nos apropriamos da comida. Se o livro de M. Gouin tão somente estabelecesse esses dois pontos, esta obra já seria uma contribuição valiosa para o pensamento educacional. Mas a sua terceira consideração, de que o verbo é a chave da frase, e mais, é a ponte viva entre o pensamento e o ato, é igualmente importante. Ele também afirma que a criança pensa em frases, não em palavras; que suas frases têm uma sequência lógica; que se trata de uma sequência cronológica — como, por exemplo, a ordem dos eventos no crescimento de uma planta ou na moagem de milho em um moinho; que, quando a criança percebe tais eventos, ela passa a ter

absoluta necessidade de expressá-los; que seu ouvido solicita, sua memória estima e sua língua reproduz aquelas palavras que a tornam capaz de dizer o que pensa.

Sem dúvida, o método de M. Gouin deve ter mais sucesso do que qualquer outro em embeber o aluno (criança ou adulto) no pensamento alemão ou francês. Se você passar o dia inteiro tentando expressar uma “sequência de eventos” em francês, é certo que você começará a pensar em francês, sonhar em francês, *falar* francês. Além disso, obtemos a deliciosa sensação de que, finalmente, o caminho da condução de todo o ensino do idioma a ser estudado fica claro para nós. Você tem a “Sequência de Eventos de Artes” e “das Abelhas” e “dos Rios” e “do Caráter” e “do Poeta”, e qualquer outra sequência de eventos que deseje. Você pensa no assunto em ordem cronológica e em sequência natural; você busca os *verbos* apropriados, os substantivos e os epítetos necessários, segue o exemplo e, em incríveis poucas frases, frases muito curtas também, ligadas por “e”, você terá dito *tudo* o que é essencial ao assunto. Todo o trabalho é uma surpresa constante, como uma brincadeira infantil, que desenterra a coisa mais extraordinária e remota que você possa imaginar por meio de uma dúzia de perguntas.

A “Sequência de Eventos”

Desta forma, um idioma aprendido pelo método de M. Gouin é “uma educação liberal em si mesma”. Aprende-se quão poucas e simples são, afinal de contas, as concepções de que a mente humana é consciente, e quão poucas e simples, colocando o mero palavreado de lado, são as palavras necessárias para expressá-las.

Você realmente aprende a *pensar* na nova língua, porque você não tem mais do que impressões vagas sobre esses atos ou fatos em sua língua materna. Você ordena seus pensamentos na nova língua e, tendo feito isso, as palavras que as expressam são uma posse inalienável. Aqui está um exemplo de uma “sequência de eventos” elementar, mostrando como “a serva acende o fogo”:

"A serva pega uma caixa de fósforos, (*pega*)

Ela abre a caixa de fósforos (*abre*).

Ela tira um fósforo, (*tira*)

Ela fecha a caixa de fósforos (*fecha*).

Ela golpeia o fósforo contra a parte externa da caixa (*golpeia*).

O fósforo acende (*acende*).

O fósforo fumeja (*fumeja*).

O fósforo flameja (*flameja*).

O fósforo queima (*queima*).

E espalha um cheiro de queimado na cozinha, (*espalha*).

A serva se inclina na direção da lareira, (*inclina*).

Estende sua mão (*estende*).

Coloca o fósforo sob a lenha (*coloca*).

Mantém o fósforo sob a lenha (*mantém*).

A lenha pega fogo (*pega fogo*).

A serva larga o fósforo (*larga*).

A serva se levanta novamente (*levanta*).

Observa o fogo queimando, (*observa*).

E devolve a caixa de fósforos para o lugar (*devolve*).

Qualquer outra tentativa de citação daria uma ideia incerta e insatisfatória deste importante trabalho.

Como a Criança Aprende?

A despeito do que possa ser dito sobre os métodos de M. Gouin, devemos admitir que os passos percorridos por ele são, sem dúvida, científicos. Ele aprende com a criança: "Infelizmente, até o momento presente a criança permaneceu um enigma banal, que nunca nos preocupamos o suficiente em decifrar ou examinar... A pequena criança, que aos dois anos de idade não pronuncia nada além de exclamações sem sentido, aos três anos encontra-se possuidora de um idioma completo. Como isso acontece? Esse milagre admite explicação ou não? É algo em relação ao qual podemos encontrar os resultados desconhecidos?... O órgão da

linguagem — pergunte à pequena criança — não é o olho: é o ouvido. O olho é feito para cores e não para sons e palavras... Essa tensão, contínua e contrária à natureza, do órgão da visão, a precipitação forçada do ato visual, produziu o que estava fadado a produzir, uma doença da visão."

Isso se refere aos trabalhos hercúleos de M. Gouin na tentativa de aprender alemão. Ele conhecia todo tipo de método, aprendeu todo o dicionário e descobriu, afinal, que não conhecia *uma palavra* do alemão "em sua pronúncia apropriada".

Ele retornou à França, depois de dez meses fora, e descobriu que seu sobrinho — a quem deixara com dois anos e meio ainda incapaz de falar — fez naquele intervalo de tempo o que seu tio falhou significativamente em fazer. "O que!", pensei, "esta criança e eu temos trabalhado durante o mesmo período de tempo, cada um em um idioma. Ele, enquanto brincava com a mãe, corria atrás de flores, borboletas e pássaros, sem cansaço, sem esforço aparente, sem sequer ter consciência do seu trabalho, é capaz de dizer tudo o que pensa, expressar tudo o que vê, entender tudo o que ouve; e, quando começou seu trabalho, sua inteligência era apenas uma expectativa futura, um vislumbre, uma esperança. Enquanto eu, versado nas ciências, versado em filosofia, armado com uma vontade poderosa, dotado de uma memória poderosa... não cheguei a lugar nenhum, ou praticamente nenhum!"

"A ciência lingüística da faculdade me enganou, me desviou do caminho. O método clássico, com sua gramática, seu dicionário e suas traduções, é uma ilusão". "Para apanhar de surpresa o segredo da Natureza, devo observar essa criança." M. Gouin observa a criança — a obra em questão é o resultado de suas observações.

O método de ensino pode ser variado, em parte porque o recomendado por M. Gouin requer um domínio perfeito da língua francesa, e professores mais tímidos consideram um método de conversação baseado em livro e ilustração mais fácil de trabalhar e talvez igualmente eficaz — algumas pessoas o consideram até mais eficaz; mas, seja como for, é a M. Gouin que devemos a ideia fundamental.

É satisfatório encontrar os princípios, em que temos insistido continuamente, enunciados neste trabalho mais embasado. Por exemplo: "Se alguém aprende francês sem ser capaz de lê-lo — assim como uma criança —, não haverá mais dificuldade em pronunciá-lo do que em pronunciar palavras em língua inglesa. 'E quanto à ortografia?' você pode perguntar. A ortografia? Você pode aprendê-la da mesma forma que as crianças francesas o fazem, ou da mesma forma como você aprendeu a ortografia da língua inglesa (dez vezes mais difícil do que a francesa), e isso sem deixar que o estudo da ortografia estrague sua pronúncia já adquirida. Além disso, a ortografia pode ser reformada — a pronúncia dificilmente será. Devemos escolher entre esses dois males". M. Gouin fala da possibilidade de uma criança aprender outro idioma — até mesmo o chinês a partir de uma cuidadora chinesa; e suas palavras me lembram do extraordinário exemplo que certa vez presenciei em relação à facilidade que uma criança tem para aprender idiomas. Tendo ocasião de falar em público sobre três crianças pequenas, todas de três anos, pertencentes a diferentes famílias em que um dos pais era inglês e o outro alemão, afirmei que essas três crianças que conhecia poderiam dizer tudo o que desejassem, expressar toda a gama de suas ideias, com igual facilidade e fluência em ambas as línguas. Ao fim da reunião, um cavalheiro apresentou-se e endossou minhas observações. Ele disse que sua esposa era uma dama alemã missionária em Bagdá e tinham um filho de três anos que falava *três* idiomas com perfeita fluência: inglês, alemão e árabe! Sem dúvida, a criança esquecerá dois dos três, e isso não é razão suficiente para se ensinar línguas estrangeiras aos bebês, mas certamente prova que a aquisição de uma língua estrangeira não precisa apresentar dificuldades insuperáveis a nenhum de nós.

Perguntas Para o Uso Dos Estudantes

1. Como o francês deve ser adquirido?
2. Mostre que a aprendizagem do francês é uma educação dos sentidos.
3. Quais são as nossas duas dificuldades em falar francês?
4. Mostre que esses obstáculos devem ser removidos na infância.
5. Como?
6. Como a dificuldade do sotaque pode ser tratada?
7. Quais princípios o senhor Gouin nos fornece?
8. Mostre que o método da sequência de eventos permite que uma criança pense no novo idioma.
9. Trace de forma extensiva os passos pelos quais o autor elaborou sua teoria.
10. Como ele trata a dificuldade na ortografia?

11. Ilustre a facilidade com que uma criança aprende um novo idioma.

Capítulo XXI – Arte Pictórica

Estudo de Obras de Arte

O treinamento artístico das crianças deve proceder em duas linhas. A criança de seis anos deve começar tanto a se expressar quanto a apreciar, e sua apreciação deve ser bem anterior ao seu poder de expressar o que vê ou imagina. Portanto, é lamentável que a apreciação das crianças seja exercida apenas sobre as litografias coloridas de seus livros ilustrados ou do "número natalino". Mas o leitor dirá: "Uma criança pequena não consegue apreciar a arte; apenas a cor e o sentimento de uma pintura é que a atingem. Uma ilustração vividamente colorida do Aniversário de Bobbie ou da Boneca de Bárbara é o que despertará seu interesse e suas emoções". "Portanto", diz o leitor, "A natureza indica o tipo de arte apropriada para as crianças!" Mas, de fato, as mentes das crianças e de seus superiores se acomodam ao que é colocado em seu caminho; e se as crianças apreciam o vulgar e o sentimental na arte é porque esse foi o tipo de arte a que se habituaram. Um pequeno garoto de cerca de nove anos (com muitos outros) recebeu reproduções de meia dúzia de obras de Jean François Millet para estudar durante um período letivo. Ao final, as crianças foram convidadas a descrever aquela que mais haviam gostado. É claro que elas fizeram isso, e muito bem. Veja o que o garoto que mencionei acima relatou: "Gostei mais do Semeador. O semeador está lançando sementes, a obra é sombreada, exceto por uma parte no alto, do lado direito, onde há um homem arando o campo. Enquanto ele ara o campo, o semeador lança suas sementes. O semeador tem uma bolsa na mão esquerda e lança as sementes com a mão direita. Ele está usando tamancos de madeira. São por volta de seis horas da manhã. Você consegue ver sua cabeça melhor que suas pernas e corpo, porque ela está contra a luz".

Uma pequena garota de sete anos prefere "Angelus" e diz: "A obra de arte trata sobre pessoas no campo, um homem e uma mulher. Aos pés da mulher há uma cesta com algo dentro; atrás dela há um carrinho de mão. Eles estão orando; o homem segura seu chapéu na mão. Podemos dizer que está anoitecendo, porque o carrinho de mão e a cesta estão cheios".

Deveria ser Regular

Quando as crianças começam com suas lições regulares (ou seja, logo que completam seis anos), esse tipo de estudo de obras de arte não deveria ser deixado ao acaso, mas elas deveriam conhecer um novo artista a cada período letivo^[189], e estudar calmamente uma meia dúzia de reproduções de suas obras no decorrer deste período.

Os pequenos esboços de lembranças que citei revelam os estudos que essas crianças fizeram; mas este é o menor dos ganhos. Não podemos medir a influência que um ou outro artista exerce sobre o senso de beleza da criança, sobre seu poder de enxergar, tal como em uma obra de arte, as cenas comuns da vida; ao realmente parar para observar ainda que uma única obra de arte, ela está sendo mais enriquecida do que podemos compreender. É um erro pensar que a cor é demasiadamente necessária para as crianças em seus estudos de arte. Elas encontram cores em muitos lugares e se contentam, a princípio, com a forma e o sentimento manifestos nas obras de arte com as quais têm contato. A propósito, não conheço nada melhor do que as Fitzroy Pictures para decorar as salas de estudo, especialmente aquelas das Four Seasons^[190], em que você obtém beleza, tanto de contornos quanto de cores, além de sentimento poético. Também gostaria de citar o conselho de Ruskin de que as crianças inglesas deveriam ser educadas a partir dos livros de obras de arte de Jean Richter para crianças: *Unser Vater*^[191], *Sontag*^[192] e os demais.

Abaixo acrescento notas de uma lição de Conversação Sobre Obras de Arte elaborada por uma estudante de House of Education^[193] e ministrada a crianças de oito e nove anos, para mostrar como esse tipo de lição pode ser ministrada.

Conversação Sobre Obras de Arte

Objetivos

1. Continuar com a série de obras de arte de *Landseer*, que as crianças estão aprendendo na escola.
2. Aumentar seu interesse pelas obras de Landseer.
3. Mostrar a importância da familiaridade que ele tinha com os animais.
4. Ajudá-los a ler verdadeiramente uma obra de arte.
5. Aumentar seus poderes de atenção e observação.

Passo I — Pergunte às crianças se elas se lembram sobre o que foi a última obra de arte que observaram, e qual artista foi famoso por suas pinturas de animais. Diga-lhes que Landseer começou a se familiarizar com animais ainda muito jovem: ele teve cachorros como animais de estimação e os estudou e os seus hábitos por causa de seu amor por eles — desta forma tornou-se hábil em pintá-los.

Passo II — Dê-lhes a obra “Alexandre e Diógenes” para observarem, e peça-lhes para descobrirem por si mesmos tudo o que puderem sobre a obra, e pensarem sobre a ideia que o artista tinha em mente, e a ideia ou as ideias que ele desejava que sua obra nos transmitisse.

Passo III — Depois de três ou quatro minutos, retire a imagem e verifique o que as crianças observaram. Em seguida, pergunte-lhes o que os diferentes cachorros lhes sugerem; a força do mastim representando Alexandre; a dignidade e a grandeza dos bloodhounds em sua retaguarda, o olhar do sábio conselheiro para o cão de caça, o olhar um tanto desdenhoso do terrier de pelo desgrenhado no barril. Pergunte às crianças se elas observaram alguma coisa na foto que indique a hora do dia: por exemplo, as ferramentas jogadas ao lado da cesta do trabalhador, sugerindo a hora do almoço, e o sol brilhante nos cães que projetam uma sombra no barril, revelando que deve estar em algum lugar perto do meio-dia.

Passo IV — Deixe que leiam o título, e contem qualquer fato que conheçam sobre Alexandre e Diógenes; depois diga-lhes que Alexandre foi um grande conquistador que viveu em 356-323 a.C., famoso pelas batalhas que venceu contra a Pérsia, a Índia e ao longo da costa do Mediterrâneo. Ele era muito orgulhoso, forte e arrogante. Diógenes era um filósofo cínico. Explique o significado de cínico, ilustrando-o por meio da lenda de Alexandre e Diógenes; e a partir disso deixe que descubram qual cão representa Alexandre e qual representa Diógenes.

Passo V — Faça com que as crianças desenhem os contornos principais da obra, em cinco minutos, com lápis e papel.

Ilustrações Originais

Tenho falado, de tempos em tempos, sobre as ilustrações originais desenhadas pelas crianças. Pode ser útil acrescentar aqui as notas de uma lição elaborada por uma estudante da House of Education, evidenciando a espécie de ajuda ocasional que um professor pode oferecer quanto a esse tipo de trabalho; mas, de um modo geral, é melhor deixar as crianças trabalharem por si mesmas.

Objetivos

1. Ajudar as crianças a fazerem imagens mentais claras a partir da descrição e a reproduzirem essas imagens em suas pinturas.
2. Aumentar seu poder de imaginação.
3. Ajudá-las em suas ideias de forma e cor.
4. Aumentar seu interesse na história de Beowulf ao deixá-las ilustrar uma cena do livro que estão lendo.
5. Fazer com que apresentem sua ideia de uma criatura desconhecida (Grendel).

Passo I — Extrair das crianças o que sabem sobre o poema 'Beowulf' e sobre próprio herói.

Passo II — Contar-lhes quaisquer pontos que lhes falem da história até onde tenham lido (ou seja, a morte de Grendel).

Passo III — Ler a descrição dos vestuários daquele tempo, e o relato da morte de Grendel (incluindo três possíveis obras de arte).

Passo IV — Extrair das crianças as imagens mentais que fizeram — e reler a passagem.

Passo V — Deixá-las produzir suas imagens mentais com pincel e tinta.

Passo VI — Mostrar-lhes a "obra original" de Beowulf feita por George Morrow em "*Heroes of Chivalry and Romance*"^[194].

Lições de Desenho

Mas "para suas verdadeiras lições de desenho", diz o leitor, "suponho que você use gotas?" - "gotas", isto é, salpicos de tinta feitos com o pincel, que assumem um formato oval. Creio que as gotas têm uma utilidade: elas permitem certa liberdade no uso da cor. Por outro lado, as "gotas" parecem-me uma espécie de instrumento artístico adquirido pela criança com uma boa dose de trabalho e que, por meio das devidas combinações, em flores ou outros elementos, produz efeitos em um nível acima de seu poder legítimo como artista, além de que a criança pode fazer um bom trabalho sem possuir qualquer sentimento pelo objeto natural, o qual é a própria alma da arte. O poder da criação efetiva, por meio de uma espécie de truque inteligente, mutila aqueles delicados receptores naturais de uma criança pelos quais ela apreende a arte.

"Se o olho", afirma Ruskin "apenas repousar em um galho grosseiro com formato curioso durante uma conversa com um amigo — repousar, ainda que inconscientemente —, então, embora a conversa possa ser esquecida, embora todas as circunstâncias relacionadas a ela possam se perder totalmente na memória como se nunca tivesse existido, o olho obterá, para o resto da vida, um novo prazer em tais galhos; um tipo de prazer tão sutil, um traço de sentimento tão delicado, que nos mantém completamente inconscientes de seu poder peculiar e, no entanto, indestrutível por qualquer raciocínio — uma parte de nossa própria constituição daquele momento em diante".

É isso que desejamos fazer pelas crianças ao ensiná-las a desenhar: fazer com que os olhos repousem, não inconscientemente, mas conscientemente, em algum objeto de beleza que deixará em suas mentes uma imagem de deleite pelo resto de suas vidas. Crianças de seis e sete anos desenhavam galhos de flores de carvalho e freixo, faia e lariço, com tão terna fidelidade à cor, tom e movimento, que os pequenos desenhos imperfeitos tornam-se, eles mesmos, objetos de beleza.

As Crianças Têm a 'Arte' em Seu Interior

Em relação à arte, bem como a tantas outras coisas em uma criança, devemos acreditar que ela já está presente, ou nunca a encontraremos. Mais uma vez, aqui está a delicada Ariel, de cujas amarras é nossa responsabilidade libertar. Por isso, colocamos um galho ou uma flor em crescimento diante de uma criança e deixamos que ela lide com aquilo da forma como quiser. Ela chegará às formas e cores por conta própria, e, a princípio, podemos limitar nossa ajuda a questões técnicas como a mistura de cores e afins. Para que não possamos impedir a liberdade da criança ou impedir a libertação da arte que está em seu interior, devemos ter o cuidado de não oferecer nenhum auxílio quanto à maneira de guiar os traçados, pontos, e qualquer outro tipo de muleta; além disso, a criança deve trabalhar com os meios mais fáceis, isto é, com pincel ou com carvão, e não com o lápis. Devemos evitar as caixas de cores de má qualidade. As crianças merecem o melhor, e cerca de meia dúzia de tubos de cores realmente boas durarão bastante tempo e satisfarão os olhos dos pequenos artistas.

Modelagem em Argila

Ao falar do treinamento artístico das crianças, pode ser igualmente útil oferecer uma palavra sobre a modelagem em argila. Pequenos ninhos de pássaros, cestos de ovos, etc., não têm qualquer utilidade no desenvolvimento da arte, e logo deixam de ser divertidos. A principal tarefa da professora é mostrar à criança como preparar seu barro de modo que expila bolhas de ar, e dar a ela a ideia de fazer uma pequena plataforma para o seu trabalho, de modo que possa ter, desde o início, um efeito artístico. Em seguida, coloque diante dela uma maçã, uma banana, uma castanha brasileira ou algo semelhante; não deixe que a criança

pegue um pedaço de argila e pressione-a para adquirir a forma desejada, mas oriente-a a construir a forma que deseja pedaço por pedaço. Sua própria percepção artística determinará o tamanho da cavidade da maçã, o vinco no sapato da criança, os pequenos sinais de expressão nos objetos responsáveis por quebrar a uniformidade e produzirem a arte.

O Piano e o Canto

Preciso encerrar, com a sensação desapontadora de que muitos assuntos de grande importância na educação da criança foram deixados de lado, e que nenhum assunto foi tratado de maneira adequada.

Não disse nada sobre certos assuntos de peculiar valor educacional, tais como a música, em parte por falta de espaço, e em parte porque se a mãe não tem em si "Aquilo!" de que fala o senhor Joshua Reynold, as dicas de alguém de fora não produzirão o sentimento de arte que é a condição de sucesso nesse tipo de ensino. Se possível, faça com que as crianças aprendam desde o início aos pés daqueles artistas amantes de seu trabalho: é um grande erro deixar a criança lançar as bases do que pode ser uma de suas futuras atribuições aos pés de professores mecânicos e mal qualificados, que não inflamam neles qualquer faísca daquele entusiasmo que é a vida da arte. Em conexão com o canto, eu gostaria de mencionar os admiráveis efeitos educacionais do método Tonic Sol-fa. Por meio dele, as crianças aprendem de maneira mágica a produzir sinais para os sons e sons para os sinais, ou seja, elas não apenas conseguem ler a música, mas também conseguem escrever as notas, ou fazer os sinais manuais adequados para as notas de uma passagem cantada. O Ouvido e a Voz são simultaneamente e igualmente cultivados.

O método *Child Pianist*^[195] da Sra. Curwen é elaborado, com minucioso cuidado, sob as mesmas linhas; ou seja, o conhecimento que a criança tem da teoria musical e seu treinamento auditivo acompanham seu poder de execução e parecem acabar com a fatal monotonia da "prática".

Trabalhos Manuais e Treinamentos

Não é possível, aqui, fazer mais do que mencionar dois assuntos de maior importância — os Trabalhos Manuais e os Treinamentos — que devem compor uma parte regular da vida diária de uma criança. Para o treinamento físico, nada é tão bom quanto o *Swedish Drill*^[196] de Ling, e alguns dos exercícios básicos estão ao alcance das crianças com menos de nove anos. A dança e os vários outros treinamentos musicais se prestam à graça do movimento e proporcionam maior prazer aos pequenos, ainda que com menos treinamento científico.

Os Trabalhos Manuais mais apropriados às crianças com menos de nove anos me parecem ser do tipo a seguir: fabricação de cadeiras de vime, confecção de caixas e cestos, tecelagem de pequenos tapetes e cortinas japonesas, esculturas em cortiça, padrões de costura com pontos variados em tela rústica, bordados fáceis, tricô (grandes agulhas e lã), etc. Os pontos a serem levados em conta nos trabalhos manuais desenvolvidos pelas crianças são:

- (a) que elas não devem ser ocupadas na execução de atividades fúteis, tais como construções feitas com ervilha e gravetos, tapetes de papel e similares;
- (b) que os trabalhos devem ser ensinados lenta e cuidadosamente;
- (c) que o trabalho desleixado não deve ser permitido;
- (d) e que, portanto, o trabalho das crianças deve ser adequadamente mantido dentro dos limites de suas capacidades.

Ao concluir esta breve revisão dos assuntos propícios para a educação intelectual de uma criança, será que posso supor que tenha sido dito o suficiente para mostrar a necessidade de uma séria consideração por parte da mãe antes que ela permita que pequenos livros didáticos casuais sejam colocados nas mãos de seus filhos, ou que ela confie em pessoas mal qualificadas para o desenvolvimento de seus próprios métodos de ensino?

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Em quais linhas o treinamento artístico das crianças deve proceder?
2. Como as conversações sobre obras de arte devem ser reguladas?
3. Que ganhos podemos esperar deste tipo de ensino?
4. Discuta o uso de gotas nas primeiras lições de desenho.
5. Qual deve ser o nosso objetivo nessas lições?
6. As crianças têm a “arte” em seu interior. Como esse fato deve afetar nosso ensino?
7. O que devemos ter em mente ao ensinar modelagem de argila para crianças?
8. Mencione métodos de ensino de canto e piano que merecem ser elogiados.
9. Que exercícios físicos você recomendaria?
10. Cite alguns trabalhos manuais adequados para crianças pequenas.

PARTE VI

A Vontade, a Consciência, a Vida Divina Na Criança

Capítulo I - A Vontade

O Governo da Alma Humana

Agora, temos de considerar um assunto de importância indescritível para todo ser chamado a manter aqui uma vida racional com a esperança de uma vida mais plena no futuro. Refiro-me ao governo do Reino da Alma Humana. Toda criança que vive o suficiente no mundo possui, em variados níveis, essa elevada função, e compete a seus pais instruí-la em seus deveres e habilitá-la em suas tarefas. Perceba que o governo deste Reino da Alma Humana é, como o de alguns estados bem ordenados, executado em três câmaras, cada câmara com suas próprias funções, exercidas não por uma multidão de conselheiros, mas por um único ministro.

O Poder Executivo Investido na Vontade

Em um dos extremos das três câmaras fica a Vontade. Como aquele centurião romano, ela tem soldados às suas ordens; ela “diz a este homem: vai, e ele vai; a outro, vem, e ele vem; a um terceiro, faça isto, e ele faz”. Em outras palavras, o *poder executivo* é confiado à vontade. Se a vontade tem o hábito da autoridade, se ela profere suas ordens no tom que constrange a obediência, o Reino estará, para todos os efeitos, em unidade consigo mesmo. Se a vontade for débil, de conselhos incertos, a pobre Alma Humana será dilacerada pela desordem e pela rebelião.

O que é a Vontade?

Eu não sei o que é a vontade; parece ser um fato supremo que não admite definição: mas há poucos assuntos em relação aos quais aqueles que têm a educação de crianças em suas mãos cometem erros mais prejudiciais; e, portanto, vale a pena considerar, conforme pudermos, quais são as funções da vontade e quais as suas limitações.

As Pessoas Podem Passar Pela Vida Sem Qualquer Ato Deliberado da Vontade

Em primeiro lugar, a vontade não entra necessariamente em cena em nenhum dos aspectos em que até agora consideramos a criança. A criança pode refletir e imaginar; ser estimulada pelo desejo de conhecimento, de poder, de distinção; pode amar e estimar; pode formar hábitos de atenção, obediência, diligência, indolência, *involuntariamente* — isto é, sem nunca pretender, se propor, *deliberar* essas coisas por si mesma. Isso é tão verdadeiro que há pessoas que vivem suas vidas sem qualquer ato de vontade deliberada: pessoas amáveis e descontraídas por um lado, que foram protegidas por circunstâncias favoráveis; e pobres almas por outro lado, cujas circunstâncias não as salvaram, e que se libertaram de suas amarras e dificilmente são nomeadas entre seus parentes. Grandes poderes intelectuais de modo algum implicam uma vontade determinante. Nós lemos como Coleridge precisava ser fiscalizado, porque possuía pouquíssima força de vontade. Seus pensamentos estavam tão pouco submissos à sua própria volição quanto suas ações, e a boa conversa que as pessoas tinham com ele não passava de uma infindável torrente de ideias ligadas por nenhum outro elo a não ser o da associação; ainda que sua mente fosse tão brilhante que suas ideias fluissem metodicamente — por si mesmas, por assim dizer.

O Caráter é o Resultado da Conduta Regulada Pela Vontade

Não é necessário dizer muito sobre a dignidade e força de caráter que uma vontade confirmada dá aos seus possuidores. De fato, o caráter é o resultado da conduta regulada pela vontade. Dizemos que fulano tem muito caráter, beltrano é sem caráter; e poderíamos expressar o mesmo fato afirmando igualmente que fulano tem uma vontade vigorosa, e beltrano não tem força de vontade. Todos nós conhecemos vidas ricas em dons e graças que, no entanto, foram destruídas pela falta de uma vontade determinante.

Três Funções da Vontade

A vontade é a controladora das paixões e emoções, a diretora dos desejos, a governadora dos apetites. Mas observe que as paixões, os desejos, os apetites, já estão presentes, e a vontade só acumula força e vigor quando exercida ao reprimi-los e direcioná-los; pois, embora a vontade pareça ser de natureza puramente espiritual, neste aspecto ela se comporta como qualquer membro do corpo: ela se torna vigorosa e hábil na proporção em que é devidamente nutrida e apropriadamente empregada.

Uma Limitação da Vontade Desconsiderada Por Alguns Romancistas

É verdade que o vilão de um romance é, ou antes, costumava ser, uma pessoa interessante, porque sempre era dotado de uma vontade poderosa, que agia, não controlando suas violentas paixões, mas ajudando-as e encorajando-as: o resultado era um ser diabólico fora do curso comum da natureza. E não é de admirar, pois de acordo com a lei natural, o membro que não cumpre suas próprias funções é punido com a perda de poder; se não cessa de ser, ele se torna como se não fosse; e a vontade, estando assentada no trono da autoridade, não está apta a transferir suas forças à multidão — a desordem seria muito temerosa; assim como quando os poderes executivos de um Estado são tomados por uma multidão desenfreada, e há tiroteios nas estradas, ataques à inocentes e confusão infinita em todos os lugares.

Os Pais Caem Nesse Erro Metafísico

Estou ansiosa por trazer diante de vocês essa limitação da vontade em relação às suas próprias funções, porque os pais muitas vezes caem no mesmo erro metafísico que percebemos no romancista. Eles admiram uma vontade vigorosa e com razão. Eles sabem que se o filho deles quiser deixar sua marca no mundo, deve ser por sua força de vontade. O que fazem então? O bebê incorre em um ataque de gritos por causa de um brinquedo proibido e a mãe diz: "Ele tem uma vontade tão forte". O pequeno de três anos pára fazendo birra no meio da rua, e não segue com a sua cuidadora, porque "tem uma vontade muito forte". Ele *vai* governar as atividades do berçário, *vai* monopolizar os brinquedos de seus irmãos, e tudo por causa dessa "vontade forte". Mas aqui, chegamos a uma divergência de opinião: por um lado, os pais podem decidir que, seja qual for a consequência, a vontade da criança não deve ser quebrada, de modo que não se deve reprimir qualquer de seus caprichos; por outro lado, os pais podem decidir que a vontade da criança deve ser quebrada em todos os seus caprichos e, nesse caso, o pobre e pequeno ser será submetido a uma sombria rodada de punição e repressão.

A Obstinação Indica Falta de Força de Vontade

Mas, durante todo o tempo, ninguém percebe que o problema da criança é a simples falta de vontade. Ele está em um estado de absoluta "obstinação"^[197] — palavra um tanto infeliz que usamos para descrever o estado no qual a vontade não tem poder controlador; se

houvesse tal palavra, *willessness*^[198] descreveria esse estado de forma mais verdadeira.

Ora, essa confusão na mente de muitas pessoas entre o estado de obstinação e aquele estado em que se é dirigido pela vontade leva a resultados prejudiciais, mesmo onde a obstinação não é estimulada nem a criança é reprimida de forma indevida; leva à negligência do devido cultivo e treinamento da vontade, essa possessão quase divina, da a qual todos os outros dons — quer seja a beleza ou a genialidade, a força ou a habilidade — dependem seu valor.

O Que é a Obstinação?

Se a obstinação não é um exercício da vontade, então o que é? Simplesmente isto: remova o freio e a rédea — isto é, o controle da vontade — dos apetites, desejos e emoções e a criança que já “montou” em seu foco de interesse — seja ressentimento, ciúme, desejo de poder ou desejo de ter — será como Mazeppa, amarrado a um cavalo selvagem e conduzido com a velocidade do veloz e com a força do forte, sem poder, entretanto, para ajudar a si mesmo. Apetite e paixão, não há limite para seu poder e sua persistência se o controle designado for removido; e é esse impulso do apetite ou da paixão, essa aparente determinação de ir em certa direção e não em outra, que é chamada de obstinação e confundida com um exercício da vontade. Mas esta *determinação* é apenas aparente; a criança está sendo, de fato, impelida sem resistência, porque aquela força oposta que deveria dar equilíbrio a seu caráter é subdesenvolvida e destreinada.

A Vontade tem Funções Superiores e Inferiores

A vontade tem suas funções superiores e inferiores, que podem ser chamadas de morais e mecânicas; e aquela vontade que, por falta de prática, se tornou flácida e débil no exercício de suas funções superiores, pode ainda ser capaz de ordenar assuntos como ir ou vir, sentar ou ficar de pé, falar ou calar.

A Vontade Não é Uma Faculdade Moral

Por outro lado, embora seja impossível alcançar excelência moral de caráter sem a ação de uma vontade vigorosa, a vontade em si não é uma faculdade moral, de forma que um homem pode alcançar grande força de vontade em consequência de esforços contínuos na repressão ou direção de seus apetites ou desejos, e ainda assim ser um homem indigno; isto é, ele pode estar se mantendo em ordem por causa de motivos indignos, em nome das aparências, para seu próprio interesse, e até mesmo para o prejuízo de outros.

Uma Vontade Disciplinada é Necessária ao Caráter Cristão Heróico

Além disso, embora uma vontade disciplinada não seja uma condição necessária à vida cristã, é necessária ao desenvolvimento do caráter cristão heróico. Um Gordon, um Havelock, um Florence Nightingale, um São Paulo não poderia ser outro senão alguém de vontade vigorosa. A este respeito, como em todos os outros, o cristianismo alcança até as mais frágeis almas. Há uma maravilhosa “Madalena” de Guido, no Louvre, com uma boca que claramente nunca se aplicou a qualquer resolução para o bem ou para o mal — uma parte inferior de rosto moldada pela impotente satisfação das inclinações imediatas; mas quando você olha para os olhos, que são erguidos para encontrar o vislumbre de olhos que não estão revelados na imagem, o semblante é transfigurado, todo o rosto está brilhando com uma paixão pelo serviço, amor e auto-entrega. A graça divina pode realizar tudo isso em almas fracas e desprovidas de vontade, e então elas farão o que puderem; mas seu poder de serviço é limitado por seu passado. Não é assim com o filho da mãe cristã, cujo maior desejo é treiná-lo

para a vida cristã. Quando despertar para a consciência de quem é e a quem serve, a mãe já terá preparado esse filho para aquele elevado serviço, com todas as faculdades em treinamento — um homem de guerra desde sua juventude; acima de tudo, com uma vontade eficaz, capaz de determinar e de fazer conforme Seu beneplácito.

A Única Faculdade Prática do Homem

Antes de considerarmos como treinar esta “única faculdade prática do homem”, devemos entender como a vontade opera — como ela administra a ordenação de tudo o que é feito e pensado no reino da Alma Humana. “Você não consegue se impelir a fazer aquilo que deseja?” diz Guy, em *Herdeiro de Redclyffe*, para o pobre Charlie Edmonston, que nunca teve o hábito de se impelir a fazer qualquer coisa. Há aqueles, sem dúvida, que nem sequer chegaram a desejar, mas a maioria de nós deseja fazer o bem; o que queremos saber é como nos impelir a fazer aquilo que desejamos. E aqui está a linha que divide as pessoas efetivas das não-efetivas, as grandes das pequenas, as boas das bem-intencionadas e respeitáveis; a capacidade que um homem tem de *fazer* — mesmo às custas de seu próprio prazer — e de depender de si mesmo, garantindo sua própria ação em emergências, é proporcional ao seu poder de se obrigar e se controlar.

Como a Vontade Opera

Agora, como esse autocrata interior se comporta? É com um severo “Tu deves”, “Tu não deves”, que o sujeito é coagido a obedecer? De forma alguma. É por uma plausível demonstração de razões, agrupamento de motivos? Também não. Tendo o Sr. John Stuart Mill uma vez ensinado que “tudo o que o homem faz ou pode fazer com a matéria” é “mover uma coisa para ou a partir de outra”, não precisamos nos surpreender que grandes resultados morais sejam conquistados por um meio que parece inadequado; e um pouco de experiência no berçário mostrará melhor do que muito discurso do que a vontade é capaz. Um bebê cai, leva uma pancada e chora de modo comovente. A cuidadora experiente não “beija o lugar para que sare” ou demonstra pena pelo problema da criança — isso pioraria as coisas; quanto mais ela se compadecesse, mais ele soluçaria. Ela se apressa a “mudar os pensamentos dele” — assim diz ela — levando-o até a janela para ver os cavalos, dando a ele seu livro de imagens de animais, seu brinquedo preferido, e a criança se detém no meio de um soluço, embora esteja muito machucada. Agora perceba que essa atitude da sábia cuidadora é precisamente o papel que a vontade desempenha em relação ao homem. É pela força da vontade que um homem pode “mudar seus pensamentos”, transferir sua atenção de um objeto de pensamento a outro, com um choque de força mental do qual ele está indistintamente consciente. E isso é suficiente para salvar um homem e para fazer um homem: esse poder de se impelir a pensar apenas naquelas coisas que decidiu de antemão que são boas para se pensar.

O Caminho da Vontade

a) Incentivos

Seus pensamentos estão vagando por prazeres proibidos, para o impedimento de seu trabalho; ele se detém e deliberadamente fixa sua atenção naqueles incentivos que têm mais poder para fazê-lo trabalhar, o lazer e prazer que resultam do trabalho honesto, o dever que o vincula ao cumprimento de sua tarefa. Seus pensamentos voltam a correr pela rota que ele *determinou* que eles corresse, e trabalhar já não é mais um esforço.

b) Diversão

Em outra situação, uma ligeira afronta derrama sobre ele uma onda de ressentimentos: “fulano não deveria ter feito isso, ele não tinha o *direito*, isso foi uma maldade” e assim por diante, por meio de todas as palavras duras que estamos suficientemente prontos a dizer em nossos corações sobre aquele que ofende nosso *amour propre*^[199]. Mas o homem que tem

controle de sua própria vontade não permite que isso continue: ele não briga consigo mesmo e diz: "Isso é muito errado de minha parte, fulano não é tão condenável, afinal". Ele ainda não está pronto para isso; mas apenas se obriga a pensar em outra coisa — no último livro que leu, na próxima carta que deve escrever, em qualquer coisa interessante o suficiente para desviar seus pensamentos. Quando ele se permitir voltar à causa da ofensa, verá que todo rancor se foi, e será capaz de ver o assunto com a frieza de uma terceira pessoa. E isso é verdade não apenas sobre as insurreições de ressentimento, mas sobre todas as tentações que acometem a carne e o espírito.

c) Mudança de Pensamento

Em outra situação, a mesmice de seus deveres, o cansaço de fazer a mesma coisa repetidamente o enche de desgosto e desânimo e ele relaxa seus esforços. Mas não se ele for um homem sob o poder de sua própria vontade, porque ele simplesmente não se permitirá perder tempo com o descontentamento; está sempre em seu poder prover-se de algo agradável, algo fora de si mesmo, em que pensar, e ele faz isso; e, diante do que chamamos de um "estado de espírito feliz", nenhum trabalho é fatigante.

O Caminho da Vontade Deve Ser Ensinado às Crianças

É importante *sabermos* o que fazer quando estamos em situações difíceis, e o conhecimento deste *caminho da vontade* é o segredo de uma vida feliz, que vale a pena comunicarmos às crianças. Está zangado? Mude seus pensamentos. Está cansado de tentar? Mude seus pensamentos. Está desejando coisas que não deve possuir? Mude seus pensamentos. Há um poder dentro de você, sua própria vontade, que te capacitará a desviar sua atenção de pensamentos que te tornam infeliz e *errado*, para pensamentos que te tornam feliz e *correto*. E esta é a forma extremamente simples segundo a qual a vontade age; este é o único segredo do poder que o homem forte exerce sobre si mesmo — ele pode se obrigar a pensar no que escolhe, e não *vai* se permitir pensar em coisas que lhe causam prejuízo.

Poder da Vontade Envolve Poder de Atenção

Mas você percebe que, embora a vontade seja todo-poderosa dentro de certos limites, estes limites são bastante estreitos, afinal. Muita coisa deve preceder e acompanhar uma vontade vigorosa a fim de que ela seja poderosa no governo da conduta. Por exemplo, o homem deve ter adquirido o hábito da *atenção*, algo extremamente importante que já consideramos. Há pessoas perspicazes, que não têm qualquer poder de pensar de forma conectada por cinco minutos sob qualquer pressão interna ou externa. Se elas nunca foram treinadas a aplicar todas as suas faculdades mentais a um determinado assunto, então, nenhuma força de vontade — supondo que elas a possuam, o que é impossível — poderia fazê-las pensar firmemente em coisas de sua própria escolha ou da escolha de qualquer outra pessoa. Eis como as partes do tecido intelectual se encaixam: poder de vontade envolve poder de atenção; e antes que os pais possam começar a treinar a vontade da criança, devem ter começado a formar nele o hábito da atenção.

O Hábito Pode Frustrar a Vontade

Ora, já consideramos nossa fatal facilidade para o mal e também consideramos o impulso para o bem que o *hábito* nos confere. O hábito pode ser tanto um aliado quanto um oponente, frequentemente o frustrador da vontade. O infeliz bêbado delibera com a força que possui; ele evita que os olhos de sua mente contemplem sua armadilha; ele se ocupa assiduamente com outros pensamentos; mas, infelizmente, seus pensamentos só correrão pela costumeira rota do desejo, e o *hábito* é forte demais em oposição à sua débil vontade. Estamos todos familiarizados com esta luta entre o hábito e a vontade em assuntos menos vitais. Quem não possui um hábito dilatatório, procrastinador e, de certa forma, desagradável, lutando quase diariamente contra uma vontade retificada? Mas já insisti tanto sobre o dever dos pais de

facilitar o caminho de seus filhos estabelecendo para eles os trilhos de hábitos úteis, que é desnecessário dizer aqui qualquer outra palavra sobre o papel do hábito como um aliado ou um obstáculo da vontade.

O Uso Racional de um Instrumento Tão Eficaz

E, novamente, somente um homem de razão cultivada é capaz de ser governado por uma vontade bem dirigida. Se o seu entendimento não lhe apresenta um bom *motivo por que* ele deveria ler consistente e diariamente, *por que* ele deveria se apegar à fé de seus pais, *por que* ele deveria assumir seus deveres como cidadão, então, o movimento de sua vontade será fraco, oscilante e de resultados infrutíferos. E, de fato, algo ainda pior pode acontecer: ele pode adotar alguma concepção equivocada, ou mesmo maligna, e causar uma boa dose de prejuízo por meio do que sente ser um esforço virtuoso da vontade. Os pais só podem se arriscar a colocar o poder da vontade nas mãos de um filho na medida em que o treinarem a fazer um uso racional deste instrumento tão eficaz.

Como Fortalecer a Vontade

Agora devemos considerar outra limitação da vontade. Supondo que os pais farão todo o esforço para que a criança atinja a condição apropriada para o uso de sua vontade, como eles deverão fortalecer essa vontade de modo que, aos poucos, a criança possa empregá-la para controlar sua própria vida? Já falamos da importância de treinar a criança no hábito da obediência. Ora, a obediência é valiosa apenas na medida em que ajuda a criança a *se impelir a fazer* aquilo que sabe que *deve* fazer. Todo esforço de obediência que não lhe dá um senso de *conquista* sobre suas próprias inclinações ajuda a escravizá-la; a criança compensará a perda de sua liberdade ao cair em licenciosidade quando puder. Esse é o segredo do extravio de muitos filhos criados com rigorosidade. Mas, convide a criança à cooperação, faça com que ela tencione e se proponha sinceramente a fazer o que lhe é pedido e, então, será sua própria vontade a lhe obrigar e não a de seus pais; a criança estará dando início ao maior esforço, à maior realização da vida humana — a *auto-feitura*, a auto-obrigação. Faça com que ela saiba a dimensão de seu feito, deixe-a desfrutar da sensação de triunfo e de suas congratulações sempre que trouxer seus pensamentos de volta aos seus cálculos tediosos, sempre que fizer suas mãos terminarem o que começaram, sempre que deixar de lado o mau-humor e trocar um rosto triste por um sorriso.

O Hábito da Autogestão

Então, como foi dito antes, faça com que a criança descubra o segredo *da determinação*; faça com que ela descubra que, por um esforço da vontade, ela *pode* mudar seus pensamentos das coisas que ela não deveria pensar para as coisas que ela deseja pensar — suas lições, suas orações, seu trabalho; que de fato, mesmo sendo uma pequena criança, ela pode ser muito forte e corajosa, e pode *se impelir a* pensar no que gosta; e faça com que ela prove pequenas experiências — que, uma vez que ela dirija seus *pensamentos* corretamente, o resto cuidará de si, e ela certamente fará aquilo que é correto; que, se ela se sentir irritada, pensando em coisas más, a saída é pensar em algo diferente, algo agradável — em seu próximo aniversário, no que pretende fazer quando for adulta. Não ensine todas essas coisas de uma vez, é claro; mas linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui um pouco ali, de acordo com a oportunidade. Faça com que a criança adquira o hábito de administrar a si mesma, controlando-se, e você ficará impressionada com quanto poder de se obrigar uma criança pequena pode demonstrar. "Contenha-se, Tommy", ouvi certa vez uma sábia tia dizer ao seu sobrinho de quatro anos, e Tommy se conteve, embora estivesse fazendo uma terrível tempestade em copo d'água.

A Educação da Vontade é Mais Importante do que a Educação do Intelecto

Dessa forma, a vontade da criança está sendo treinada e fortalecida; ela está aprendendo como e quando usar sua vontade, que está se tornando cada dia mais vigorosa e capaz. Permita-me acrescentar um ou dois sábios pensamentos da *Introduction to Mental Philosophy*^[200] do Dr. Morell: "A educação da vontade é, de fato, de muito maior importância, enquanto formadora do destino do indivíduo, do que a educação do intelecto... Teoria e doutrina, inculcação de leis e proposições, por si só nunca conduzirão ao hábito uniforme da ação correta. É fazendo que aprendemos a fazer; superando que aprendemos a superar, e toda *ação correta* que fazemos brotar de princípios puros, seja por autoridade, preceito ou exemplo, terá maior peso na formação do caráter do que toda a teoria do mundo".

Perguntas Para o Uso dos Estudantes

1. Como o governo da Alma Humana é conduzido?
2. Mostre que o poder Executivo está investido na vontade.
3. O que é a vontade?
4. Em que aspectos as pessoas podem passar pela vida sem qualquer ato deliberado da vontade?
5. Mostre que o caráter é o resultado da conduta regulada pela vontade.
6. Quais são as três funções da vontade?
7. Que limitação da vontade é desconsiderada por certos romancistas?
8. Mostre que os pais caem nesse erro metafísico.
9. Mostre que a obstinação indica ausência de "força de vontade".
10. O que é obstinação?
11. Quais são as funções superiores e inferiores da vontade?
12. Mostre que a vontade nem sempre age para o bem.
13. Mostre que uma vontade disciplinada é necessária ao caráter cristão heróico.
14. Como você distinguiria pessoas efetivas e não efetivas?
15. Como a vontade opera?
16. Mostre como os incentivos, a diversão, a mudança de pensamento são todos auxiliares da vontade.
17. O que deve ser ensinado às crianças sobre o "caminho da vontade"?
18. Mostre que poder de vontade implica poder de atenção.
19. Mostre que o hábito pode frustrar a vontade.
20. Mostre a necessidade do uso racional de um instrumento tão eficaz.
21. Por qual linha de conduta os pais devem fortalecer a vontade de seus filhos?
22. Como as crianças podem ser ensinadas a autogestão?
23. Mostre que a educação da vontade é mais importante que a do intelecto.

Capítulo II – A Consciência

A Consciência é o Juiz e o Legislador

Mas a vontade não exerce o governo do Reino da Alma Humana sozinha. É verdade que a vontade exercerá o poder executivo: apenas por meio da *vontade* somos capazes de executar; mas há por trás dela um poder superior, cujas ordens a vontade não faz mais do que expressar. A *consciência* ocupa o supremo cargo na câmara interior. A consciência é o legislador, e pronuncia o “Tu deves” e o “Tu não deves” por meio do qual a vontade entra em ação; e é também o juiz diante de quem a alma infratora é convocada; e não há apelo contra o “Foste Tu” da consciência.

“Eu Sou, eu Devo, eu Posso, eu Vou”

“Eu sou, eu devo, eu posso, eu vou” — estes são os degraus da escada de Santo Agostinho, por meio do qual

"ascendemos gradativamente
De nossos mortos seres para coisas superiores".

“Eu sou” — temos capacidade de conhecer a nós mesmos.

“Eu devo” — temos dentro de nós um juiz moral, a quem nos sentimos sujeitos, e que nos aponta e nos exige nosso dever.

“Eu posso” — somos conscientes do poder de executar aquilo que percebemos que devemos executar.

“Eu vou” — nós decidimos exercer esse poder com uma volição que é em si mesma um passo na execução daquilo que deliberamos.

Aqui está uma corrente linda e perfeita, e é admirável que, com uma corrente tão primorosamente elaborada com vistas à ação correta, o erro continue sendo possível ao homem. Mas não me compete falar aqui sobre os tristes mistérios do pecado e da tentação; você verá que é por causa das possibilidades de ruína e perda existentes em cada vida humana que estou insistindo que os pais assumam o dever de salvaguardar seus filhos pelos meios postos em suas mãos. Talvez não seja exagero afirmar que noventa e nove por cento das vidas perdidas jazem à porta de pais que não se esforçaram para livrá-las da preguiça, dos apetites sensuais, da obstinação, nem se esforçaram para fortalecê-las com os *hábitos* de uma boa vida.

A Inércia Dos Pais Não é Suplementada Pela Graça Divina

Vivemos em um mundo redimido e, do alto, graça e ajuda infinitas auxiliam todo esforço correto dirigido ao treinamento dos filhos; mas não vejo muita base para esperar que a graça divina intervenha como um substituto para todo e qualquer poder que preferimos deixar inutilizado ou mal direcionado. No mundo físico, não esperamos que milagres compensem nossa negligência do uso dos meios; o corpo raquítico, o membro deformado, que a criança deve aos seus pais, permanece com ela ao longo da vida, a despeito de todas as outras coisas pelas quais ela possa agradecer a Deus; e uma vontade fraca, maus hábitos, uma consciência inculta, permanecem arraigados ao longo da vida de muitos cristãos porque seus pais falharam em relação ao seu dever, e a criança não teve força o suficiente para suprir esta omissão.

A Consciência Não é um Guia Infalível

No que tange ao assunto da consciência, o hábito de *laissez-faire*^[201] cultivado pelos pais, por exemplo, é causa de verdadeiro erro e prejuízo a muitas crianças. Os pais são gratos por acreditar que seus filhos nascem com uma consciência; eles esperam que sua conduta possa ser governada por ela e deixam o resto de lado a fim de que as crianças e suas consciências se resolvam. Entretanto, fazer isso é supor que o corpo infantil nasce com uma consciência plenamente instruída ou que a consciência cresce, assim como o cabelo e os membros, proporcionalmente ao crescimento do corpo, e não está sujeita a condições de progresso espiritual particulares. Em outras palavras, é supor que a consciência é um guia *infalível*, uma ilusão a que as pessoas se apegam a despeito do que o senso comum e a experiência cotidiana demonstram sobre os atos insensatos praticados pelos homens por motivos conscienciosos. Os caprichos da consciência não instruída são tão familiares que deram origem a provérbios populares: "Honra entre os ladrões", "Coar o mosquito e engolir o camelo", que apontam para casos de consciência mal orientada; enquanto "O desejo é o pai do pensamento", "Ninguém é tão cego quanto aquele que não deseja enxergar", apontam para casos ainda mais comuns nos quais um homem intencionalmente engana sua consciência para que lhe seja condescendente.

Mas a Consciência é um Poder Real

Então, se a consciência não é um guia infalível — se ela faz vistas grossas a ofensas hediondas, e pesa sua mão sobre minúcias, se ela dá o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e negligencia os preceitos mais importantes da Lei —, se a consciência é passível de ser enganada e persuadida a chamar o mal de bem e bem de mal quando o *Desejo* é o litigante especial perante o tribunal, qual será, então a utilidade deste guia em quem não podemos confiar?

Será que, afinal, esse severo legislador interior não passa de uma ficção do cérebro? Será que sua consciência não é mais do que aquilo que você pensa sobre suas próprias ações e as de outras pessoas? Pelo contrário! Essas aberrações da consciência são, talvez, a prova mais contundente de que ela existe como um poder real. Como bem disse Adam Smith: "A suprema autoridade da consciência é sentida e tacitamente reconhecida pelos piores dentre os homens, não menos do que pelos melhores; pois mesmo aqueles que já desistiram de tentar parecer bons aos olhos do mundo se esforçam para esconder seu verdadeiro caráter de seus próprios olhos".

Aquele Senso Espiritual Pelo Qual Conhecemos o Bem e o Mal

O que a consciência é, até que ponto ela se localiza entre os sentimentos, até que ponto na razão, até que ponto ela é independente de ambos, são questões obscuras cujas respostas são desnecessárias para fins práticos; mas há algo bastante evidente: a consciência é uma parte tão essencial da natureza humana quanto as afeições e a razão, e é também aquele senso espiritual pelo qual temos conhecimento do bem e do mal. A criança de seis meses, que ainda nem consegue falar, já exhibe as operações de sua consciência; um olhar de reprovação fará com que ela abaixe o olhar e esconda o rosto. Mas percebe que a mãe pode cobrir a criança de confusão quando, por simples experimento, olha para ela desta mesma maneira após um ato gentil, pois aquela pobre consciência pouco educada se erguerá contra a criança da mesma maneira, condenando-a por causa do juízo de outro.

Fatos como esse nos permitem vislumbrar a terrível responsabilidade que recai sobre os pais. A criança vem ao mundo com uma faculdade moral, um órgão delicado pelo qual ela discerne o sabor do bem e do mal, e ao mesmo tempo tem uma percepção de deleite no bem — em si mesmo ou nos outros — e de ódio e aversão ao mal. Mas, pobre criança, ela é como um navegador que não sabe como utilizar sua bússola. Ela nasceu para amar o bem e odiar o mal, mas não tem conhecimento real do que é o bem e do que é o mal; ela não acredita em suas próprias intuições, mas se entrega com simplicidade à direção de terceiros. É surpreendente que o Deus Todo-Poderoso possa deixar por tanto tempo a educação de um ser imortal nas mãos de pais humanos, mas é ainda mais surpreendente que pais humanos possam aceitar esse encargo divino basicamente sem considerar sua importância.

A Consciência da Criança Não é Uma Autoridade Suprema, Mas Uma Capacidade Pouco Desenvolvida

Olhando, então, para a consciência na criança muito mais como uma capacidade pouco desenvolvida do que como uma autoridade suprema, a pergunta é: como esse *soberano em ascendência* deve ser educado com vistas às suas altas funções de informar a vontade e determinar a conduta? Pois, embora a consciência mal ensinada possa cometer erros fatais, e homens guiados por suas consciências possam realizar verdadeiros massacres entre os fiéis, por outro lado, nenhum homem jamais alcançou uma vida piedosa, justa e sóbria, sem que fosse governado por uma boa consciência — uma consciência que não apenas possui a *capacidade* de discernir o bem e o mal, mas é também *treinada* para perceber as características de ambos. Muitos podem possuir aquela grande sensibilidade de paladar capaz de qualificar alguém para o trabalho de provador de chá, mas a capacidade de seu paladar só será valiosa aos seus empregadores e fonte de renda pessoal quando tiverem uma experiência treinada nas qualidades dos chás.

A Consciência Não-Instruída

A educação da consciência é semelhante à da vontade e depende de muito do que foi dito anteriormente. O refinamento da consciência não pode coexistir com a ignorância. O selvagem inculto tem seus escrúpulos, os quais não podemos sondar; até hoje não conseguimos entender como os horrores do Motim Indiano tiveram sua origem na mera suspeita de que uma mistura de banha de porco e gordura de boi tivesse sido utilizada para engraxar os cartuchos dos rifles distribuídos aos cipaiois. Chamamos esses escrúpulos, que estão além do alcance de nossas ideias, de superstições e preconceitos, e não devemos considerar tais condutas como conscienciosas, mesmo quando impelidas por consciências não instruídas, a menos que sejam razoáveis e corretas em si mesmas.

Os Processos Envolvidos Em uma Decisão "Consciente"

Portanto, está claro que, antes que a consciência esteja em posição de pronunciar seu veredicto sobre os fatos de um dado caso, a razão cultivada deve rever os prós e contras; o juiz experiente deve colocá-los na balança e decidir quais têm maior peso. A atenção deve fazer com que todos os poderes da mente considerem a questão; os hábitos de ação correta devem sustentar os sentimentos, fazendo com que a prática correta pareça mais fácil e prazerosa. Ao mesmo tempo, o desejo está fazendo seus reclames; mas a consciência, como juiz imparcial, devidamente informada dos méritos do caso perante o tribunal, decide pelo certo. A vontade executa o veredicto da consciência; dirigindo os veredictos da consciência está o homem consciencioso, em cujas ações e opiniões você pode confiar antecipadamente e, então, o que resultará desses processos elaborados? Essa é exatamente a vantagem de uma consciência instruída auxiliada por uma inteligência treinada; o juiz estará sempre assentado e o advogado sempre em posição.

A Consciência Instruída Quase Sempre Está Correta

Aqui está, de fato, um elevado motivo para o treinamento da inteligência da criança em todas as direções; ela deseja a cultura mais elevada que você pode lhe dar, apoiada por hábitos cuidadosamente formados, a fim de que possa dispor de uma consciência sempre alerta, sustentada por todos os poderes da mente; e tal consciência é a essência de uma vida nobre. A consciência *instruída* pode se autodeclarar, se não infalível, em algum grau, quase sempre correta. Geralmente ela não se torna madura até que a pessoa esteja madura; crianças e jovens, portanto, por mais honrados e zelosos que sejam, tendem ao erro, principalmente

porque fixam demais sua atenção sobre um único dever, ou sobre uma única teoria de vida, e negligenciam as demais.

A Boa Consciência de uma Criança

Mas até a criança, com sua consciência e seus poderes em desenvolvimento, é capaz de dizer: “Não, eu não posso; não seria *correto*”; “Sim, eu vou fazer; pois isso é o *correto*”. E uma vez que seja capaz de dar uma dessas respostas às solicitações que se investem contra ela, a criança é, também, capaz de viver; quanto ao resto, o desenvolvimento e o que pode ser chamado de regulação da consciência acompanhará seu crescimento intelectual. Mas além de possibilitar que uma grande dose de variada disciplina venha a assegurar a eflorescência final de uma boa consciência, o que deve ser feito por meio do treinamento da própria consciência para apurar o discernimento espiritual de modo que a menor *soupçon*^[202] do mal possa ser detectada e rejeitada?

As Crianças Brincam com Questões Morais

Não há parte da educação mais agradável e delicada do que esta, nem uma em que pessoas adultas são mais propensas a cometer erros. Todos sabem como é cansativo discutir qualquer questão moral com as crianças; como eles se preocupam com ninharias, sugerem uma centena de explicações ou evasões engenhosas, não se espantam ou se admiram de coisas que requerem tal atitude — de fato, brincam com essas questões; ou — o que é ainda mais cansativo — são severos e justos demais, “recebendo a repreensão” com demasiado entusiasmo e boa vontade. Pais sensatos ficam frequentemente angustiados com essa falta de consciência nas crianças; mas eles *não* estão cometendo qualquer erro grave: uma consciência madura precisa ser sustentada por um intelecto maduro, e as crianças não têm nem uma coisa nem outra. Discussões desse tipo devem ser eliminadas; as crianças não devem ser encorajadas a dar suas opiniões sobre questões de certo e errado, e os pais não deveriam colocar em suas mãos aqueles livros que se pronunciam autoritativamente sobre a conduta.

A Bíblia é a Principal Fonte de Ideias Morais

Seria bom que a reticência bíblica a esse respeito fosse observada pelos escritores de livros infantis, seja de literatura ou de história. A criança deve ouvir a história de José lida a partir Bíblia (com reservas), a qual raramente oferece comentários ou explicações. Ela não precisa ser informada sobre que atitude foi “má” e que atitude foi “boa”; não há necessidade de forçar o ensino, ou então a Bíblia foi escrita em vão e as boas e más ações não carregam testemunho próprio. Faça com que todas as circunstâncias da leitura bíblica diária — uma leitura consecutiva, do primeiro capítulo de Gênesis em diante, com as *omissões necessárias* — seja agradável para a criança; que ela esteja no quarto de sua mãe, e em seus braços; que esses quinze minutos sejam cheios de doce prazer e sóbria alegria, permitindo que todo o interesse da criança se volte para a história, sem considerações morais para distraí-la; e, depois da leitura, quanto menos conversa melhor; a história irá se aprofundar e conferir seu próprio ensinamento, um pouco agora, e mais a cada ano, na medida em que a criança for se tornando capaz de suportar. Uma única história tal como essa já se fará uma ideia moral em constante crescimento e frutificação em seu interior.

Contos Ligam a Atenção à Conduta

A Bíblia (isto é, suas partes apropriadas às crianças) é principal e suprema; mas qualquer imagem verdadeira da vida, sejam contos de feitos gloriosos ou de vidas imperfeitas e esforçadas, alimenta a consciência em desenvolvimento. A criança adquire o hábito de ligar

sua atenção à conduta; a princípio, ela pesa as ações de acordo com as suas consequências, mas, aos poucos, sua consciência adquire poder discriminatório, e tal e tal comportamento será bom ou mau para ela independente de suas consequências. E esse silencioso desenvolvimento da faculdade moral ocorre muito mais certamente caso evitemos distrair as crianças com tagarelices sobre o assunto; pois mil sutis movimentos de vaidade e curiosidade, e o mero amor à conversação, entram em cena com muita facilidade e desviam a atenção da ideia moral que deveria ser transmitida à consciência. É muito importante, além disso, que a criança não seja autorizada a condenar a conduta das pessoas ao seu redor. Não importa que ela esteja certa ou errada em seu veredicto; o hábito de conferir culpa certamente embotará sua consciência, enfraquecendo sua sensibilidade à injunção "Não julgueis, para que não sejais julgados".

A Ignorância da Consciência de uma Criança

Mas, e quanto à própria conduta da criança: é certo que ela pode ser chamada a considerá-la? Sua conduta, incluindo suas palavras, sim; mas seus motivos, não; nada que possa conduzir ao mal hábito da introspecção deve ser encorajado. Além disso, ao chamarmos uma criança a considerar seus modos, devemos ter em conta a extrema ignorância da consciência infantil, um grau de ignorância que embaraça os adultos que têm a chance de descobri-lo — o que não acontece com frequência, pois as crianças, apesar de sua tagarelice interminável e seus costumes amigáveis e amorosos, são extremamente reservadas. Elas cometem sérias ofensas contra a verdade, a modéstia e o amor e não sabem que fizeram algo errado, ao mesmo tempo em que ínfimas transgressões oprimem suas almas. Elas são capazes de morder e ferir umas às outras violentamente, cometer pequenos furtos, e fazer outras coisas tão chocantes que seus pais poderão temer que tenham naturezas muito más: não é necessariamente assim; isso acontece simplesmente porque a consciência não instruída não enxerga uma clara linha divisória entre o certo e o errado, e é capaz de errar tanto para um lado quanto para o outro. Certa vez, conheci uma criança de doze anos que estava à beira da morte e se desgastava com grande angústia porque temia ter cometido "o pecado imperdoável", conforme suas próprias palavras (ninguém sabia como ela havia tomado conhecimento da frase); e esta havia sido sua transgressão: fazer suas orações sem se ajoelhar ao lado da cama! A ignorância das crianças sobre os mais corriqueiros assuntos de certo e errado é realmente patética; e, no entanto, elas são frequentemente tratadas como se soubessem de tudo simplesmente porque "possuem consciências", como se a consciência fosse algo mais do que um órgão espiritual à espera de direção!

Instruindo a Consciência: Bondade

O fato de que as crianças cometem erros intencionalmente é outra questão que, infelizmente, não requer qualquer prova; mas estou insistindo sobre a existência de uma real necessidade de instruí-las em seu dever; e isso não de maneira aleatória, mas regular e progressivamente. Digamos que a bondade, por exemplo, seja o tema da instrução desta semana. As crianças amam certo tipo de conversa informal com a mãe sobre bondade — de preferência, que seja curta. Bondade é amor, se revelando em ação e palavra, aparência e conduta. Um poço de amor tampado e escondido no coração de um menino não é bom para ninguém; o amor deve transbordar como uma fonte, fluir em correnteza e, quando isso acontece, é *bondade*. Então, manteremos breves conversas diárias sobre modos bondosos, em relação aos irmãos e irmãs, aos colegas de brincadeira, aos pais, aos amigos adultos, aos servos, às pessoas com problemas, aos ignorantes, às pessoas que não vemos, mas sobre as quais podemos pensar — todos os necessitados e pagãos. Dê às crianças um pensamento de cada vez e, sempre algum amável exemplo de bondade que possa inflamar seus corações com o desejo de fazer o mesmo.

Tenha a parábola proferida por nosso Senhor sobre o "Bom Samaritano" como um modelo de instrução da moral. Faça com que o conto e a conversa incitem as crianças à virtude, e então profira o "Vá e faça o mesmo" da lei. Tendo apresentado a elas a ideia de *bondade* em muitos aspectos, encerre com a lei: Sejam bondosas, ou, "Sejam amavelmente bondosas umas com as outras". Ensine-as que esta é a lei de Deus para as crianças e para as pessoas adultas. Agora que a consciência está instruída, seus sentimentos serão alistados ao lado do *dever* e,

se a criança é educada, ao quebrar a lei da bondade, uma lei que ela já conhece, sua consciência a condenará. Não dê às crianças exemplos de condutas erradas — por causa das tristes inclinações da natureza humana —, mas sempre lhe fale sobre “Feitos Gloriosos”, pequenos e grandes, que, como trombetas, as convocarão para a batalha da vida.

A Consciência Se Torna Efetiva Pela Disciplina

Seja cortês, seja franco, seja grato, seja atencioso, seja verdadeiro; há aspectos do dever em quantidade suficiente para ocupar a atenção da mãe e da criança durante todos os dias da vida infantil; e, em todo o tempo, a ideia de *dever* está sendo formada e a consciência está sendo educada e desenvolvida. Enquanto isso, a mãe exerce a amistosa vigilância de um anjo da guarda, permanecendo alerta, não para flagrar a criança tropeçando, mas para guiá-la na execução do dever que ela já tornou amável aos seus olhos; pois é somente quando *fazemos* que aprendemos a fazer e nos tornamos hábeis no *fazer*. Enquanto instrui seu filho no dever, ela o ensina a ouvir a voz da consciência tanto quanto a voz de Deus, e obedecê-la convictamente quando clamar em seu peito um “Faça isto” ou “Não faça isto”. Alguns objetam que estamos considerando infalível, não a consciência divinamente implantada, mas essa mesma consciência tornada efetiva pela disciplina. É exatamente isso; em todos os departamentos da vida, físicos ou espirituais, o esforço humano parece ser a condição da vitalização Divina; deve haver um estiramento do braço ressequido antes que ele seja fortalecido; e temos todos os motivos para crer que a consciência instruída, fielmente guardada, *será* divinamente iluminada.

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Quais são as funções da consciência?
2. O que está implícito em "Eu sou, eu devo, eu posso, eu vou"?
3. Que erro pais inertes cometem com relação à graça divina?
4. Mostre que a consciência não é um guia infalível.
5. Como Adam Smith ilustra o fato de que a consciência é um poder real?
6. O que sabemos sobre a consciência?
7. Faça distinção entre uma consciência nascente e uma consciência treinada.
8. Mostre que o refinamento da consciência não pode coexistir com a ignorância.
9. Quais são os processos incluídos em uma decisão “conscienciosa”?
10. O que pode ser dito da consciência instruída?
11. O que se pode esperar da boa consciência de uma criança?
12. Mostre que as crianças brincam com questões morais.
13. Como você comunicaria alguma das ideias morais contidas na Bíblia a uma criança?
14. Mostre a utilidade dos contos no treinamento da consciência.
15. Mostre a extrema ignorância da consciência de uma criança.
16. Como você instruiria as crianças no dever da "bondade", por exemplo?
17. O que dizer da consciência tornada efetiva pela disciplina?

Capítulo III - A Vida Divina na Criança

"O Verdadeiro Pulso da Máquina"

É evidente que ainda não alcançamos

"O verdadeiro pulso da máquina."

Hábitos, sentimentos, razão, consciência — nós os seguimos até os mais íntimos recônditos da vida da criança; cada um deles age sobre o outro, mas o que age em última instância: o que age sobre todos eles? Um escritor que buscou as coisas profundas de Deus afirma: "É por um Rei que nossos espíritos clamam, para guiá-los, discipliná-los, uni-los uns aos outros; para dar-lhes vitória sobre si mesmos, vitória sobre o mundo. É por um Sacerdote que nossos espíritos clamam, para elevá-los acima de si mesmos, ao seu Deus e Pai — para torná-los participantes de Sua natureza, colaboradores em um único e autêntico testemunho de que Ele é tanto o Sacerdote quanto o Rei dos Homens".

Os Pais Têm Certo Poder de Entronizar o Rei

A consciência, como vimos, só é efetiva quando é movida a partir de dentro, a partir daquela câmara mais íntima da Alma Humana, daquele Santo dos Santos, cujos segredos só são conhecidos pelo Sumo Sacerdote, que "não necessita de que alguém testifique do homem, porque Ele bem sabe o que há no homem". É necessário, no entanto, que juntemos as migalhas de fatos e inferências e coloquemos em ordem o conhecimento, da forma como o possuímos; pois até mesmo as chaves desta câmara mais íntima estão confiadas às mãos dos pais, e em grande medida, está em seu poder entronizar o Rei e introduzir o Sacerdote pelo qual todo ser humano clama.

As Funções e a Vida da Alma

Nós assumimos, no discurso comum, que toda alma é uma "alma vivente", uma alma plenamente desenvolvida e amadurecida; mas a linguagem da Bíblia e a da experiência geral parecem apontar para espantosas conclusões. Foi dito de um grande poeta — se de forma justa ou não, não vem ao caso — que, se pudéssemos imaginar que qualquer ser humano fosse destituído de alma, ele é quem seria tal empreendimento fracassado, pois ainda que tivesse razão, imaginação, paixões e todos os apetites e desejos de um ser inteligente, contudo demonstrava não exercer quaisquer funções da alma. Ora, quais seriam essas funções, cuja ausência torna a própria existência do homem questionável? Devemos voltar ao axioma de Agostinho — "A alma do homem é para Deus, assim como Deus é para a alma do homem". A alma tem um único apetite, para as coisas de Deus; respira um único ar, o sopro do Espírito de Deus; tem um único desejo, de conhecimento de Deus; uma única alegria, na face de Deus. "Eu quero viver na Luz de um Semblante que nunca deixa de sorrir para mim" é a linguagem da alma. A ação direta da alma é totalmente em direção a Deus, com uma ação reflexa em relação aos homens. O discurso da alma é a oração e o louvor, a mão direita da alma é a fé, a luz da alma é o amor — o amor de Deus derramado sobre ela. Observe que aquelas são as funções, e esta, a vida da alma; as únicas funções e a única vida que ela pode ter: se a alma não possui tais funções, então, ela não tem poder para virar-se em outra direção e encontrar "vida própria" em outro lugar. Como a consciência, a vontade e a razão são ineficazes até que sejam nutridas com seu alimento apropriado e exercitadas em suas funções apropriadas, assim também a alma; e sua câmara permanece sombria, com portas cobertas de teias de aranha e janelas obscuras, até que desperte para sua vida apropriada; não está completamente vazia, pois há ali a alma nascente; e o despertar para a vida acontece, às vezes com o repentino choque, o gracioso milagre, que chamamos de conversão; às vezes, quando os pais assim deliberam, a alma da criança se expande com um crescimento suave e doce e um gradual desdobramento, como de uma flor. Há almas tórpidas que, no entanto, estão vivas; há

almas débeis e doentias que, no entanto, estão vivas; e há almas que jamais farão qualquer movimento em direção a Deus.

Qual é a Vida da Alma?

Esta vida da alma, do que se trata? Será, porventura, vida comunicada, como quando se acende uma tocha no fogo? Talvez; mas é algo mais íntimo, mais inexprimível: "Eu sou a Vida"; "Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens"; "Permaneçam em mim e eu *em* vocês." A verdade é inefável demais para ser proferida em quaisquer palavras que não sejam as que nos foram dadas. Mas significa pelo menos uma coisa: que a alma vivente não permanece sozinha em seu lugar; mas esse lugar se torna o templo do Deus vivo. "Certamente o Senhor está neste lugar, e eu não sabia. Quão terrível é este lugar!"

Os Pais Devem Apresentar a Ideia de Deus Para a Alma da Criança

Mas como pais humanos poderiam presumir se intrometer neste mistério sagrado, essa união e comunhão entre Deus e a alma? O que eles podem fazer? Como eles podem promovê-la? E não estariam correndo o risco de colocar mãos impuras sobre a arca? Em primeiro lugar, não cabe aos pais escolherem se irão ou não buscar estimular e nutrir essa vida divina em seus filhos. Fazer isso é seu dever e serviço. Se eles negligenciarem ou fracassarem em relação a isso, eu não tenho certeza do quanto importa que eles tenham cumprido seus deveres no cultivo físico, moral e mental de seus filhos (exceto que, na medida em que estejam melhor ajustados para o serviço divino, a vida divina possa vir a ser despertada neles). Mas o que os pais podem fazer? Apenas isso e nada mais: eles podem apresentar a ideia de Deus para a alma da criança. Aqui, como em todo o Seu universo, o Deus Todo-Poderoso trabalha por meios aparentemente inadequados. Quem diria que uma abelha poderia produzir macieiras? No entanto, uma abelha parte de uma macieira carregada com o pólen de suas flores, os quais ela involuntariamente deposita nos estigmas das flores da árvore vizinha. A abelha vai embora, mas o pólen permanece, tendo ainda todo o comprimento do estilete entre ele e o óvulo imaturo abaixo. Isso não o preocupa; o óvulo não tem poder para alcançar o grão de pólen, mas o pólen envia um tubo delgado que passa por dentro do estilete; o óvulo é alcançado; contemplamos, então, a fruta, com sua semente e — melhor dizendo — futuras macieiras! Aceite a parábola: o pai é pouco melhor nesta questão do que a abelha ignorante; a sua parte é depositar, por assim dizer, ao alcance da alma da criança alguma ideia frutífera de Deus; a alma imatura não faz nenhum esforço em relação a essa ideia, mas a Palavra viva se estende, toca a alma — e eis a *vida*; crescimento e beleza, flor e fruto.

Os Pais Não Devem Realizar Esforços Descuidados

Ouso pedir-lhe que olhe, apenas por um momento, para esses mistérios divinos a partir do mesmo ponto de vista filosófico que assumimos em relação a todas as capacidades e funções da criança, em parte porque é instrutivo perceber como os mistérios da vida religiosa se apresentam quando vistos de fora de sua própria esfera; em parte porque desejo caminhar com passos consecutivos até a suprema função dos pais na educação de seus filhos. Pois aqui a comparação com a abelha e a macieira falha. Os pais não devem realizar esforços descuidados e ignorantes: assim como este dever é o mais elevado que lhes é imposto, é também o mais arriscado; e eles terão infinita necessidade de fé e oração, tato e discrição, humildade, gentileza, amor e bom senso, se desejam apresentar seus filhos a Deus, e o pensamento de Deus para a alma de seus filhos.

Deus é Apresentado às Crianças como um Cobrador e um Justicheiro

Já foi muito bem afirmado que "se pensarmos em Deus como um cobrador e não como um doador, nos tornaremos cobradores e não doadores". No entanto, não é verdade que Deus é frequentemente apresentado às crianças como um faraó exigindo sua cota de tijolos: tijolos de bom comportamento e de boas ações? Não é verdade que os pais deliberadamente

apresentam a Deus como um cobrador, para sustentar a debilidade de seu próprio governo; e pronunciam gratuitamente, em nome de Deus, aquelas ameaças que eles mesmos não estão dispostos a proferir em seu próprio nome? Ou mesmo, qual criança já não ouviu bastante enfaticamente por parte de sua cuidadora que “Deus não te ama, seu menino travesso! Ele vai te mandar para aquele lugar terrível!”? E esses dois pensamentos sobre Deus, como sendo um Cobrador e um Justiceiro, compõem, muito frequentemente, toda a ideia que a pobre criança obtém sobre seu Pai celestial. Que fruto pode resultar disso além da aversão — que a criança acabe dando as costas para seu Pai? E se, em vez disso, lhe fosse dado o pensamento bem expresso nas palavras: “A bondade totalmente perdoadora de Deus”?

Os Pais Devem Selecionar Ideias Inspiradoras

Estes são apenas dois dos muitos pensamentos dissuasivos de Deus comumente apresentados à terna alma; e a mãe, que percebe que o coração de seu filho pode ser irrevogavelmente voltado contra Deus pelas ideias sobre Ele absorvidas no berçário, sentirá a necessidade de uma séria e cuidadosa consideração, e uma resolução definida, quanto ao ensino que seu filho receberá sobre este importante assunto. Ela provavelmente proibirá qualquer menção do Nome Divino às crianças, exceto por seus pais, explicando ao mesmo tempo que isso se faz necessário porque ela se importa demais que seus filhos não recebam senão pensamentos corretos sobre esta grande questão. É melhor que as crianças recebam umas poucas ideias vitais sobre as quais suas almas possam crescer, do que uma grande quantidade de ensinamentos vagos.

Devemos Ensinar Somente o que Sabemos

Como selecionar esses poucos pensamentos vivazes sobre o Deus infinito? A seleção não é tão difícil quanto aparenta ser à primeira vista. Em primeiro lugar, devemos ensinar aquilo que sabemos, e sabemos por meio da vida da alma, não por algum mero conhecimento mental. Entretanto, da vasta massa de doutrinas e preceitos da religião, descobriremos que existem apenas algumas verdades vitais arraigadas de tal forma ao nosso ser que fundamenta nossas vidas — essa pessoa guarda essas verdades vitais; aquela pessoa, aquelas verdades vitais; alguns de nós não guarda mais do que uma única verdade vital. Uma ou mais, são elas que devemos ensinar às crianças, porque partirão do fundo de nossos corações com aquele entusiasmo de uma convicção que raramente fracassa em comunicar sua ideia particular à vida espiritual de outro. Não há fonte mais frutífera daquilo que não exageradamente é chamado de infidelidade infantil do que as falsas palavras mortas proferidas em relação às Grandes Coisas e despejadas sobre as crianças em tom e forma artificialmente solenes destinadas a compensar a falta de significado vivo das palavras. Que os pais que sabem apenas uma coisa do alto ensinem apenas ela a seus filhos; esses pais já terão mais ideias no momento em que seus filhos estiverem prontos para mais.

Ideias Essenciais e Vitais

Além disso, algumas ideias da vida espiritual são mais apropriadas do que outras à vida e às necessidades da criança. Desta forma, “Cristo, o Doador da Alegria”, é mais apropriado para ela do que “Cristo, o Consolador”.

E algumas poucas ideias são como o pão diário da alma, sem as quais a vida e o crescimento são impossíveis. Todos os outros ensinamentos podem ser adiados até que as necessidades da criança a levem a eles; mas quem quer que envie seu filho à vida sem essas ideias vitais da vida espiritual, lança-o a ela com uma alma dormiente, por mais bem instruído em teologia ele possa ser.

O Conhecimento de Deus é Distinto da Moralidade

Perceba que o conhecimento de Deus é distinto da moralidade, ou do que as crianças chamam de "ser bom", embora "ser bom" decorra deste conhecimento. Mas faça com que essas coisas aconteçam em sua ordem correta. Não sature a criança com sermões sobre seu dever de "ser boa" diante de Deus, sem antes dar a ela um pouco desse conhecimento que a tornará boa.

Neste ponto já não estamos mais sofrendo de um embaraço de riquezas; todas essas limitações citadas já excluem uma gama tão grande do que comumente se ensina sobre coisas divinas que a pergunta que nos resta é, antes, "O que devemos ensinar?", em vez de "Como devemos escolher?"

Os Tempos e a Forma da Instrução Religiosa

As próximas considerações que acometerão a mãe são sobre os tempos e a forma deste ensino das coisas de Deus. É melhor que esses ensinamentos sejam raros e preciosos, do que muito frequentes e pouco valiosos; é melhor não ensinar nada do que provocar indigestão na criança com a simples visão da comida espiritual sendo servida de forma grosseira. Ao mesmo tempo, ela deve ser edificada na fé e suas lições devem ser regulares e progressivas; e aqui tudo dependerá do tato da mãe. O ensino espiritual, assim como o cheiro das flores, deve depender da forma como o vento sopra. De vez em quando ocorrerá um momento sagrado, e isso será percebido pela mãe e pelo filho quando os dois estiverem juntos — este é o momento ideal para algumas palavras sobre Deus, experimentadas com profundidade e pronunciadas com suavidade, na medida em que a ocasião permita. Poucas palavras precisam ser ditas, absolutamente nenhuma exortação; apenas o lampejo de convicção da alma da mãe para a alma de seu filho. Será "Pai Nosso" o pensamento confiado à alma da criança? Talvez, dali em diante, não haverá mais do que um empático entreolhar de mãe e filho em relação a mil exibições do amor do "Nosso Pai"; mas a ideia está crescendo, tornando-se parte da vida espiritual da criança. Isto é tudo: nenhuma rotina de ensino espiritual; uma aversão às muitas palavras, capazes de abafar o fogo da vida sagrada; muito autocontrole demonstrado em deixar passar aparentes oportunidades; sincero propósito de coração; e um esquema definido para a edificação da criança na fé, durante todo o tempo. Não é necessário acrescentar que — fazendo outro uso das palavras de nosso Senhor — "isto não acontece senão pela oração". É na medida em que a mãe obtém liberalmente sabedoria do alto, que ela será habilitada para essa tarefa divina.

A Leitura da Bíblia

Uma palavra sobre a leitura da Bíblia. Creio que erramos ao enterrar o texto sob nossos intermináveis comentários e aplicações. Além disso, duvido que escolher versículos individuais e espremê-los na criança até que deixem de ter qualquer significado para ela não seja um obstáculo à sua vida espiritual. A Palavra é cheia de força vital, capaz de aplicar a Si mesma. Uma semente, sutil como um espinho de cardo, penetrando na alma da criança, criará raízes internas e produzirá frutos externos. O que se exige de nós é que implantemos um amor pela Palavra; que os momentos mais deliciosos do dia da criança sejam aqueles em que a mãe lê para ela, com doce empatia e santa alegria na voz e nos olhos, as belas histórias bíblicas; e, de vez em quando, durante a leitura ocorrerá uma daquelas convicções — passadas da alma da mãe para a alma da criança —, em que está a vida do Espírito. Que a criança seja cultivada de tal forma que "novos pensamentos de Deus, novas esperanças celestiais" lhe sejam, igualmente, uma alegria; coisas que recebam a primazia quando as bênçãos de seu dia forem consideradas. Acima de tudo, não leia a Bíblia contra a criança: não permita que quaisquer palavras das Escrituras sejam ocasiões para humilhá-la por seus defeitos. Convencer do pecado é ofício do Espírito Santo; e Ele é capaz de usar a Palavra para este propósito sem o perigo daquele endurecimento de coração do qual frequentemente resultam nossas condutas desajustadas. O conteúdo deste ensino das coisas divinas resultará das convicções que são particulares a cada mãe. Tentarei falar de apenas uma ou duas daquelas verdades vitais sobre as quais a vida espiritual deve se sustentar.

Pai e Doador

"Pai nosso, que estás nos céus" é, talvez, a primeira ideia de Deus que a mãe apresentará a seu filho — Pai e Doador, diretamente de quem provém todas as alegrias de cada um dos nossos dias. "Que aniversário maravilhoso nosso Pai concedeu ao meu garotinho!" "As flores estão voltando; nosso Pai cuidou da vida das plantas durante todo o inverno frio!" "Ouça a cotovia! É maravilhoso como nosso Pai pode colocar tanto regozijo no coração de um único passarinho." "Agradeço a Deus por fazer de minha garotinha uma criança tão feliz e risonha!" Desse pensamento prontamente brotará a oração — a livre expressão do coração da criança —, mais frequentemente em agradecimento pela consideração das pequenas alegrias do dia do que em desejos. A elaboração das palavras não importa; qualquer maneira simples que a criança seja capaz de entender é suficiente; a verdadeira oração é o elevar-se do coração da criança a Deus. O dever também brotará deste pensamento — o alegre reconhecimento da dívida de serviço e obediência a um Pai tão gracioso e benigno — não Aquele que exige serviço com a ponta da espada, por assim dizer, mas Aquele a quem Seus filhos anseiam por obedecer.

A Essência do Cristianismo é a Lealdade a Uma Pessoa

Cristo, nosso Rei

Aqui está um pensamento capaz de liberar as fontes de amor e lealdade, os tesouros da fé e da imaginação, represados na criança. A essência do cristianismo é a lealdade pessoal, a lealdade apaixonada ao nosso adorável Líder. Temos lançado outros fundamentos — regeneração, sacramentos, justificação, obras, fé, a Bíblia — todos os quais, por mais necessários que sejam à salvação em seu devido lugar e proporção, podem se tornar uma religião *sobre* Cristo e *sem* Cristo. E é chegado a nós um momento de peneirar, um momento em que pessoas cultas estão se recusando a reconhecer qualquer aspecto de nossos sistemas religiosos e estão reputando todas as nossas crenças ortodoxas como coisas *não cognoscíveis*. Talvez isso aconteça porque, ao pensarmos muito em nossa salvação, tenhamos deixado de lado nosso Rei — o fato divino que não pode ser ignorado por nenhuma alma humana a quem é apresentado. *A vida* reside na ideia de Cristo; uma vez que o pensamento Dele entre em contato com a alma, ela será elevada — um poder vivo —, independentemente de quaisquer fórmulas do cérebro. Salvemos o cristianismo para nossos filhos, criando-os em lealdade a Cristo, o Rei. Como? Como os antigos Cavaleiros criaram filhos e filhas em lealdade e reverência apaixonada por príncipes não tão dignos? Seus próprios corações estavam repletos disso; seus lábios falavam sobre isso; seus atos proclamavam isso; o estilo de suas roupas, o timbre de suas vozes, a postura de suas cabeças — tudo era uma proclamação singular de devoção ilimitada ao seu rei e à sua causa. Aquela guerra civil, seja lá o que mais fez ou deixou de fazer, ao menos deixou uma parábola para o povo cristão. Se um príncipe Stuart pôde receber tal medida de lealdade, o que diremos do "o Líder entre dez mil, o totalmente amável"?

Jesus, nosso Salvador

Eis um pensamento a ser ternamente apresentado à criança nos momentos de miséria que se seguem ao mal-fazer. "Meu pobre garotinho, você foi muito desobediente hoje! Você não pôde evitar isso?" "Não, mãe", com soluços. "Não, suponho que não; mas há uma forma de receber ajuda. E então a mãe diz a seu filho como o Senhor Jesus é nosso Salvador, porque Ele nos salva *dos nossos pecados*. Há dúvidas sobre quando a criança deve aprender a "História da Cruz" pela primeira vez. Alguns acreditam que seja bastante agradável começar com Moisés e os profetas: percorrer a história do Antigo Testamento, traçando o desdobramento gradual da obra e do caráter do Messias; e então, quando suas mentes estiverem cheias da expectativa dos judeus, trazer diante deles o mistério do nascimento em Belém e a humilhação da Cruz. Mas talvez nenhum ganho em frescor de apresentação compense os filhos por não terem crescido com as associações do Calvário e de Belém sempre presentes em suas mentes. Neste contexto, é necessário ressaltar que não é bom permitir que as crianças tenham uma familiaridade descuidada com o Nome de Jesus, ou no uso de hinos de tom irreverente. "Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou".

A Habitação de Cristo

A habitação de Cristo é um pensamento particularmente adequado para as crianças,

porque a sua grande fé não tropeça no mistério — a sua imaginação salta prontamente para aquilo que é maravilhoso — de que o Próprio Rei possa habitar o coração de uma pequena criança. "Como saberei que Ele veio, mãe?" "Quando você for totalmente gentil, amável e contente, é porque Cristo habita em você".

"E quando Ele vem, Ele torna o seu semblante tão sereno
Que seus amigos ficam contentes e dizem: 'O Rei está ali'."

Não tentarei aludir a qualquer outra verdade vital que a mãe cristã deverá apresentar a seu filho, com paciência, até que floresçam e brotem, e sua alma seja como um jardim muito frutífero abençoado pelo Senhor. Mas, repito, "isso não acontece senão pela oração".

Perguntas para o Uso dos Estudantes

1. Qual é o "verdadeiro pulso da máquina"?
2. Mostre que os pais têm algum poder para entronizar o Rei.
3. Defina até onde puder as funções da alma.
4. Qual é a vida da alma?
5. Mostre, por meio da ilustração da abelha e da macieira, qual é o papel dos pais em estimular a vida Divina em seus filhos.
6. Mostre onde a comparação da abelha e da macieira falha.
7. Por meio de quais ideias dissuasivas Deus é mais frequentemente apresentado às crianças?
8. Que precauções uma mãe deve tomar para garantir que seus filhos tenham ideias inspiradoras sobre Deus?
9. Que considerações devem nos ajudar a selecionar os pensamentos que estimulam as crianças?
10. Como você selecionaria as ideias apropriadas e vitais?
11. Mostre o perigo de confundir "ser bom" com conhecer a Deus.
12. Que cuidados a mãe deve ter quanto aos tempos e à forma da instrução religiosa?
13. Faça algumas sugestões em relação à leitura da Bíblia.
14. Como uma mãe pode dar a seu filho a ideia de Deus como Pai e Doador?
15. Como as crianças podem ser criadas em lealdade a Cristo?
16. Como você familiarizaria a criança com o pensamento de seu Salvador?
17. Mostre que a habitação de Cristo é um pensamento apropriado para as crianças.

* * *

Fim

Apêndices

A. A Avaliação de Uma Criança de Sete Anos

Em Relação ao Trabalho de um "Term" (trimestre) Conforme as Indicações deste Volume "Class 1B"

Programa do Trabalho do "Term" em que as Perguntas Estão Fundamentadas

Lições Bíblicas

The Bible for the Young, do Rev. J. Paterson Smyth; *Êxodo*, lições I-VII; *Evangelho de Marcos*, lições I, II, III, IV. O professor deve preparar as lições de antemão buscando que a criança possa compreender o máximo possível, e deve usar as passagens bíblicas em seu ensino.

Recitações

Recitar dois poemas, aprender três hinos, e uma passagem de seis versículos do (a) livro de *Êxodo*, (b) *Evangelho de Marcos* (as partes designadas para as lições bíblicas). O *Junior Poetry Book*, de Longman, ou *A First Book of Poetry*, da senhora Wood, podem ser utilizados.

Cálculos

Capítulo XI de *ABC Arithmetic*. Tabelas até doze vezes doze. As tabelas devem ser elaboradas com dinheiro desta forma: $9 \times 7 = 63$ pence = 5s. 3d.

Observação: Os termos "dezenas" e "unidades", etc, devem ser utilizados ao invés de "bastões" e "cubos", etc.

INICIANTES: Capítulos VI, VII, VIII.

Música

Child Pianist (Curwen & Son), continuação.

Canto

Três cantigas francesas, *Chansons d'Enfants. Ten Minutes' Lessons in Tonic Sol-fa* (Curwen & Son). Três cantigas inglesas do *School Songs*, de Novello, livro XXI.

Treinamento Físico

Exercícios Light-Pole e Calistenia, a partir de *Musical Drills for Standards* (Philip & Son). Ex-alunos praticaram treinamentos da House of Education.

Escrita

A New Handwriting for Teachers de M. Bridges, página 2, linhas 1 e 2, página 3, linha 5. Duas letras devem ser dominadas a cada lição. Transcrição do Livro de Leitura utilizando *New Handwriting* e um pouco de escrita a partir de ditado.

Leitura

Leitura dos livros usados para História, Geografia, Histórias e *Hiawatha*.
BACKWARD CHILDREN - *Happy Reader*, parte II, por E.L. Young.

História da Inglaterra

Sketches from British History, por F. York Powell, lições XX-XXXI. *Tales from St Paul's*, de Frewen Lord, páginas 1-19.

Literatura

O Peregrino, de John Bunyan, páginas 102-148. *The Heroes of Asgard*, páginas 50-108. Duas histórias de *Stories from the History of Rome*, da senhorita Beesly.

História Natural

Mantenha um diário da Natureza. Observe e descreva doze pássaros. *The Birds of the Air*, de A. Buckley, páginas 38-79. As crianças devem anotar tudo o que puderem sobre pássaros. *Wild Nature Won By Kindness*, da senhorita Brightwen, páginas 99-139.

Apreciação de Obras de Arte

Estude seis reproduções de obras de J. F. Millet.

Francês

O método de Guin: *The Study of French*, de Eugène e Duriaux, páginas 31,35-37. Faça novas frases com as palavras aprendidas nestas *Sequências de Eventos*. *Illustrated French Primer*, de H. Bué, páginas 109-112, 141-150.

Geografia

London Geographical Reader, livro II, páginas 1-14. Livro I, páginas 1-11. Perguntas sobre mapas devem ser trabalhadas por meio do uso do mapa antes de cada lição. Descrição de quaisquer rios, colinas, montanhas, etc., que a criança possa conhecer, com plantas.

Trabalho

Seis galhos de árvores (que não foram anteriormente pintados) utilizando pincel. Para uso ocasional, *Pour Dessiner Simplement*, parte V, de Jacquot e P. Ravoux. Cuidar do jardim (*Aunt Mai's Annual*). *Carton Work*, de G. C. Hewitt: fazer uma caixa de pilar, uma caixa de fósforos, um suporte de canetas e um vaso. Tapetes smyrna (veja *Aunt Mai's Annual*). As crianças devem fazer seus próprios projetos. *Self-Teaching Needlework Manual*: as crianças devem praticar pontos de costura, páginas 1-15. Utilize tecidos grossos e lã; depois, algodão *colorido* e linho grosseiro.

Perguntas Sobre O Programa Previamente Referido

Lições Bíblicas

I.

- 1) O que você sabe sobre a infância de Moisés?
- 2) Conte-me sobre Moisés e a sarça ardente.

II.

- 1) Conte-me a história de Jesus curando o paralítico.
- 2) Quando Jesus diz "Cala-te, aquieta-te"? Fale sobre isso.

Escrita

Ia. Escreva a frase "O rato do mato foi para o ninho" em letra de imprensa

Ib. Escreva a frase "O rato do mato foi para o ninho" em letra cursiva

História Natural

Ia. Como um castor constrói sua casa?

Ib.

- 1) Conte uma história sobre "Blanche". O que você notou em relação a algum dos parídeos que observou?
- 2) Descreva uma gralha, um estorninho, um tentilhão e conte qualquer coisa que tenha observado em relação a eles.

Geografia

Ib.

- 1) Como podemos afirmar que a terra é arredondada?
- 2) Por quais cidades você passaria ao ir da Inglaterra para a Rússia por terra?
- 3) Quais são os países do sul da Europa? Quais países possuem os litorais mais recortados? Mencione dois mares interiores e diga onde se localizam.

Ia.

- 1) Descreva uma floresta brasileira.
- 2) Fale sobre a zarabatana indiana e sobre os ninhos suspensos. Você consegue desenhar um ninho suspenso?

Números

Ib.

- 1) Tom foi para a escola aos seis anos e três meses de idade. Ele permaneceu oito anos e três meses em uma escola e quatro anos em outra. Passou um ano e nove meses viajando pelo mundo, três anos e três meses na Coreia e cinco meses e meio no Japão. Quantos anos ele tem agora?
- 2) John precisa levar três cheques ao banco: £175, 13s. 3d.; £30, 7s. 5d.; £89, 19s. 11d. Qual a soma total dos cheques?
- 3) Descubra o valor do aluguel mensal de quatro casas a £17, 8s. 4,5d. por ano cada uma.

INICIANTES

- 1) Qual é maior e com que diferença: um quarto de cem ou um quinto de cem?
- 2) Há quantos *pounds* em cem xelins?
- 3) Se eu pago 9d. por cinco piões, quanto custará 25 piões?

Ia.

- 1) Se o almoço de Jack custa 1s. 6d., quanto ele teria que pagar para si mesmo e mais três amigos?
- 2) Se um exemplar de *Robinson Crusoe* custa 6s., quantos eu posso comprar com £2, 2s. 0d.?
- 3) Quantas moedas de seis pence equivalem a nove vezes quatro penny?

INICIANTES

- 1) Quantas salamandras e quantos robins são necessários para obtermos vinte e oito pernas?
- 2) O pai de Jack lhe dá 1d. por semana. Por quantas semanas ele terá que juntar dinheiro para comprar uma lousa de 4d.?

Apreciação de Obras de Arte

Descreva de memória a obra de *Milet* que você mais gostou

Contos

Ia. Narre um conto de fadas.

Ib.

- 1) Conte sobre a provação de Cristão e Fiel na Feira da Vaidade.
- 2) Conte sobre a jornada de Odin a Jotunheim antes de sua chegada à terra dos gigantes.
- 3) Conte um relato curto sobre a História de Roma.

Literatura

- 1) Você consegue se lembrar de dois provérbios escoceses?
- 2) Conte a história de John Hall, ou de Wat Tyler, ou de Robin Hood.
- 3) Conte o que Taswell escreveu sobre a morte de São Paulo. Quais são as palavras escritas sobre a porta transversal norte?

Leitura

Os pais deverão escolher alguma passagem inédita marcada por palavras desconhecidas.

Recitações

Os pais deverão escolher um poema, um hino e duas passagens bíblicas.

Canto

Os pais deverão escolher uma canção inglesa ou francesa e (Ib) dois exercícios “Tonic Sol-fa”.

Treinamento Físico

Treinamento físico diante dos pais.

Música

Avaliação do trabalho realizado.

Desenho

(a) Um esboço, com pincel, de um pássaro e um gato. (b) um desenho, com pincel, de um freixo, e um ramo de limoeiro com botões de folhas.

Trabalho

Deve ser avaliado por um amigo de fora.

B. A Avaliação de Uma Criança de Nove Anos

Em Relação ao Trabalho de um "Term" (trimestre) Conforme as Indicações Deste Volume Classe II

Programa do Trabalho do "Term" em que as Perguntas Estão Fundamentadas

Lições Bíblicas

The Bible for the Young, do Rev. J. Paterson Smyth; *Êxodo*, lições I-VII; *Evangelho de Marcos*, lições I, II, III, IV. O professor deve preparar as lições de antemão buscando que a criança possa compreender o máximo possível, e deve usar as passagens bíblicas em seu ensino. Respostas do Catecismo com explicações, bem como a *Oração do Senhor* (opcional).

Recitações

Lyra Heroica, *Boadicea* e *A Welcome*. Dois hinos e duas passagens de doze versos cada, uma de *Êxodo* e uma de *São Marcos*.

Francês

As Sequências de Eventos de Gouin; páginas 76, 78, 80, 82, 84, 93 de *The Study of French* escrito por Eugène e Duriaux. *Little French Folk*, de C. T. Onions, páginas 15-25. Forme novas frases com as palavras aprendidas nas *Sequências de Eventos*. Recite dois poemas de *La Lyre Enfantine*.

Latim

A First Latim Course, de E. H. Scott e F. Jones, páginas 1-10, 67-71, e os vocabulários. Revise o trabalho cuidadosamente por meio dos exercícios e faça novas frases com todas as palavras aprendidas. Os meninos podem, se preferirem, aprender Latim ao invés de Alemão; neste caso, eles deverão utilizar o *Child First Latin Book*, de Hall, páginas 67, 68 e 69.

INICIANTES

A First Latim Course, de E. H. Scott e F. Jones, páginas 1-5, com os vocabulários e exercícios das páginas 67-69.

Alemão

Little German Folk, de M. Schramm, páginas 16-20, para serem aprendidas apenas oralmente.

Treinamento Físico

Exercícios Light-Pole e Calistenia, a partir de *Musical Drills for Standards* (Philip & Son). Ex-alunos praticaram treinamentos da House of Education.

Música

Continue com *Child Pianist* (Curwen & Son). O professor deve utilizar o Guia do Professor.

Canto

Dois cantigas francesas, *La Lyre des Écoles*. Duas cantigas, *Deutscher Liedergarten* (Curwen & Son). Duas novas cantigas inglesas de *School Songs*, de Novello. *Ten Minutes' Lessons in Tonic Sol-fa* (Curwen & Son).

Geografia

London Geographical Reader (Stanford), livro II, páginas 1-22. Livro III, páginas 1-26. Perguntas sobre mapas devem ser respondidas a partir dos mapas e, depois, de memória e, por fim, preenchendo um mapa em branco de memória antes de cada lição. Toda a geografia deve ser aprendida com mapas. As crianças devem fazer mapas de memória. Devem também conhecer algo sobre lugares estrangeiros destacados nos jornais locais. *The School Atlas*, editado por H.O. Arnold-Foster.

Gramática Inglesa

A Short English Grammar, do Professor Meiklejohn, páginas 25-52. Fazer a análise sintática apontando Sujeitos, Verbos e Objetos.

INICIANTES
páginas 5-25.

Escrita

A New Handwriting for Teachers de M. Bridges, páginas 1,2 e 3. Duas linhas perfeitas devem ser escritas diariamente. Transcrição de suas passagens favoritas de *Julio César*, de Shakespeare, com a página 6 como modelo.

Ditado

Duas páginas de cada vez a serem preparadas cuidadosamente; então, um parágrafo destas páginas deverá ser escrito a partir de ditado ou de memória. *The Citizen Reader*, de H. O. Arnold-Foster, capítulos VI, VII e VIII (ambas as partes).

“Vidas”, de Plutarco

Julio César de Plutarco (omitindo partes inapropriadas)

História da Inglaterra

A History of England, de H. O. Arnold-Foster, páginas 1-56 (55 a.C - 871 d.C). Leitura de *Julio César* de Shakespeare. Leitura de partes contemporâneas de *Old Stories From British History*.

História da França

A First History of France, de L. Creighton, páginas 2-22, para ser contemporânea à história da Inglaterra. Qualquer tempo extra deve ser utilizado com a história da Inglaterra.

Desenho

Pour Dessiner Simplement, parte V, de Jacquot e P. Ravoux, capítulos II e III, para uso ocasional. Doze galhos de árvores com brotos de folhas, desenhados com pincel. Desenhos com pincel originais a partir de cenas de *Julio Cesar*. Jardim ou parte do jardim desenhado à escala. E o desfrute do *Portfolio of Painting*.

Apreciação de Obras de Arte

Estude seis reproduções de obras de J. F. Millet.

Leitura

História da Inglaterra, História da França e Geografia deveriam proporcionar exercício em leitura cuidadosa. *A Morte D'Arthur*, seleções de C.L. Thomson, páginas 190-238, ou poesia, devem ser lidos às quintas-feiras.

Saberes Naturais

(Terça-feira) *Fairy Land of Science*, de Buckley, páginas 99-123.

(Quarta-feira) *The Sciences*, de E.S. Holden, páginas 1-34. *Seaside and Wayside* também podem ser utilizados. Mantenha um Diário da Natureza. Registre, quando os vir, e descreva doze pássaros, observando tudo o que puder sobre eles.

(Sábado) *Birds of The Air*, de Mrs. Fisher, páginas 38-79. Todos os membros devem

receber *The Children's Quarterly*.

Aritmética

ABC Arithmetic, Livro do Professor, parte II, páginas 93-111. Aritmética mental e numeração, durante cinco minutos em dias alternados. *Mental Arithmetic*, de Mair. Progresso constante, muito cuidado com as tabelas.

INICIANTES

páginas 1-27.

Redação

The Citizen Reader, de H.O. Arnold-Forster, capítulos V, VII e VIII (ambas as partes). Seleções de *Morte D'Arthur*. Ler e escrever substancialmente. Crianças mais novas que não conseguem escrever podem narrar com facilidade.

Trabalho

Cardboard Modelling, de A. Sutcliffe e W. Nelson. Ou, ainda melhor, *A Manual of Cardboard Modelling*, de H. Heaton. Faça um conjunto de móveis para o quarto da sua casa de bonecas. Faça as cortinas, os tapetes, os lençóis e a coberta para a cama. *Self-Teaching Needle-Work Manual*. Prática de tricô nas páginas 15-24. Cuidar do jardim (*Aunt Mai's Annual*).

Perguntas Sobre O Programa Previamente Referido

Lições Bíblicas

I.

- 1) "Leva este menino, e cria-mo". Conte o que você sabe sobre a educação e os primeiros anos de vida do menino.
- 2) "Quem te tem posto a ti por maior e juiz sobre nós?" "Tira os sapatos de teus pés". Em quais ocasiões estas palavras foram usadas? Conte a história completa por trás de cada frase.

II.

- 1) (a) "Vinde após mim." (b) "Levanta-te, e toma o teu leito." (c) "Estende a tua mão." (d) "Cala-te, aquieta-te". Conte tudo sobre a ocasião em que estas palavras foram proferidas.
- 2) Conte a Parábola do Semeador, utilizando o máximo que puder das palavras da Bíblia.

Escrita

Escreva de memória duas linhas de *A Welcome*.

Ditado

The Citizen Reader, página 79, segundo parágrafo.

Redação

Descreva sua cena favorita de *Julio César* ou a obra de arte de Millet que você mais gostou.

Gramática Inglesa

- 1) Faça a análise sintática das palavras abaixo:

"O, when do fairies hide their hairs?"

When snow lies on the hills,

When frost has spoiled their mossy beds,

And crystallised their hills"

- 2) Faça frases utilizando as seguintes palavras e analise sintaticamente cada frase: *this*,

which, herself, many, above, after, once, very, that.

INICIANTES

- 1) Selecione os substantivos, advérbios, preposições e verbos do exercício 1.
- 2) Elabore frases que contenham as seguintes palavras e diga que parte do discurso ela é: *her, carry, very, to, on, before, soon, all, since*.

História da Inglaterra

- 1) “Podes me levar à morte, mas obterás mais honra se pouparestes a minha vida”. O que você sabe sobre personagem que pronunciou tais palavras?
- 2) Qual a história por trás das palavras *Manchester, Thursday, Saturday, Oxford*? Quem nos deu estas palavras?
- 3) “Da fúria dos homens do Norte, o bom Deus nos livrou”. O que você sabe sobre estes homens do norte?

História da França

- 1) “Martin me vestiu com as roupas dele”. Conte o que você sabe sobre Martin. Em que dia do ano nos lembramos dele?
- 2) “Foi assim que você quebrou o vaso em Soissons”. Conte o que sabe sobre quem falou esta frase.
- 3) O que você sabe sobre “Carlos, o grande”?

“Vidas” de Plutarco

- 1) “Armas e leis não florescem juntas”. Quem disse isso? Conte a história.
- 2) Descreva uma das expedições de César a Gaul.

História Natural

- 1) O que são terremotos, deslizamentos e crateras? Como são causados? Descreva algum trabalho da água como escultora que você tenha observado.
- 2) Faça um diagrama, dando o nome e as dimensões dos planetas com a maior precisão possível. Quais planetas você já viu? O que você sabe sobre Júpiter e Saturno?
- 3) Descreva uma frouva, um estorninho, uma gralha e um tordo. Conte qualquer coisa que você tenha notado sobre eles.

Geografia

- 1) Que países eu posso visitar ao ir, pelo mar, da Inglaterra até o Mar Negro através do Mediterrâneo?
- 2) Quais são as fronteiras da Áustria, Suíça e Grécia?
- 3) Desenhe um mapa da Northumberland incluindo o rio Tyne e as principais cidades de sua costa.
- 4) Descreva uma viagem pelo Distrito dos Lagos.

Francês

- 1) Recite *Les Cerises* e o poema aprendido.
- 2) Diga em francês as várias partes de uma casa e faça seis frases usando estas palavras.

Alemão

- 1) Diga, em alemão, tudo o que puder sobre as imagens das páginas 18 e 19 de *Little German Folks*.
- 2) Faça três novas frases com algumas das palavras que aprendeu.

Latim

- 1) Traduza para o latim:
 - a) A estrada não é segura.
 - b) O escravo é romano.
 - c) Aqui há uma estrada ampla.
 - d) A cidade tem quatro grandes portões.
 - e) A filha do poeta é alta.
- 2) Elabore frases usando as palavras: *Romani, magnae, pila, iratus, cujus, dux, octo*,

reliqui, vos.

- 3) APENAS MENINOS: *decline completamente: bona malus, niger equus, vir liber.*

INICIANTES:

- 1) Faça a parte da questão 2 acima.
- 2) Responda, em latim, as perguntas: *Ubi est porta? Quot portae sunt? Estne servus magnus?*

Aritmética

- 1) Se um guarda ferroviário viaja 2303 milhas por semana, quanto ele viajará em doze dias?
 - 2) Descubra os juros de (a) £11, 15s e (b) £7,16s., à 5% ao ano.
 - 3) Que quantia de dinheiro multiplicada por 11 dará £38.020, 4s., 9,5d.?
- INICIANTES:
- 1) Quanto falta para cada um dos números — 197, 931, 240, 99 — chegarem a 1000?
 - 2) Se mil canetas de pena custam 12s., quanto custam 250 canetas?
 - 3) Há quantos florins em 1000 xelins?

Desenho

- (a) Um esboço, com pincel, de um pássaro.
- (b) Uma pintura com pincel original de *Julio Cesar*.
- (c) Uma bétula e um galho de olmo.

Recitação

Os pais deverão escolher um poema, dez versículos de São Marcos e dez versículos de Êxodo.

Leitura

Os pais deverão escolher algum poema inédito marcado por palavras desconhecidas.

Música

Avaliação do trabalho realizado.

Canto

Os pais deverão escolher uma cantiga inglesa, uma francesa e uma alemã e dois exercícios “Tonic Sol-fa”.

Treinamento Físico

Treinamento físico diante dos pais.

Trabalho

Deve ser avaliado por um amigo de fora.

[1] do latim, *grande obra*.

[2] do francês, *encorajar a outros*.

[3] do latim, *genuíno*

[4] Nota do editor: Neste ponto, a senhorita Mason diverge da doutrina Calvinista mais conhecida como “depravação total”, que afirma que: “Todos os homens são concebidos em pecado e nascem como filhos da ira, incapazes de qualquer ação que o salve, inclinados para o mal, mortos em pecados e escravos do pecado. Sem a graça do Espírito Santo regenerador nem desejam nem tampouco podem retornar a Deus, corrigir suas naturezas corrompidas ou ao menos estar dispostos para esta correção. É verdade que há no homem depois da queda um resto de luz natural. Assim ele retém ainda alguma noção sobre Deus, sobre as coisas naturais e a diferença entre honrado e desonrado e pratica um pouco de virtude e disciplina exterior. Mas o homem está tão distante de chegar ao conhecimento salvífico de Deus e à verdadeira conversão por meio desta luz natural que ele não a usa apropriadamente nem mesmo em assuntos cotidianos. Antes, qualquer que seja esta luz, o homem

totalmente a polui de maneiras diversas e a detém pela injustiça. Assim ele se faz indesculpável perante Deus.” (Cânones de Dort, Capítulos 3 e 4, Parágrafos 3 e 4)

- [5] do latim, *em seu lugar natural*.
- [6] *Flores Selvagens*, de Ann Pratt.
- [7] *História Natural de Selborne*, de Gilbert White.
- [8] do francês, *apática*.
- [9] do francês, *tédio*.
- [10] *Bebês da Água*, de Kingsley.
- [11] *Madame Como e Lady Por Quê*, de Kingsley.
- [12] *Olhos e Sem Olhos*, Série de 6 volumes de Arabella B. Buckley.
- [13] *A Vida e Seus Filhos*, de Arabella B. Buckley.
- [14] *A Escola da Floresta*, de Long.
- [15] *O Pequeno Irmão do Urso*, de Long.
- [16] *Os Caminhos da Natureza Selvagem*, de Kearton.
- [17] *Animais Viventes do Mundo*, de vários autores.
- [18] *O Moinho no Regato*, de Mary Ann (pseudônimo de George Eliot).
- [19] *David Cooperfield*, de Charles Dickens.
- [20] *Lá foram três duques a cavalo, a cavalo, a cavalo*.
- [21] *Laranjas e limões, dizem os sinos de São Clemente*.
- [22] *Aqui vamos nós colhendo nozes em maio*.
- [23] *O que tem feito meu pobre prisioneiro?*
- [24] *Escotismo*, de Baden Powell.
- [25] *Pássaros Ingleses*, de Morris.
- [26] *Pássaros Ingleses*, de John.
- [27] do francês, *razão de ser*.
- [28] *Fisiologia Mental*.
- [29] *Treinamento Sueco*.
- [30] do francês, *vergonha*.
- [31] *Days's eyes*.
- [32] *Rosamond e o Jarro Roxo*.
- [33] Não há leões na América do Sul.
- [34] *A Família Suíça Robinson*, de Johann David Wyss.
- [35] *Diógenes e os Garotos Impertinentes de Tróia*, de Wilhelm Busch.
- [36] do francês, *ter*.
- [37] do latim, *raridade*.
- [38] do latim, *alimento*.
- [39] *História da Inglaterra*, de Smollett.
- [40] do latim, *a um relacionamento*.
- [41] *Infância, Adolescência, Juventude*, de Tolstói.
- [42] *A História de uma Criança*, de Margret Deland.
- [43] *Relatórios Especiais*.
- [44] *A Educação Moral nas Escolas Americanas*.
- [45] **Nota da Tradutora:** os próximos três capítulos (IV, V e VI) tratarão sobre o tema da Leitura. Charlotte é inglesa e ensina um método de leitura apropriado para o inglês. Por isso, optei por manter os exemplos no próprio idioma da autora para preservar o entendimento do texto.

- [46] *Leitura Sem Lágrimas*.
- [47] pato.
- [48] cachorro.
- [49] boneca.
- [50] em.
- [51] em casa.
- [52] na escola.
- [53] morcego.
- [54] gato.
- [55] gordura.
- [56] chapéu.
- [57] tapete.
- [58] sentado.
- [59] rato.
- [60] afago.
- [61] comeu.
- [62] tarde.
- [63] cabeça.

[64] imposto.
[65] anel.
[66] presa.
[67] longo.
[68] cantado.
[69] então.
[70] aquilo.
[71] com.
[72] âmago.
[73] tem.
[74] ripa de madeira.
[75] o qual.
[76] Brilha, brilha, pequena estrela
Sempre me pergunto o que é você.
[77] *Parábolas da Natureza.*
[78] Tão alto acima no mundo
Como um diamante no céu
[79] história.
[80] *Revista dos Pais*, uma revista editada por Charlotte Mason que continuou a ser publicada até certo tempo depois de sua morte.
[81] pudim de ameixa.
[82] para, para.
[83] O gato sentou-se no tapete.
[84] tosse.
[85] arado.
[86] através.
[87] suficiente.
[88] fora.
[89] *A História do Galo Robin.*
[90] pardal.
[91] flecha.
[92] disse.
[93] matou.
[94] quem.
[95] Quem matou o Galo Robin
Eu, disse o pardal
Com meu arco e flecha
Eu matei o Galo Robin.
[96] medula.
[97] grade.
[98] Tordo-americano
[99] Botões-de-ouro e margaridas.
[100] murmurar.
[101] Eu gosto da gatinha
Seu pelo é tão caloroso.
[102] Gatinha.
[103] A gata é calorosa.
[104] Seus pelinhos são calorosos.
[105] A gata é tão pequena.
[106] Eu gosto da gata.
[107] A gata é pequena como seus pelos.
[108] barco.
[109] boia.
[110] bode.
[111] fosso.
[112] nota.
[113] furão.
[114] Eu gosto do bode dela.
[115] Seu pequeno furão é caloroso.
[116] A gata *no* barco.
[117] pequeno.
[118] frágil.
[119] título.
[120] pino de boliche.
[121] microfone

- [122] pique.
[123] braço.
[124] prejuízo.
[125] charme.
[126] fermento.
[127] alarme.
[128] Seu pino de boliche é pequeno.
[129] Seu charme é frágil.
[130] Seu braço é caloroso.
[131] Seu bode é frágil.
[132] *Recitação*, de Arthur Burrell.
[133] do francês, *sombra*.
[134] *A Abadia de Tintern*.
[135] *Dolly e Dick*.
[136] *Você pergunta o que dizem os pássaros?*
[137] *Cordeirinho, quem te criou?*
[138] *Paraíso Perdido*.
[139] do francês, *é o primeiro passo que conta*.
[140] *O Mundo em Casa*, de Mary Kirby Gregg.
[141] *Contos de Tanglewood*.
[142] *Heróis de Asgard*.
[143] homem.
[144] tia.
[145] *Uma Nova Caligrafia*.
[146] balanço.
[147] do francês, *uma grande façanha*.

[148] **Nota do editor:** Neste capítulo, fica evidente a influência que Charlotte Mason recebeu do cientificismo que estava se afirmando por toda a Europa ao longo dos séculos XIX e XX. A senhorita Mason abraçou parcialmente as ideias evolucionistas e aquelas ideias chamadas liberais que estavam ganhando força no meio teológico. Por isso, fala sobre a existência de “mitos” na Bíblia e da não-literalidade dos dias da Criação, ideias fortemente rejeitadas pela equipe editorial.

- [149] *Autobiografia de Mary Howitt*.
[150] *Bíblia Para os Jovens*, de John Paterson Smyth.
[151] *Novo Testamento Ilustrado*.
[152] *Os Santos Evangelhos com Ilustrações dos Antigos Mestres*.
[153] *Rotas Secundárias do Conhecimento Bíblico*.
[154] *Nova Luz a Partir de Monumentos Antigos*
[155] *Moradores de Budge, no Nilo*.
[156] *ABC da Aritmética*.
[157] *Lógica*.
[158] *O Ensino da Aritmética nas Escolas Primárias*.
[159] *Tardes em Casa*.
[160] *As Ciências*.
[161] *Diálogos Científicos*.
[162] do latim, *livro de consulta*.
[163] Nota da tradutora: Aqui, Charlotte Mason está usando de ironia.
[164] *As Viagens de Capitão Cook*.
[165] *Mundo Tropical*.
[166] *Mundo Polar*.
[167] *Locais Inexplorados no Japão*.
[168] *Viagem no “Raio de Sol”*.
[169] *O Mundo em Casa*.
[170] Brilha, brilha, pequena estrela
Sempre me pergunto o que é você.
[171] *História Eclesiástica da Inglaterra*.
[172] *Crônicas dos Reis da Inglaterra*.
[173] *Crônicas das Cruzadas*.
[174] *História dos Reis da Inglaterra*.
[175] *História dos Reis Britânicos*.
[176] *Idílios do Rei*.
[177] *Crônicas dos Cruzados*.
[178] *Antigos Contos Sobre a História Britânica*.
[179] *Antigos Contos e Esboços da História Britânica*.
[180] *Contos de São Paulo*.
[181] *Contos da Abadia de Westminster*.

- [182] *Os Prisioneiros da Torre.*
- [183] *Uma História da Inglaterra.*
- [184] *O Leitor Cidadão.*
- [185] *As Leis da Vida Cotidiana.*
- [186] *Curta História da Inglaterra.*
- [187] *Primeiro Curso de Latim.*
- [188] *A Arte de Ensinar e Estudar Idiomas.*
- [189] nas escolas dirigidas por Charlotte Mason, o ano letivo era organizado em trimestres.
- [190] *Quatro Estações.*
- [191] *Pai Nosso.*
- [192] *Domingo.*
- [193] *Casa da Educação.*
- [194] *Heróis da Cavalaria e Romance.*
- [195] *Criança Pianista.*
- [196] *Treinamento Sueco.*
- [197] em inglês, *wilfulness*, sugere a ideia de “cheio de vontade”.
- [198] sugerindo a ideia de “ausente de vontade”.
- [199] do francês, *amor próprio*.
- [200] *Introdução à Filosofia Mental.*
- [201] do francês, *deixai fazer*.
- [202] do francês, *suspeição*.